



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA APLICADA**

SÂMIA ARAÚJO DOS SANTOS

**AVALIAÇÃO EM ROTEIROS DE AUDIODESCRIÇÃO DE ESCULTURAS:
UMA DESCRIÇÃO BASEADA NO SISTEMA DE AVALIATIVIDADE**

**FORTALEZA – CEARÁ
2018**

SÂMIA ARAÚJO DOS SANTOS

AVALIAÇÃO EM ROTEIROS DE AUDIODESCRIÇÃO DE ESCULTURAS:
UMA DESCRIÇÃO BASEADA NO SISTEMA DE AVALIATIVIDADE

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de doutora em Linguística Aplicada. Área de Concentração: Linguagem e Interação.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Henrique Lima Praxedes Filho.

FORTALEZA – CEARÁ

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Santos, Sâmia Araújo dos.

Avaliação em roteiros de audiodescrição de esculturas: uma descrição baseada no Sistema de Avaliatividade [recurso eletrônico] / Sâmia Araújo dos Santos. - 2018.

1 CD-ROM: 4 ¼ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 174 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Tese (doutorado) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2018.

Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientação: Prof. Ph.D. Pedro Henrique Lima Praxedes Filho.

1. Tradução Audiovisual Acessível. 2. Audiodescrição. 3. Esculturas Sacras. 4. Sistema de Avaliatividade. I. Título.

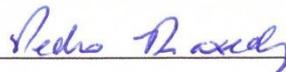
SÂMIA ARAÚJO DOS SANTOS

AVALIAÇÃO EM ROTEIROS DE AUDIODESCRIÇÃO DE ESCULTURAS:
UMA DESCRIÇÃO BASEADA NO SISTEMA DE AVALIATIVIDADE

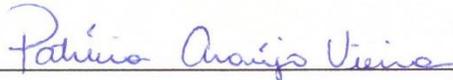
Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de doutora em Linguística Aplicada. Área de Concentração: Linguagem e Interação.

Aprovada em: 21 de dezembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA



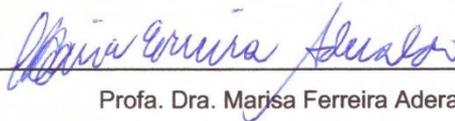
Prof. Dr. Pedro Henrique Lima Praxedes Filho (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará – UECE



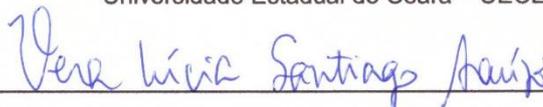
Profa. Dra. Patrícia Araújo Vieira
Universidade Federal do Ceará – UFC



Profa. Dra. Maria da Salette Nunes
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Profa. Dra. Marisa Ferreira Aderaldo
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Profa. Dra. Vera Lúcia Santiago Araújo
Universidade Estadual do Ceará – UECE

À minha querida e amada mãe, Valdira, e
ao meu amor, Gil, por serem meu porto
seguro sempre.

AGRADECIMENTOS

A Deus e a todos os meus familiares que são a base sólida do meu caminhar e das minhas crenças do fazer o bem na caminhada da vida.

Ao meu orientador, Prof. Pedro Henrique Lima Praxedes Filho, pelo seu olhar preciso acadêmico e pela dedicação aos seus orientandos. Minha gratidão!

Aos meus amigos e amigas, responsáveis por deixar o meu cotidiano mais leve.

Aos meus amores peludos, Ringo e Stuart, com quem eu aprendo a ser uma pessoa melhor diariamente.

À minha amiga-irmã, Elba Soares, pela nossa amizade e por dividir os sonhos e os fazeres na vida da vida.

Aos professores do PosLA da Universidade Estadual do Ceará também responsáveis pela minha formação no caminhar linguístico.

Às Profas. Vera Lúcia Santiago Araújo, Marisa Ferreira Aderaldo, Patrícia Araújo Vieira e Maria da Salette Nunes pelas valiosas contribuições a esta pesquisa.

Aos Profs. Wilson Júnior de Araújo Carvalho e Vilmar Ferreira de Souza pela gentileza em aceitarem participar dessa banca como suplente.

À Profa. Cibele Gadelha pela atenção e pelas palavras firmes e esperançosas.

À Profa. Ednusia Pinto Carvalho pela disponibilidade e pela amizade que vai além do mundo acadêmico.

A todos do LEAD, local onde os sonhos acadêmicos voltados para a acessibilidade acontecem, e em especial à Élide por disponibilizar o seu valioso arquivo sobre audiodescrição.

À Bruna Leão e ao Klístenes Braga por disponibilizar com prontidão a audiodescrição do acervo do Museu Sacro São José de Ribamar, *corpus* desta pesquisa e pelo carinho.

Às queridas Janaína, Kesya, Kethleen e Renatta pela prontidão de sempre.

A todos os amigos do Prottexto que fazem ciência com tanta maestria e sensibilidade.

À Profa. Mônica Magalhães Cavalcante por ser a minha mãe-amiga acadêmica de todas as horas.

Às minhas queridas amigas, Suelene e Hildenize, pela amizade de décadas e por serem incentivadoras deste sonho.

À minha amiga querida Mariza, pela sua garra e determinação, sinônimo de força sobre-humana.

À área de Língua Portuguesa do Colégio Santa Cecília, pelo significado de aprendizagem constante no meu fazer pedagógico e linguístico.

Às religiosas do Instituto Damas da Instrução Cristã, Colégio Santa Cecília, em especial Ir. Eulalia, Ir. Patrícia e Ir. Elda, por serem responsáveis diretas na realização de um fazer pedagógico *duc in altum*.

À equipe de serviços, aos educadores e ao setor administrativo do Colégio Santa Cecília.

Aos meus alunos, fábrica de sonhos e peças fundamentais para a minha realização profissional.

À Jamille, pelos seus serviços na secretaria do PosLA, sempre tão atenciosa e profissional em seus atendimentos.

A todos que fazem a escola estadual Poeta Otacílio Colares, gestão, professores e funcionários, lugar de fazer o sonho acontecer.

À Seduc, por acreditar que seus educadores devem estar em processo de formação continuada e pela liberação de minha função docente para a realização deste curso.

RESUMO

A audiodescrição (AD) é uma modalidade de Tradução Audiovisual Acessível (TAVa), que se localiza dentro dos Estudos Descritivos da Tradução. A AD tem como propósito descrever, em linguagem verbal, os aspectos visuais de produtos culturais como filmes, telenovelas, pinturas, monumentos urbanos, esculturas etc. Essa modalidade tradutória é voltada principalmente para as pessoas com deficiência visual (PcDVs). Entre os parâmetros para a elaboração de AD, manuais técnicos enfatizam que ela deveria ser neutra. Esse argumento era defendido com a justificativa de não retirar das PcDVs o direito de interpretação dos produtos culturais audiodescritos. Com base no Sistema de Avaliatividade (SA), Praxedes Filho e Magalhães (2013; 2015) demonstraram a inexistência da neutralidade em audiodescrição. Estes abriram caminhos para pesquisas com diversos *corpora* com roteiros de AD que haviam sido elaborados levando em conta o parâmetro de neutralidade. Essas pesquisas empíricas se utilizaram de um ponto de vista holístico da interpretação, ou seja, que abrange todas as perspectivas avaliativas via língua para refutar esse parâmetro. Por sua vez, a análise holística foi viabilizada por meio do Sistema de Avaliatividade (SA) (MARTIN; WHITE, 2005) no escopo da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) como aparato teórico-metodológico. Esse tipo de análise levou à refutação da possibilidade de neutralidade. A pesquisa aqui relatada objetiva, em âmbito geral, investigar os tipos de avaliação contida em roteiros de AD de esculturas sob a perspectiva do mesmo aparato teórico-metodológico. De modo específico, os objetivos são: 1) descrever as características avaliativas/interpretativas de roteiros de audiodescrição de esculturas produzidos para o Museu Sacro São José de Ribamar dos pontos de vista das categorias que compõem a rede de sistemas de avaliatividade e 2) descrever as características avaliativas/interpretativas desses roteiros do ponto de vista das avaliações de 'atitude', de 'engajamento' e de 'gradação'. O percurso metodológico foi de um estudo de caso, com um viés descritivo através da análise de 22 roteiros de AD de esculturas sacras. Essa pesquisa também foi baseada em *corpus*, com etiquetagem dos roteiros de forma manual e a utilização do *software WordSmith Tools 6.0* para processar os dados encontrados. Esses dados mostraram que as avaliações presentes nos roteiros de AD de esculturas foram majoritariamente relativas a sentimentos estéticos ('atitude'-'apreciação'), com equilíbrio entre as polaridades 'ambígua' e 'positiva' e realização de modo explícito ('inscrita'), e ao reforço ou

mitigação das avaliações atitudinais via avaliações de 'gradação'-'força'. Esse padrão avaliativo também foi encontrado em estudos anteriores sobre roteiros de AD de produtos artísticos.

Palavras-chave: Tradução Audiovisual Acessível. Audiodescrição. Esculturas Sacras. Sistema de Avaliatividade.

ABSTRACT

Audio description (AD) is a modality of Accessible Audiovisual Translation within the scope of Descriptive Translation Studies. AD aims at describing, by way of verbal semiosis, the visual aspects of cultural products, such as movies, soap operas, paintings, urban monuments, sculptures, and so on. This sort of translation is directed primarily to the blind and visually impaired (B&VI). Among the parameters for AD elaboration, technical manuals emphasize that it should be neutral. Such a prescription has been supported based on the argument whereby one may not take away from the B&VI the right to construe their own interpretation of the cultural products that are audio described. Based on the Appraisal System (SA), Praxedes Filho and Magalhães (2013; 2015) demonstrated the impossibility of neutrality in AD. Those researchers paved the way for studies with several *corpora* made up of AD scripts that had been written taking into account the neutrality parameter. Those pieces of empirical research used, in order to refute that parameter, a holistic point of view on interpretation, that is, one that covered all the evaluative perspectives that language puts at people's service. Furthermore, the holistic analysis was made possible through the usage of the Appraisal System (AS) (MARTIN; WHITE, 2005) in the scope of Systemic Functional Linguistics (SFL) as a theoretical-methodological apparatus. This research has as its main objective to investigate the types of appraisal present in AD scripts of sculptures from the same theoretical-methodological perspective. The specific objectives are: 1) to describe the evaluative/interpretive characteristics of sculptures' AD scripts produced for the São José de Ribamar Sacred Museum from the points of view of the categories that compose the appraisal system network and 2) to describe the evaluative/interpretive characteristics of such AD scripts from the perspective of the 'attitude', 'engagement' and 'graduation' types of evaluations. The methodologically, the research was of a descriptive case study, whose analysis encompassed 22 AD scripts of sacred sculptures. This study was also corpus-based, with manual tagging and data processed by WordSmith Tools 6.0. These data revealed that the evaluations present in the AD scripts of sculptures were mostly related to the following types: aesthetic feelings ('attitude'-'appreciation') with a quantitative balance between the 'ambiguous' and 'positive' polarity, and explicit ('inscribed') realization; the reinforcement or mitigation of the attitudinal evaluations by means of the 'graduation'-

'force' type of evaluation. Such appraisal standard has also been found in prior studies on AD for artistic products.

Keywords: Accessible Audiovisual Translation. Audio Description. Sacred Sculptures. Appraisal System.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Estratificação da língua | 23 |
| Figura 2 – Estratificação da língua com SA | 25 |
| Figura 3 – Rede de sistemas de avaliatividade..... | 28 |
| Figura 4 – Sub-rede de sistemas de ‘atitude’ até o segundo nível de delicadeza | 32 |
| Figura 5 – Sub-rede de sistemas de ‘engajamento’ | 34 |
| Figura 6 – Sub-rede de sistemas de ‘gradação’ | 36 |
| Figura 7 – Modalidades de TAV e TAV acessível | 56 |
| Figura 8 – TAV acessível e suas modalidades | 57 |
| Figura 9 – Proposta metodológica de Magalhães e Araújo (2012)..... | 60 |
| Figura 10 – Fachada do Museu Sacro São José de Ribamar | 67 |
| Figura 11 – Interface no <i>Microsoft Word</i> com parte do roteiro de AD completo | 75 |
| Figura 12 – Interface no <i>Microsoft Word</i> com parte de um roteiro de AD analisado e categorizado manualmente..... | 75 |
| Figura 13 – Interface no <i>Microsoft Word</i> , mostrando um roteiro de AD com fotografia da respectiva escultura | 76 |
| Figura 14 – Interface no <i>Microsoft Word</i> com parte de um roteiro de AD etiquetado para ‘atitude’ | 78 |
| Figura 15 – Interface no <i>Microsoft Word</i> com partes de roteiros de AD etiquetados para ‘engajamento’ | 79 |
| Figura 16 – Interface no <i>Microsoft Word</i> com parte de um roteiro de AD etiquetado para ‘gradação’ | 81 |
| Figura 17 – Interface no <i>Bloco de Notas</i> com parte do <i>corpus</i> | 82 |
| Figura 18 – Interface da ferramenta <i>concord</i> do <i>WordSmith Tools 6.0</i> | 83 |
| Figura 19 – Interface da ferramenta <i>concord</i> do <i>WordSmith Tools 6.0</i> | 84 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|-----|
| Quadro 1 – Síntese da arquitetura linguística proposta pela LSF | 24 |
| Quadro 2 – Ocorrências de ‘atitude’, ‘engajamento’ e ‘gradação’ | 42 |
| Quadro 3 – Exemplos do <i>corpus</i> de Guedes (2017) ilustrativos de avaliação...43 | 43 |
| Quadro 4 – Exemplos do <i>corpus</i> de Guedes (2017) ilustrativos de avaliação...44 | 44 |
| Quadro 5 – Exemplos do <i>corpus</i> de Guedes (2017) ilustrativos de avaliação...45 | 45 |
| Quadro 6 – Roteiros de AD e os respectivos títulos das esculturas | 69 |
| Quadro 7 – Fotografias das esculturas sacras audiodescritas..... | 70 |
| Quadro 8 – Roteiro de perguntas para a entrevista com os audiodescritores .. | 71 |
| Quadro 9 – Etiquetas para identificação das combinações de termos/escolhas na sub-rede de ‘atitude’ até o segundo nível de delicadeza | 77 |
| Quadro 10 – Etiquetas para identificação das combinações de termos/escolhas na sub-rede de ‘engajamento’ até o segundo nível de delicadeza..... | 79 |
| Quadro 11 – Etiquetas para identificação das combinações de termos/escolhas na sub-rede de ‘gradação’ até o segundo nível de delicadeza..... | 80 |
| Quadro 12 – Síntese das ocorrências avaliativas no <i>corpus</i> em números absolutos e percentuais | 87 |
| Quadro 13 – Síntese das ocorrências de ‘atitude’ no <i>corpus</i> | 89 |
| Quadro 14 – Resumo das ocorrências de ‘apreciação’ no <i>corpus</i> | 95 |
| Quadro 15 – Resumo das ocorrências de ‘afeto’ no <i>corpus</i> | 99 |
| Quadro 16 – Resumo das ocorrências de ‘julgamento’ no <i>corpus</i> | 102 |
| Quadro 17 – Resumo das ocorrências de ‘gradação’ no <i>corpus</i> | 108 |
| Quadro 18 – Resumo das ocorrências de ‘engajamento’ no <i>corpus</i> | 111 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------|---|
| MIDIACE | Associação Mídia e Acessibilidade |
| AD | Audiodescrição |
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| LEAD | Grupo Legendagem e Audiodescrição |
| MSSJR | Museu Sacro São José de Ribamar |
| LATAV | Laboratório de Tradução Audiovisual |
| LETRA | Laboratório Experimental de Tradução |
| LSE | Legendagem para surdos e ensurdecidos |
| LSF | Linguística Sistêmico-Funcional |
| PosLin | Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos |
| PROCRAD | Programa Nacional de Cooperação Acadêmica |
| PosLA | Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada |
| PcDVs | Pessoas com Deficiência Visual |
| SA | Sistema de Avaliatividade |
| TAV | Tradução Audiovisual |
| TAVa | Tradução Audiovisual Acessível |
| UFMG | Universidade Federal de Minas Gerais |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 14 |
| 2 | REVISÃO DA LITERATURA | 21 |
| 2.1 | LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL E SISTEMA DE AVALIATIVIDADE..... | 21 |
| 2.1.1 | Sub-rede de ‘atitude’ | 29 |
| 2.1.2 | Sub-rede de ‘engajamento’ | 32 |
| 2.1.3 | Sub-rede de ‘gradação’ | 34 |
| 2.2 | ESTUDOS DESCRITIVOS DE TIPOS DE TEXTO BASEADOS NO SISTEMA DE AVALIATIVIDADE | 37 |
| 2.2.1 | Descrição de tipos de texto não classificados como ‘roteiro de AD’ | 37 |
| 2.2.2 | Descrição do tipo de texto ‘roteiro de AD’ | 46 |
| 2.3 | TRADUÇÃO AUDIOVISUAL ACESSÍVEL E AUDIODESCRIÇÃO | 53 |
| 2.4 | RESUMO | 63 |
| 3 | PERCURSO METODOLÓGICO | 65 |
| 3.1 | CONTEXTUALIZAÇÃO E TIPO DA PESQUISA | 65 |
| 3.2 | <i>CORPUS</i> E PERFIL DOS AUDIODESCRITORES..... | 66 |
| 3.3 | PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS..... | 74 |
| 3.4 | RESUMO | 85 |
| 4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO | 86 |
| 4.1 | RESULTADOS QUANTITATIVOS..... | 86 |
| 4.2 | DESCRIÇÃO DETALHADA DA ‘ATITUDE’ | 88 |
| 4.2.1 | ‘Apreciação’ | 89 |
| 4.2.2 | ‘Afeto’ | 96 |
| 4.2.3 | ‘Julgamento’ | 99 |
| 4.3 | DESCRIÇÃO DETALHADA DA ‘GRADAÇÃO’ | 103 |
| 4.3.1 | ‘Força’ | 103 |
| 4.3.2 | ‘Foco’ | 107 |
| 4.4 | DESCRIÇÃO DETALHADA DO ‘ENGAJAMENTO’ | 108 |
| 4.4.1 | ‘Heteroglossia’ | 109 |
| 4.5 | COMPARANDO E CRUZANDO OS RESULTADOS..... | 112 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 118 |
| | REFERÊNCIAS | 122 |

| | |
|---|-----|
| ANEXOS | 129 |
| ANEXO A – ROTEIRO DE AD DA EXPOSIÇÃO PERMANENTE ‘A HISTÓRIA DO CEARÁ NA ARTE SACRA | 130 |
| ANEXO B – AD DE ESCULTURAS DO MUSEU SACRO SÃO JOSÉ DE RIBAMAR | 146 |
| APÊNDICE | 163 |
| APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PERFIL DOS AUDIODESCRITORES | 164 |

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa que gerou esta tese é filiada ao Grupo Legendagem e Audiodescrição (LEAD) do Laboratório de Tradução Audiovisual (LATAV) do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA), o qual é parte do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará. É parte do projeto de pesquisa do professor Dr. Pedro Henrique Lima Praxedes Filho, que orienta esta pesquisa de tese, intitulado “Características avaliativas de roteiros de audiodescrição: um estudo descritivo”.

A temática aborda a descrição de roteiros de audiodescrição de esculturas produzidas para o Museu Sacro São José de Ribamar (MSSJR), localizado em Aquiraz-Ceará, sob a ótica do Sistema de Avaliatividade (SA) no âmbito da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). Portanto, o suporte teórico-metodológico da pesquisa está na interface entre audiodescrição (AD) e o SA/LSF.

A AD é, no âmbito dos Estudos Descritivos da Tradução, uma modalidade da Tradução Audiovisual Acessível (TAVa)¹. Tem como propósito descrever, em linguagem verbal, os aspectos visuais de produtos culturais – filmes, telenovelas, pinturas, monumentos urbanos, esculturas etc –, com o objetivo de as pessoas com deficiência visual (PcDVs²) terem acessibilidade a esses produtos. Portanto, trata-se de um tipo de tradução predominantemente intersemiótica – semiose visual para semiose verbal –, podendo ser, ocasionalmente, também intrassemiótica: semiose verbal escrita para semiose verbal oral, como é o caso dos créditos de um filme.

Essa descrição de produtos culturais são textos que instanciam o registro ‘roteiro de AD’. Continua a ser preconizado que roteiros de AD sejam elaborados segundo o que se chama ‘parâmetro da neutralidade’. O documento *Standards for audio description and code of professional conduct for describers*, ainda válido nos Estados Unidos, da organização americana *Audio Description Coalition* (n.d.) traz como regra principal que se deve descrever somente o que se vê:

¹ Gambier (2003) inseriu a tradução de imagens para PcDVs (Pessoas com Deficiência Visual) ou audiodescrição no âmbito da Tradução Audiovisual (TAV), vinculada aos Estudos Descritivos da Tradução, o que levou à discussão sobre a relação entre AD e acessibilidade. A discussão incorporou também a legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE). Isso gerou a instauração da subárea da TAV chamada de Tradução Audiovisual Acessível (TAVa), o que será discutido na subseção 2.3.

² Expressão utilizada a partir da reflexão exposta em Sasaki (2003) após discussões feitas em vários eventos mundiais, nos quais o assunto foi tratado. Chegaram à conclusão de que a pessoa não é portadora, e, sim, apresenta a deficiência.

Esta é a primeira regra de descrição [descreva o que você vê]: o que você vê é o que você descreve. Você vê aparências e ações físicas; você não vê motivações ou intenções. Nunca descreva o que você acha que vê. (p. 1-2) (grifos no original)

Permita que os ouvintes formem suas próprias opiniões e cheguem às suas próprias conclusões. Não edite, interprete, explique, analise ou 'ajude' os ouvintes seja de que modo for. (p. 2)

Se a conclusão é que um personagem está com raiva, descreva o que lhe levou a essa conclusão – os gestos/as expressões faciais do personagem. Os humores, as razões ou o raciocínio de um personagem não são visíveis e, portanto, não devem ser descritos. (p. 2) Use somente aqueles adjetivos e advérbios que não oferecem julgamentos de valor e que não são ... sujeitos à interpretação. (p. 2)

'Bonito/a' diz somente que algo/alguém não é feio/a. Mas o que exatamente o/a torna bonito/a? Ao invés de dizer que uma pessoa, uma roupa, um objeto etc. é bonito/a, descreva as coisas que você viu e que lhe levaram a essa conclusão, de tal forma que o/as ouvintes [PcDVs] possam chegar às suas próprias conclusões. (p. 3) É mais interessante listar os itens que estão em um amontoado de coisas, se o tempo permitir, do que dizer: 'O sótão está amontoado'. (p. 3) Não acrescente 'cerca de' ou 'aproximadamente' para qualificar ... dimensões estimadas [...].³ (AUDIO DESCRIPTION COALITION, n.d., p. 3)

A justificativa para a neutralidade é dada por audiodescritores envolvidos com a AD comercial – ou seja, voltados para a *práxis* –, com o argumento de que não se pode retirar das (PcDVs), sejam cegas sejam com baixa visão⁴, o direito de elas próprias construírem os seus julgamentos de valor e as suas emoções relativos aos objetos audiodescritos.

Snyder (2008) apresenta um posicionamento muito próximo ao documento supracitado quando propõe que o audiodescritor deva usar a sigla 'WYSIWYS', isto é, 'What You See Is What You Say' [o que você vê é o que você diz]⁵ (p. 195-196).

³ "This is the first rule of description: what you see is what you describe. One sees physical appearances and actions; one does not see motivations or intentions. Never describe what you think you see".

"Allow listeners to form their own opinions and draw their own conclusions. Don't editorialize, interpret, explain, analyze or 'help' listeners in any other way".

"If the conclusion is that a character is angry, describe what led to that conclusion – the gestures/facial expressions of the character. Character's moods, motives or reasoning are not visible and, thus, not subject to description".

"Use only those adjectives and adverbs that do not offer value judgments and that are not ... subject to interpretation". "Beautiful" says only that something is not ugly. But what exactly makes it beautiful? Instead of saying the person, clothing, object, etc. is beautiful, describe the things observed that caused your conclusion – so listeners may draw their own conclusion". "It is more interesting to name the items in the clutter if time permits than to say, 'The attic is cluttered'".

"Don't add 'about' or 'approximately' to qualify ... estimated dimensions [...]". (Tradução do prof. Pedro Praxedes)

⁴ São categorizadas como 'baixa visão' as pessoas que apresentam algum comprometimento em seu funcionamento visual, necessitando de tipos impressos ampliados ou de auxílio de potentes recursos ópticos. Para maior aprofundamento acessar: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ae_dv.pdf>.

⁵ Tradução do prof. Pedro Praxedes.

A neutralidade também é defendida no documento *A comparative study of audio description guidelines prevalent in different countries* (RAI; GREENING; PETRÉ, 2010) e este ressalta que na linguagem propícia aos roteiros de AD

[o]s advérbios podem ser úteis na descrição de emoções e ações, mas não devem ser subjetivos. Na verdade, os parâmetros alemães estabelecem que todas as palavras escolhidas devem ser o mais imparciais possível a fim de que o espectador possa ter a oportunidade de tomar sua própria decisão: ao invés de se falar de um vestido azul horroroso, alguém pode vestir um vestido que seja de cor azul com muitos fios prateados e botões dourados grandes. A mesma regra aplica-se às expressões faciais também. Os parâmetros da ADI [American Documentation Institute] aconselham a não inclusão, na descrição, de generalizações do tipo 'o sótão está amontado' [...].⁶ (RAI; GREENING; PETRÉ, 2010, p. 8)

A desconstrução da neutralidade iniciou com Jiménez-Hurtado (2007) em sua pesquisa cuja conclusão versa sobre a inevitabilidade de interpretação na audiodescrição. A pesquisadora espanhola utilizou um *corpus* com mais de 200 roteiros de AD de filmes e, para a análise textual, a ferramenta computacional *Wordsmith Tools*. Apesar do *corpus* de grande extensão, a pesquisadora só tratou da existência de interpretação/avaliação de uma única das perspectivas avaliativas via língua: a dos sentimentos emotivos. Logo, foi uma constatação parcial da inexistência de neutralidade.

Holland (2009) também defende a não neutralidade em roteiros de AD de obras de arte, mas o faz com base apenas em sua percepção subjetiva de audiodescritor. Todavia, ele, que também é pesquisador, faz um relato de três estudos de caso realizados por ele, que compõem o projeto *Talking Images*. Em um deles, adota duas versões de roteiro da AD do quadro *Ramparts*, do artista Ben Nicholson: uma o máximo neutra possível e outra sem nenhuma restrição à interpretação/avaliação. As duas versões foram apresentadas a um grupo de PcDVs inglesas e a elas foi solicitado que dissessem qual preferiam. Como os participantes escolheram a versão muito interpretativa/avaliativa, Holland conclui que, além de os

⁶ “Adverbs can be useful when describing emotions and actions, but should not be subjective. In fact the German guidelines state that all the words chosen should be as impartial as possible - so that the viewer has a chance to make up his own decision i.e., instead of saying a hideous blue dress, one could dress the dress - blue in colour with lots silver thread work and large golden buttons. The same rule applies to facial expressions as well. The ADI guidelines also advise against making any generalised statements in the description such as 'the attic is cluttered' [...]”. Vale informar que um dos autores dos parâmetros alemães, Bernd Benecke, defende que “[u]ma boa audiodescrição deve ser discreta [invisível] e neutra [...]” (BENECKE, 2004, p. 80). Original: “Good audio-description should be unobtrusive and neutral [...]”. (Tradução do prof. Pedro Praxedes).

valores táteis terem sido bem trabalhados na AD, a não neutralidade é essencial para que o não vidente possa ter a valiosa experiência de apreciar uma obra de arte.

Jiménez-Hurtado (2007) e Holland (2009) iniciaram a reflexão acerca da não neutralidade nos roteiros de AD. Porém, a desconstrução da neutralidade só se efetivou com as pesquisas empíricas brasileiras no âmbito do projeto 'Elaboração de um modelo de audiodescrição para cegos a partir de subsídios dos estudos de multimodalidade, semiótica social e estudos de tradução', o qual foi financiado pelo Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Trata-se do PROCAD/CAPES 008/2007, celebrado entre o Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), por meio do Laboratório de Tradução Audiovisual (LATAV), e o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PosLin) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), por meio do Laboratório Experimental de Tradução (LETRA)⁷. Essas pesquisas se dividiram em dois momentos. No primeiro, foi comprovada a inexistência de neutralidade na locução de AD (CARVALHO, 2013). No segundo momento, a inexistência de neutralidade foi comprovada nos roteiros de AD.

As pesquisas no segundo momento foram as seguintes: Praxedes Filho e Magalhães (2013; 2015; 2018), os pioneiros, com roteiros de AD de pinturas em inglês e em português e, na sequência, vieram Silva e Praxedes Filho (2014) com roteiros de AD de filmes de longa metragem em francês, Almeida (2015) bem como Oliveira Junior e Praxedes Filho (2016) com roteiros de AD de curtas metragens em português e Praxedes Filho, Santos e Farias Júnior (2014) com roteiro de AD de peça de teatro. Os autores de todos os roteiros os elaboraram levando em conta a viabilidade de neutralidade. As pesquisas apontaram para o resultado de que roteiros de AD são necessariamente interpretativos/avaliativos. A desconstrução se efetivou visto que, nessas pesquisas empíricas, a interpretação/avaliação nos roteiros foi analisada de um ponto de vista holístico, isto é, abrangendo todas as perspectivas avaliativas via língua e não somente a dos sentimentos emotivos. Por sua vez, a análise holística foi viabilizada por meio da adoção do Sistema de Avaliatividade (SA) (MARTIN; WHITE, 2005) no escopo da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) como aparato teórico-metodológico. Com isso, a agenda de

⁷ O PROCAD/CAPES 008/2007 foi coordenado pelas professoras Dras. Vera Lúcia Santiago Araújo, pelo LATAV-PosLA-UECE, e Célia Maria Magalhaes, pelo LETRA-PosLin-UFMG.

pesquisa atual do LEAD – ainda fazendo uso da interface AD-SA/LSF –, está na fase de partir do pressuposto de que roteiros de AD são avaliativos para, assim, investigar como roteiros de AD de um dado produto (audio)visual se caracterizam do ponto de vista da presença de avaliação/interpretação.

A fim de contribuir com a agenda de pesquisa do LEAD, a pesquisa aqui relatada objetiva, em âmbito geral, investigar o tipo de avaliação contida em roteiros de audiodescrição de esculturas sob a perspectiva pragmático-funcionalista do SA/LSF. De modo específico, os objetivos são: a) descrever as características avaliativas/interpretativas de roteiros de audiodescrição de esculturas do ponto de vista das avaliações de ‘atitude’⁸ (‘afeto’, ‘julgamento’ e/ou ‘apreciação’ / ‘positiva’, ‘ambígua’ ou ‘negativa’ / ‘inscrita’ ou ‘evocada’); b) descrever as características avaliativas/interpretativas de roteiros de audiodescrição de esculturas do ponto de vista de ‘engajamento’ (‘monoglossia’ ou ‘heteroglossia’) e c) descrever as características avaliativas/interpretativas de roteiros de audiodescrição de esculturas do ponto de vista das avaliações de ‘gradação’ (‘força’ e/ou ‘foco’ / ‘aumentando’ ou ‘diminuindo’).

Com o propósito de viabilizar a consecução dos objetivos, a pesquisa tentou responder as seguintes perguntas: a) Como se caracterizam avaliativamente/interpretativamente roteiros de audiodescrição de esculturas produzidos para o MSSJR do ponto de vista das avaliações de ‘atitude’ (‘afeto’, ‘julgamento’ e/ou ‘apreciação’ / ‘positiva’, ‘ambígua’ ou ‘negativa’ / ‘inscrita’ ou ‘evocada’); b) Como se caracterizam avaliativamente/interpretativamente roteiros de audiodescrição de esculturas produzidos para o MSSJR do ponto de vista das avaliações de ‘engajamento’ (‘monoglossia’ ou ‘heteroglossia’) e c) Como se caracterizam avaliativamente/interpretativamente roteiros de audiodescrição de esculturas produzidos para o MSSJR do ponto de vista das avaliações de ‘gradação’ (‘força’ e/ou ‘foco’ / ‘aumentando’ ou ‘diminuindo’)?

Textos instanciadores de outros registros foram descritos quanto a suas características avaliativas do ponto de vista do SA. Por exemplo, Carvalho (2010) descreve críticas de cinema pelo viés dos significados avaliativos atitudinais de ‘apreciação’ e ‘julgamento’, Balocco (2010) aborda a manifestação de significados avaliativos de ‘engajamento’ em textos opinativos da mídia jornalística e Vian Junior

⁸ Estes e os demais termos relativos às categorias do SA serão definidos na subseção 2.1.

(2010) examina como se apresentam os significados avaliativos de ‘gradação’ na literatura marginal. Enquanto essas pesquisas tiveram suas descrições restritas a um só tipo geral de significado avaliativo – ‘atitude’, ‘engajamento’ ou ‘gradação’ –, outras fizeram uso dos três tipos simultaneamente. Como exemplos, há Oliveira (2013), que, em interface com outras teorias, tratou da descrição de texto jornalístico e Guedes (2017), cuja descrição recaiu sobre o estilo avaliativo de textos acadêmicos pertencentes a quatro áreas disciplinares distintas.

Quanto a textos que instanciam o registro ‘roteiro de AD, a interface AD-SA começou a ser construída nas pesquisas, já citadas, que objetivaram demonstrar a ausência de neutralidade. Como a interface se mostrou produtiva, foi dada continuidade a seu percurso de construção por meio de pesquisas que objetivaram descrever como roteiros de AD são avaliativos/interpretativos pelo viés do construto ‘estilo interpretativo’, que se desdobra em ‘assinatura avaliativa do audiodescritor’ e ‘estilo avaliativo do roteiro de AD’, a saber: Oliveira Junior (2016), em sua tese de doutorado, investigou a assinatura avaliativa do audiodescritor que elaborou roteiros de AD de filmes de curta-metragem cuja temática diz respeito à comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis e Intersexuais (LGBTTI); Farias Junior (2016), em sua dissertação de mestrado, analisou o roteiro de AD de filme de longa-metragem em busca do estilo avaliativo do roteiro; Lima (2016), em seu trabalho de conclusão de curso de graduação, buscou a assinatura avaliativa da audiodescritora de roteiros de AD de monumentos urbanos; Praxedes Filho, Santos e Farias Junior (2017), seguindo a mesma esteira de Farias Júnior (2016) e Lima (2016), investigaram a assinatura avaliativa dos audiodescritores que escreveram o roteiro de AD de uma peça teatral.

Quanto a essas pesquisas em torno do estilo interpretativo, apesar de relevantes, a interface não se mostrou tão produtiva em decorrência da não contribuição efetiva para a teorização sobre AD. Sendo assim, a agenda de pesquisa do LEAD dá mais um passo rumo à descrição das características avaliativas/interpretativas de roteiros de AD sem o viés do estilo interpretativo. Nessa ótica, há Arraes (2017), que descreveu o roteiro audiodescritivo de um filme de longa-metragem, e Abud (2018), cuja descrição recaiu sobre o roteiro de AD de uma peça de teatro. A pesquisa que relato nesta tese se justifica por ser a primeira a descrever, sob a nova ótica, roteiros de AD de esculturas. A relevância recai sobre a possibilidade de agregar conhecimento novo aos Estudos Descritivos da Tradução/TAVa/AD de

modo geral e especificamente à agenda de pesquisa que faz uso da interface AD-SA/LSF do grupo LEAD. Para além da justificativa acadêmico-científica, a pesquisa apresenta relevância social no que diz respeito ao fato de tratar de temática relativa à acessibilidade de PcDVs no âmbito cultural do Estado do Ceará. Toda pesquisa sobre AD traz ao foco a necessidade de a arte ser levada a todos independentemente de classe social, restrição motora, cognitiva, sonora e/ou visual.

No tocante à organização, a tese traz cinco seções, sendo a primeira esta Introdução. Na segunda seção, discuto os aportes teóricos, iniciando com os conceitos da LSF relevantes para o SA e a descrição deste tal como proposto por Martin e White (2005). Em seguida, resenho: pesquisas que descreveram, via SA, as características avaliativas de textos instanciadores de diferentes registros que não 'roteiro de AD e pesquisas que descreveram, igualmente via SA, as características avaliativas de roteiros de AD. Ainda na mesma seção, discorro sobre a Tradução Audiovisual Acessível e a audiodescrição.

Na seção 3, descrevo o percurso metodológico. Para tal, caracterizo o contexto da pesquisa e seu tipo, bem como apresento o *corpus*, o perfil dos audiodescritores e os procedimentos de análise dos dados.

A seção 4 ocupa-se dos resultados e sua discussão. Por fim, são feitas considerações finais na quinta seção.

Apresentadas essas informações introdutórias, a seção seguinte traz os aportes teóricos que alicerçam a pesquisa.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Esta seção se divide em quatro subseções. Nelas, discuto o aporte teórico-metodológico que embasa a pesquisa ora relatada. Trata-se de aporte ancorado epistemologicamente na interface entre a LSF/SA e os Estudos Descritivos da Tradução/TAVa/AD. Começo, na primeira subseção, discorrendo sobre os conceitos da LSF relevantes ao SA e sobre o SA propriamente dito para, em seguida, apresentar, nas subseções 2.2.1, 2.2.2 e 2.2.3, seu detalhamento quanto às sub-redes de 'atitude', 'engajamento' e 'gradação' até o segundo nível de delicadeza.

Ainda no tocante ao SA, na subseção 2.2, dialogo com estudos em língua portuguesa que trataram da descrição avaliativa de tipos de textos não classificados como roteiros de AD e do tipo de texto 'roteiro de AD', o que é feito nas subseções 2.2.1 e 2.2.2, respectivamente. Apesar de os estudos discutidos na subseção 2.2.1 não subsidiarem a tese diretamente, seus resultados foram de fundamental importância para a discussão dos dados que emergiram da análise do *corpus*. Portanto, os resultados das pesquisas apresentadas em ambas as subseções são retomados na seção 4 (Resultados e discussão).

Em seguida, na subseção 2.3, defino Tradução Audiovisual, Tradução Audiovisual Acessível e sua modalidade AD, bem como discuto estudos que versam sobre AD. Na subseção 2.4, sistematizo os conteúdos tratados ao longo da seção em breve resumo.

2.1 LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL E SISTEMA DE AVALIATIVIDADE

O Sistema de Avaliatividade tem como base teórica os pressupostos da LSF hallidayana. Para um melhor entendimento do SA, é necessário apresentar um panorama dos conceitos relevantes da LSF que o subjazem. Sendo assim, inicio com o conceito de língua.

Diferentemente das teorias formalistas que abordam a língua como um conjunto de regras sem levar em conta o uso e veem as formas com um grau maior de importância em detrimento das funções, a língua para a LSF é um fenômeno social, pois esta foca no uso daquela em sociedade por interactantes, pois estes são responsáveis pela construção e pela negociação de significados por meio de um processo de escolhas.

Não é por acaso que é denominada de sistêmica e funcional. É sistêmica

[...] porque não considera as línguas como conjuntos de regras usadas para formar estruturas. Considera-as como conjuntos de recursos de significados, formas e expressões dentre os quais fazemos escolhas, o que implica que as línguas são potenciais de recursos organizados em sistemas, implicando, por fim, que cada uma, seja oral-auditiva seja visio-espacial, é um sistema de sistemas formalizado via redes de sistemas de significados, lexicogramaticais, fonológico-fonéticos, grafológico-graféticos das línguas não ágrafas. Antes de serem 'encadeamento' (relações sintagmáticas=estruturas), as línguas são 'escolha' (relações paradigmáticas=potencial), sendo a perspectiva de 'encadeamento' mera realização da perspectiva de 'escolha'. (PRAXEDES FILHO, 2014, p.16)

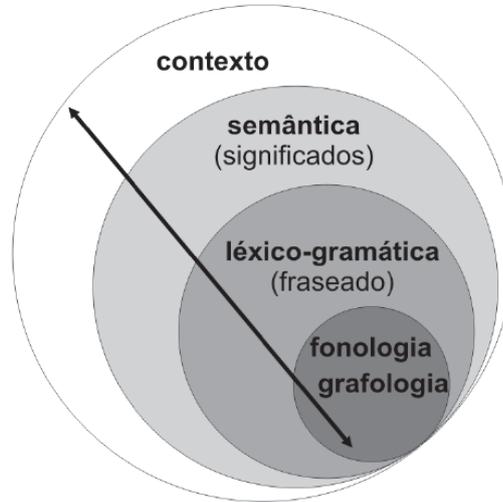
Por outro lado, é funcional porque aborda a língua como ação em contexto social. É ela que permite às pessoas funcionarem em seus contextos de situação na sociedade, pois viabiliza a construção do mundo das experiências humanas cotidianas.. Na verdade, foi ela que tornou a espécie humana capaz de se organizar em sociedade, tendo sido, ao mesmo tempo, a organização em sociedade que possibilitou o surgimento e evolução da língua.

Ainda no contexto da funcionalidade da língua, Halliday e Matthiessen (2004) consideram as funções da linguagem verbal ou metafunções como universais linguísticos, as quais fazem parte da arquitetura interna do sistema linguístico como um todo. São elas: ideacional – viabiliza a representação das nossas experiências no cotidiano –, interpessoal – viabiliza a interação com o outro e de nossa identidade através de avaliações/posicionamentos, criando laços de envolvimento interpessoal que podem ser ou não solidários – e textual – viabiliza a capacidade de compormos textos sinalizados/orais ou escritos coesos e coerentes, pelos quais representamos as nossas experiências em relação com o outro.

As metafunções acontecem simultaneamente na língua, sendo interdependentes. A língua é organizada em estratos, com as metafunções constituindo um deles: a semântica. Os estratos se relacionam ente si e é esta relação que é responsável pela codificação dos significados em textos a partir do contexto de situação social.

Vejamos a apresentação dos estratos da língua na Figura 1:

Figura 1 – Estratificação da língua



Fonte: Halliday e Matthiessen (2004, p. 25).

A Figura 1 mostra os estratos: os intralinguísticos e o extralinguístico. Os intralinguísticos se subdividem entre os que estão no plano de conteúdo – a semântica e a lexicogramática – e aqueles que se encontram no plano da expressão – a fonologia-grafologia e a fonética-grafética⁹.

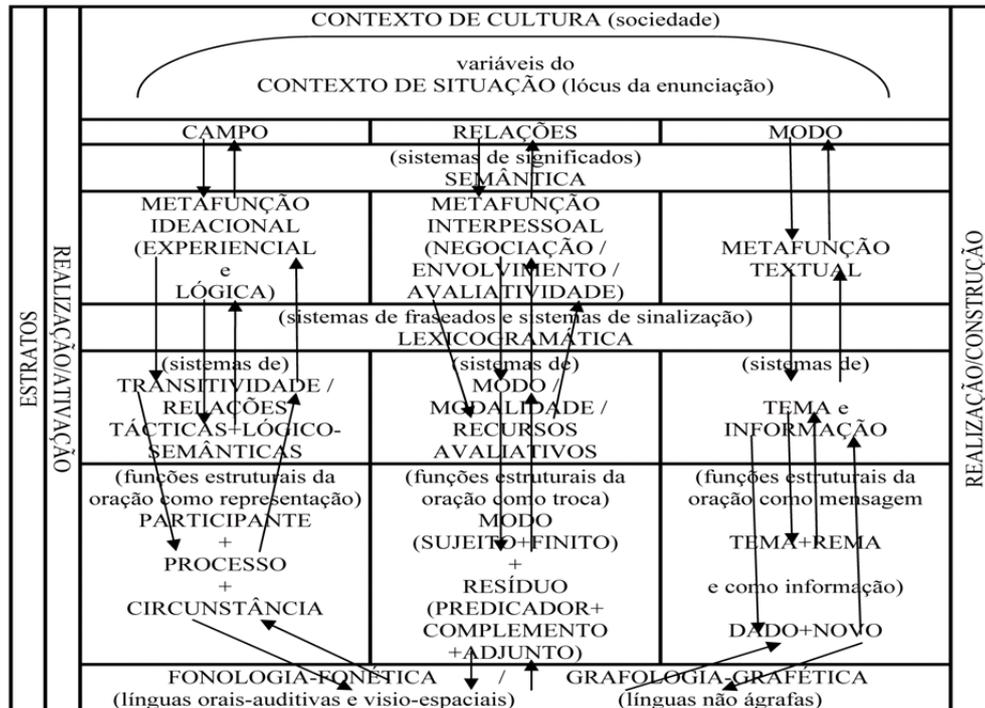
Já no âmbito extralinguístico, temos o extrato do contexto, que se subdivide em contexto de situação e contexto de cultura. O primeiro é local, onde se constrói uma única instância de dado registro, que é um texto oral ou escrito. O segundo é geral, abrangendo toda a sociedade, sendo, então, a somatória de todos os diferentes contextos de situação.

Praxedes Filho (2010) ilustra o conceito de estratificação recorrendo à metáfora do espaço vertical ao dizer que a língua é como um edifício. Ao olhá-lo de cima para baixo, “é a relação de realização/ativação que ordena os estratos linguísticos verticalmente”. Se, “por outro lado, o nosso olhar focaliza a direção de baixo para cima, o que ordena [sendo] os estratos linguísticos verticalmente é a relação de realização/construção” (p. 309).

⁹ A Figura não mostra, apesar de reconhecido pela LSF, o estrato da realização concreta dos sons vocais (fonética) e das letras (grafética).

O pesquisador mostra a síntese da arquitetura das línguas proposta pela LSF em um quadro, aqui chamado de Quadro 1. Nele, podemos visualizar com maior clareza a metáfora citada no parágrafo anterior.

Quadro 1 – Síntese da arquitetura linguística proposta pela LSF



Fonte: Praxedes Filho (2014, p. 18).

Como se pode ver no Quadro 1¹⁰, da mesma forma que há três metafunções no estrato da semântica, o estrato do contexto de situação é definido por três variáveis, quais sejam: ‘campo do discurso’ – ação social em andamento, assunto e objetivo comunicativo –, ‘relações do discurso’ – participantes da ação social, seus papéis e as relações de poder, de afeto e de duração entre eles –, e ‘modo do discurso’ – o papel desempenhado pela língua na ação, o meio, o canal e o modo retórico. Assim sendo, o estrato da lexicogramática contempla três grandes áreas gramaticais: transitividade + relações táticas e lógico-semânticas, modo + modalidade e demais recursos avaliativos e tema + informação.

Voltando à metáfora do edifício apenas do ponto de vista do SA, a variável ‘relações de discurso’ ativa/é realizada pela metafunção interpessoal (negociação, envolvimento e avaliatividade). A semântica interpessoal-negociação ativa/é realizada pela lexicogramática de modo e a semântica interpessoal-avaliatividade ativa/é

¹⁰ A explicação do Quadro 1 está em Praxedes (2018).

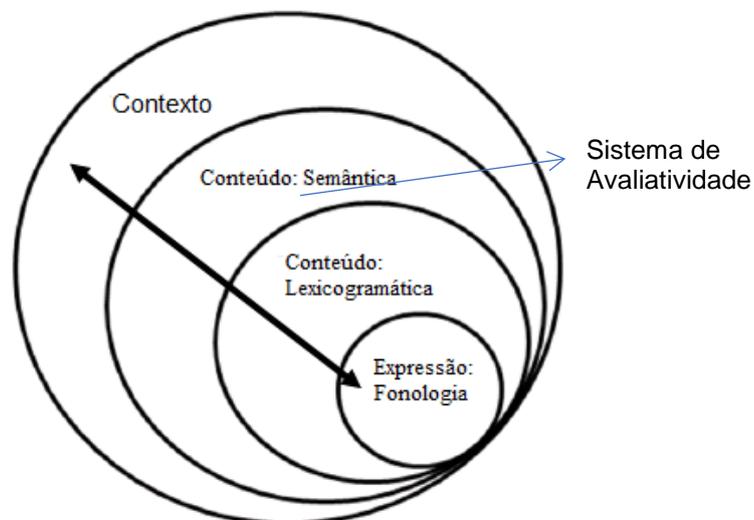
realizada pela lexicogramática de modalidade e demais recursos lexicogramaticais avaliativos. Portanto, o SA é um sistema semântico, inserido na metafunção textual, que ajuda na construção das 'relações do discurso' e que é realizado pelos recursos lexicogramaticais avaliativos, dentre eles a modalidade.

Acredito que os conceitos apresentados até aqui deem conta dos pressupostos teóricos hallidayanos para a compreensão do Sistema de Avaliatividade, base teórico-metodológica desta tese, que passo a apresentar nos parágrafos subsequentes.

O SA foi proposto por Martin e White (2005) com o propósito de expandir a metafunção interpessoal visto que Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004) só reconheciam o sistema interpessoal de negociação, relativo à interação entre os participantes da ação social ao trocarem, entre si, informações (dando: declarativas / demandando: perguntas) e bens & serviços (dando: ofertas / demandando: comandos). Declarativas, perguntas, ofertas e comandos são as funções sociodiscursivas que exercemos no cotidiano e é ao exercê-las que avaliamos e, assim, nos construímos identitariamente na negociação-troca com o outro.

Retomando a estratificação, reapresento-a na Figura 2 apenas para reiterar a localização do SA.

Figura 2 – Estratificação da língua com SA



Fonte: Adaptado de Halliday e Matthiessen (2004).

Logo, o Sistema de Avaliatividade trata de significados avaliativos. São os significados pelos quais as pessoas se posicionam intersubjetivamente – a partir de seus valores culturais, suas ideologias, seus conceitos e pré-conceitos etc. –, sobre as outras pessoas, as coisas, os processos e os fenômenos do mundo. Como são significados, precisam ser realizados por recursos linguísticos lexicogramaticais.

Em síntese, Martin e White (2005) mostram que seus estudos sobre a avaliatividade via linguagem verbal procuram dar conta:

- a) da maneira como escritores/falantes aprovam ou desaprovam, entusiasma-se ou abominam, aplaudem ou criticam, e como eles posicionam os seus leitores/ouvintes a fazerem o mesmo;
- b) da construção, através de textos, de comunidades que partilham sentimentos e valores;
- c) dos mecanismos linguísticos utilizados para partilhar emoções, gostos e avaliações normativas;
- d) da maneira como escritores/falantes constroem para si identidades ou persona autorais;
- e) da maneira como eles se alinham ou desalinham com os ‘interlocutores’ atuais ou potenciais;
- f) da maneira como eles constroem para os seus textos uma audiência pretendida ou ideal.

O SA é composto, na verdade, por vários sistemas interconectados, formando, assim, uma rede de sistemas. Da perspectiva da LSF, um sistema é um conjunto de termos à disposição do falante/escritor para que faça escolhas tendo em vista a construção de textos. Quanto aos sistemas da rede de sistemas de avaliatividade, são feitas escolhas regionalizadas em três domínios interpessoais: ‘atitude’, ‘engajamento’ e ‘gradação’ de acordo com Martin e White (2005).

Os sistemas interconectados de uma rede dizem respeito ao mesmo aspecto linguístico – avaliatividade neste caso, que é a condição de entrada inicial na rede –, e são dispostos da esquerda para a direita. A interconexão entre os sistemas significa que a escolha feita em um deles torna-se nova condição de entrada ao sistema diretamente subsequente à direita e leva a uma nova escolha. Enquanto as escolhas feitas nos primeiros sistemas mais à esquerda são as mais gerais ou menos delicadas, aquelas feitas nos sistemas mais à direita são as mais específicas ou delicadas. Portanto, o princípio organizacional de uma rede de sistemas é a escala de

delicadeza: quanto mais à direita encontra-se um sistema, mais delicado/detalhado/refinado são seus termos a serem escolhidos. No que diz respeito à rede de sistemas de avaliatividade, a escala de delicadeza se expande até o sexto nível.

Praxedes Filho e Magalhães (2015, p. 108) elucidam que a condição de entrada inicial – avaliatividade, dentre outros sistemas simultâneos –, dá acesso ao sistema TIPOS DE AVALIATIVIDADE

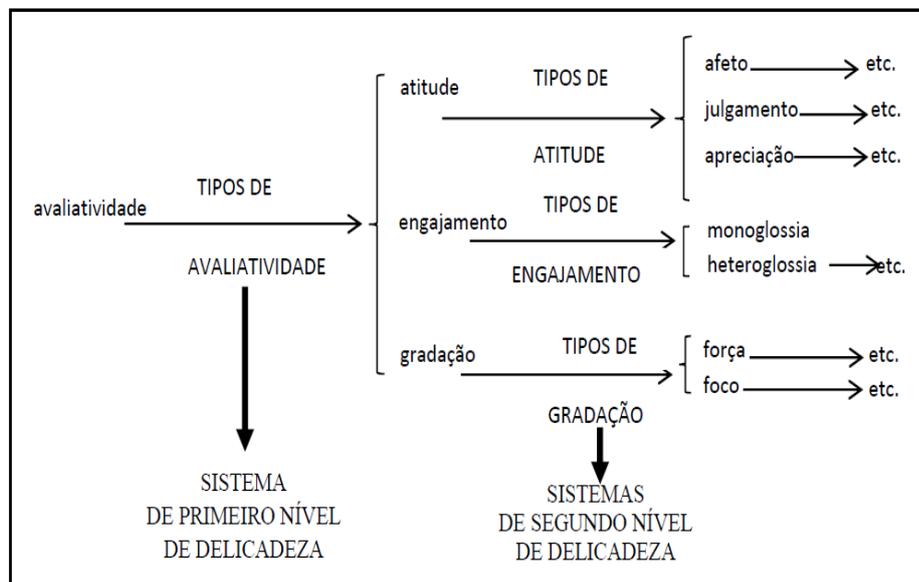
[...] com os seguintes termos/escolhas: **‘atitude’** (os termos/escolhas do sistema simultâneo de segundo nível de delicadeza TIPOS DE ATITUDE são áreas de significados interpessoais através dos quais o falante-escritor avalia/interpreta positiva ou negativamente os sentimentos), **e/ou ‘engajamento’** (os termos/escolhas do sistema não simultâneo de segundo nível de delicadeza TIPOS DE ENGAJAMENTO são áreas de significados interpessoais através dos quais o falante-escritor avalia/interpreta via seus posicionamentos sobre o que diz e via a relação entre o dizer autoral e outras vozes avaliativas presentes no universo da intertextualidade, tendo sido a dialogia bakhtiniana a base para a teorização a respeito dessas áreas) **e/ou ‘gradação’** (os termos/escolhas do sistema simultâneo de segundo nível de delicadeza TIPOS DE GRADAÇÃO são áreas de significados interpessoais através dos quais o falante-escritor avalia/interpreta por amplificação ou redução do grau das avaliações atitudinais e do grau das avaliações pelos posicionamentos das vozes autorais e da relação entres [sic] estas e as vozes não autorais). (PRAXEDES FILHO; MAGALHÃES, 2015, p. 108 grifos do autor)

Duas convenções advindas do arcabouço da LSF devem ser explicadas sobre a rede de sistemas de avaliatividade para uma melhor compreensão das relações entre os sistemas e entre seus termos/escolhas. Há sistemas e termos que são simultâneos. A existência de sistemas simultâneos implica na necessidade de serem feitas escolhas em todos. São envolvidos por uma chave, que é o que representa a simultaneidade, e a relação entre eles é marcada pela conjunção ‘e’: faça escolha no sistema 1 e no sistema 2 etc. A existência de termos simultâneos, também envolvidos por chaves, implica no fato de que a escolha pode recair sobre um, mais de um ou todos. Esse tipo de relação entre termos é marcado por e/ou, o que significa que um trecho de texto – palavra, grupo, oração, complexo oracional ou trecho supraoracional –, pode aceitar uma categorização múltipla. Há, por outro lado, termos/escolhas mutuamente excludentes, o que é representado pelo fato de serem envolvidos por colchetes. Nesse caso, apenas um termo pode ser escolhido por vez,

sendo a relação entre eles marcada pela conjunção ‘ou’, não havendo possibilidade de categorização múltipla¹¹.

Praxedes Filho e Magalhães (2013) representaram a rede de sistemas de avaliatividade através de Figura 3. Por estar incompleta, segue a ilustração até o segundo nível de delicadeza apenas com o fim de ilustrar o uso das chaves e dos colchetes explicado no parágrafo anterior¹².

Figura 3 – Rede de sistemas de avaliatividade até o segundo nível de delicadeza



Fonte: Praxedes Filho e Magalhães (2013, p.77).

Os termos ‘atitude’, ‘engajamento’ e ‘gradação’ do sistema TIPOS DE AVALIATIVIDADE, por estarem envolvidos por uma chave, têm a relação entre eles marcada por e/ou. Portanto, um trecho de texto pode conter avaliação da perspectiva de somente um dos três tipos ou de qualquer combinação de dois deles ou de todos (um trecho de texto pode ter ‘atitude’ e/ou ‘engajamento’ e/ou ‘gradação’). Os termos ‘monoglossia’ e ‘heteroglossia’, por estarem envolvidos por um colchete, têm a relação entre eles marcada por ‘ou’. Logo, um trecho de texto só pode conter avaliação apenas do ponto de vista da ‘monoglossia’ ou apenas do ponto de vista da ‘heteroglossia’. A condição de entrada ‘atitude’ leva, como poderá ser visto na Figura 4, não somente

¹¹ Para um aprofundamento sobre a formulação de redes de sistemas, veja o segundo capítulo de Praxedes Filho (2007).

¹² As ilustrações completas são apresentadas nas Figuras 4, 5 e 6.

ao sistema TIPOS DE ATITUDE, mas também aos sistemas POLARIDADE e TIPOS DE REALIZAÇÃO. Os três são envolvidos por uma chave, sendo, então, simultâneos.

O 'etc.' significa que a rede segue para a direita em níveis de delicadeza, chegando ao quarto para 'atitude' e ao sexto para 'engajamento' e 'gradação'. Vê-se, então, que tanto 'atitude' quanto 'engajamento' e 'gradação' iniciam sub-redes: a sub-rede de 'atitude', a sub-rede de 'engajamento' e a sub-rede de 'gradação'. Minha proposta de análise é até o segundo nível de delicadeza, pois já foi comprovado por pesquisas que buscaram o estilo interpretativo¹³, que se desdobram em assinatura avaliativa do audiodescritor e estilo avaliativo do roteiro de audiodescrição, a não contribuição produtiva de uma análise até os últimos níveis de delicadeza para a teorização sobre AD. Mesmo sem terem contribuído diretamente na teorização sobre AD, foram relevantes para as decisões relativas aos próximos passos da agenda de pesquisa na interface AD/SA, o que, então, direcionou as tomadas de decisão para a minha pesquisa.

Nas três subseções seguintes, discorro sobre cada sub-rede de sistemas de avaliatividade: 'atitude', 'engajamento' e 'gradação' até o segundo nível de delicadeza. As categorias relativas às três sub-redes até o mencionado nível de delicadeza foram utilizadas nas minhas análises dos roteiros de AD das esculturas do MSSJR a fim de que eu pudesse atingir os objetivos específicos e responder as perguntas de pesquisa tais como já apresentados na seção 1 (Introdução).

2.1.1 Sub-rede de 'atitude'

É a sub-rede cujos sistemas e termos são responsáveis pelas avaliações positivas, ambíguas ou negativas com abrangência em três aspectos semânticos: na emoção, na ética e na estética. Seus sistemas e termos representam avaliações pautadas nos sentimentos, dos escritores/falantes, associados aos três aspectos semânticos, indicando como aqueles se posicionam sentimentalmente em relação aos objetos, às coisas, às pessoas, aos acontecimentos, aos fenômenos e processos (ALMEIDA, 2010).

¹³ Estas pesquisas já foram citadas na Introdução e serão resenhadas ainda nesta seção.

No segundo nível de delicadeza, o sistema TIPOS DE ATITUDE conta com os termos ‘afeto’ (área emotiva dos sentimentos) e/ou ‘julgamento’ (área ética dos sentimentos) e/ou ‘apreciação’ (área estética dos sentimentos).

O ‘afeto’ diz respeito a avaliações positivas, ambíguas ou negativas sobre as emoções das pessoas. É a condição de entrada para o sistema de terceiro¹⁴ nível de delicadeza TIPOS DE AFETO, cujos termos são: ‘felicidade’ (o escritor/falante avalia as emoções relativas ao ‘coração’ – tristeza, ódio, felicidade, amor) e/ou ‘segurança’ (o escritor/falante avalia as emoções relativas ao bem-estar das pessoas – ansiedade, medo, segurança, confiança) e/ou ‘satisfação’ (o falante avalia as emoções relativas à consecução de objetivos – tédio, desprazer, curiosidade, respeito, frustrado, realizado).

Trago um exemplo de avaliação de ‘afeto’ na subrede de ‘atitude’, que foi retirado do roteiro 2, a AD da pintura ‘Favela’ de Orlando Teruz. Esse roteiro é parte do *corpus* 1 de Praxedes Filho e Magalhães (2013)¹⁵. No trecho a seguir, a ocorrência de ‘atitude’ - ‘afeto’ está sublinhada: “No centro da tela uma porção de casas, onde incide luz suave. A luz é avaliada como sendo algo que está dentro do ambiente de forma amena, trazendo harmonia e tranquilidade ao local (‘afeto’-‘segurança’).

O ‘julgamento’ tem a ver com avaliações – positivas, ambíguas ou negativas –, sobre o comportamento das pessoas sobre determinados pela cultura em geral e crenças individuais construídas por uma ideologia. É a condição de entrada para o sistema de terceiro nível de delicadeza TIPOS DE JULGAMENTO, cujos termos são: ‘estima social’ (envolve valores que dizem respeito ao indivíduo perante o círculo de pessoas de seu convívio) e/ou ‘sansão social’ (envolve valores de caráter que dizem respeito ao indivíduo perante a lei, seja cível-penal ou religiosa).

Em “Alix, professor do Departamento de Artes da Universidade do Pará, demonstra uma poética visual que inclui o imaginário amazônico e a cultura iconográfica paraense [...]”, trecho do roteiro 3 do *corpus* 1 de Praxedes Filho e

¹⁴ A análise desta pesquisa foi até o segundo nível. Trouxe mais um nível de delicadeza, o terceiro, só a título de informação para ajudar o leitor a entender mais facilmente minhas escolhas analíticas.

¹⁵ Os exemplos que ilustram o SA nesta subseção e nas duas seguintes são do *corpus* 1, em língua portuguesa brasileira, da pesquisa de Praxedes Filho e Magalhães (2013b). Fiz essa opção porque Martin e White, os autores do modelo de avaliatividade, são de língua inglesa e, conseqüentemente, os exemplos também o são. Isso acaba não retratando fielmente a realização lexicogramatical das categorias, mesmo se os exemplos sejam traduzidos em língua portuguesa brasileira. Isso se dá porque diferentes línguas realizam lexicogramaticalmente a avaliatividade de diferentes formas. Além disso, os Praxedes Filho e Magalhães (2013b) também trabalharam com o mesmo tipo de texto ‘roteiro de AD’.

Magalhães (2013, p. 88), há avaliação atitudinal de ‘juízo’. O trecho é parte da AD de da pintura ‘Sem Título’ pertencente à série ‘Olhos que não Querem Ver’ de Alexandre Silva dos Santos Filho. O audiodescritor avalia o comportamento Alixa, autor da obra, como um pintor capaz de exercer seu ofício de modo eficiente por conseguir demonstrar que desenvolveu uma poética visual sobre determinada temática (‘juízo’-‘estima social’).

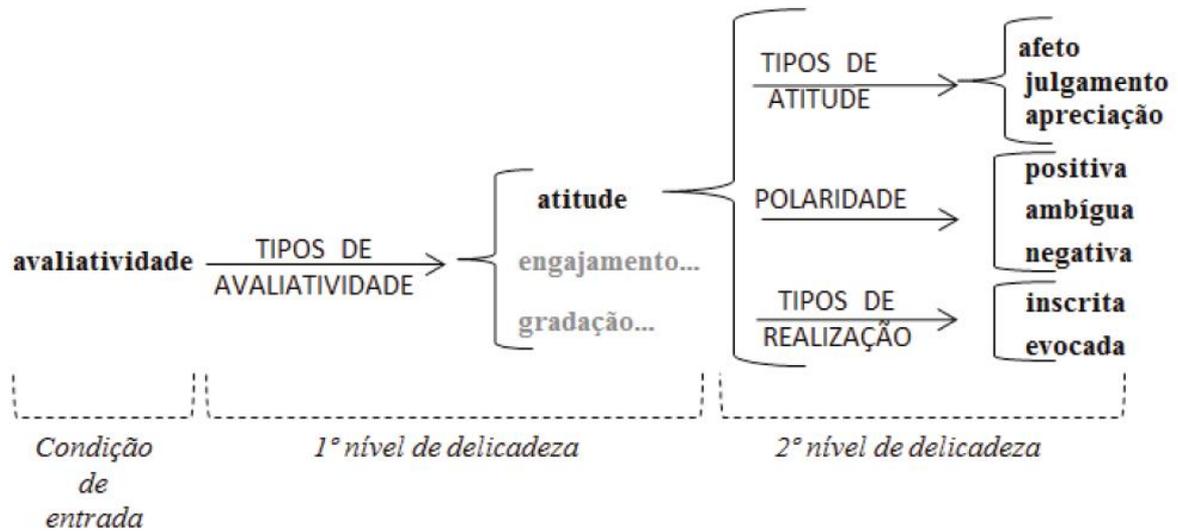
A ‘apreciação’ é o último termo do sistema TIPOS DE ATITUDE no segundo nível de delicadeza da rede de sistemas de avaliabilidade e contempla avaliações – positivas, ambíguas ou negativas –, sobre o aspecto estético das coisas, das pessoas e dos fenômenos semióticos e naturais, constituindo-se na condição de entrada para o sistema de terceiro nível de delicadeza TIPOS DE APRECIAÇÃO, cujos termos são: ‘reação’ (o quão as coisas prendem nossa atenção ou nos agradam) e/ou ‘composição’ (o equilíbrio e a complexidade das coisas) e/ou ‘valor social’ (a relevância das coisas).

Exemplifico a avaliação atitudinal de ‘apreciação’ com “Os traços faciais do homem são delicados”, que também é trecho do roteiro 3 do *corpus* 1 de Praxedes Filho e Magalhães (2013, p. 88). Este trecho, então, está na AD da mesma pintura ‘Sem Título’ pertencente à série ‘Olhos que não Querem Ver’. Aqui, o audiodescritor avalia como reage à estética do rosto do homem (‘apreciação’-‘reação’).

Simultaneamente ao sistema TIPOS DE ATITUDE, há, ainda no segundo nível de delicadeza, os sistemas POLARIDADE e TIPOS DE REALIZAÇÃO DE ATITUDE. Os termos do primeiro são ‘positiva’ ou ‘negativa’ ou ‘ambígua’ (sentimentos não claramente positivos ou negativos). Os termos do segundo são ‘inscrita’ (explicitamente realizada) ou ‘evocada’ (implicitamente realizada). Visto que são termos de sistemas de segundo nível de delicadeza, seus termos são categorias que também fazem parte de minha análise nesta pesquisa.

A Figura 4 ilustra e sistematiza o que foi explanado sobre a sub-rede de sistemas de ‘atitude’:

Figura 4 – Sub-rede de sistemas de ‘atitude’ até o segundo nível de delicadeza



Fonte: Praxedes Filho e Arraes (2017, p. 386).

A Figura 4 tem o objetivo de mostrar a relação entre os sistemas POLARIDADE e TIPOS DE REALIZAÇÃO DE ATITUDE com o sistema TIPOS DE ATITUDE, vista que os dois primeiros não constavam na figura 3. Como se pode ver, o encapsulamento dos três sistemas por uma chave é a representação gráfica da simultaneidade entre eles: um dos três termos do primeiro tem que se combinar com um dos três termos do segundo e com um dos dois termos do terceiro. Uma avaliação atitudinal de 'afeto' tem que ser obrigatoriamente 'positiva', 'ambígua' ou 'negativa' e 'inscrita' ou 'evocada'.

2.1.2 Sub-rede de 'engajamento'

Área de significados através dos quais o falante avalia seus próprios posicionamentos assumidos no texto e os posicionamentos de outros no amplo universo da intertextualidade, construindo suas identidades e projetando dada identidade para seu interlocutor e estabelecendo com ele, ou não, um elo de solidariedade.

Voltando ao segundo nível de delicadeza, o sistema TIPOS DE ENGAJAMENTO comporta os termos 'monoglossia' (a ver com asserções categóricas ou não modalizadas que não permitem o questionamento ou que não dão margem à dialogia) ou 'heteroglossia' (a ver com o reconhecimento, por parte do falante/escritor, de que existem outras vozes ou pontos de vista acerca do assunto que está tratando).

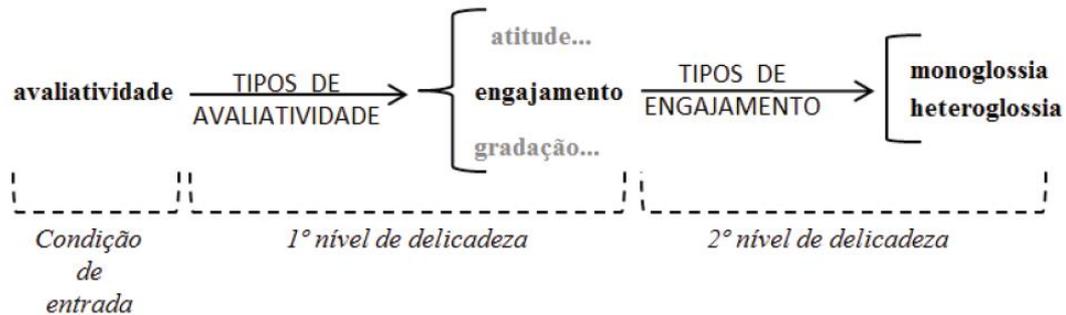
Praxedes Filho e Magalhães (2015) decidiram não categorizar todas as asserções categóricas como ‘monoglossia’ nos roteiros de AD que compunham seus *corpora*: *corpus 1*, com roteiros de AD de pinturas em português, e *corpus 2*, com roteiros de AD de pinturas em inglês. Como há asserções categóricas em qualquer texto e como objetivavam demonstrar que os roteiros, tendo sido elaborados de modo neutro como dizem seus autores, se essa categoria fosse usada indiscriminadamente, a análise poderia ser tendenciosa para o lado da não neutralidade. Assim, definiram como critérios de ocorrência de ‘monoglossia’ em textos instanciadores do registro ‘roteiro de AD’ o que chamaram de desvio descritivo categórico e inferência descritiva categórica. Definiram desvio descritivo categórico como “descrição não-modalizada de dado aspecto de uma pintura [escultura, cena de filme etc.] em desacordo com o referido aspecto tal como aparece na pintura [escultura, cena de filme etc.]” e inferência descritiva categórica como “descrição não modalizada de dado aspecto de uma pintura por extrapolação da caracterização do referido aspecto tal como o pintor a construiu” (p. 119).

Para uma melhor compreensão sobre ‘monoglossia’ tal como definida acima, ilustro como exemplos as partes sublinhadas dos seguintes trechos do roteiro 6, AD da pintura ‘Duas Mulheres Correndo na Praia’ de Pablo Picasso, do *corpus 1* de Praxedes Filho e Magalhães (2013, p. 98): “Elas usam vestido claro, na altura do joelho” / ‘engajamento’ - ‘monoglossia’ por desvio descritivo categórico, pois elas usam saia e blusa e “Ao fundo, o azul do mar calmo se une ao azul do céu com nuvens carneiras / ‘engajamento’ - ‘monoglossia’ por inferência descritiva categórica, dado que o modo como o pintor representou o mar não permite que se diga que está calmo ou agitado.

A ‘heteroglossia’, uma vez escolhida, passa a ser a condição de entrada para sistema de terceiro nível de delicadeza; porém, como já afirmado, só discutirei até o segundo nível de delicadeza da rede de sistemas de avaliatividade para cada sub-rede. Para ilustrar ‘heteroglossia’, trago o exemplo também retirado do *corpus 1* de Praxedes Filho e Magalhães (2013, p. 88) do roteiro 3, a AD da pintura ‘Sem Título’ da série ‘Olhos que não Querem Ver’ de Alexandre Silva dos Santos Filho: “Na imagem, em tons pastéis, pode-se ver ao fundo, de cima para baixo, pátinas...”, em que a modalização-probabilidade realizada pelo verbo ‘poder’ indica a existência de outras vozes ou pontos de vista em negociação com a voz autoral.

A Figura 5 ilustra toda a sub-rede de sistemas de ‘engajamento’:

Figura 5 – Sub-rede de sistemas de ‘engajamento’ até o segundo nível de delicadeza



Fonte: Praxedes Filho e Arraes (2017, p. 390).

Vê-se que os termos do sistema TIPOS DE ENGAJAMENTO são mutuamente excludentes, o que está representado pelo colchete que os envolve.

2.1.3 Sub-rede de ‘gradação’

Área de significados através dos quais o falante/escritor avalia por meio da amplificação ou redução do grau das avaliações atitudinais e das avaliações sobre os posicionamentos intra e intersubjetivos de engajamento.

O sistema de segundo nível de delicadeza TIPOS DE GRADAÇÃO disponibiliza os termos ‘força’ e/ou ‘foco’. Esse sistema se combina, no mesmo nível de delicadeza, com o sistema DIREÇÃO DA GRADAÇÃO, cujos termos são: ‘aumentando’ ou ‘diminuindo’. Através da escolha do termo ‘força’, o falante/escritor ajusta as avaliações/interpretações quanto à intensidade ou quantidade do que é avaliado/interpretado.

O domínio natural de operação da gradação de intensidade/quantidade são as categorias que envolvem avaliações inerentemente escalares – por exemplo, as avaliações atitudinais ... (graduáveis ao longo de um contínuo positividade-negatividade), mas também avaliações de tamanho, vigor, extensão, proximidade etc.¹⁶ (MARTIN; WHITE, 2005, p. 137)

Como pode ser inferido pela citação, o termo ‘força’ possibilita escolhas no sistema de terceiro nível de delicadeza TIPOS DE FORÇA, sendo seus termos ‘intensificação’ (‘muito’, ‘mais’, ‘menos’, ‘bastante’, ‘pouco’ + qualidades – adjetivos e

¹⁶ “Graduation according to intensity/amount has its natural domain of operation over categories which involve inherently scalar assessments – for example the attitudinal assessments ... (gradable along clines of positivity/negativity) but also assessments of size, vigour, extent, proximity, and so on”. (Tradução do prof. Pedro Praxedes)

advérbios –, ou processos/verbos etc.) ou ‘quantificação’. A ‘quantificação “[...] aplica-se a entidades em vez de qualidades e processos... [sendo que] essas [avaliações] fornecem a medida imprecisa de número (e.g. poucas milhas, muitas milhas) e a medida imprecisa da presença ou massa de entidades de acordo com traços tais como tamanho, peso, distribuição ou proximidade (e.g. grande quantidade, pequena quantidade, montanha próxima, montanha distante)”¹⁷ (MARTIN;WHITE, 2005, p. 141)

No sistema TIPOS DE GRADAÇÃO, ao escolher o termo ‘foco’, o falante/escritor aumenta ou diminui suas avaliações gradacionais quanto ao traço de

[...] prototipicidade e à precisão pela qual as fronteiras de uma categoria são definidas.... A **gradação** de prototipicidade opera na medida em que os fenômenos são graduados em relação a até que ponto eles se equiparam ao que se possa chamar de parte central de uma categoria semântica ou a uma instância exemplar dessa categoria. Via expressões como *true, real, genuine* (ie *He’s a true friend*), o fenômeno é avaliado como prototípico e via expressões como *kind of, of sorts, effectively, bordering on, and the suffix –ish* (ie *It was an apology of sorts, we’ll be there at five o-clock-ish*), o fenômeno é avaliado como localizado nas margens externas da categoria.¹⁸ (grifo no original) (MARTIN; WHITE, 2005, p. 137).

O sistema de ‘gradação’ é comparado a uma escala virtual cuja variação vai de um polo a outro: mais intenso a menos intenso, maior quantidade a menor quantidade, mais prototípico a menos prototípico. Sua semântica é fundamental para o SA, pois sobrepõe-se aos significados de ‘atitude’ e de ‘engajamento’.

O termo ‘foco’ é exemplificado por “À frente do vaso há um prato vazio redondo, em tom azulado”, trecho do roteiro 1, a AD de ‘A Refeição do Homem Cego’ de Plabo Picasso (PRAXEDES FILHO; MAGALHÃES, 2013, p. 82): o tom não é genuinamente azul, estando nas margens da categoria ‘cor azul’ e não sendo o

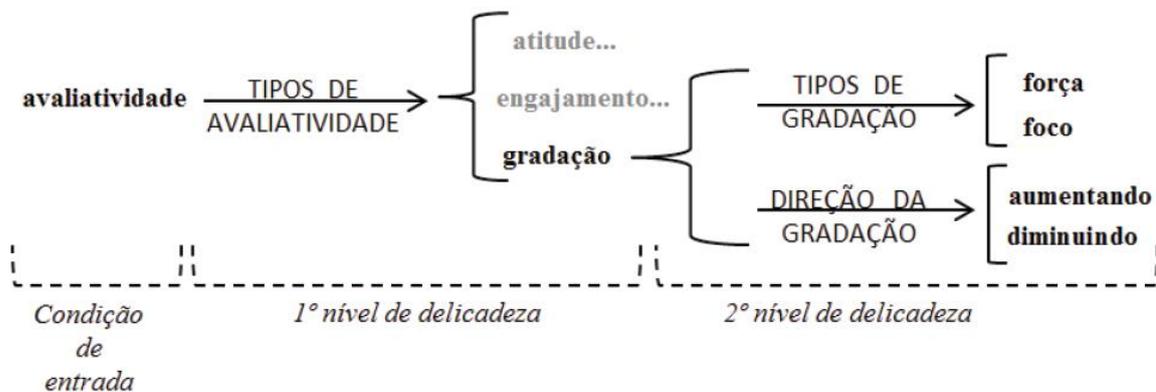
¹⁷ “[...] apply to entities, rather than to qualities and processes. ... These [assessments] provide for the imprecise measuring of number (eg a few miles, many miles) and imprecise measuring of the presence or mass of entities according to such features as their size, weight, distribution or proximity (eg small amount, large amount; nearby mountain, distant mountain)”. (Tradução do prof. Pedro Praxedes)

¹⁸ “[...] prototypicality and the preciseness by which category boundaries are drawn... **Graduation** according to prototypicality operates as phenomena are scaled by reference to the degree to which they match some supposed core or exemplary instance of a semantic category. Via locutions such as *true, real, genuine* (ie *He’s a true friend*) the phenomenon is assessed as prototypical and via locutions such as *kind of, of sorts, effectively, bordering on, and the suffix -ish* (ie *It was an apology of sorts, we’ll be there at five o-clock-ish*) the phenomenon is assessed as lying on the outer margins of the category”. (Tradução do prof. Pedro Praxedes)

protótipo da cor azul. O termo ‘força’ é exemplificado por trechos do roteiro 4, a AD de uma tela de Esref Armagan (PRAXEDES FILHO; MAGALHÃES, 2013, p. 92-93): “...mais atrás, à esquerda deles...” (‘mais’ está intensificando a qualidade ‘atrás’, que é um advébio), “...muitas flores brancas...” (medida imprecisa do número de flores), “...duas grandes montanhas cinza [sic]...” (medida imprecisa da massa das montanhas).

A Figura 6 ilustra a rede de sistemas de ‘gradação’ até o segundo nível de delicadeza:

Figura 6 – Sub-rede de sistemas de ‘gradação’ até o segundo nível de delicadeza



Fonte: Praxedes Filho e Arraes (2017, p.392).

Simultaneamente ao sistema TIPOS DE GRADAÇÃO, há, ainda no segundo nível de delicadeza, o sistema DIREÇÃO DA GRADAÇÃO (estão envolvidos por uma chave). Os termos são ‘aumentando’ – as avaliações por ‘força’ ou ‘foco’ são graduadas para cima –, ou ‘diminuindo’ – as avaliações por ‘força’ ou ‘foco’ são graduadas para baixo, como ilustrado na Figura 6.

Na próxima subseção, dialogo com pesquisas em língua portuguesa brasileira cuja abordagem teórico-metodológica foi o SA, tendo usado uma ou mais de uma das sub-redes para descrição de outros tipos de texto que não são classificados como roteiro de AD e do tipo de texto ‘roteiro de AD’.

2.2 ESTUDOS DESCRITIVOS DE TIPOS DE TEXTO BASEADOS NO SISTEMA DE AVALIATIVIDADE

2.2.1 Descrição de tipos de texto não classificados como ‘roteiro de AD’

O SA começou a ser disseminado no Brasil a partir das vindas de James Martin ao Brasil para congressos, cursos etc. da coorientação de doutorado de Souza (2008) e das interlocuções com Fabíola Almeida sobre sua pesquisa também de doutorado (ALMEIDA, 2008) (VIAN JUNIOR.; SOUZA; ALMEIDA, 2010). A partir dessas experiências, Orlando Vian Junior., Anderson de Souza e Fabíola Almeida organizaram, em 2010, a coletânea ‘A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade’. A coletânea apresenta trabalhos de vários pesquisadores brasileiros que estavam descrevendo diferentes tipos de texto sob o viés do SA. Esses pesquisadores estavam fazendo suas descrições se concentrando apenas cada uma das sub-redes – ‘atitude’, ‘engajamento’ ou ‘gradação’ – separadamente. Escolhi um trabalho por sub-rede: Balocco (2010) para ‘engajamento’, Carvalho (2010) para ‘atitude’ e Vian Junior. (2010) para ‘gradação’.

Balocco (2010) usou a sub-rede de ‘engajamento’ para a descrição de textos opinativos da mídia jornalística (editoriais, colunas de opinião e cartas do leitor) publicados durante 45 dias seguidos nos jornais A Folha de São Paulo e O Globo. A temática dos textos abordava o sistema de cotas na universidade pública brasileira, o que se transformou em um debate público em diferentes instâncias discursivas. O período de 45 dias escolhido foi aquele em que o debate público esteve mais visível. Para o artigo em questão, a autora trouxe a análise de um texto para cada tipo, totalizando três textos.

Os tipos de textos opinativos foram escolhidos por demarcarem espaços no jornal em que há a presença de opinião pessoal e por fugirem, então, ao objetivo da imprensa, que é de informar imparcialmente e de forma direta. A pesquisa teve como objetivo “promover a discussão das relações entre os padrões avaliativos identificados nos textos e as restrições genérico-discursivas que sobre eles recaem” (BALOCCO, 2010, p. 42).

Os resultados obtidos foram de que há diferenças nas escolhas avaliativas relativas à sub-rede de ‘engajamento’ nos três textos analisados, o que define o perfil

avaliativo de cada um, permitindo a comprovação de que pertencem a tipos de textos diferentes. Enquanto o editorial e a carta do leitor fazem uso predominante de monoglossia e heteroglossia do tipo que diminui a dialogia com os leitores, a coluna de opinião apresenta predominantemente heteroglossia do tipo que aumenta a dialogia com os leitores. A estratégia de nenhuma ou pouca dialogia pelo editorialista e o leitor em sua carta tem objetivos distintos: o primeiro não constrói diálogo porque precisa explicitar seu compromisso com o jornal, encarnando as opiniões do mesmo para repassá-las como diretrizes a serem necessariamente seguidas pelos leitores, e o segundo faz o mesmo porque precisa demarcar seu compromisso apenas consigo mesmo devido ao fato de que não tem, como o editorialista, preocupação com sua imagem pública por não ter vínculo institucional com o jornal, podendo, assim, repassar suas opiniões como sendo as únicas corretas. O colunista ou articulista, por não representar a voz do jornal, não precisa dar diretrizes e por, não ser alguém completamente de fora do jornal como o leitor, sente-se livre para apenas conduzir um debate de opiniões com seus leitores via os recursos de expansão da dialogia na sub-rede de 'engajamento'.

A pesquisa de Carvalho (2010) teve o objetivo de descrever críticas de cinema sob a perspectiva das escolhas avaliativas da autora na sub-rede de 'atitude', considerando os três termos do sistema TIPOS DE ATITUDE: 'afeto', 'julgamento' e 'apreciação'. A investigação se deu com 15 críticas de cinema publicadas nas edições *online* da Revista Veja, no período de janeiro a abril de 2008, mas, para o artigo ao qual estou me referindo, o objeto da análise foi o texto 'Doce sem ser adocicado', uma crítica elogiosa do filme Juno escrita pela jornalista Isabela Boscov.

Os termos 'apreciação' e 'julgamento' foram os mais recorrentes. Já 'afeto' foi inexistente na crítica de cinema 'Doce sem ser adocicado'. Quanto ao sistema TIPOS DE APRECIAÇÃO, os três termos ocorreram: composição, reação, valor. Ocorreu apenas o termo 'estima social' do sistema TIPOS DE JULGAMENTO. Dentre os termos do sistema TIPOS DE ESTIMA SOCIAL – capacidade, normalidade, tenacidade –, os três ocorreram. Comparando-se as avaliações de 'apreciação' e 'julgamento', as primeiras foram mais recorrentes. Enquanto todas as ocorrências de avaliação atitudinal na crítica encontram-se na polaridade 'positiva', elas são mais explícitas do que evocadas.

A autora assim explica seus resultados:

Em *Doce sem ser adocicado*, uma crítica laudatória [polaridade sempre positiva] do filme [‘apreciação’] e da atuação dos profissionais envolvidos em sua realização [‘julgamento’], vemos que a avaliação é mais explícita do que evocada. Podemos supor que isto se dá no texto justamente porque o elogio parece ser de mais fácil aceitação do que a crítica, o que dispensaria a necessidade de a jornalista usar de “torneios retóricos” [implicando as avaliações se fossem negativas] a fim de angariar a adesão do leitor às opiniões expressas.

Os tipos de Atitude encontrados no texto são Apreciações do objeto e Julgamento de desempenho, sendo que as primeiras são predominantes. Podemos inferir que o exemplar escolhido para demonstrar a prosódia atitudinal de críticas de cinema se encaixa no padrão do gênero – é compatível com uma tendência ao elogio, avalia mais o produto do que o comportamento humano e, ao não avaliar por meio de Afeto [emoção], constrói uma imagem de avaliador que procura ser objetivo em suas análises... (CARVALHO, 2010, p. 125)

Para a sub-rede de ‘gradação’, Vian Junior (2010) estabeleceu como objetivo “apontar aspectos semânticos e léxico-gramaticais da variante brasileira da língua portuguesa em relação à Gradação e como esta se realiza léxico-gramaticalmente” (VIAN JUNIOR, 2010, p. 204, p. 205).

Quanto à análise de quais são as realizações lexicogramaticais dos termos do sistema TIPOS DE GRADAÇÃO (‘força’ ou ‘foco’) combinados com os termos do sistema DIREÇÃO DA GRADAÇÃO, foi feita a partir de exemplos retirados do livro ‘Mundo Perdido’ de Patrícia Melo (2006).

O pesquisador encontrou que o aumento ou diminuição da ‘força’ ou ‘foco’ das avaliações atitudinais no romance se deu predominantemente por escolhas de um léxico avaliativo marcadamente negativo o que se justifica pelo tipo de texto de Patrícia Melo: uma narrativa sobre uma crítica social ao Brasil e seu mundo do crime sob o ponto de vista de um narrador, Máique, que é um matador foragido.

As realizações de gradação encontradas se deram pelos seguintes recursos lexicogramaticais:

Para ‘foco’-‘aumentando’, a escritora fez uso do advérbio ‘mesmo’, como em: “Brasileiro é assim, escroto mesmo ... Sou comprista mesmo ... Só xingando mesmo” (VIAN, JUNIOR, 2010, p. 207-208). O advérbio coloca ‘escroto’, ‘comprista’ e ‘xingar’ no centro dos respectivos protótipos, aumentando o ‘foco’ desses aspectos.

Para ‘força’-‘aumentando’ ou ‘diminuindo’:

A repetição de um mesmo item lexical é um recurso frequentemente utilizado para intensificarmos a força de algo.

Muito feia esta terra, **muita** gente, **muita** pobreza, **muito** dinheiro, **muito** prédio, **muita** puta, **muito** lixo, **muito** trânsito...

Dentre os diversos prefixos gregos e latinos presentes no português, muitos são utilizados com a função de intensificar a avaliação de acordo com o item que antepõem:

... tem um shopping superlegal.
Já estava ultraligado no repórter...

O mesmo mecanismo pode acontecer pelo emprego de sufixos, através dos quais é possível intensificar a característica de um nome adicionando-se o sufixo aumentativo:

Corpão, toda malhada.
Eu tinha perdido um tempão
cada carrão
mulherão na TV. ...
você está fodidaço
...a repetição de itens de um mesmo campo semântico:

E são tantos os ladrões, os corruptos, os filhos-da-puta, os assassinos, escroques, falsários
São corruptos, ladrões, cheiradores de pó.

A redução da força avaliativa pode também ocorrer através do acréscimo, a determinados itens lexicais, do sufixo diminutivo, o que pode reduzir a força de algo de diferentes maneiras:

(a) depreciativa
ele disse, o cara-de-pau, com um sorrisinho
fazendo um monte de gracinhas
esses caras fazendo piadinhas
aquela branquela

(b) afetiva, carinhosa
Branquinhos os dentes da Divani.
começar uma vida nova numa cidadezinha
Se eu estou assim, meio tristinha, é só comprar uma blusinha nova, um brinquinho
As coisas estavam iguaizinhas. (grifos no original) (VIAN JUNIOR, 2010, p. 208-210)

Vian Junior (2010) concluiu que os termos dos sistemas da sub-rede de 'gradação' são aplicáveis à língua portuguesa brasileira assim como à língua inglesa. Há, no entanto, realizações idiossincráticas do português como o diminutivo.

Oliveira (2013) usou duas sub-redes: 'atitude' e 'engajamento'. Quanto à sub-rede de 'gradação', não a utilizou na análise, mas apresentou as escolhas avaliativas nela contidas. Traz como objetivo de sua pesquisa de doutorado "refletir sobre o discurso da responsabilidade social e a retórica da autopromoção da Igreja Universal através do papel dos atores sociais na construção de sua identidade, materializados no Jornal Folha Universal" (OLIVEIRA, 2013, p. 23).

O SA também foi utilizado por Oliveira (2013) em sua pesquisa de doutorado, com o objetivo de "refletir sobre o discurso da responsabilidade social e a

retórica da autopromoção da Igreja Universal através do papel dos atores sociais na construção de sua identidade, materializados no Jornal Folha Universal” (OLIVEIRA, 2013, p. 23). A pesquisadora usou duas sub-redes: ‘atitude’ e ‘engajamento’ para atender ao seu objetivo específico. Quanto à sub-rede de ‘gradação’, não a utilizou na análise, mas apresentou as escolhas avaliativas nela contidas.

De cunho qualitativa/documental com análises sociais e discursivas, a investigação da pesquisadora fez interface entre a Análise do Discurso Crítica, pressupostos teóricos da LSF hallidayana em relação ao Sistema de transitividade, as formas de representação de atores sociais na perspectiva sócio-semântica de van Leeuwen (1997, 2008, *apud* OLIVEIRA, 2013) e o Sistema de Avaliatividade de Martin e White (2005, *apud* OLIVEIRA, 2013). O *corpus* foi constituído de notícias veiculadas no jornal *Folha Universal* no período de 2010 a 2012. Aqui apresentamos somente os resultados da análise via SA, por ser o meu objeto de interesse nesta pesquisa.

A pesquisadora encontrou que os traços semânticos avaliativos de ‘afeto’, ‘julgamento’ e ‘apreciação’ da sub-rede de ‘atitude’ – acompanhados em diversas vezes de ‘gradação’ e ‘atribuição’, um termo de um dos sistemas da sub-rede de ‘engajamento’ –, evidenciam avaliações positivas da Igreja Universal. O ‘engajamento’ foi a sub-rede com maior recorrência identificada na análise do *corpus*. A voz autoral dialoga com vozes exteriores a fim de confirmar a responsabilidade social da Igreja Universal nas notícias veiculadas. As vozes exteriores às quais essa confirmação é atribuída são “de autoridades, celebridades e fiéis” (OLIVEIRA, 2013, p. 163). Quanto à sub-rede de ‘atitude’, foi a ‘apreciação’ o tipo mais recorrente. Através desse recurso, a voz autoral avaliou a Igreja Universal com atributos positivos a fim de suscitar, nos leitores, sentimentos de reação e impacto igualmente positivos. Assim, a estratégia de trazer vozes de atores sociais de prestígio para confirmar a responsabilidade social da igreja é reforçada pela estratégia de descrevê-la com atributos positivos.

Por fim, Guedes (2017) perpassa todo o SA com seus seis níveis de delicadeza, com o objetivo de descrever as diferenças de estilo avaliativo de textos que instanciam o gênero ‘artigo científico’ distribuídos em quatro áreas disciplinares: Química, Engenharia Civil, Antropologia e Linguística. O objetivo foi, pois, identificar se o estilo avaliativo era diferente por área disciplinar e quais seriam os padrões avaliativos que caracterizariam cada área. Esse objetivo foi escolhido a partir do pressuposto de que as línguas não são neutras, seguindo a esteira de Praxedes Filho e Magalhães (2013, 2015). A metodologia da pesquisa foi descritiva de caráter

exploratório e quanti-qualitativa, tendo mapeado e interpretado os padrões de uso avaliativo da língua por área disciplinar. Para tal, utilizou o *software WordSmith Tools 6.0*. O *corpus* foi constituído de dez artigos científicos retirados da plataforma *SciELO-Brasil* para cada uma das quatro áreas disciplinares.

Como resultados, a pesquisadora encontrou que há um padrão avaliativo para cada área disciplinar investigada, com semelhanças e diferenças. As semelhanças foram mais recorrentes nas quatro áreas disciplinares quanto à caracterização do ‘estilo avaliativo’ de cada uma quanto à sub-rede ‘engajamento’. A seguir, apresento, no Quadro 2, uma síntese dos resultados por área disciplinar e sub-rede.

**Quadro 2 – Ocorrências de ‘atitude’, ‘engajamento’ e ‘gradação’
por área disciplinar**

| ÁREA DISCIPLINAR | SUB-REDE | | |
|------------------|-----------|---------------|------------|
| | ‘ATITUDE’ | ‘ENGAJAMENTO’ | ‘GRADAÇÃO’ |
| QUÍMICA | 16,45% | 54, 83% | 28,70% |
| ENGENHARIA CIVIL | 18, 76% | 50,14% | 31,08% |
| ANTROPOLOGIA | 30% | 45% | 24,41% |
| LINGUÍSTICA | 19,72% | 62,19% | 18,08% |

Fonte: Adaptado de Guedes (2017).

Os dados expostos no Quadro 2 confirmam que a semelhança entre as áreas disciplinares está no fato de o ‘engajamento’ predominar com maiores percentuais de ocorrência. Na sub-rede de ‘engajamento’, a ‘monoglossia’ ultrapassa a ‘heretoglossia’ nas áreas Química e Engenharia Civil. Para as áreas Antropologia e Linguística, a maior frequência de ocorrência recai na ‘heteroglossia’. Ou seja, em Química e Engenharia Civil, as assertivas categóricas presentes com mais preponderância do que a dialogia explícita (heteroglossia) presentes em Antropologia e Linguística. Isso é explicado pela autora por meio da constatação de que as áreas

ligadas às ciências exatas ainda continuarem em busca do ideal da objetividade e neutralidade. Apresento exemplos no Quadro 3:

Quadro 3 – Exemplos do *corpus* de Guedes (2017) ilustrativos de avaliação por ‘engajamento’ para cada área disciplinar

| ÁREA DISCIPLINAR | EXEMPLOS |
|-------------------------|---|
| QUÍMICA | "Essa diferença ocorre porque, quando se aplicou CPMG, a intensidade do sinal de RMN foi dada a partir da média de intensidade dos 16 primeiros ecos, a água..." ('monoglossia') (GUEDES, 2017, p. 211) |
| ENGENHARIA CIVIL | "[...] as forças existentes interagem com os deslocamentos, produzindo esforços solicitantes adicionais. Os esforços de segunda ordem introduzidos pelos deslocamentos horizontais dos nós da estrutura quando sujeita a cargas verticais e horizontais, são denominados efeitos globais de segunda ordem..."; ('monoglossia') (GUEDES, 2017, p. 211) |
| ANTROPOLOGIA | "[...] é importante retomar <u>a conceituação de Pierre Bourdieu (2006)</u> acerca do relato biográfico como <u>ilusão biográfica;</u> " ('heteroglossia') (GUEDES, 2017, p. 223) |
| LINGUÍSTICA | " <u>De acordo com Harris (1983),</u> assumindo uma análise derivacional, o acento secundário em espanhol é atribuído pela construção de pés troqueus da direita para a esquerda, na cadeia das sílabas que precedem a sílaba portadora do acento primário..."; ('heteroglossia') (GUEDES, 2017, p. 228) |

Fonte: Adaptado de Guedes (2017).

A diferença entre áreas recai nas sub-redes de 'atitude' e 'gradação'. Para a primeira, as áreas Química e Engenharia Civil apresentam frequência de ocorrência inferior em relação às áreas Antropologia e Linguística. Quanto à sub-rede de 'gradação', foram Antropologia e Linguística que ficaram com percentuais menores.

Em todas as áreas no âmbito da sub-rede 'atitude', os termos/escolhas mais recorrentes foram 'apreciação' > 'positiva' > 'inscrita'. Isso significa que as vozes autorais avaliam seus sentimentos como respostas às reações suscitadas em relação à estética de "objetos". Exemplos encontram-se no Quadro 4:

Quadro 4 – Exemplos do *corpus* de Guedes (2017) ilustrativos de avaliação por 'atitude'-'apreciação' para cada área disciplinar

| ÁREA DISCIPLINAR | EXEMPLOS |
|------------------|--|
| QUÍMICA | "A transformação de óleos vegetais em polióis, matéria-prima para a obtenção de poliuretanas, é uma <u>excelente</u> alternativa para a preparação de biomateriais e biocompósitos"; ('apreciação') (GUEDES, 2017, p. 214) |
| ENGENHARIA CIVIL | "Este resultado ressalta, portanto, um dos mecanismos <u>importantes</u> de proteção fornecidos ao concreto pelo metacaulim, no que tange ao transporte de cloretos..." ('apreciação') (GUEDES, 2017, p. 220) |
| ANTROPOLOGIA | "[...] são experiências <u>excepcionais</u> ..." ('apreciação') (GUEDES, 2017, p. 173) |
| LINGUÍSTICA | Nos casos de desvio fonológico, os meninos parecem obter <u>melhores</u> resultados comparados às meninas também em habilidades metalinguísticas..." ('apreciação') (GUEDES, 2017, p. 230) |

Fonte: Adaptado de Guedes (2017).

De todas as áreas, Antropologia foi a única que apresentou, na sub-rede de 'atitude', uma preferência por posicionamentos avaliativos do tipo 'afeto' e 'julgamento',

[...] o que entrevê que, além de expressar seus sentimentos em relação à estética de "objetos" ... expressaram, linguisticamente, por diversas vezes, seus sentimentos emotivos ('afeto') relacionados às questões do coração ('felicidade') e ao bem-estar social ('segurança') e em relação ao comportamento social das pessoas ('julgamento'). (GUEDES, 2017, p. 225)

Há também recorrência semelhante, nas áreas pesquisadas por Guedes (2017) quanto à sub-rede de 'gradação', dos termos/escolhas 'força' > 'aumentando', o

que ajuda a caracterizar o ‘estilo avaliativo’ dos textos instanciadores do gênero ‘artigo científico’: as vozes autorais fazerem escolhas lexicais por advérbios que intensificam características de determinados elementos presentes em seus textos". Apresento exemplos no Quadro 5:

Quadro 5 – Exemplos do *corpus* de Guedes (2017) ilustrativos de avaliação por ‘gradação’- ‘força’-‘aumentando’ para cada área disciplinar

| ÁREA DISCIPLINAR | EXEMPLOS |
|------------------|--|
| QUÍMICA | A resina, juntamente com o oxidante, possui uma característica isolante <u> muito alta</u> , podendo considerar que no interior do grão propelente ocorre a formação de <u>vários</u> capacitores dispostos aleatoriamente.”; (‘força’) (GUEDES, 2017, p. 213) |
| ENGENHARIA CIVIL | "O aumento da resistência com adição das CBC pode ser explicado pelo ‘efeito filler’, como <u>várias</u> bibliografias têm demonstrado [...] e os resultados obtidos no ensaio de granulometria das cinzas corroboram essa afirmação, visto que se observou um <u>grande</u> volume de partículas finas." (‘força’) (GUEDES, 2017, p. 219) |
| ANTROPOLOGIA | "Esses testemunhos têm ainda personagens <u>variados</u> : a mãe, um irmão, o membro da igreja que o acolheu, o pastor que o recebeu na igreja." (‘força’) (GUEDES, 2017, p. 226) |
| LINGUÍSTICA | “ <u>Muitas</u> línguas brasileiras apresentam um fenômeno conhecido como hierarquia de pessoa”; (‘força’) (GUEDES, 2017, p. 231) |

Fonte: Adaptado de Guedes (2017).

A pesquisa de Guedes (2017), além de trazer como pressuposto a não neutralidade das línguas, também usa, na análise, o SA em seus seis níveis de delicadeza. O mesmo foi feito nas pesquisas sobre as quais discorrerei na próxima subseção; porém, o objeto de pesquisa muda para apenas um tipo de texto, que é o ‘roteiro de AD’, o que vai de encontro ao que busco em minha pesquisa: caracterizar avaliativamente roteiros de AD sob a perspectiva pragmático-funcionalista do SA/LSF.

2.2.2 Descrição do tipo de texto ‘roteiro de AD’

No grupo LEAD do LATAV, a agenda de pesquisa com base na interface AD-SA iniciou-se com Praxedes Filho e Magalhães (2013; 2015; 2018). Sua pesquisa teve como objetivo demonstrar empiricamente a inexistência de neutralidade como parâmetro obrigatório em roteiros de AD. Foram dois *corpora*: o *Corpus 1* foi constituído de seis roteiros de AD de pinturas em português brasileiro e o *Corpus 2*, por seis roteiros de AD de pinturas em inglês americano. Os roteiros em português foram publicados na Revista Brasileira de Tradução Visual e produzidos sob a prescrição da neutralidade, tal como informado no referido periódico. Os roteiros em inglês foram capturados na página *ONLINE ACCESSIBILITY TRAINING* (<http://www.artbeyondsight.org/handbook/acs-verbal.shtml>), hospedada no portal *ART BEYOND SIGHT/HANDBOOK* (<http://www.artbeyondsight.org/handbook/>), e também foram produzidos sob a prescrição da neutralidade tal como informado no próprio portal. Metodologicamente, a demonstração de inexistência de neutralidade foi viabilizada por meio do uso do SA, considerado até o segundo nível de delicadeza da rede de sistemas de avaliatividade relativamente às sub-redes de ‘atitude’, ‘engajamento’ e ‘gradação’.

Os autores constataram que, mesmo os roteiros de AD tendo sido produzidos pelos parâmetros da neutralidade, eles são avaliativos/interpretativos. E lhes foi possível chegar a essa constatação em decorrência dos seguintes resultados: *Corpus 1* (português) → ‘gradação’ (69,8%) > ‘atitude’ (21,4%) > ‘engajamento’ (8,8%) / no âmbito da ‘gradação’, ‘força’ (61,0%) > ‘foco’ (8,8%) / no âmbito da ‘atitude’, ‘apreciação’ (17,0%) > ‘afeto’ (2,7%) > ‘julgamento’ (1,7%) / no âmbito do ‘engajamento’, heteroglossia (5,5%) > ‘monoglossia’ (3,3%); *Corpus 2* (inglês) → ‘gradação’ (54,7%) > ‘atitude’ (30,7%) > ‘engajamento’ (14,6%) / no âmbito da ‘gradação’, ‘força’ (61,0%) > ‘foco’ (8,8%) / no âmbito da ‘atitude’, ‘apreciação’ (22,3%) > ‘afeto’ (4,7%) > ‘julgamento’ (3,7%) / no âmbito do ‘engajamento’, heteroglossia (46,0%) > ‘monoglossia’ (8,7%). Se há avaliação dos três tipos em ambos os *corpora*, os roteiros de nenhum dos dois é neutro.

Praxedes Filho e Magalhães (2015, p. 124), ao discutirem os resultados, dizem:

Os resultados quantitativos apontam para o fato de que parece haver um padrão avaliativo caracterizado pela predominância de avaliações/interpretações atitudinais em termos de apreciações estéticas bem como de avaliações/interpretações de gradação em termos da força com a qual as apreciações são expressas. Evidentemente, esse provável esboço de estilo [interpretativo] que emergiu não nos surpreendeu porque foram obras de arte que foram audiodescritas e, em geral, elas são apreciadas; além disso, as apreciações são graduadas. (PRAXEDES FILHO; MAGALHÃES, 2015, p. 124)

Sugerem, como pesquisas futuras, a busca pelo estilo interpretativo – assinatura avaliativa do audiodescritor e o estilo avaliativo do roteiro de AD –, o que viria a se constituir na segunda etapa de pesquisa na interface AD/SA pelo LEAD/LATAV.

Oliveira Junior (2016), em sua tese de doutorado no PosLA, iniciou essa segunda etapa, dando prosseguimento à pesquisa de Praxedes Filho e Magalhães (2013a, 2015). O objetivo de sua investigação foi “estudar o estilo interpretativo em AD [do ponto de vista da assinatura avaliativa do audiodescritor] no registro ‘roteiro de AD de filmes de curta-metragem de temática ‘LGBT’ [Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais] em português brasileiro” (OLIVEIRA JUNIOR, 2016, p. 21).

A metodologia adotada foi exploratório-descritiva. O *corpus* constituiu-se de seis roteiros de AD de um mesmo audiodescritor em língua portuguesa brasileira de filmes de curta-metragem de gêneros fílmicos diferentes: ficção e documentário. O pesquisador descreveu os roteiros de AD – três ficcionais e três documentários –, via SA em seus seis níveis de delicadeza. A categorização dos roteiros de seu nas hierarquias da palavra, do grupo, da oração e do complexo oracional e de trechos de texto.

Os resultados encontrados para a assinatura avaliativa do audiodescritor dos filmes de curta-metragem, um homem gay e pesquisador do LEAD, apontaram, em primeiro lugar, para a existência de padrões avaliativos por gênero fílmico “porque houve a prevalência de ocorrência de certas combinações de termos dos sistemas em cada subrede em detrimento de outras combinações que ocorreram com frequência baixa ou não ocorreram” (OLIVEIRA JUNIOR, 2016, p. 125). Quanto à assinatura do audiodescritor propriamente dita, para o gênero ‘ficção’, ele

[...] escolheu avaliar/interpretar as cenas descritas por intermédio de uma voz autoral que, predominantemente,

- 1) refere-se, sempre explicitamente, aos sentimentos emotivos suscitados pelos personagens das perspectivas: de seu bem-estar social às vezes sem se posicionar quanto a ser agradada ou não (‘afeto’ – ‘segurança’ – ‘ambígua’ – ‘inscrita’) bem como às vezes se posicionando

- favoravelmente ('afeto' – 'segurança' – 'positiva' – 'inscrita') e da consecução de seus objetivos sempre se posicionando favoravelmente ('afeto' – 'satisfação' – 'positiva' – 'inscrita');
- 2) julga, sempre explicitamente, o comportamento dos personagens resultante de suas relações interpessoais cotidianas, às vezes sem se posicionar quanto a ser agradada ou não e às vezes se posicionando favoravelmente, relativamente: a quão habilidosos eles são ('julgamento' – 'estima social' – 'capacidade' – 'ambígua' – 'inscrita' / 'julgamento' – 'estima social' – 'capacidade' – 'positiva' – 'inscrita'), a quão persistentes ou resolutos eles são ('julgamento' – 'estima social' – 'tenacidade' – 'positiva' – 'inscrita' / 'julgamento' – 'estima social' – 'tenacidade' – 'ambígua' – 'inscrita') e a quão comuns ou típicos eles são ('julgamento' – 'estima social' – 'normalidade' – 'positiva' – 'inscrita' / 'julgamento' – 'estima social' – 'normalidade' – 'ambígua' – 'inscrita');
 - 3) chega ao ápice da interpretação dos sentimentos emotivos de 'afeto' e dos sentimentos éticos de 'julgamento', pois considera-se a única voz possível no amplo universo da intertextualidade ao descrevê-los desviando-se do que estava posto ou inferindo para além do que estava posto nas cenas de modo categórico ('engajamento' – 'monoglossia');
 - 4) e por fim, apresenta volume elevado, pois trata características de personagens e elementos cênicos ('força' – 'intensificação' – 'qualidade' – 'isolada' – 'aumentando'), de medidas imprecisas do número de personagens, cenas e elementos cênicos ('força' – 'quantificação' – 'quantidade' – 'isolada' – 'aumentando'), da intensidade das ações de personagens ('força' – 'intensificação' – 'processo' – 'fusionada' – 'aumentando') e do nível de precisão do pertencimento de traços de personagens e elementos cênicos a suas respectivas categorias ('foco' – 'aumentando'), referindo-se a todos esses aspectos graduando-os para cima. (OLIVEIRA JUNIOR, 2016, p. 98-99)

E para o gênero documentário, ele:

[...] escolheu avaliar/interpretar as cenas descritas por intermédio de uma voz autoral que, predominantemente,

- 1) refere-se, sempre explicitamente, aos sentimentos emotivos suscitados pelos personagens da perspectiva de seu bem-estar social, sem nunca se posicionar quanto a ser agradada ou não ('afeto' – 'segurança' – 'ambígua' – 'inscrita');
- 2) julga, sempre explicitamente, o comportamento dos personagens resultante de suas relações interpessoais cotidianas, novamente sem nunca se posicionar quanto a ser agradada ou não, relativamente: a quão habilidosos eles são ('julgamento' – 'estima social' – 'capacidade' – 'ambígua' – 'inscrita'), a quão comuns ou típicos eles são ('julgamento' – 'estima social' – 'normalidade' – 'ambígua' – 'inscrita') e a quão persistentes ou resolutos eles são ('julgamento' – 'estima social' – 'tenacidade' – 'ambígua' – 'inscrita');
- 3) discorre, explicitamente e sem se posicionar favorável ou desfavoravelmente, sobre o equilíbrio e a unidade da aparência de personagens, de figurinos, do cenário e da iluminação ('apreciação' – 'composição' – 'proporção' – 'ambígua' – 'inscrita');
- 4) alcança o mais alto grau de interpretação dos sentimentos emotivos de 'afeto' e dos sentimentos éticos de 'julgamento', pois não permite o diálogo com outras vozes existentes no amplo universo da intertextualidade ao descrevê-los desviando-se do que estava posto ou inferindo para além do que estava posto nas cenas de modo categórico ('engajamento' – 'monoglossia');
- 5) e finalmente, trata da intensidade das ações de personagens graduando-as para baixo ('força' – 'intensificação' – 'processo' – 'isolada' – 'diminuindo') e de medidas imprecisas do número de personagens, cenas e elementos cênicos graduando-as para cima ('força' – 'quantificação' –

‘quantidade’ – ‘isolada’ – ‘aumentando’). (OLIVEIRA JUNIOR, 2016, p. 113-114)

Ao proceder com a comparação, o autor chegou à conclusão de “que há mais diferenças do que semelhanças entre a assinatura avaliativa do audiodescritor relativa ao o gênero fílmico ‘ficção’ e sua assinatura avaliativa relativa ao o gênero fílmico ‘documentário’” (OLIVEIRA JUNIOR, 2016, p. 124). A maior ocorrência de diferenças foi explicada pela existência de características idiossincráticas inerentes a cada gênero.

Dando prosseguimento à segunda fase, Farias Junior (2016), diferentemente de Oliveira Junior (2016), buscou descrever o estilo avaliativo do roteiro de AD em língua portuguesa brasileira do filme de longa metragem ‘Ensaio sobre a cegueira’, pertencente ao gênero fílmico drama. O roteiro foi produzido pela Associação Mídia e Acessibilidade (MIDIACE) de Minas Gerais e revisado pelo grupo Tradução, Mídia e Audiodescrição (TRAMAD) da Universidade Federal da Bahia.

A metodologia usada pelo pesquisador foi a de um estudo de caso descritivo, exploratório e quanti-qualitativo. O roteiro de AD foi analisado quanto às combinações de termos dos sistemas nas três subredes do SA até o último nível de delicadeza, tendo sido a análise viabilizada pelas ferramentas *Word List* e *Concord* do software *WordSmith Tools 5.0*.

Os resultados comprovam que há padrões avaliativos e, conseqüentemente, um estilo avaliativo peculiar ao roteiro de AD do filme ‘Ensaio sobre a cegueira’. Esse estilo se caracteriza,

[...] no primeiro nível de delicadeza da rede de sistemas de avaliatividade, por um ranqueamento na seguinte sequência: avaliações por **‘atitude’** (57,8%), seguidas de avaliações por **‘gradação’** (35%), com as avaliações por **‘engajamento’** (7,2%) tendo aparecido por último. Para cada das subredes, o estilo avaliativo se caracteriza pelas seguintes combinações de termos/escolhas: **1)subrede de ‘atitude’**: ‘apreciação’ – ‘reação’ – ‘qualidade’ – ‘ambígua’ – ‘inscrita’ > ‘julgamento’ – ‘sanção social’ – ‘propriedade’ – ‘negativa’ – ‘evocada’ – ‘convidar’ – ‘propiciar’ > ‘afeto’ – ‘segurança’ – ‘negativa’ – ‘evocada’ – ‘convidar’ – ‘propiciar’ > ‘afeto’ – ‘felicidade’ – ‘positiva’ – ‘evocada’ – ‘convidar’ – ‘propiciar’; **2)subrede de ‘gradação’**: ‘força’ – ‘quantificação’ – ‘volume’ – ‘isolada’ – ‘aumentando’ > ‘força’ – ‘intensificação’ – ‘processo’ – ‘isolada’ – ‘aumentando’ > ‘força’ – ‘quantificação’ – ‘quantidade’ – ‘isolada’ – ‘aumentando’ > ‘força’ – ‘quantificação’ – ‘extensão’ – ‘proximidade’ – ‘espaço’ – ‘isolada’ – ‘diminuindo’; **3)subrede de ‘engajamento’**: ‘monoglossia’ – ‘desvio descritivo categórico’ > ‘heteroglossia’ – ‘contração’ – ‘discordância’ – ‘contraexpectativa’. (grifos no original) (FARIAS JUNIOR, 2016, p. 128)

O autor justifica ter sido esse o estilo avaliativo do roteiro de AD de 'Ensaio sobre a cegueira' pelo fato de que "as combinações de termos/escolhas que emergiram como predominantes nas três subredes se prestam para avaliar elementos da narrativa fílmica. Referi-me a elementos como: cenários; personagens e suas emoções, posturas e indumentárias; cores; sons; ambientação; tempo e espaço da narrativa" (FARIAS JUNIOR, 2016, p. 129).

Ainda na segunda etapa, Lima (2016) e Praxedes Filho, Santos e Farias Junior (2017) se propuseram a descrever a assinatura avaliativa do audiodescritor de objetos culturais diferentes daquele que foi o objeto de estudo de Oliveira Junior (2016), a fim de contribuírem para a interface AD/SA na formação de audiodescritores.

Lima (2016) objetivou em sua pesquisa analisar o estilo interpretativo/assinatura avaliativa do audiodescritor de roteiros de AD de monumentos da cidade de Fortaleza/CE produzidos por uma única audiodescritora. O *corpus* constituiu-se de três roteiros de AD dos seguintes monumentos: Coluna da Hora, Escadaria da Praça General Tibúrcio (Praça dos Leões) e Estátua da Iracema Guardiã. A metodologia utilizada foi a de um estudo de caso descritivo, exploratório e quanti-qualitativo. Os roteiros de AD foram analisados até o último nível de delicadeza do SA.

A assinatura avaliativa da audiodescritora assim se caracterizou: 'gradação' ('força') > 'atitude' ('apreciação') > 'engajamento' ('heteroglossia'). Este resultado corrobora aquele de Praxedes Filho e Magalhães (2015) para roteiros de AD de pinturas em português brasileiro, cujo padrão avaliativo apresentou a mesma tendência: 'gradação' ('força') > 'atitude' ('apreciação') > 'engajamento' ('heteroglossia'). Lima (2016) assim se posiciona em relação à proximidade entre os resultados: "[...] assim como as pinturas, os monumentos são obras artísticas estáticas; logo, são também normalmente avaliados esteticamente ('atitude' → 'apreciação'), com essas avaliações podendo ser graduadas para mais ou para menos ('gradação' → 'força')" (p. 47).

Também em busca da assinatura avaliativa do audiodescritor – na verdade um casal de audiodescritores, os mesmos que elaboraram os roteiros das esculturas analisados nesta pesquisa –, Praxedes Filho, Santos e Ramalho Junior (2017) estudaram o roteiro de AD de peça teatral. Metodologicamente, tratou-se de um estudo de caso descritivo, exploratório e quanti-qualitativo, cujo *corpus* constituiu-se do roteiro de AD em língua portuguesa brasileira de peça teatral infantil *A Vaca Lele*.

Visto que o casal autor do roteiro são=audiodescritores profissionais e como eles sempre trabalham juntos na elaboração e na revisão dos roteiros, foram considerados como sendo um só audiodescritor. A categorização se deu via SA em seus seis níveis de delicadeza, tendo sido os roteiros categorizados nas hierarquias palavra/grupo/oração/complexo oracional e trechos de textos. Foram encontrados os seguintes resultados:

[...] a tendência de assinatura avaliativa do par de audiodescritores tem a ver com uma voz autoral que, predominantemente: discorre, explicitamente mas sem se posicionar quanto a ser agradada ou não, sobre a aparência dos personagens, dos figurinos, do cenário e da iluminação ('apreciação' - 'reação' - 'qualidade' / 'ambígua' / 'inscrita'); refere-se, implicitamente através de conteúdos experienciais, a personagens e cenas como provocadores de mal-estar social ('afeto' - 'segurança' / 'negativa' / 'evocada' - 'convidar' - 'propiciar'); condena, implicitamente através de conteúdos experienciais, o comportamento dos personagens que provocam mal-estar como eticamente inadequado ('julgamento' - 'sanção social' - 'propriedade' / 'negativa' / 'evocada' - 'convidar' - 'propiciar'); entende, implicitamente via conteúdos experienciais, que há momentos nos quais predominam sentimentos emotivos de alegria ('afeto' - 'felicidade' / 'positiva' / 'evocada' - 'convidar' - 'propiciar'); trata esses sentimentos sem levar em conta o diálogo com outras vozes (ausência de 'engajamento' - 'heteroglossia'), mas não nos foi possível elucidar se a voz autoral única descreveu algum sentimento desviando-se do que estava posto ou inferindo para além do que estava posto (presença de 'engajamento' - 'monoglossia')¹⁹; apresenta volume baixo, pois fala da aparência de personagens e elementos cênicos quanto ao tamanho, peso, altura etc. ('força' - 'quantificação' - 'volume' / 'isolada' / 'diminuindo') e da distância espacial entre elementos cênicos ('força' - 'quantificação' - 'extensão' - 'proximidade' - 'espaço' / 'isolada' / 'diminuindo'), avaliando todos esses traços como pequenos. (PRAXEDES FILHO; SANTOS; FARIAS JUNIOR, 2017, p. 261-262)

Do ponto de vista dos estudos em torno de estilo interpretativo (assinatura avaliativa do audiodescritor - estilo avaliativo dos roteiros de AD), as pesquisas, apesar de relevantes, não se demonstraram produtivas quanto à teorização sobre AD. Assim, a agenda de pesquisa dá outro passo, tendo se instalada a terceira etapa, rumo à descrição das características avaliativas/interpretativas de roteiros de AD sem o viés do estilo interpretativo. Foram Arraes (2017) e Abud (2018) que inauguraram a terceira etapa.

Arraes (2017) objetivou, em sua dissertação de mestrado, verificar como, via SA, as avaliações contidas no roteiro de AD de dado filme reconstrói os programas de efeito do filme. Programas de efeito são definidos como os efeitos nos sentidos,

¹⁹ É informado que essa impossibilidade decorreu do fato de que a encenação da peça em vídeo a que os autores tiveram acesso não é a mesma que gerou o roteiro de AD disponibilizado, tendo sido, então, inviável fazer o cotejamento entre a AD e as cenas audiodescritas com o fim de verificar se houve algum desvio descritivo categórico ou alguma inferência descritiva categórica.

nos sentimentos e nas sensações do espectador desencadeados no momento da apreciação e programados pelo cineasta na concepção da obra.

A metodologia utilizada foi a de um estudo de caso exploratório, exploratório, descritivo, qualitativo, mas com um viés quantitativo também. O *corpus* foi composto pelo filme ‘Vermelho como o céu’ e o roteiro de AD do mesmo filme, produzido pela TV Aparecida. Para a categorização do *corpus*, o filme foi analisado com o intuito de reconstruir os efeitos nele programados. Isso foi feito a partir das informações na capa do DVD, no trailer, em relatos do diretor, da crítica e do público. O roteiro de AD foi analisado segundo as categorias do SA, até o segundo nível de delicadeza, por meio da Linguística de *Corpus*.

Quanto aos programas de efeito, a análise demonstrou que ‘Vermelho como o céu’ é “[...] um filme de drama que procura provocar na plateia efeitos de empatia, leveza, encantamento, doçura no coração, mas sem os exageros de um melodrama” (ARRAES, 2017, p.96). Os resultados relativos às ocorrências de avaliabilidade mostram que, no roteiro de AD do filme, há 47,4% de ‘atitude’ (‘afeto’ - 16,7% / ‘juízo’-0,7% / ‘apreciação’ 30%), 37,3% de ‘gradação’ (‘força’-34% / ‘foco’-3,3%) e 15,3% de ‘engajamento’ (‘monoglossia’-15,3% / ‘heteroglossia’-0%). No cotejo entre os tipos de efeitos programados e o padrão avaliativo do roteiro de AD, Arraes (2017) chegou à seguinte conclusão: “[...] os programas de efeitos no filme foram contemplados quanto às avaliações por ‘atitude’-‘afeto’, relacionadas principalmente às emoções dos personagens ” (p. 97), já para ‘atitude’-‘apreciação’ há palavras com campo lexical que se repete na análise.

Abud (2018), também em sua dissertação de mestrado, propôs-se a descrever – via SA até o segundo nível de delicadeza, contemplando as sub-redes de ‘atitude’, ‘engajamento’ e ‘gradação’ –, os tipos de avaliação presentes no *corpus*, o roteiro de AD da peça teatral infantil *Miralu e a Luneta Encantada*, e sua contribuição para a consolidação da construção da narrativa teatral. Metodologicamente, utilizou os procedimentos e instrumentos da Linguística de *Corpus*, que quantificaram as ocorrências avaliativas no roteiro por meio da ferramenta *Concord* do software *WordSmith Tools 6.0*. Foi encontrada ocorrência de 82,65% de ‘atitude’ (‘apreciação’- 30,63% / ‘afeto’-32,94% / ‘juízo’-19,07%), 4,04% de ‘engajamento’ (‘heteroglossia’-4,04% / ‘monoglossia’-0%) e 13,2% de ‘gradação’ (‘força’-13,29% / ‘foco’-0%). As avaliações mais recorrentes (‘atitude’-‘afeto’, ‘atitude’-‘apreciação’ e ‘atitude’-‘juízo’) foram as que contribuíram na construção da narrativa, “[...]por

meio da explicitação de informações sobre ações, figurino, cenário e iluminação” (ABUD, 2018, p. 6).

Na terceira etapa da agenda de pesquisa, sem o viés ‘estilo interpretativo’, as dissertações de Arraes (2017) e Abud (2018) contribuíram para reflexões a fim de agregar conhecimento novo aos Estudos Descritivos da Tradução/TAVa/AD de modo geral e, mais especificamente, aos estudos conduzidos pelo grupo LEAD, o que também é o propósito desta tese.

Encerradas as resenhas das pesquisas na interface AD/SA, na próxima subseção, discorro sobre a Tradução Audiovisual (TAV), Tradução Audiovisual Acessível (TAVa) e a Audiodescrição.

2.3 TRADUÇÃO AUDIOVISUAL ACESSÍVEL E AUDIODESCRIÇÃO

Os Estudos da Tradução são responsáveis por buscarem o entendimento das formas de se traduzir de uma língua para outra – tradução interlinguística – para que se estabeleça a comunicação entre indivíduos que dominam e aqueles que não dominam a língua do texto fonte. No entanto, traduzir é muito além do que passar de um idioma para outro como já se vem discutindo.

Jakobson, com sua taxonomia tripartite – tradução interlinguística, tradução intralinguística e tradução intersemiótica –, traz o signo verbal interpretado em três diferentes tipos de movimentos tradutórios. Para o primeiro, o signo é traduzido em outra língua: a tradução de um texto literário, por exemplo, de uma língua para outra. No segundo, a interpretação dos signos verbais ocorre por meio de outros signos da mesma língua: como exemplo, a legendagem para surdos e ensurdecidos de filmes e programas de TV de dado país para os surdos e ensurdecidos do mesmo país. O terceiro, e último, também chamado de transmutação, é a interpretação de signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais (JAKOBSON, 2000): a AD, uma modalidade da Tradução Audiovisual (TAV), é tradução intersemiótica.

O conceito mais abrangente de TAV parece ser de Inghilleri (2009, p.13):

A tradução audiovisual é o ramo dos estudos de tradução referente à transferência de textos **multimodais** e multimidiáticos para outra linguagem e/ou cultura. Textos audiovisuais são multimodais na medida em que sua produção e interpretação dependem do uso combinado de uma vasta gama de recursos ou ‘modos’ semióticos... Os principais modos de criação de significado em textos audiovisuais incluem a língua, a imagem, a música, a

cor e a perspectiva. Textos audiovisuais são **multimidiáticos** na medida em que essa panóplia de modos semióticos chega ao espectador através de várias mídias [...]”²⁰ (INGHILLERI, 2009, p. 13 grifos no original)

Nesse conceito, parece haver uma restrição à tradução ser relacionada a filmes como o único produto audiovisual a ser traduzido. Talvez pela proposta de Inghilleri (2009) em discutir os avanços tecnológicos ocorridos na tela fílmica e também por discutir aspectos da dublagem em seu artigo. Dessa forma, a proposta desta pesquisa para roteiros de AD de esculturas, como uma modalidade da TAV, poderia estar afastada do conceito de TAV para Inghilleri (2009), pois informa ser a AD um relato oral dos aspectos visuais de um filme para a construção do enredo, conceito este ampliado e será ainda tratado nesta subseção.

As nebulosidades nas taxonomias e terminologias sobre TAV foram refletidas e discutidas em Franco e Araújo (2011) a fim de uma sistematização para os estudos da área. As autoras citam essas mudanças com alterações baseadas também a partir do avanço da tecnologia. Nesse percurso de modificações, encontra-se Gambier, um dos precursores a incluir a tradução audiovisual em seus estudos, e naquele momento para o autor o termo Audiovisual é guarda-chuva para o cinema, o vídeo, a televisão incluindo também o rádio e se refere ao caráter multissemiótico da transmissão dos programas por esses veículos de comunicação. Apesar de citar diversas modalidades da TAV em artigos em que discutem a temática no início dos anos de 2000, Gambier centra em legendagem e/ou dublagem e cita a interpretação para TV em apenas em um dos artigos.

Para dar um norte nos estudos da TAV, Diaz-Cintas (2005, p. 4 *apud* FRANCO; ARAÚJO, 2011, p. 3, tradução das autoras) afirma:

Na sua acepção primária, a TAV foi usada para encapsular práticas de tradução diferentes usadas na mídia audiovisual — cinema, televisão, VHS — nas quais há a transferência de uma língua-fonte para uma língua-meta. A dublagem e a legendagem são as mais populares na profissão e as mais conhecidas pelo público, mas há também outras tais como voice-over, dublagem parcial, narração e interpretação. A tradução para o espetáculo ao vivo foi adicionada a essa taxonomia num estágio posterior e foi assim que a supralegendagem [surtitling] para a ópera e o teatro também foi incluída. A mudança de língua que acontece em todos esses casos foi um fator decisivo

²⁰ “Audiovisual translation is a branch of translation studies concerned with the transfer of multimodal and multimedial texts into another language and/or culture. Audiovisual texts are multimodal in as much as their production and interpretation relies on the combined deployment of a wide range of semiotic resources or ‘modes’ Major meaning making modes in audiovisual texts include language, image, music, colour and perspective. Audiovisual texts are multimedial in so far as this panoply of semiotic modes is delivered to the viewer through various media [...]” (Tradução do prof. Pedro Praxedes)

para nomear essas práticas como tradução. (DIAZ-CINTAS, 2005, p. 4 *apud* FRANCO; ARAÚJO, 2011, p. 3 tradução das autoras)

Diaz-Cintas (2005) esclarece pontos antes controversos sobre a TAV devido à limitação de se pensar tratar-se apenas de narrativas fílmicas, ou seja, houve um alargamento das possibilidades dos espaços de tradução e de modalidades que não eram reconhecidas no âmbito da TAV como a AD, apesar de ainda haver algumas ressalvas quanto a sua inserção como afirmam Franco e Araújo (2011).

A reflexão das pesquisadoras gerou um esclarecimento e uma sugestão de modalidades para a TAV, a saber: legendagem, subdividida em legendagem para ouvintes, legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE) e legendagem eletrônica (*surtitling*); e revocalização, subdividida em dublagem e voice-over; e a audiodescrição.

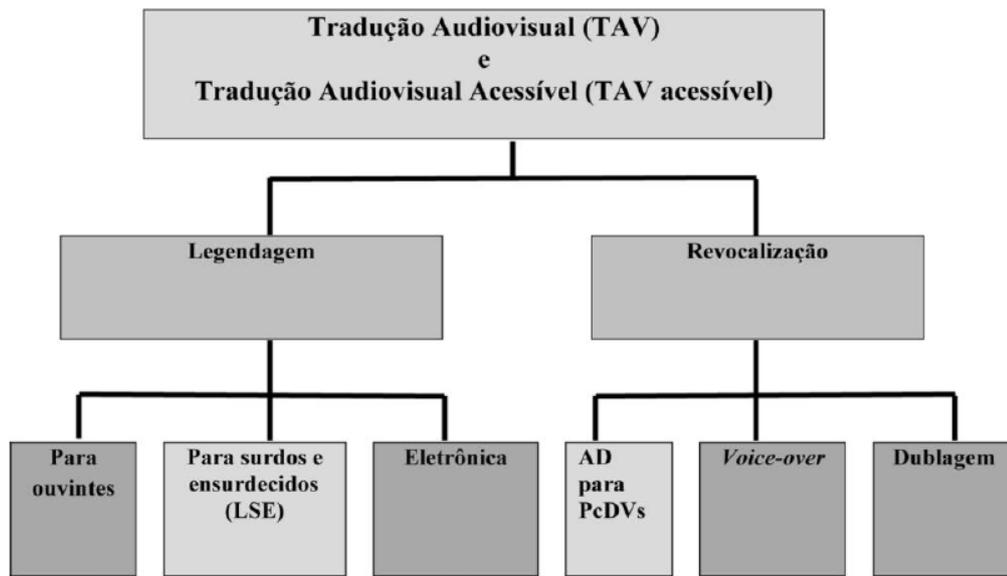
Aderaldo (2014) descreve a evolução da TAV até que se chegasse à Tradução Audiovisual Acessível (TAVa):

Primeiramente, a TAV incorporou os textos de base linguística, como a dublagem e a legendagem de filmes (para videntes) [sic]; posteriormente, incorporou a dublagem e a legendagem para pessoas com deficiência (TAV acessível) e, após a publicação pioneira de Gambier (2003), que introduziu a tradução da imagem para PcDVs (audiodescrição) entre as demais modalidades de TAV acessível (ADERALDO, 2014, p. 35-36).

Assim, a Tradução Audiovisual Acessível (TAVa) passa a compor os Estudos da Tradução e a AD se estabelece como uma modalidade da TAVa. A AD foi reconhecida como tradução intersemiótica graças aos preceitos de Jakobson (2000), como já dito, e objetiva levar as pessoas com necessidades visuais, cegas ou com baixa visão, a terem acesso ao contexto sócio-cultural das artes visuais e de linguagens técnicas como gráficos, tabelas etc.

Aderaldo (2014) finda por sistematizar a taxonomia de TAV na interface com a TAVa, como ilustrado na Figura 7:

Figura 7 – Modalidades de TAV e TAV acessível



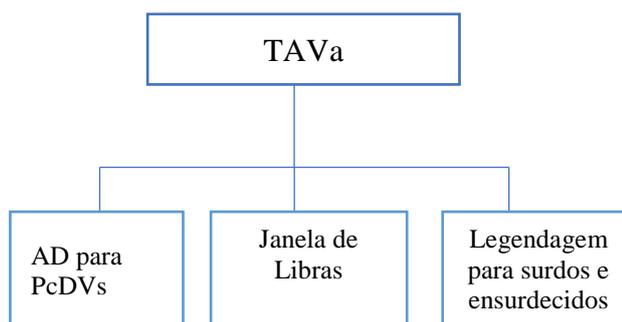
Fonte: Aderaldo (2014, p.37).

Aderaldo (2014) adapta a taxonomia de Franco e Araújo (2011) ao incluir a TAVa como parte da TAV conforme consta na Figura 7. Houve, contudo, a necessidade de incluir, para além da legendagem para surdos e ensurdecidos e a audiodescrição, a janela de interpretação de Línguas de Sinais²¹ – Janela de LIBRAS –, também como modalidade da TAVa por ser um recurso de acessibilidade e por ter sido incorporada à legislação por meio da Instrução Normativa nº 116, “de 18 de dezembro de 2014, da ANCINE [Agência Nacional de Cinema], que dispõe sobre as normas gerais e critérios básicos de acessibilidade a serem observados por projetos audiovisuais financiados com recursos públicos federais geridos pela ANCINE” (NAVES *et al.* 2016, p. 8).

A TAVa e suas modalidades estão representadas na Figura 8. Propus essa figura com o objetivo de realçar a TAVa. O realce é importante porque se trata de uma área disciplinar cujos estudos podem chegar a resultados que venham a ajudar na implementação e no cumprimento da Lei nº 13.146/15, a qual garante o direito de acessibilidade à cultura às pessoas com deficiência em igualdade de oportunidades com as demais pessoas:

²¹ “É o espaço destinado à tradução entre uma língua de sinais e outra língua oral ou entre duas línguas de sinais, feita por Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais (TILS), na qual o conteúdo de uma produção audiovisual é traduzido num quadro reservado, preferencialmente, no canto inferior direito da tela, exibido simultaneamente à programação” (NAVES *et al.*, 2016, p. 9).

Figura 8 – TAV acessível e suas modalidades



Fonte: Elaborada pela autora.

Dentre as modalidades da TAV/TAVa, a AD é o foco desta tese, tendo como objeto de pesquisa roteiros de AD de esculturas. A fim de traçar uma discussão acerca do conceito de AD, trago sua definição na perspectiva de vários pesquisadores.

Para Inghilleri (2009), a AD se restringe a traduzir em palavras as imagens de um único produto cultural – filmes –, o que deixa o conceito muito limitado e fecha as portas da acessibilidade a outros produtos culturais pelas PcDVs. Gambier (2003) afirma que a audiodescrição descreve o que está acontecendo na tela, ou seja, restringe a AD também a filmes como Inghilleri (2009).

O conceito se alarga em Franco e Silva (2010), ao incluírem no bojo da AD a tradução de imagens de variados materiais audiovisuais em palavras. Como exemplos de materiais incluídos, pode-se citar peças de teatro, espetáculos de dança, programas de TV, tornando-os acessíveis às PcDVs. Porém, mesmo as autoras tendo mencionado a inserção de outros materiais audiovisuais, o que resultou de sua discussão conceitual, não citaram, especificamente, a obra de arte e o evento esportivo, que passaram a estar presentes em Franco e Araújo (2011) por meio de citação a De Coster e Mülheis (2007). Diferentemente de Franco e Silva (2010), enquanto De Coster e Mülheis (2007) usam o termo ‘objeto’ para o que será traduzido em palavras, Franco e Araújo (2011) usam o termo ‘produto’.

Com o avançar das pesquisas em AD, o conceito precisa ser ampliado em relação ao que é traduzido em palavras dos aspectos visuais de diversas manifestações presentes na sociedade. A necessidade se dá pelo fato de os termos ‘objeto’ (DE COSTER; MÜLHEIS, 2007), produto (FRANCO; ARAÚJO, 2011) e ‘material’ audiovisual (FRANCO; SILVA, 2010) ainda limitados em abrangência frente à gama de possibilidades de textos visuais que podem ser compartilhados com quem

não apresenta o sentido da visão. Digo isso porque a pintura não é referida direta e explicitamente por nenhum dos autores aqui citados como também a escultura, o objeto de pesquisa desta tese, apesar de a obra de arte aparecer em Franco e Araújo (2011) e em De Coster e Mülheis (2007), mas sem dar conta das especificidades desse universo audiovisual.

Dessa forma, proponho para o conceito de AD a transmutação de imagens em palavras de qualquer produto audiovisual – pintura, escultura, monumento histórico, fotografia, programas de TV, filmes, peças de teatro, espetáculo de dança, evento esportivo, desfile de escola de samba, videoaulas, reisado, memes, charge, imagens em livro didático etc –, a fim de que as PcDVs possam ser conhecedoras do que é ofertado aos videntes na sociedade, tornando todos esses produtos audiovisuais acessíveis.

Como já dito, foram De Coster e Mülheis (2007) que inseriram, no âmbito acadêmico, as obras de arte como também passíveis de serem objetos da AD. Os autores foram convidados a desenvolver um trabalho envolvendo ADs de obras de arte estática em Museus da Bélgica. As obras acessíveis eram as disponibilizadas para experiência tátil pelas PcDVs. Contudo, as obras utilizadas com esse objetivo eram restritas, pois poucas permitiam esse tipo de acesso. Assim, De Coster e Mülheis (2007) defenderam a AD de todas as obras de arte do museu, o que garante sua conservação e a amplitude de possibilidades de acessibilidade às PcDVs desse tipo de produto audiovisual.

A orientação dos autores para a AD das obras de arte é de que seja feita uma tradução intersensorial e determinam critérios a serem seguidos: sinais claros e sinais ambivalentes devem ser identificados em cada obra. Os sinais claros são as informações visuais que podem ser expressas sem nenhuma dificuldade de entendimento. Já os sinais ambivalentes dependerão da interpretação do audiodescritor, o que o que corrobora os resultados da pesquisa de Praxedes Filho e Magalhães (2013a; 2015), que demonstrou a não neutralidade em roteiros de AD. A proposta de De Coster e Mülheis (2007) para a audiodescrição de uma obra de arte estática deve seguir os seguintes passos: 1) descrever descrição da estrutura geométrica, da estrutura espacial e das dimensões; 2) descrição dos sinais claros e 3) descrição dos sinais ambivalentes. Essa proposta foi de relevância para a TAVa porque ajudou a apontar caminhos para a AD de obras de arte estática de uma forma geral.

Também no segmento de obras de arte encontra-se Holland (2009) cuja proposta foi examinar se a AD de uma obra de arte deveria ou não adotar o viés interpretativo. A pesquisa foi conduzida metodologicamente como um estudo de caso de natureza descritiva e fez parte do projeto *Talking Images*, produzido pelas instituições *Vocaley*, *Por Extenso Aqui (RNIB)* e *English Heritage* em 2002. O propósito foi abrir as galerias de arte para o público de PcDVs. A obra escolhida foi o quadro do artista abstracionista *Ben Nicholson* intitulado *Ramparts*, um óleo sobre placa entalhada de 1968. Foram feitas duas versões de AD: uma descrevia as formas do quadro diretamente e o mais livre possível de interpretações; a outra fez uso de interpretação como a descrição das cores pelas qualidades táteis ao dizer que há áreas brancas prateadas.

Ao realizar uma pesquisa de recepção com as PcDVs, Holland (2009) percebeu que a segunda AD teve um caráter de maior entendimento por terem sido usadas descrições táteis no roteiro, tendo sido mais interpretativa. Ao contrário da segunda, a primeira centrou a descrição nas formas, tendo sido menos interpretativa. O autor chega à conclusão da fundamental importância da interpretação na compreensão da arte via AD. Dessa forma, deve-se ir além da descrição dos elementos alcançados pelo que se vê.

As propostas de De Coster e Mülheis (2007) e Holland (2009) se completam uma à outra quando os autores afirmam que, para uma PcDV apreciar uma obra de arte, só a descrição “literal” não é suficiente. É necessário que a AD contenha aspectos interpretativos para que aconteça a construção da imagem na mente da PcDV; contudo, os autores não apresentaram a fronteira do que pode ou não ser interpretado, ou seja, não foram propostos parâmetros descritivos que ajudassem na produção do roteiro de AD de obras de arte.

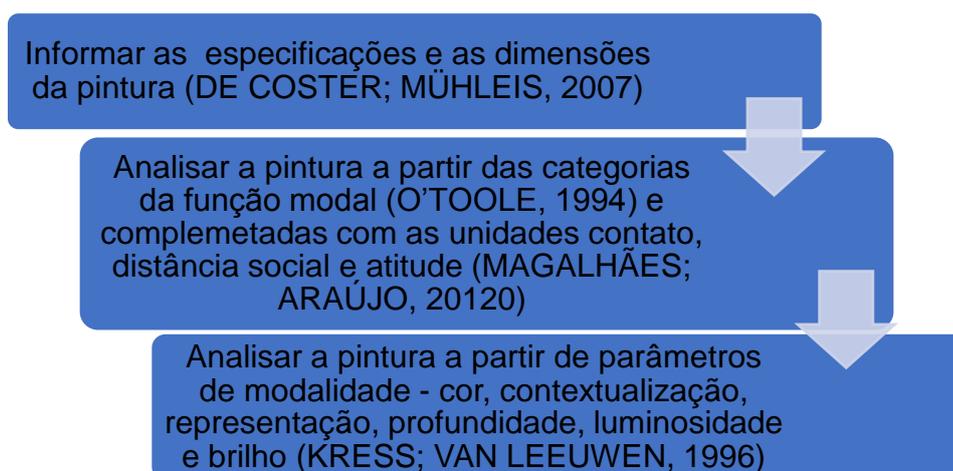
Nenhuma das duas propostas apresentou uma metodologia que auxiliasse o audiodescritor a produzir roteiro de AD de obra de arte seja interpretativo ou não, mas ajudaram na reflexão das pesquisadoras Magalhães e Araújo (2012), que, ao apontarem essa lacuna, propuseram uma metodologia de elaboração de roteiro de AD para imagem artística estática bidimensional na perspectiva da semiótica social e dos estudos em multimodalidade. Vale ressaltar que as pesquisas até então estavam concentradas em narrativas fílmicas. A pesquisa estava ancorada no projeto *Elaboração de um modelo de audiodescrição para cegos a partir de subsídios dos estudos de multimodalidade, semiótica social e estudos da tradução*, o qual foi

elaborado no escopo do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica – Procad 008/2007, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PosLin) da Faculdade de Letras (FALE) da UFMG e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) do Centro de Humanidades (CH) da Uece e sob a coordenação da Dra. Célia Maria Magalhães e da Dra. Vera Lúcia Santiago Araújo.

As autoras partem da proposta de tradução intersensorial de De Coster e Mülheis (2007) e Holland (2009) – modelos descritivos com viés interpretativo –, do modelo sistêmico funcional de O’Toole (1994) – por meio da função Modal aplicada no que diz respeito às escolhas conscientes e não conscientes no tocante a quem a obra se dirige –, e do modelo de Kress e van Leeuwen (1996) – por meio da função Interacional, incluindo o sistema modalidade. Magalhães e Araújo (2012) justificam a escolha dos três modelos por não haver incompatibilidades teóricas entre eles e, sim, complementação. O objetivo das pesquisadoras, como já mencionado, foi de sugerir um caminho para os audiodescritores elaborarem seus roteiros de AD de imagens artísticas bidimensionais a partir dessa interface.

As autoras sugerem um percurso metodológico para elaboração de roteiros de AD de pinturas, a serem usados em audioguias em museus. O percurso é apresentado na Figura 8.

Figura 9 – Proposta metodológica de Magalhães e Araújo (2012)



Fonte: Elaborada pela autora.

Magalhães e Araújo (2012) aplicaram essa sugestão metodológica na elaboração do roteiro de AD da obra de Diego Velazquez, “Las Meninas”. Contudo,

deixaram uma lacuna pelo fato de terem usado “procedimentos metodológicos cujos subsídios seriam a função/significado representacional e a função/ significado composicional” (MAGALHÃES; ARAÚJO, 2012, p. 52).

A partir da lacuna deixada pelas pesquisadoras, Oliveira Junior (2011) propõe, em sua dissertação de mestrado, a inserção de PcDVs em museus de arte, mais especificamente em relação a pinturas. Teve como objetivo “a elaboração de roteiros de AD de quatro obras de arte bidimensionais do artista cearense Aldemir Martins” (OLIVEIRA JUNIOR, 2011, p. 16), fazendo uso da mesma interface teórica de Magalhães e Araújo (2012)²². Apesar de não ter sido uma pesquisa de recepção, pois esse não foi o objetivo, o pesquisador afirma que os roteiros de AD produzidos e analisados são importantes para o cenário da inclusão do público de PcDVs em espaços museológicos.

Araújo e Oliveira Junior (2013) restringem a proposta de Oliveira Junior (2011) a duas obras do artista cearense Aldemir Martins intituladas ‘Cangaceiro’, cada uma datada de 1977/1978 e 1979, respectivamente. Os pesquisadores utilizam a mesma proposta teórica de Magalhães e Araújo (2012) e Oliveira Junior (2011); contudo, ainda deixam uma lacuna pelo fato de que ainda há a necessidade de ajustes no modelo apesar de ele dar conta da audiodescrição de uma obra de arte por um audiodescritor novato caso tenha conhecimento do gênero.

O modelo de Magalhães e Araújo (2011) deixou lacuna que Oliveira Junior (2011) tentou completar, porém não foi contemplada. Ao final da pesquisa, Araújo e Oliveira Junior (2013) ainda deixaram lacuna, que foi tentada solucionar por Aderaldo (2014).

Aderaldo (2014, p. 20) traz como objetivo geral “desenvolver uma proposta de parâmetros descritivos de textos artísticos bidimensionais à luz da interface da tradução audiovisual acessível e a semiótica social multimodal”. Segue, apenas parcialmente as propostas de Magalhães e Araújo (2012) e Oliveira Junior (2011), ao optar em usar somente o modelo de O’Toole (1994, 2011), deixando de fora a multimodalidade de Kress e van Leeuwen (1996) visto que a proposta de O’Toole (1994, 2011) se mostrava mais adequada ao que se propunha.

O *corpus* foi composto de dois roteiros de AD de pinturas artísticas retirados da Revista Brasileira de Tradução Visual. Teve como aparato teórico os aspectos

²² Para esclarecimento sobre as datas, a pesquisa de Magalhães e Araújo (2012) foi realizada antes da defesa da dissertação de Oliveira Junior (2011); porém, a publicação veio depois.

sobre TAVa/AD “propostos por De Coster e Mühleis (2007) e Holland (2009), conforme fora iniciado por Magalhães e Araújo (2012) e Oliveira Junior. (2011)” (ADERALDO, 2014, p. 107). Foi também parte do aparato teórico o modelo semiótico sistêmico-funcional de O’Toole, em suas duas edições de 1994 e 2011, de leitura de pinturas pelo público vidente para instrumentalizá-lo para a fruição delas em museus e em galerias.

A autora ampliou o modelo semiótico sistêmico-funcional o’tooleano, incluindo categorias de análise próprias, níveis de delicadeza, tendo em vista a descrição de pinturas artísticas com objetivo de atingir três diferentes públicos: os audiodescritores, o público de PcDVs e consultores que sejam PcDVs.

Seguindo a agenda de pesquisa sobre TAVa/AD do grupo LEAD, Nunes (2016) dá prosseguimento, com a mesma sustentação teórica, às pesquisas de Magalhães e Araújo (2012), de Oliveira Junior (2011), de Araújo e Oliveira Junior (2013) e de Aderaldo (2014), ao propor caminhos metodológicos que possam vir a nortear a elaboração de audiodescrições de obras de arte bidimensionais de dois quadros do pintor holandês Pieter Bruegel (c. 1525-1569), intitulados: Caçadores na Neve (1565) e Os Ceifadores (1565).

A proposta da pesquisa de Nunes (2016) foi ousada ao propor uma metodologia de dupla dimensão. Inicialmente, a pesquisadora utiliza a dimensão descritivo-exploratória para analisar as pinturas e elaborar os roteiros de AD a partir da proposta de O’Toole (2011) e dos subsídios da tradução audiovisual com base em De Coster e Mühleis (2007) e Holland (2009). Em seguida, os roteiros de audiodescrição são submetidos a PcDVs – pesquisa de recepção –, o que se caracteriza como a dimensão de campo da pesquisa.

A pesquisa de recepção foi aplicada em duas etapas: a primeira etapa, com dois participantes – um com cegueira adquirida e o outro com cegueira congênita –, e a segunda, com cinco participantes com critérios mais homogêneos: todos com cegueira adquirida. Os roteiros de AD sofreram modificações após a aplicação na primeira etapa a partir dos resultados obtidos com os dois participantes. As novas versões dos roteiros de AD foram aplicadas aos participantes da segunda etapa.

Para a coleta de dados, foram obedecidos os seguintes passos: leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aplicação do questionário pré-coleta, apresentação de cada quadro através da audiodescrição, relato livre e relato guiado sobre a leitura dos quadros a partir das ADs. Estes passos foram seguidos

individualmente com por cada participante. Nunes (2016) registrou todas as respostas dos participantes em vídeo e transcreveu os dados para a análise.

Os dados foram analisados a partir dos protocolos de pesquisa com base na sustentação teórica sobre AD de De Coster e Mühleis (2007) e Holland (2009) e no modelo de análise de obra de arte de O'Toole (2011), contemplando as funções Representacional, Modal e Composicional desempenhadas por obras de arte e por ele propostas.

Nunes (2016) constatou que, nas duas etapas da pesquisa de recepção, as escolhas efetuadas no processo de AD dos quadros, com base na análise semiótica e no princípio da descrição acessível, adequaram-se às respostas dos participantes, os quais pareciam “ver” os quadros ao ter reações/respostas parecidas com as de videntes apreciando a obra de arte. Isso comprova a eficácia da base teórica, modelo semiótico de O'Toole (2011) e dos subsídios da tradução audiovisual com base em De Coster e Mühleis (2007) e Holland (2009), e se mostra como um caminho a ser trilhado por audiodescritores na AD de obras de arte bidimensionais.

Dentre os caminhos apontados para futuras pesquisas, Nunes (2016) ressalta a importância de dar prosseguimento a experiências que levem as PcDVs ao mundo da arte visual de objetos bidimensionais usando a AD como meio de interação. Isso comprova a importância da AD ao ser responsável em “abrir” a janela do que antes era obscuro às PcDVs.

2.4 RESUMO

Finalizo esta seção retomando os aspectos teórico-metodológicos que alicerçam esta pesquisa na interface LSF/SA e os Estudos Descritivos da Tradução/TAVa/AD, com enfoque na AD como modalidade de TAVa. A discussão partiu dos preceitos da LSF que são basilares para o entendimento do SA.

Dentre os preceitos da LSF, apresentei o conceito de língua como fenômeno social ao focar no uso, de ‘sistêmico’ e ‘funcional’ (PRAXEDES FILHO, 2014) de estratificação e de metafunções como universais linguísticos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). A partir disso, mostrei que o SA (MARTIN; WHITE, 2005) encontra-se no estrato de semântica e, nele, na metafunção interpessoal.

Portanto, o SA trata de significados avaliativos a partir dos valores culturais, ideologias, conceitos e pré-conceitos etc. circulantes em dada sociedade, permitindo,

assim, que a língua funcione como viabilizadora da construção das identidades dos interlocutores. É composto, na verdade, por vários sistemas interconectados, formando, assim, uma rede de sistemas (língua como escolhas em sistemas). Quanto aos sistemas da rede de sistemas de avaliatividade, são feitas escolhas regionalizadas em três domínios interpessoais que compõem três sub-redes: 'atitude', 'engajamento' e 'gradação'.

Em seguida, resenhei pesquisas brasileiras descrevendo diferentes tipos de texto sob o viés do SA. As pesquisas se concentram apenas em uma ou duas das sub-redes – 'atitude', 'engajamento' ou 'gradação' –, diferentemente da minha proposta para esta tese, que contempla as três sub-redes, mas até o segundo nível de delicadeza. Também resenhei pesquisas que versam sobre a interface AD/LSF-SA, o foco desta tese. Como já indiquei, os resultados das pesquisas resenhadas contribuíram para a discussão dos resultados aos quais cheguei.

Antes deste resumo, a seção é concluída com uma discussão sobre os Estudos da Tradução no tocante à TAV e TAVa e suas modalidades, com foco na AD. Em seu percurso cronológico, a TAV foi inicialmente definida como tradução de textos multimodais direcionada apenas ao produto cultural fílmico (INGHILLERI, 2009). Em momento posterior, sua definição foi alargada de modo que passou a incluir outros produtos culturais. Franco e Araújo (2011) refletem sobre a nebulosidade nas taxonomias e terminologias sobre TAV e propõem uma sistematização das diferentes modalidades.

A AD é discutida em pesquisas internacionais e nacionais. As pesquisadoras Magalhães e Araújo (2012) propõem uma metodologia para a elaboração de roteiros de AD de pinturas com base na interface entre a tradução intersensorial de De Coster e Mülheis (2007) e Holland (2009), e os modelos sistêmico-funcionais de O'Toole (1994) e Kress e van Leeuwen (1996).

Na seção seguinte, apresento a proposta metodológica de como textos que instanciam o registro 'roteiro de AD' de esculturas serão descritos para se chegar aos tipos de avaliação neles contidos sob a perspectiva pragmático-funcionalista do SA/LSF.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Nesta seção, descrevo todos os aspectos que viabilizaram a consecução dos objetivos e o respondimento às questões de pesquisa. Está dividida em três subseções principais, a saber: 3.1 Contextualização da pesquisa, onde trato da filiação do estudo; 3.2 *Corpus* e perfil dos audiodescritores, onde trago informações acerca do *corpus* e do perfil de quem audiodescreveu as esculturas do Museu Sacro São José de Ribamar; e 3.3 Procedimento de análise dos dados, onde explico o processo de tratamento e análise dos dados para para chegar ao tipo de avaliação contida em roteiros de audiodescrição de esculturas sacras sob a perspectiva pragmático-funcionalista do SALSF, o objetivo geral desta pesquisa. Há ainda uma quarta subseção na qual sistematizo todas as informações concernentes ao percurso metodológico.

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E TIPO DA PESQUISA

Como já indicado na seção introdutória, a pesquisa ora relatada filia-se ao projeto de pesquisa do professor Dr. Pedro Henrique Lima Praxedes Filho, intitulado 'Características avaliativas de roteiros de audiodescrição: um estudo descritivo', o qual, por sua vez, se filia ao projeto 'A locução na audiodescrição para pessoas com deficiência visual: uma proposta para a formação de audiodescritores' (LOAD), cuja coordenação foi da professora Dra. Vera Lúcia Santiago de Araújo. O LOAD tem dois aspectos: o primeiro diz respeito à identificação dos aspectos segmentais e suprasegmentais da locução em AD de filmes (CARVALHO; MAGALHÃES; ARAÚJO, 2013; PALMEIRA; ARAÚJO; CARVALHO, 2016; PALMEIRA; CARVALHO, 2017) e o segundo refere-se a como os diferentes tipos de avaliação presentes em roteiros de AD de filmes podem informar a questão da modulação de voz em locução em AD. Os tipos de avaliação são identificados por meio de análise via SA. É pelo viés do uso do SA para a descrição dos tipos de avaliação que minha pesquisa está inserida no LOAD, com a finalidade de expandir os achados quanto à locução em AD de filmes para a locução em AD de esculturas. Por conseguinte, minha pesquisa é também contemplada pelo Parecer Consubstanciado Nº 474.075, emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UECE.

Atualmente, a agenda de pesquisa do LEAD, que faz uso da interface AD-SA/LSF, está em sua terceira fase. Partiu da comprovação empírica da inexistência de neutralidade com os estudos de Praxedes Filho e Magalhães (2013a; 2015; 2018), dentre outros, e seguiu para a descrição da avaliação da perspectiva do estilo interpretativo (assinatura avaliativa do audiodescritor e estilo avaliativo do roteiro de AD) com os estudos de Oliveira Junior, (2016), Ramalho Junior (2016) e Lima (2016). Como já informado anteriormente, apesar de relevantes, esses estudos não se mostraram produtivas para a teorização sobre AD. A fase agora diz respeito às características avaliativas/interpretativas de roteiros de AD sem o viés do estilo interpretativo, o que foi iniciado pelos estudos de Arraes (2017), que descreveu um roteiro de AD de filme, e Abud (2018), que descreveu um roteiro de AD de peça teatral infantil. A pesquisa ora relatada é a primeira, na terceira fase, a descrever roteiros de AD de esculturas. Vale lembrar que roteiros de AD de esculturas não foram descritos nem na primeira nem na segunda fase.

Quanto à tipologia, trata-se de estudo de caso de natureza descritiva. Além do mais, é uma pesquisa baseada em *corpus*, com etiquetagem manual e dados processados pelo *Word Smith Tools 6.0*.

3.2 CORPUS E PERFIL DOS AUDIODESCRITORES

O *corpus* é composto por roteiros de AD de esculturas sacras que fazem parte da exposição permanente 'A História do Ceará na Arte Sacra' no Museu Sacro São José de Ribamar (MSSJR)²³, localizado no Centro de Aquiraz/CE, município da zona leste da região metropolitana de Fortaleza. Esta exposição teve um projeto museológico-museográfico elaborado em 2001; porém, não foi executado à época devido à falta de recursos financeiros. Foram entregues ao público apenas dois módulos por ocasião da reinauguração do museu em 2010. A Figura 10 mostra a fachada do museu.

²³ As informações acerca da exposição 'A História do Ceará na Arte Sacra' e do MSSJR foram compiladas do catálogo Museu Sacro São José de Ribamar (LIMA; HOLANDA, 2012).

Figura 10 – Fachada do Museu Sacro São José de Ribamar



Fonte: <<http://www.secult.ce.gov.br/index.php/equipamentos-culturais/museu-sacro-sao-jose-de-ribamar>>.

O MSSJR²⁴, primeiro museu sacro do Ceará, foi inaugurado em 27 de setembro de 1967 na antiga sede da Casa de Câmara e Cadeia, uma edificação do século XVIII, e está vinculado à Secretaria de Cultura do Estado do Ceará. O prédio passou por uma reforma de restauro por completo entre 2009/2010, período em que ficou fechado ao público. O edifício foi climatizado, recebeu um sistema de segurança eletrônica, banheiros acessíveis e uma plataforma de acessibilidade para o andar superior. As obras que lá se encontram foram advindas de várias paróquias do estado, tendo sido produzidas em diferentes épocas e representado uma diversidade de objetos religiosos que nos remetem ao estilo barroco cearense.

Em 2014, a exposição 'A História do Ceará na Arte Sacra' foi aberta ao público para visitação, com um importante acervo sacro considerado um dos mais importantes do Nordeste. As peças que lá constam são imagens de santos e de santas, objetos de procissão, oratórios, missais, paramentos litúrgicos dentre outras relíquias oriundas de épocas diferentes do nosso estado. A exposição passou a oferecer acessibilidade sensorial para PcDVs por meio de AD, réplicas que podem ser tocadas, informações em Braille e maquetes táteis.

²⁴ O endereço eletrônico a seguir leva a uma visita virtual do MSSJR: <<https://www.youtube.com/watch?v=-ZXRdknjc9M>>.

O *corpus* desta pesquisa foi compilado a partir dos roteiros de audiodescrição²⁵ elaborados para os objetos da exposição 'A História do Ceará na Arte Sacra'. Meu objeto de pesquisa contempla apenas a escultura, obra de arte tridimensional, mas, como a exposição abrange muitos objetos de diferentes tipos, foi necessário selecionar o que era de interesse. Como os roteiros de AD estavam em docx do *Microsoft Word*, utilizei a ferramenta SELECIONAR e a busca mostrou 22 roteiros de audiodescrição²⁶ de esculturas com um total de 2.421 palavras, sendo esse o *corpus*. As esculturas audiodescritas são intituladas com o nome do(a) próprio(a) santo/santa que é audiodescrito(a), com exceção da escultura cujo roteiro é AD 1 (AD 1²⁷). Nesse caso, a escultura foi nomeada por mim.

No Quadro 6, consta a sequência dos roteiros de audiodescrição, numerados de 1 a 22, e o título da escultura respectiva.

²⁵ Todos os roteiros de AD da exposição 'A História do Ceará na Arte Sacra' constam no Anexo A desta tese.

²⁶ Os roteiros de AD que compõem o *corpus* da pesquisa relatada nesta tese juntamente com as fotografias das respectivas esculturas estão no Anexo B.

²⁷ A sigla para roteiro de audiodescrição a partir desta subseção fica convencionada como AD e a numeração indica o número de ordem da escultura. AD 1, então, significa roteiro de AD da primeira escultura.

Quadro 6 – Roteiros de AD e os respectivos títulos das esculturas

| Roteiro de AD | Título da escultura |
|----------------------|---|
| AD 1 | CORDEIRO BRANCO |
| AD 2 | SÃO JOSÉ |
| AD 3 | SÃO JOSÉ DE BOTAS |
| AD 4 | SÃO MIGUEL ARCANJO |
| AD 5 | SANTO ANTÔNIO |
| AD 6 | NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO |
| AD 7 | SÃO BENEDITO |
| AD 8 | NOSSA SENHORA DAS MERCÊS |
| AD 9 | NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO |
| AD 10 | SÃO JOSÉ DE BOTAS COM O MENINO JESUS |
| AD 11 | NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO |
| AD 12 | SANTANA MESTRA |
| AD 13 | ANDOR DE SÃO SEBASTIÃO |
| AD 14 | IMAGEM DE ROCA DE SENHOR DOS PASSOS |
| AD 15 | SANTA LUZIA |
| AD 16 | SÃO FRANCISCO DE PAULA |
| AD 17 | SÃO FRANCISCO XAVIER |
| AD 18 | NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO |
| AD 19 | SÃO BRAZ |
| AD 20 | SÃO FRANCISCO DE ASSIS |
| AD 21 | SÃO MIGUEL ARCANJO |
| AD 22 | SÃO LUIZ GONZAGA |

Fonte: Elaborado pela autora.

As siglas AD 1 a AD 22, no Quadro 6, serão usadas para a identificação dos roteiros de audiodescrição e respectivas esculturas na próxima seção, Resultados e Discussão. Essa identificação guiará a apresentação dos resultados da análise dos dados e sua discussão.

Conforme nota de rodapé 25, as fotografias das esculturas sacras que foram audiodescritas encontram-se no anexo B, acompanhadas dos roteiros de AD. Porém, adianto sua apresentação no Quadro 7 a fim de que já seja possível o cotejamento entre elas e seus títulos, tais como aparecem no Quadro 6.

Quadro 7 – Fotografias das esculturas sacras audiodescritas



Fonte: Elaborado pela autora.



AD22

Quanto à discussão dos resultados, ela pode ser informada, para além dos resultados das pesquisas resenhadas, por informações sobre quem produziu os roteiros de audiodescrição. Isso justifica o fato de eu ter conduzido uma entrevista com os dois audiodescritores.

A coleta das informações para o perfil dos audiodescritores se deu via entrevista. Após a escolha do *corpus* por ocasião do exame de qualificação do projeto da pesquisa aqui relatada, foi feito, inicialmente, um contato via telefone com um dos produtores dos roteiros das ADs do MSSJR a fim de solicitar a liberação das ADs. Atendida a solicitação, um roteiro de perguntas foi elaborado e a entrevista feita com ambos os audiodescritores juntos. As perguntas se encontram no Quadro 2. Transcrevi as respostas²⁸ e fiz uma síntese das informações colhidas, que segue logo abaixo do Quadro 8, que contém o roteiro.

Quadro 8 – Roteiro de perguntas para a entrevista com os audiodescritores

| |
|---|
| 1. Nome Completo. Sexo / idade. Formação acadêmica. Religião |
| 2. Consideram-se audiodescritores profissionais? |
| 3. Se sim como se deu o processo de profissionalização? Quando começaram a fazer AD como profissionais? |
| 4. Vocês já começaram trabalhando juntos na elaboração de roteiros de AD? Ou não? |
| 5. Qual é a sistemática de trabalho em termos logísticos? Ambos elaboram e revisam? |
| 6. Um elabora e o outro revisa? |
| 7. O que elabora e o que revisa é sempre o mesmo? Ou se alternam? |
| 8. Quem assina cada AD? |
| 9. Quando começaram a fazer AD como profissionais, vocês se pautavam pelo parâmetro da neutralidade do texto do roteiro? |
| 10. No trabalho atual de vocês, ainda levam em consideração o parâmetro da neutralidade? Se não, sabem dizer, mesmo que só aproximadamente, quando decidiram abandonar o parâmetro da neutralidade? Por que a decisão de abandonar? |
| 11. Para quais objetos culturais vocês já fizeram roteiros de AD? |

²⁸ A transcrição das respostas dadas pelos audiodescritores se encontra no Apêndice A.

| |
|--|
| 12. Como se dá o trabalho para a elaboração dos roteiros de AD produzidos por vocês em termos teóricos e metodológicos? |
| 13. Por favor, façam um resumo da carreira de audiodescritores em termos do que já realizaram do início até hoje. |
| 14. Vocês usam algum parâmetro para AD de esculturas? Qual? Ou é intuitivo? |
| 15. Quanto tempo de experiência vocês têm em AD de esculturas? |
| 16. E como foi o trabalho no Museu Sacro São José de Ribamar em Aquiraz? (Quanto tempo? Como se deu a elaboração dos roteiros das ADs das esculturas? Houve reuniões com o curador? Como? E mais outros detalhes que foram importantes para a produção do trabalho.) |
| 17. No trabalho do Museu, o parâmetro da neutralidade foi usado? Por quê? |
| 18. Para finalizar, em que ano vocês realizaram o trabalho do Museu? |

Fonte: Elaborado pela autora.

Os roteiros de audiodescrição das esculturas presentes na exposição permanente do MSSJR foram produzidos por duas pessoas – uma do sexo masculino (audiodescritor 1) e outra do feminino (audiodescritor 2) –, com formação acadêmica distinta: ela é graduada em Letras/Português, mestre e doutoranda em Linguística Aplicada; ele é graduado em Administração com habilitação em Marketing, especialização em Gestão Pública, mestre em Linguística Aplicada e doutor em Educação. Ambos são católicos com idade acima de 30 anos. Consideram-se audiodescritores profissionais. O primeiro contato do audiodescritor 2 com a AD foi na graduação em uma disciplina ministrada pela profa. Dra. Vera Lúcia Santiago Araújo na UECE; veio o LEAD e lá foi a primeira bolsista de iniciação científica em AD. Em seguida, veio o mestrado, período em que as leis relativas ao Plano Viver Sem Limites²⁹ fomentaram o mercado e, juntamente com seu parceiro, foram dando conta do mercado no Ceará e se profissionalizando a partir das discussões no grupo LEAD.

Já o primeiro contato do audiodescritor 1 com a AD foi em um seminário ofertado pelo LEAD e conduzido também pela profa. Dra. Vera Lúcia Santiago Araújo. A partir desse contato, o encanto por esse recurso de acessibilidade surgiu, o que o fez levar a discussão sobre a temática para o curso de Artes Cênicas do qual era aluno à época. Esse diálogo entre teatro e AD resultou na montagem do primeiro espetáculo teatral no Ceará com AD, que foi seu trabalho de conclusão de curso com AD. Em seguida, vieram, para ambos, o mestrado e muitos eventos acadêmicos e profissionais, o que foi gerando expertise na área. Foi quando ambos iniciaram formação em AD aqui no Ceará e em outros estados também. A experiência

²⁹ Para conhecer o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – Viver Sem Limites –, acesse: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/viver-sem-limite>>.

acumulada resultou no projeto de doutorado do audiodescritor 1, que foi em formação de audiodescritores.

A elaboração dos roteiros de AD acontece com os dois audiodescritores juntos, dividindo o trabalho e ressaltando que o ideal é sempre fazerem o trabalho em equipe, com um elaborando e o outro revisando, levando em conta as observações feitas por um consultor que seja uma PcDV. Em termos teóricos e metodológicos, os audiodescritores usam os parâmetros de AD para filmes e peças de teatro, objetos culturais mais trabalhados por eles, a partir das discussões no LEAD. Para a elaboração do roteiro, os audiodescritores assistem ao filme ou à peça de teatro e analisam as imagens. Nos trabalhos de AD de artes plásticas, os audiodescritores visitam a exposição quando possível, fotografando as obras, ou solicitam as fotografias das obras à produção do evento e fazem pesquisa em outros materiais recebidos da curadoria. As descrições são elaboradas e revisadas pelos audiodescritores e convencionaram que a duração da descrição de pinturas e esculturas deve ser de 1 a 2 minutos de áudio gravado³⁰.

No início dos trabalhos profissionais dos audiodescritores, o parâmetro da neutralidade foi seguido. Porém, com a participação nas pesquisas do LEAD e com o *feedback* dado por PcDVs, eles perceberam indícios de que a neutralidade não se aplicava. Sendo assim, concluíram que é impossível ser neutro, o que os fizeram abandonar o parâmetro da neutralidade. Vários fatores levaram a essa conclusão: a convivência com o público-alvo da AD, o envolvimento com os projetos sobre a causa da acessibilidade e a pesquisa de Praxedes Filho e Magalhães (2013a; 2015). Dessa forma, os roteiros de AD por eles elaborados desde o trabalho no MSSJR não seguem o parâmetro da neutralidade, mas seguem parâmetros adaptados de pesquisas.

Os audiodescritores têm uma vasta experiência tanto em consultoria quanto na produção de roteiros de AD de vários objetos culturais além de desenvolverem pesquisa acadêmica em AD, o que comprova tanto a expertise profissional como a aplicação do que vem sendo discutido nas pesquisas de uma forma geral. Porém, a experiência deles não é tão vasta em esculturas como é em filmes e peças de teatro.

Após terem aceitado o convite para elaborarem os roteiros de AD das obras expostas no MSSJR, fizeram uma visita técnica ao acervo e ao espaço e tiveram uma

³⁰ Os audiodescritores não justificaram o porquê da convenção do tempo de duração da locução da AD ser de 1 a 2 minutos.

reunião com a curadoria e a gestão do museu. Acertados os detalhes, os audiodescritores receberam um catálogo com as informações sobre o museu e pesquisaram sobre o acervo. O trabalho foi dividido e iniciaram as descrições. O projeto inicial de organização e acessibilidade do museu contava com consultoria de uma PcDV; porém, esta nunca esteve presente para interação com os audiodescritores na produção dos roteiros. Contudo, essa PcDV ouviu o produto final e não fez nenhum comentário negativo. Eles utilizaram os parâmetros de Oliveira Junior (2011) e Aderaldo (2014)³¹ para pinturas na elaboração dos roteiros de AD das esculturas. O trabalho foi realizado no período de dois meses em 2014.

3.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

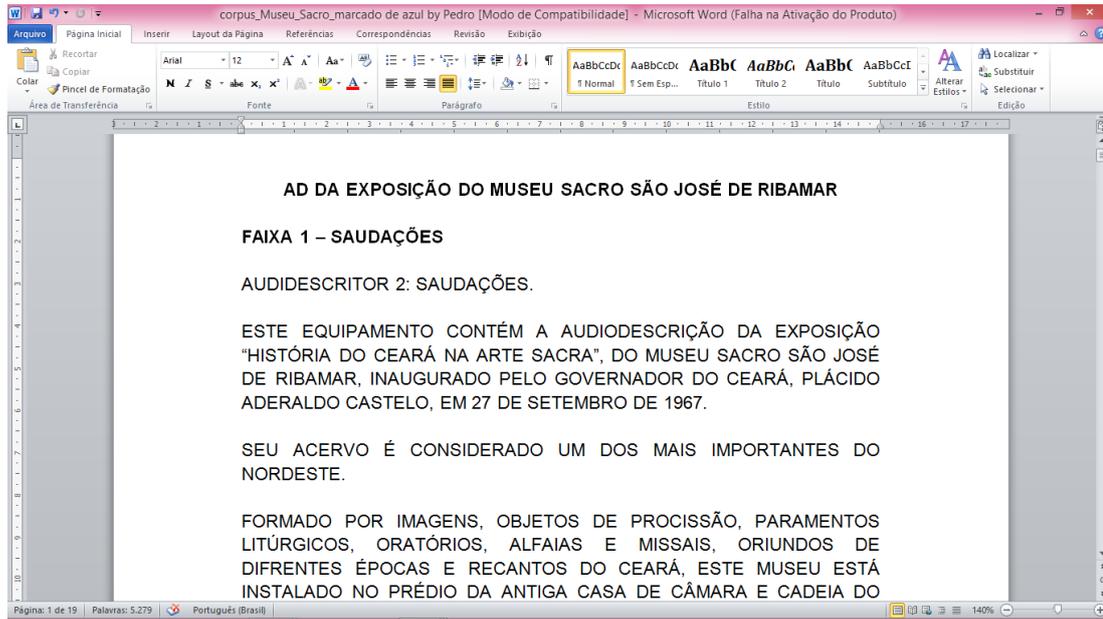
A fonte do *corpus*, o roteiro de AD de toda a exposição permanente do MSSJR, foi recebido a partir de um encontro com o audiodescritor 2. Nesse encontro, foi-me entregue o catálogo da exposição recebido pelos audiodescritores na reunião em que a gestão e a curadoria explicaram o objetivo de tornarem o museu acessível a PcDVs. Do roteiro inteiro, extraí os roteiros das ADs das 22 esculturas expostas, o que resultou no *corpus*³². A extração foi feita tal como descrita na Subseção 3.2.

Na Figura 11, vê-se parte do roteiro de AD completo por meio da interface do *Microsoft Word*.

³¹ Como informado na Subseção 2.2, os parâmetros de Oliveira Junior (2011) se baseiam em De Coster e Mülheis (2007), Holland (2009) e no modelo sistêmico funcional de O'Toole (1994). Os parâmetros de Aderaldo (2014) se baseiam na interface entre a tradução audiovisual acessível e a semiótica social multimodal por meio de O'Toole (1994, 2011), que propõe um modelo de leitura/interpretação de obras artísticas bi e tridimensionais para ouvintes.

³² O roteiro tal como foi recebido, com a AD de toda a exposição, e os roteiros que compõem o *corpus* com as fotografias das esculturas audiodescritas estão nos Anexos A e B, respectivamente.

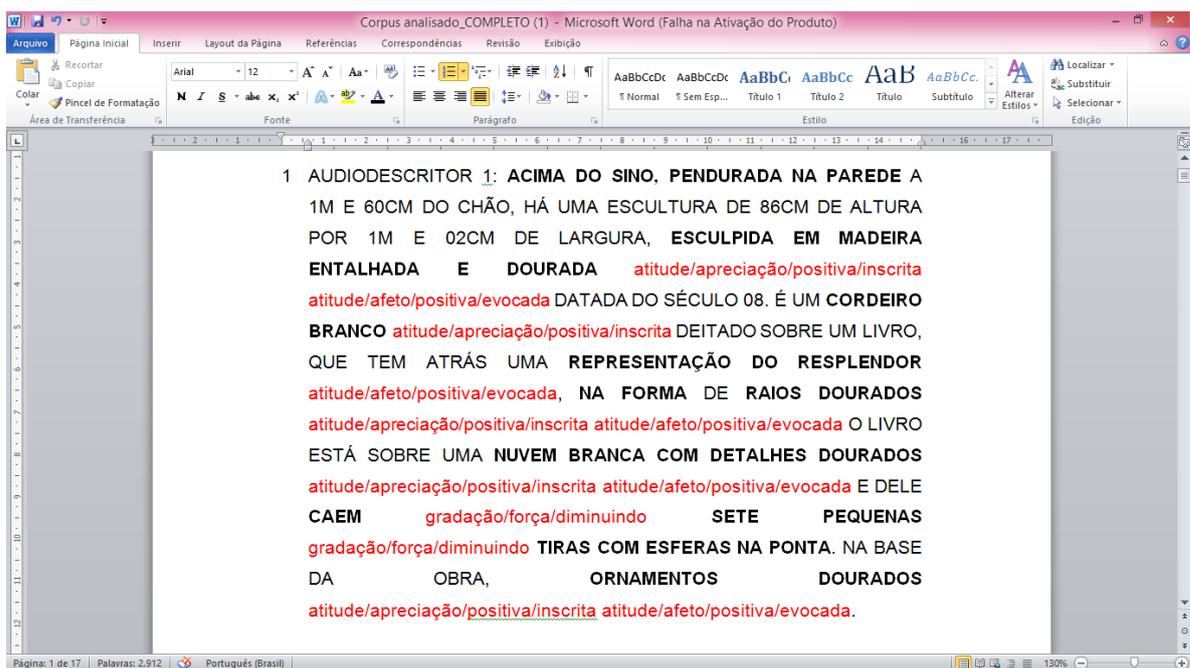
Figura 11 – Interface no Microsoft Word com parte do roteiro de AD completo



Fonte: Elaborada pela autora.

O passo seguinte foi analisar e categorizar manualmente cada um dos 22 roteiros à luz do SA/LSF até o segundo nível de delicadeza tendo em vista o etiquetamento do *corpus*. A Figura 11 mostra a categorização de parte de um dos roteiros por meio da interface *Microsoft Word*.

Figura 12 – Interface no Microsoft Word com parte de um roteiro de AD analisado e categorizado manualmente

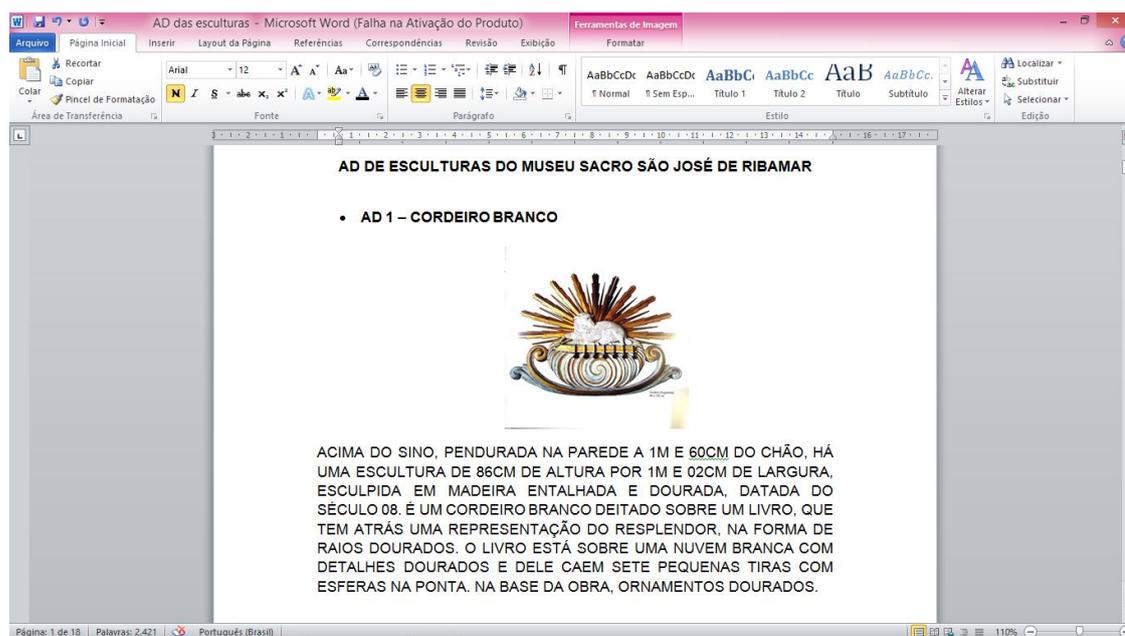


Fonte: Elaborada pela autora.

Em seguida, selecionei, do material recebido do audiodescritor 2, as imagens para ilustrar os roteiros de AD categorizados via SA/LSF. A fonte das imagens tem duas origens: algumas, eu as retirei do arquivo em *jpg* e outras do catálogo da exposição do MSSJR (LIMA; HOLANDA, 2012). Após a seleção, as imagens em *jpg* passaram por uma edição no aplicativo *Photo Editor Pro* para ajustes de cor e de brilho e as do catálogo foram escaneadas via aplicativo *CamScanner*³³. Após esse processo, inseri as imagens no arquivo dos roteiros de AD.

A Figura 13 ilustra um roteiro do *corpus* com a fotografia da escultura audiodescrita.

Figura 13 – Interface no Microsoft Word, mostrando um roteiro de AD com fotografia da respectiva escultura



Fonte: Elaborada pela autora.

As etiquetas usadas nesta pesquisa são as elaboradas por Abud (2018) para sua dissertação de mestrado. A pesquisadora partiu das etiquetas de Farias Junior (2016), as quais cobriram a rede de sistemas de avaliatividade até o sexto nível de delicadeza por sub-rede. Cada etiqueta agregava um novo termo em relação à etiqueta anterior até que fossem percorridos todos os níveis de delicadeza. Esse procedimento gerou uma grande quantidade de etiquetas, mas atendeu ao propósito

³³ Os dois aplicativos são compatíveis com o sistema *Android* inseridos em um *smartphone*.

da pesquisa de Farias Junior (2016) ao contemplar todas as possibilidades de combinações de termos/escolhas de todos os sistemas de cada das três sub-redes e viabilizar o processamento eletrônico por *software* gerador das quantificações.

O procedimento de preparo do *corpus* para que fosse etiquetado foi o mesmo seguido por Abud (2018): foram criados três arquivos docx e cada arquivo contém o *corpus* inteiro para que fosse etiquetado separadamente quanto a cada sub-rede da rede de sistemas de avaliatividade – ‘atitude’, ‘engajamento’ e ‘gradação’. Concordo com Abud (2018) quando afirma que os arquivos separados para receberem as etiquetas referentes a cada sub-rede até o segundo nível de delicadeza permitem uma melhor compreensão.

Cada etiqueta apresenta, dentro de parênteses angulares (< >), o nome abreviado de cada termo do sistema de primeiro nível de delicadeza TIPOS DE AVALIATIVIDADE – ATIT para ‘atitude’, ENG para ‘engajamento’ e GRA ‘gradação’ – , seguido de *underline*, que, por sua vez, é seguido do nome abreviado de cada termo dos sistemas de segundo nível de delicadeza, conforme o exemplo: <ATIT_AFE>. Esse tipo de formato das etiquetas facilitou a contagem eletrônica das ocorrências de avaliação até o segundo nível de delicadeza e facilitou a visualização para a interpretação e discussão dos resultados. O Quadro 9 mostra todas as etiquetas referentes à sub-rede de ‘atitude’.

Quadro 9 – Etiquetas para identificação das combinações de termos/escolhas na sub-rede de ‘atitude’ até o segundo nível de delicadeza

| Identificação dos termos/escolhas da categoria ‘atitude’ da rede de sistemas de avaliatividade até o segundo nível de delicadeza | |
|---|--|
| <ATIT_AFE> | identifica ATITUDE afeto |
| <ATIT_JUL> | identifica ATITUDE julgamento |
| <ATIT_APR> | identifica ATITUDE apreciação |
| <ATIT_POS> | identifica ATITUDE positiva |
| <ATIT_AMB> | identifica ATITUDE ambígua |
| <ATIT_NEG> | identifica ATITUDE negativa |
| <ATIT_INS> | identifica ATITUDE inscrita |
| <ATIT_EVO> | identifica ATITUDE evocada |
| </> | etiqueta de fechamento para indicar o fim do trecho categorizado |

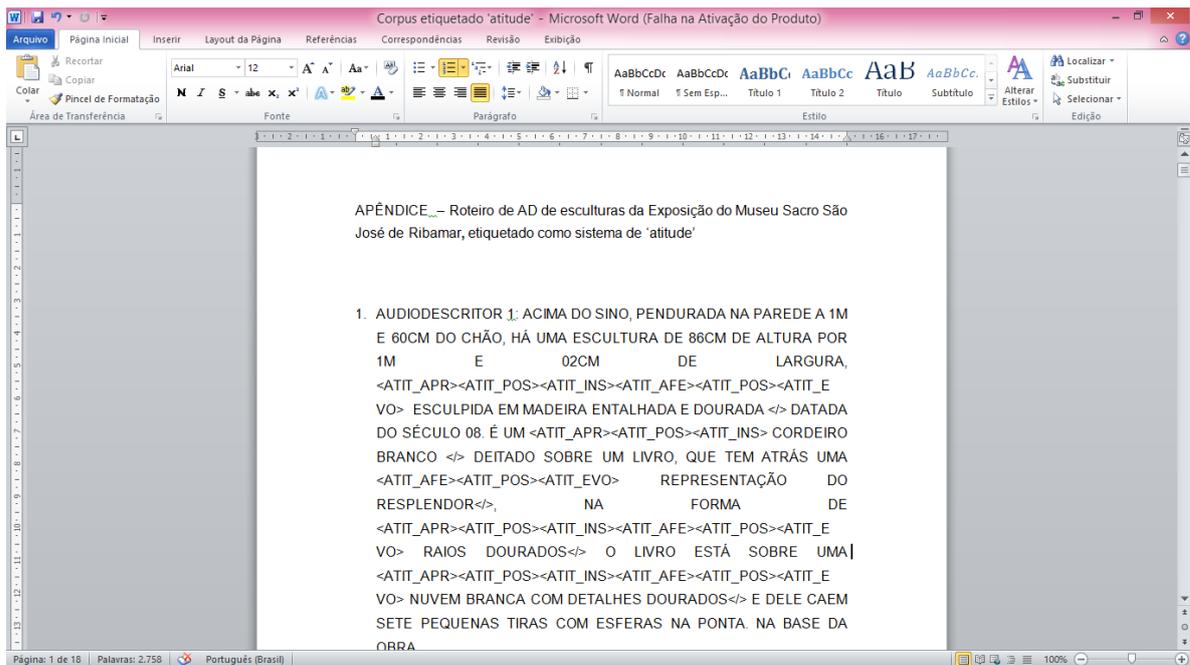
Fonte: Abud (2018, p. 51)

As etiquetas apresentadas no Quadro 9 abrem com a abreviatura ATIT referente ao tipo de sub-rede e fecham com a abreviatura dos nomes dos termos dos

sistemas de segundo nível de delicadeza: sistema TIPOS DE ATITUDE – AFE para ‘afeto’, JUL para ‘julgamento’ e APR para ‘apreciação’; sistema POLARIDADE – POS para ‘positiva’, AMB para ‘ambígua’ e NEG para ‘negativa’; sistema TIPOS DE REALIZAÇÃO DE ATITUDE – INS para ‘inscrita’ e EVO para ‘evocada’. O total é de oito etiquetas às quais se soma a que indica o término de trecho categorizado – </> –, tal como neste exemplo: <ATIT_AFE><ATIT_POS><ATIT_INS>trecho de texto com avaliação de ‘atitude’-‘afeto’-‘positiva’</>.

A Figura 14 mostra a interface de um arquivo docx no *Microsoft Word* com parte de um roteiro etiquetado do ponto de vista da sub-rede de ‘atitude’ até o segundo nível de delicadeza.

Figura 14 – Interface no Microsoft Word com parte de um roteiro de AD etiquetado para ‘atitude’



Fonte: Elaborada pela autora.

O Quadro 10 apresenta as etiquetas relativas à sub-rede de ‘engajamento’ até o segundo nível de delicadeza.

Quadro 10 – Etiquetas para identificação das combinações de termos/escolhas na sub-rede de ‘engajamento’ até o segundo nível de delicadeza

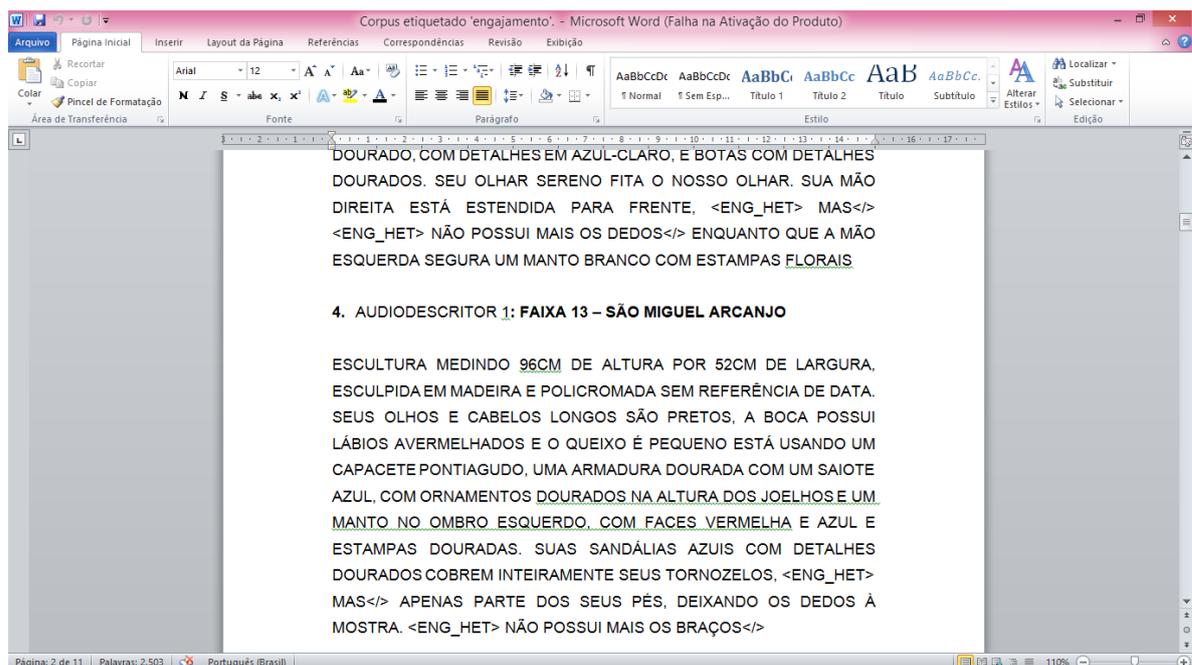
| Identificação dos termos/escolhas da categoria ‘engajamento’ da rede de sistemas de avaliatividade até o segundo nível de delicadeza | |
|--|--|
| <ENG_MON> | identifica ENGAJAMENTO monoglossia |
| <ENG_HET> | identifica ENGAJAMENTO heteroglossia |
| </> | etiqueta de fechamento para indicar o fim do trecho categorizado |

Fonte: Abud (2018, p. 52)

As etiquetas no Quadro 10 abrem com a abreviatura ENG relativa ao tipo de sub-rede e fecham com a abreviatura dos nomes dos termos dos sistemas de segundo nível de delicadeza: sistema TIPOS DE ENGAJAMENTO – MON para ‘monoglossia’ e HET para ‘heteroglossia’. O total é de duas etiquetas. A elas, é acrescentada a etiqueta que indica o término de trecho categorizado – </> –, sendo o que segue um exemplo: <ENG_MON>trecho de texto com avaliação de ‘engajamento’-‘monoglossia’</>.

Vê-se, na Figura 15, a interface de um arquivo docx no *Microsoft Word* com parte de um roteiro etiquetado da perspectiva da sub-rede de ‘engajamento’ até o segundo nível de delicadeza.

Figura 15 – Interface no Microsoft Word com partes de roteiros de AD etiquetados para ‘engajamento’



Fonte: Elaborada pela autora.

As etiquetas referentes à sub-rede de ‘gradação’ até o segundo nível de delicadeza encontram-se no Quadro 11:

Quadro 11 – Etiquetas para identificação das combinações de termos/escolhas na sub-rede de ‘gradação’ até o segundo nível de delicadeza

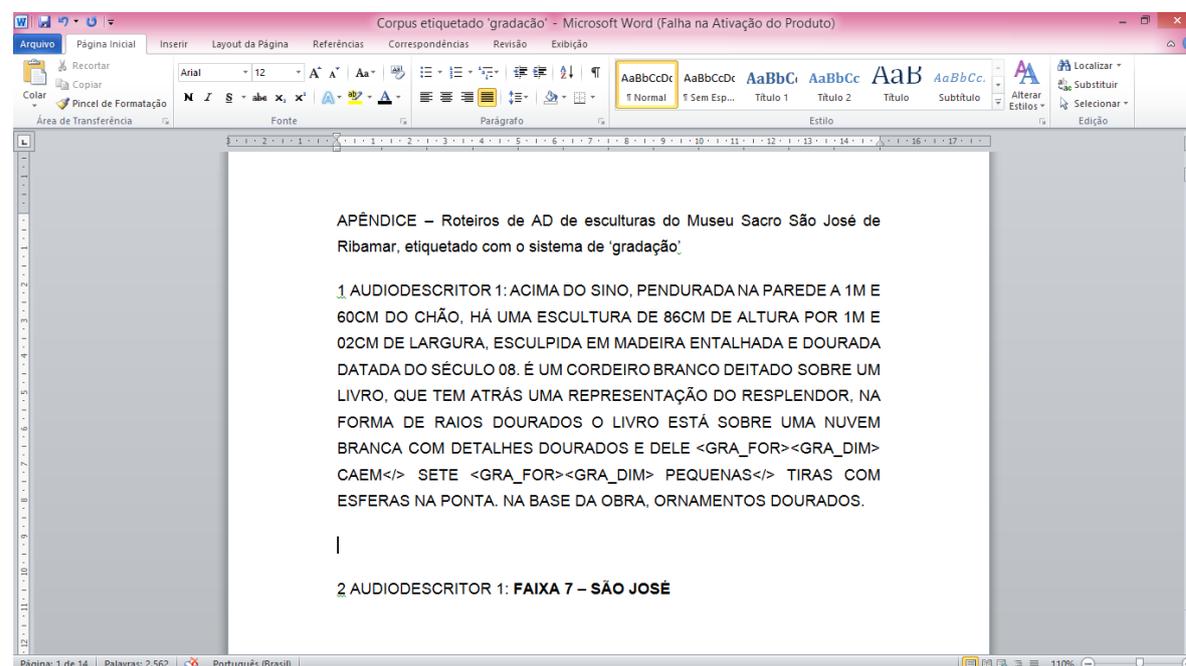
| Identificação dos termos/escolhas da categoria ‘gradação’ da rede de sistemas de avaliabilidade até o segundo nível de delicadeza | |
|--|--|
| <GRA_FOR> | identifica GRADAÇÃO força |
| <GRA_FOC> | identifica GRADAÇÃO foco |
| <GRA_AUM> | identifica GRADAÇÃO aumentando |
| <GRA_DIM> | identifica GRADAÇÃO diminuindo |
| </> | etiqueta de fechamento para indicar o fim do trecho categorizado |

Fonte: Abud (2018, p. 53)

As etiquetas no Quadro 11 abrem com a abreviatura GRA, indicativa do tipo de sub-rede, e fecham com a abreviatura dos nomes dos termos dos sistemas de segundo nível de delicadeza: sistema TIPOS DE GRADAÇÃO – FOR para ‘força’ e FOC para ‘foco’; sistema DIREÇÃO DA GRADAÇÃO – AUM para ‘aumentando’ e DIM para ‘diminuindo’. O total é de quatro etiquetas para além daquela que indica o término de trecho categorizado, como em: <GRA_FOR><GRA_AUM>trecho de texto com avaliação de ‘gradação’-‘força’-‘aumentando’</>.

A Figura 16 traz a interface de um arquivo docx no *Microsoft Word* com parte de um roteiro etiquetado do ponto de vista da sub-rede de ‘gradação’ até o segundo nível de delicadeza.

Figura 16 – Interface no Microsoft Word com parte de um roteiro de AD etiquetado para ‘gradação’

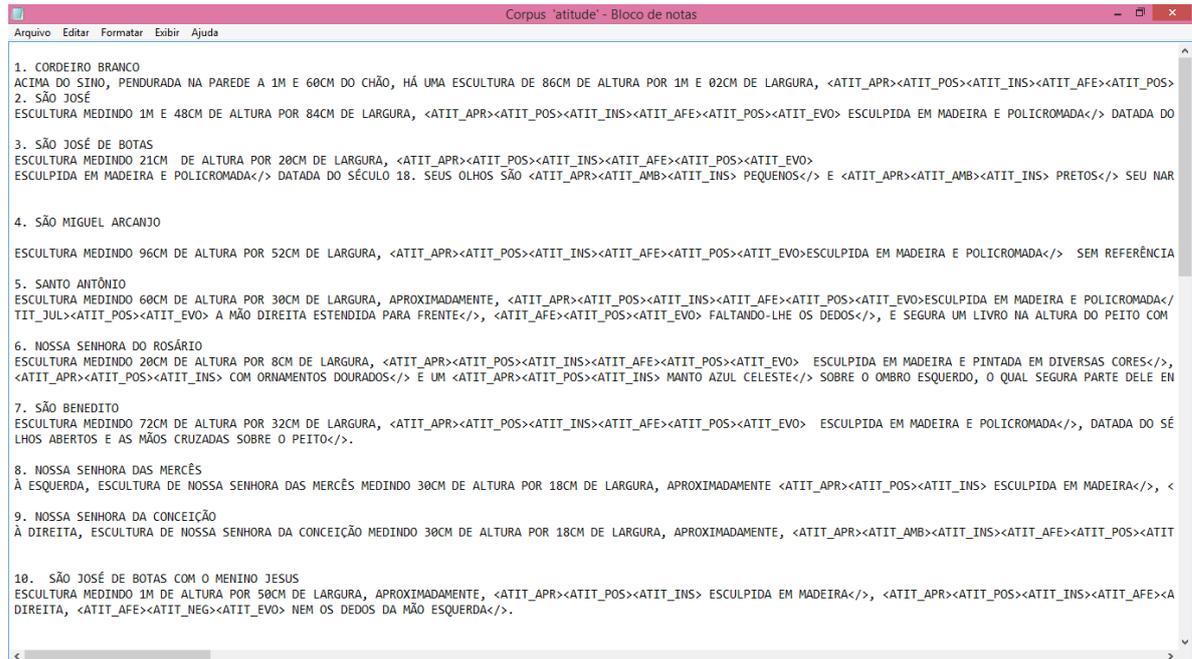


Fonte: Elaborada pela autora.

O passo seguinte após o etiquetamento do *corpus* foi a revisão. Com as etiquetas revisadas, o *corpus* foi copiado e colado no *Bloco de Notas*, permanecendo três arquivos, sendo um para cada sub-rede: de 'atitude', de 'engajamento' e de 'gradação'. A escolha do *Bloco de Notas* foi devido a compatibilidade do tipo de arquivo respectivo – txt –, com o *software WordSmith Tools 6.0*, cuja finalidade é o processamento eletrônico de *corpora* etiquetados manualmente. Contudo, antes da passagem para o *Bloco de Notas*, as três versões do *corpus* foram limpas quanto a quaisquer palavras e números que não fazem parte dos roteiros de AD, como: 2. AUDIODESCRITOR 1: FAIXA 7. Essa limpeza é necessária para que o *software* possa fornecer dados quantitativos relativos exclusivamente ao *corpus* propriamente dito.

Segue a Figura 17, que ilustra parte do *corpus* etiquetado para 'atitude' na interface do *Bloco de Notas*.

Figura 17 – Interface no Bloco de Notas com parte do *corpus*



Fonte: Elaborada pela autora.

Uma vez as três versões do *corpus* tendo sido limpas no Bloco de Notas, os três arquivos foram inseridos no *WordSmith Tools 6.0*. Feito isso, cada arquivo foi processado pela ferramenta *concord* que processa arquivos em *.txt*. A inserção dos textos em *.txt* se dá ao abrirmos o *WordSmith Tools 6.0* e clicarmos na ferramenta *concord*. Uma nova tela se abre para ser inserida, no campo *search word*, a etiqueta desejada para a geração de dados, o que ocorre ao se clicar em *ok*. O propósito do uso dessa ferramenta é a geração de dados quantitativos quanto às ocorrências das etiquetas e a identificação do cotexto em que se encontram no *corpus*.

A Figura 18 traz a interface da ferramenta *concord* do *WordSmith Tools 6.0* com parte do *corpus* anotado com as ocorrências de ‘engajamento’.

Figura 18 – Interface da ferramenta concord do WordSmith Tools 6.0

| N | Concordance | Set | Tag | Word # | Sent | Para | Para | Heai | Heai | Sect | Sect | File | Date | % |
|----|--|-----|-----|--------|------|------|------|------|------|------|------|--------|-------------------|-----|
| 1 | . SEUS BRAÇOS ESTÃO ABERTOS, <ENG_HET> NÃO POSSUI MAIS A | | | 1.594 | 81 | 21' | 0 | 66' | | 0 | 66' | Corpus | 'eng: 2018/abr/09 | 66% |
| 2 | COM ENTRADAS AVANÇADAS, <ENG_HET> SUGERINDO UM | | | 2.347 | 12 | 57' | 0 | 97' | | 0 | 97' | Corpus | 'eng: 2018/abr/09 | 97% |
| 3 | ESTAMPA DA VESTE DE BAIXO. <ENG_HET> NÃO POSSUI MAIS OS | | | 1.819 | 93 | 25' | 0 | 75' | | 0 | 75' | Corpus | 'eng: 2018/abr/09 | 76% |
| 4 | NA ALTURA DA CINTURA. <ENG_HET> NÃO POSSUI MAIS A | | | 611 | 28 | 25' | 0 | 25' | | 0 | 25' | Corpus | 'eng: 2018/abr/09 | 25% |
| 5 | MANTO DOURADOS. A MÃO DIREITA <ENG_HET> NÃO TEM MAIS OS | | | 815 | 38 | 28' | 0 | 34' | | 0 | 34' | Corpus | 'eng: 2018/abr/09 | 34% |
| 6 | ESQUERDO PARA O LADO DIREITO. <ENG_HET> NÃO POSSUI MAIS OS | | | 2.287 | 11 | 18' | 0 | 95' | | 0 | 95' | Corpus | 'eng: 2018/abr/09 | 95% |
| 7 | AZUL COM DETALHES DOURADOS, <ENG_HET> QUE LEMBRAM | | | 1.793 | 91 | 77' | 0 | 74' | | 0 | 74' | Corpus | 'eng: 2018/abr/09 | 74% |
| 8 | SEUS BRAÇOS ESTÃO ABERTOS E <ENG_HET> NÃO POSSUI MAIS A | | | 1.706 | 87 | 54' | 0 | 71' | | 0 | 71' | Corpus | 'eng: 2018/abr/09 | 71% |
| 9 | COM OS BRAÇOS ABERTOS E <ENG_HET> NÃO POSSUI MAIS A | | | 1.023 | 48 | 52' | 0 | 42' | | 0 | 42' | Corpus | 'eng: 2018/abr/09 | 43% |
| 10 | ESTÁ ESTENDIDA PARA FRENTE, <ENG_HET> MAS NÃO POSSUI | | | 276 | 13 | 31' | 0 | 11' | | 0 | 11' | Corpus | 'eng: 2018/abr/09 | 11% |
| 11 | ALTURA POR 50CM DE LARGURA, <ENG_HET> APROXIMADAMENTE, | | | 938 | 44 | 59' | 0 | 39' | | 0 | 39' | Corpus | 'eng: 2018/abr/09 | 39% |
| 12 | ESTENDIDA PARA FRENTE, MAS <ENG_HET> NÃO POSSUI MAIS OS | | | 278 | 13 | 38' | 0 | 11' | | 0 | 11' | Corpus | 'eng: 2018/abr/09 | 11% |
| 13 | E BARBA SÃO PRETOS, MAS <ENG_HET> NÃO TEM BIGODE, E | | | 1.753 | 90 | 50' | 0 | 73' | | 0 | 73' | Corpus | 'eng: 2018/abr/09 | 73% |
| 14 | , DEIXANDO OS DEDOS À MOSTRA. <ENG_HET> NÃO POSSUI MAIS OS | | | 390 | 17 | 25' | 0 | 16' | | 0 | 16' | Corpus | 'eng: 2018/abr/09 | 16% |
| 15 | , CABELOS E BARBA SÃO PRETOS, <ENG_HET> MAS NÃO TEM BIGODE | | | 1.751 | 90 | 41' | 0 | 73' | | 0 | 73' | Corpus | 'eng: 2018/abr/09 | 73% |
| 16 | QUE A MÃO DIREITA SEGURA <ENG_HET> UMA ESPÉCIE DE | | | 1.007 | 47 | 88' | 0 | 42' | | 0 | 42' | Corpus | 'eng: 2018/abr/09 | 42% |
| 17 | AVANÇADAS, SUGERINDO <ENG_HET> UM PRINCÍPIO DE | | | 2.349 | 12 | 71' | 0 | 97' | | 0 | 97' | Corpus | 'eng: 2018/abr/09 | 98% |
| 18 | . A UM TRONCO VERDE. ELE TEM <ENG_HET> APARÊNCIA JOVEM, | | | 1.313 | 63 | 16' | 0 | 54' | | 0 | 54' | Corpus | 'eng: 2018/abr/09 | 54% |
| 19 | INTEIRAMENTE SEUS TORNOZELOS, <ENG_HET> MAS APENAS PARTE | | | 378 | 16 | 52' | 0 | 16' | | 0 | 16' | Corpus | 'eng: 2018/abr/09 | 16% |
| 20 | CASTANHOS E ESTÁ USANDO <ENG_HET> APENAS UMA VESTE | | | 1.323 | 63 | 56' | 0 | 55' | | 0 | 55' | Corpus | 'eng: 2018/abr/09 | 55% |
| 21 | DETALHES EM AZUL E VERMELHO, <ENG_HET> QUE SIMULA UM | | | 1.107 | 51 | 79' | 0 | 46' | | 0 | 46' | Corpus | 'eng: 2018/abr/09 | 46% |

Fonte: Elaborada pela autora.

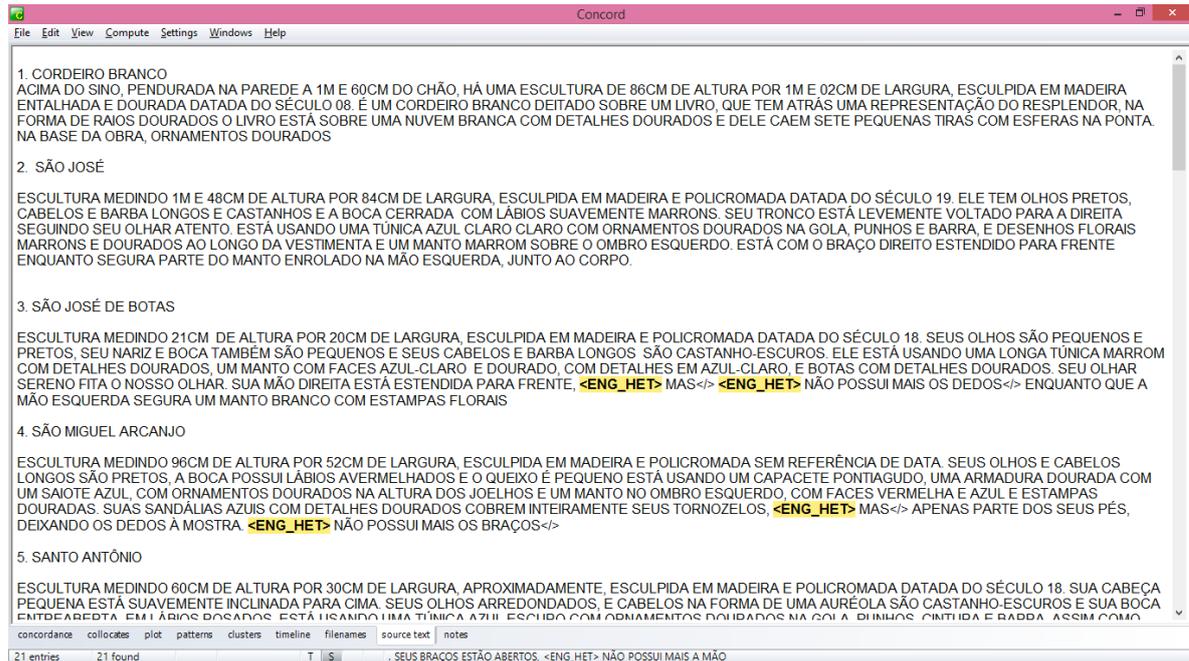
Na Figura 18, cada linha³⁴, numerada de 1 a 21, corresponde a uma ocorrência de 'engajamento' e as palavras em vermelho, ao contexto da etiqueta. A linha com destaque em amarelo indica a localização do cursor. Ao clicarmos duas vezes, o *software* nos mostra as etiquetas em destaque no contexto do *corpus*.

A Figura 18 traz a interface da ferramenta *concord* do *WordSmith Tools 6.0* com parte das ocorrências de 'engajamento' no *corpus* como um todo e não mais apenas no âmbito das linhas de concordância³⁵.

³⁴ As linhas são chamadas de linhas de concordância.

³⁵ Apenas parte do *corpus* aparece na Figura 18.

Figura 19 – Interface da ferramenta concord do WordSmith Tools 6.0



Fonte: Elaborada pela autora.

Após delinear o percurso metodológico, é o momento de mostrar os resultados revelados pelos dados e responder as questões de pesquisa ancoradas nos objetivos específicos informados na Introdução desta tese. Resolvi repeti-los aqui a fim de lembrá-los: 1) descrever as características avaliativas/interpretativas de roteiros de audiodescrição de esculturas produzidos para o MSSJR do ponto de vista das categorias que compõem a rede de sistemas do SA e 2) descrever as características avaliativas/interpretativas de roteiros de audiodescrição das esculturas do ponto de vista das avaliações de ‘atitude’ (‘afeto’, ‘julgamento’ e/ou ‘apreciação’ / ‘positiva’, ‘ambígua’ ou ‘negativa’ / ‘inscrita’ ou ‘evocada’) de ‘engajamento’ (‘monoglossia’ ou ‘heteroglossia’) e de ‘gradação’ (‘força’ e/ou ‘foco’ / ‘aumentando’ ou ‘diminuindo’). A questão de pesquisa, então, é: Como se caracterizam avaliativamente/interpretativamente roteiros de audiodescrição de esculturas produzidos para o MSSJR dos pontos de vista das avaliações de ‘atitude’ (‘afeto’, ‘julgamento’ e/ou ‘apreciação’ / ‘positiva’, ‘ambígua’ ou ‘negativa’ / ‘inscrita’ ou ‘evocada’) de ‘engajamento’ (‘monoglossia’ ou ‘heteroglossia’) e de ‘gradação’ (‘força’ e/ou ‘foco’ / ‘aumentando’ ou ‘diminuindo’)?

3.4 RESUMO

Nesta seção, apresentei o percurso metodológico, ou seja, o passo a passo de como o *corpus* foi compilado e preparado e de como os roteiros de AD selecionados foram analisados via SA (MARTIN; WHITE, 2005).

Em 3.1, contextualizei esta pesquisa no âmbito do Grupo de Pesquisa LEAD e do Projeto LOAD. O *corpus* e o perfil dos audiodescritores foram descritos na subseção 3.2, na qual explicitarei como se deu a coleta dos 22 roteiros de AD das esculturas sacras do MSSJR e como ocorreu sua produção através de entrevista com os audiodescritores. Por fim, na subseção 3.3, apresentei os passos aos quais o *corpus* foi submetido: categorização manual pela interface no *Microsoft Word*, etiquetagem manual com base nas três subredes do SA até o segundo nível de delicadeza e inserção, no *WordSmith Tools 6.0*, dos arquivos etiquetados no Bloco de Notas para que fossem rodados na ferramenta *concord*.

A seção seguinte é dedicada à apresentação e discussão dos resultados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresento e discuto os resultados obtidos nas análises dos 22 roteiros de AD de esculturas do MSSJR à luz do SA/LSF. Inicialmente, apresento os resultados quantitativos relativos às avaliações presentes nos roteiros por sub-rede: ‘atitude’, ‘engajamento’ e ‘gradação’. Em seguida, discuto os tipos de avaliação encontrados por sub-rede, ilustrando-os com exemplos retirados do *corpus*. A discussão é feita a partir do aporte teórico desta pesquisa – a interface AD/AS-LSF –, e das pesquisas resenhadas.

4.1 RESULTADOS QUANTITATIVOS

O *corpus* analisado, com um total de 2.345 palavras corridas, apresenta 412 ocorrências avaliativas numa ordem percentual decrescente se consideradas as três subredes: ‘atitude’ – 73,05%, ‘gradação’ – 19,90% e ‘engajamento’ – 7,03%. A mesma ordem foi encontrada nas pesquisas de Arraes (2017) e de Abud (2018), resenhadas na subseção 2.2.2. Volto a me referir a essas pesquisas na subseção de discussão (subseção 4.4) para comparar e contrastar seus resultados com os desta pesquisa que agora relato.

Os dados quantitativos revelaram que os roteiros de AD do MSSJR apresentam uma predominância de avaliações pautadas nos sentimentos ligados à estética, à ética e à emoção – ‘atitude’; em seguida, aparecem avaliações quanto a medidas, redução, altura, extensão etc. – ‘gradação’; por último, há avaliações relativas às vozes que dialogam (a voz autoral com outras vozes)– ‘engajamento’- ‘heteroglossia’. Já o ‘engajamento’ por ‘monoglossia’, desvios e inferências via assertivas categóricas, não emergiu da análise.

O Quadro 12 mostra a síntese das ocorrências avaliativas totais e por sub-rede – ‘atitude’, ‘gradação’ e ‘engajamento’ –, presentes no *corpus* de 22 roteiros de AD de esculturas sacras do MSSJR.

Quadro 12 – Síntese das ocorrências avaliativas no *corpus* em números absolutos e percentuais

| TIPOS DE AVALIATIVIDADE | TIPOS DE ATITUDE/ ENGAJAMENTO/ GRADAÇÃO | NÚMERO DE OCORRÊNCIAS EM NÚMEROS ABSOLUTOS | NÚMERO DE OCORRÊNCIAS EM PERCENTUAIS |
|---------------------------------------|---|--|--------------------------------------|
| 'atitude' | 'apreciação' | 208 | 50,48% |
| | 'afeto' | 62 | 15,04% |
| | 'julgamento' | 29 | 7,03% |
| Total de ocorrências de 'atitude' | | 301 | 73,05% |
| 'engajamento' | 'heteroglossia' | 29 | 7,03% |
| | 'monoglossia' | 0 | 0% |
| Total de ocorrências de 'engajamento' | | 29 | 7,03% |
| 'gradação' | 'força' | 66 | 16,01% |
| | 'foco' | 16 | 3,88% |
| Total de ocorrências de 'gradação' | | 82 | 19,90% |
| TOTAL | | 412 | 100% |

Fonte: Elaborado pela autora.

O quadro 12 mostra que, entre as avaliações por 'atitude', aquelas que dizem respeito aos sentimentos estéticos ('apreciação') se sobressaíram em relação àquelas a ver com os sentimentos emotivos ('afeto') e com os sentimentos éticos ('julgamento'). Como já dito, entre as avaliações por 'engajamento', só houve ocorrências em que a voz autoral dialoga com outras vozes ('heteroglossia'). E, entre as avaliações por 'gradação', sobressaíram aquelas a ver com medidas imprecisas de

intensidade e quantidade ('força') se comparadas àquelas a ver com prototipicidade ('foco').

Com as ocorrências mostradas de uma forma geral, parto para a descrição e discussão mais detalhada dos tipos de 'atitude', com sua polaridade e tipos de realização; dos tipos de 'engajamento'; e dos tipos de 'gradação', com a respectiva direção. Opto por iniciar pela sub-rede de 'atitude' por ter sido ela que apresentou o maior número de ocorrências no *corpus*.

4.2 DESCRIÇÃO DETALHADA DA 'ATITUDE'

Quanto à sub-rede de 'atitude', 301 ocorrências avaliativas estão presentes no *corpus*, com uma maior ocorrência de 'apreciação' (208), seguida pelas ocorrências de 'afeto' (62) e 'julgamento' (29). Das avaliações de 'atitude', 224 são inscritas e 75 evocadas quanto ao tipo de realização, o que aponta para uma avaliação muito mais explícita dos sentimentos suscitados nos audiodescriptores pelas esculturas do MSSJR.

As avaliações atitudinais positivas, no que diz respeito à polaridade, se sobressaíram em às ambíguas e às negativas. As últimas são as de menor ocorrência possivelmente pelo fato de as esculturas não apresentarem aspectos desagradáveis. Essa discussão será ainda mais detalhada no decorrer desta seção. O Quadro 13 mostra a síntese das avaliações por 'atitude' com a respectiva polaridade.

Quadro 13 – Síntese das ocorrências de ‘atitude’ no corpus

| TIPO DE AVALIATIVIDADE | TIPOS DE ATITUDE | POLARIDADE | NÚMEROS ABSOLUTOS |
|----------------------------------|-------------------------|-------------------|--------------------------|
| ‘atitude’ | ‘apreciação’ | ‘positiva’ | 92 |
| | | ‘negativa’ | 1 |
| | | ‘ambígua’ | 115 |
| | ‘afeto’ | ‘positiva’ | 53 |
| | | ‘negativa’ | 9 |
| | | ‘ambígua’ | 0 |
| | ‘julgamento’ | ‘positiva’ | 19 |
| | | ‘negativa’ | 9 |
| | | ‘ambígua’ | 1 |
| Total ‘positiva’ | | | 164 |
| Total ‘negativa’ | | | 19 |
| Total ‘ambígua’ | | | 116 |
| Total de avaliações de ‘atitude’ | | | 301 |

Fonte: Elaborado pela autora.

Após essa apresentação global das quantidades de ocorrências, parto para as especificidades relativas a cada termo do sistema TIPOS DE ATITUDE, com ilustração via exemplos do *corpus*. Os exemplos são discutidos a partir de um diálogo com o aporte teórico resenhado na seção 2. Início com ‘apreciação’ por ser o termo com o maior número de ocorrências.

4.2.1 ‘Apreciação’

Antes de apresentar as quantidades de ocorrências e a discussão dos resultados, retomo o postulado de Martin e White (2005) sobre esse termo do sistema TIPOS DE ATITUDE: a ‘apreciação’ oferece recursos interpessoais de avaliações estéticas de objetos, coisas, pinturas, esculturas etc., o que justifica a ocorrência elevada desse termo nos roteiros de AD das esculturas, visto que elas são objetos de arte e passíveis de serem avaliadas esteticamente.

Quanto à polaridade, a combinação de termos ‘atitude’-‘apreciação’ apresenta 115 ocorrências ‘ambíguas’, 92 ‘positivas’ e 1 ‘negativa’. As escolhas avaliativas estéticas relacionadas às esculturas revelam que os audiodescritores quase não tiveram sentimentos estéticos desagradáveis, dado que a polaridade ‘negativa’ ocorreu apenas uma vez. As quantidades de ocorrências das polaridades ‘ambígua’ e ‘positiva’ se aproximam, parecendo haver certo equilíbrio entre os sentimentos estéticos indiferentes e os sentimentos estéticos agradáveis suscitados nos audiodescritores pelas esculturas. Já quanto aos tipos de realização, todas as ocorrências são de avaliações estéticas explicitadas ou inscritas no texto.

Agora, passo a apresentar exemplos para nortear a discussão.

A primeira constatação é a presença de ‘atitude’-‘apreciação’ em todos os 22 roteiros. Isso pode se dever, como já indicado anteriormente, ao fato de que o *corpus* é constituído por roteiros de AD de um produto cultural artístico – as esculturas sacras do MSSJR –, e o tipo de avaliação mais esperado quando se está descrevendo um produto cultural artístico parece ser aquele que tem a ver com os sentimentos estéticos dos audiodescritores, podendo ser esses sentimentos positivos, ambíguos ou negativos. Começamos com exemplos de ‘atitude’-‘apreciação’ ambígua, por ter sido a polaridade com maior ocorrência, e explícita:

- (1) ...seus olhos são **arredondados** e **castanhos**... (roteiro 11 – **Nossa Senhora da Conceição**)
- (2) ...um manto dourado com **detalhes em vermelho**... (roteiro 19 – **São Braz**)

As cores descrevem os olhos de **Nossa Senhora da Conceição** –exemplo 1 –, e o manto de **São Braz** – exemplo 2. Essas cores são, então, características atribuídas aos olhos e ao manto pelos audiodescritores. Heller (2013, p. 23) diz que “[a] impressão causada por cada cor é determinada por seu contexto, ou seja, pelo entrelaçamento de significados em que a percebemos”. Logo, como analista, no contexto em que foram os escultores que atribuíram características de cor aos olhos e ao manto, penso que não seja possível afirmar que as escolhas por ‘castanhos’ e ‘vermelho’ pelos audiodescritores tenham sido consequência de percepção agradável ou desagradável, o que me fez categorizar essas avaliações por ‘atitude’-‘apreciação’ como ambíguas.

Há relevância e significação nas escolhas linguísticas relacionadas às cores expressas nos ‘roteiros de AD’, os quais, no caso desta pesquisa, são de

esculturas sacras. As cores contribuem significativamente para a representação, na descrição, de elementos das esculturas, o que pode direcionar com mais facilidade a formação da imagem mental das esculturas, formada pela PcDV. Talvez, essa premissa possa se estender para qualquer objeto cultural que venha a ser audiodescrito. Dada essa importância, as cores foram incluídas como passíveis de etiquetagem por ‘atitude’-‘apreciação’ nesta pesquisa. Junte-se a isso o fato de que as cores que aparecem nos roteiros (castanhos ou amarelados / vermelho ou bordô) decorrem de escolhas linguísticas dos audiodescritores.

A cor vermelha, presente no manto de São Braz – exemplo 2 –, realiza representações importantes no âmbito da Igreja Católica, à qual as esculturas sacras se filiam. A importância resulta do fato de que simboliza o Espírito Santo, é a cor de Cristo, e é o vermelho litúrgico, relacionando-se também aos aniversários dos apóstolos e dos evangelistas (HELLER, 2013).

As avaliações por ‘apreciação’ permeiam os 22 roteiros, com realização por meio de adjetivos que atribuem características que nem agradam (avaliar de forma positiva) nem desagradam (avaliar de forma negativa), mas que são indiferentes (avaliar de forma ambígua). Sendo o catolicismo a religião do par de audiodescritores, seria esperado que avaliassem esculturas sacras católicas sempre pelo viés positivo quando do uso de adjetivos como atributos das esculturas, o que não aconteceu. A escolha por tantas avaliações ambíguas pode ser reflexo da ideia arraigada de neutralidade que tinham no início da carreira.

Continuo ainda com exemplos de ‘atitude’-‘apreciação’-‘ambígua’-‘inscrita’:

- (3) ...está usando um **capacete pontiagudo**, uma armadura dourada...
(roteiro 4 – **São Miguel Arcanjo**)
- (4) ...seus olhos são pequenos e **pretos** seus cabelos longos e **castanhos**...
(roteiro 6 – **Nossa Senhora do Rosário**)

A avaliação pelo adjetivo ‘pontiagudo’ no exemplo 3 não demonstra um lado bom, avaliação ‘positiva’, ou um lado ruim, avaliação ‘negativa’, em relação ao objeto descrito: o capacete de **São Miguel Arcanjo**. Considerei uma avaliação ‘ambígua’ por não determinar de forma clara o formato do capacete. O mesmo acontece com a caracterização dos olhos e cabelos **Nossa Senhora do Rosário** por ‘pretos’ e ‘castanhos’, respectivamente. Ao invés de ter conferido uma nuance positiva (preto vivo / castanho luminoso) ou uma nuance negativa (preto esmaecido / castanho sem brilho), o par de audiodescritores escolheu apenas ser fiel às cores tal como as viram

na escultura, não as tendo interpretado e, assim, tendo de certa forma apagado suas vozes: foram ambíguos.

A escolha pela combinação de termos ‘atitude’-‘apreciação’-‘ambígua’-‘inscrita’, realizada por adjetivos que avaliam a estética das esculturas explicitamente de uma forma ‘ambígua’ já foram exemplificados. Contudo, maior reforço, trago mais dois exemplos:

(5) ...está usando uma **túnica branca** com ornamentos **na cor verde...** (roteiro 22 – **São Luiz Gonzaga**)

(6) ...e está usando uma túnica branca, que cobre inteiramente seus pés, um manto de faces **verde e vermelha...** (roteiro 18 – **Nossa Senhora da Conceição**)

Os exemplos 5 e 6 trazem trechos da descrição para as esculturas de **São Miguel Arcanjo** e de **Nossa Senhora da Conceição**, respectivamente. É possível ver que as avaliações por ‘apreciação’ são semelhantes (branca, verde e a repetição de vermelho).

A cor branca prevalece no manto das duas esculturas e, para a religião católica, o branco “é a cor litúrgica dos mais eminentes festejos” (HELLER, 2013, p. 277), sendo por ela que se presta honrarias a Cristo porque é a cor que representa a luz e a ressurreição. Então, essas cores também estão presentes nos mantos / nas túnicas que vestem os santos, pois estes são as pessoas humanas que mais se aproximaram do que é Cristo.

Houve um equilíbrio dos dados quantitativos relativos às combinações ‘apreciação’-‘ambígua’-‘inscrita’ e ‘apreciação’-‘positiva’-‘inscrita’, com 115 e 92 ocorrências respectivamente. Isso significa que as realizações lexicogramaticais das avaliações por ‘apreciação’ não levam a PcDV a ficar sempre entre o bem (polaridade positiva) e o mal (polaridade negativa). Quando leva para um dos extremos do contínuo da polaridade, o faz para o lado do bem. No exemplo 7, a conotação de ‘apreciação’-‘positiva’ está na descrição do formato do cabelo de **Santo Antônio**:

(7) ...seus olhos arredondados, e cabelos na **forma de uma auréola** são castanho-escuros... (roteiro 5 – **Santo Antônio**)

Essa positividade explícita na descrição estética realizada pela frase preposicionada ‘na forma de auréola’ se refere à santidade da entidade descrita. Além de descrever o formato dos cabelos de **Santo Antônio**, também indica o fato de ter sido escolhido como santo pela Igreja Católica para representar o sagrado.

A avaliação ‘apreciação’-‘positiva’-‘inscrita’ também pode expressar a falta de preconceito da parte do par de audiodescritores. Eles avaliam a cor da pele de **São Benedito**:

(8) ...único santo desta exposição que tem a pele **negra**...(roteiro 7 – **São Benedito**)

O roteiro de AD da escultura de **São Benedito** é a única, entre os 22 roteiros, que traz uma avaliação sobre a cor da pele. Para as demais, o par de audiodescritores não traz esse tipo de avaliação, talvez por ser mais comum os santos apresentarem a pele branca. No caso de São Benedito, não exitaram em avaliar a cor de sua pele de modo positivamente explícito por meio da escolha lexical ‘negra’, que é o modo não pejorativo de se referir a africanos e afrodescendentes, deixando clara a ausência de preconceito racial.

O exemplo 9 avalia por ‘apreciação’ os anjos que estão na parte inferior da escultura como ‘querubins’. A AD, então, denomina o tipo de anjo:

(9) ...na base da imagem há cinco cabeças de anjos **querubins** ... (roteiro 11 – **Nossa Senhora da Conceição**)

O significado³⁶ de ‘querubim’, palavra escolhida pelo par de audiodescritores para caracterizar os anjos na escultura de **Nossa Senhora da Conceição**, é de que são seres belos, cuja função é de serem mensageiros de Deus e representarem a justiça, fazendo parte da primeira hierarquia de anjos. Se o par de audiodescritores não tivesse caracterizado os anjos, é provável que isso não interferisse para a construção mental da imagem pelas PcDVs. Todavia, a caracterização ‘querubins’ reflete uma avaliação por ‘apreciação’ que é ‘positiva’-‘inscrita’, o que pode demonstrar inconscientemente uma influência da religião católica por ser esta a religião dos audiodescritores. Para além disso, desta vez, explicitaram sua voz no roteiro, visto que fizeram uma interpretação quanto ao tipo de anjo.

Os próximos exemplos trazem uma mostra das ocorrências da palavra ‘dourado/a roteiros. Dos 22 roteiros que compõem o *corpus*, esta palavra está presente, até com mais de uma ocorrência, em 20 roteiros.

³⁶ O significado de querubim está disponível em: <<https://www.significados.com.br/querubim/>>.

(10) ...está usando uma túnica azul claro na forma de raios **dourados**... (roteiro 1 – **Cordeiro Branco**)

(11)seus cabelos e barba longos são castanho escuros. Ele está usando uma longa túnica marrom com detalhes **dourados**... (roteiro 3 – **São José de Botas**)

(12) ...túnica amarela, com detalhes **dourados**... (roteiro 15 – **Santa Luzia**)

(13) ...está usando uma túnica **dourada** com detalhes em que se estende até a altura das coxas... (roteiro 17 – **São Francisco Xavier**)

(14) ...ela está sentada em um trono de estrutura **dourada** ... (roteiro 12 – **Santana Mestra**)

(15) ...ela está usando um véu **dourado** sobre a cabeça, uma longa túnica **dourada** ... (roteiro 11 – **Nossa Senhora da Conceição**)

A palavra 'dourado/a' carrega uma avaliação por 'apreciação' que se repete nos roteiros de forma 'positiva'. A riqueza e o poder estão presentes nos adornos das figuras representadas nas esculturas sacras, bem com em objetos a elas relacionados. A audiodescrição traz essa informação explicitamente – 'inscrita' –, por meio da palavra 'dourado/a', que realiza a avaliação de sentimento estético do par de audiodescritores em relação aos adornos e objetos.

O dourado representa as “coisas muito valiosas, de grande excelência” (HELLER, 2013, p.442). Além disso, segundo Janes (1998), o dourado nos adornos que envolvem as figuras santificadas e objetos a elas relacionados nas esculturas sacras pode realizar o significado de que as figuras representadas, por serem santas, foram levadas ao paraíso cristão (JANES, 1998).

Ainda no que tange o tipo de realização 'inscrita', há apenas uma ocorrência de polaridade 'negativa' para 'apreciação' em todo o *corpus*. Essa ocorrência encontra-se no trecho que segue:

(16) Com entradas avançadas, sugerindo **um princípio de calvície**... (roteiro 22 – **São Luiz Gonzaga**)

O referente é São Luiz Gonzaga no exemplo 16. Seu cabelo não é diretamente avaliado. Contudo, a palavra 'cabelo(s)' está presente em 86,36% dos roteiros, ausente apenas nos roteiros 1, 9 e 19. É apenas nesta ocorrência que há a avaliação/interpretação (...sugerindo...) explícita de sentimento estético da parte do par de audiodescritores quanto à quantidade de cabelo das figuras representadas nas esculturas. Como a avaliação/interpretação foi no sentido de falta, mesmo parcial, de cabelo, considero se tratar de 'apreciação' negativa.

Para finalizar a discussão dos resultados relativos à ‘atitude’-‘apreciação’ quanto ao sistema TIPOS DE REALIZAÇÃO da subrede de ‘apreciação’, não houve avaliação atitudinal implícita/evocada a ver com sentimento estético. Essa ausência talvez seja porque o par de audiodescritores pense, mesmo subconscientemente, que suas avaliações em AD de esculturas devam ser explícitas para que as PcDVs construam suas imagens mentais com menos esforço cognitivo.

O Quadro 14 traz os dados quantitativos das ocorrências de ‘apreciação’ no *corpus*. Desta feita, mostro também os tipos de realização por polaridade.

Quadro 14 – Resumo das ocorrências de ‘apreciação’ no corpus

| TIPOS DE ATITUDE | POLARIDADE | TIPOS DE REALIZAÇÃO DE ATITUDE | NÚMEROS ABSOLUTOS |
|-----------------------|------------|--------------------------------|-------------------|
| ‘apreciação’ | ‘positiva’ | ‘inscrita’ | 92 |
| | | ‘evocada’ | 0 |
| | ‘negativa’ | ‘inscrita’ | 1 |
| | | ‘evocada’ | 0 |
| | ‘ambígua’ | ‘inscrita’ | 115 |
| | | ‘evocada’ | 0 |
| Total de ‘apreciação’ | | | 208 |

Fonte: Elaborado pela autora.

Como já esperado – pelo fato de o produto cultural audiodescrito ser obra de arte, esculturas sacras –, as avaliações por ‘apreciação’ foram as que apresentaram a maior quantidade de ocorrências na sub-rede de ‘atitude’. Era esperado porque obras de arte são, via de regra, apreciadas como agradáveis, desagradáveis ou indiferentes, tendo sido a polaridade ‘ambígua’ a mais recorrente, ou seja, o par de audiodescritores, em muitos casos, não se posicionou sobre se seus sentimentos estéticos: nessas avaliações, não disseram se o que viram era bom ou mau, feio ou bonito. No entanto, houve certo equilíbrio quanto à quantidade de ocorrências da polaridade ‘positiva’. Por um lado, é possível que a elevada ocorrência de ‘apreciação’-‘ambígua’ seja resquício da época em que o par de audiodescritores ainda se pautava pelo parâmetro da neutralidade, que, por sua vez, remete ao princípio de fidelidade em tradução ou apagamento da voz do tradutor decorrente da

regra do ‘não avaliar/interpretar’. Por outro lado, é provável que a ocorrência quase tão elevada de ‘apreciação’-‘positiva’ tenha alguma ligação com o fato de os audiodescritores serem católicos. As avaliações estéticas foram em sua totalidade explícitas, ou seja, ‘inscritas’ no que concerne ao tipo de realização. Não é improvável que o par de audiodescritores tenha subconscientemente evitado avaliar implicitamente para facilitação da construção de uma imagem mental mais próxima do que é acessado pelos videntes.

Na próxima subseção, abordo as avaliações relativas ao termo ‘afeto’ na subrede de ‘atitude’. Este é o segundo em quantidade, da maior para a menor, de ocorrências relativas a avaliações de sentimentos.

4.2.2 ‘Afeto’

O termo ‘afeto’ do sistema TIPOS DE ATITUDE na subrede de ‘atitude’ diz respeito a avaliações positivas, ambíguas ou negativas sobre as emoções das pessoas. Para esta análise, apesar de serem termos de um sistema de terceiro nível de delicadeza (TIPOS DE AFETO) na subrede de ‘atitude’, um critério para a presença de avaliação de emoção foi a presença de seus tipos, os termos ‘felicidade’ (emoção a ver com coisas do coração) e/ou ‘segurança’ (emoção a ver com bem-estar ecossocial) e/ou ‘satisfação’ (emoção a ver com a consecução de objetivos) (MARTIN; WHITE, 2005) na descrição das esculturas. Houve um total de 62 ocorrências de ‘atitude’-‘afeto’, sendo 53 ‘positivas’, 9 ‘negativas’ e nenhuma ‘ambígua’ para polaridade. Quanto aos tipos de realização, para a avaliação ‘positiva’, as ocorrências foram implícitas – ‘evocadas’ –, em sua maioria, com um total de 46 contra 7 ocorrências de ‘atitude’-‘positiva’-‘inscrita’. Para a avaliação ‘negativa’, 7 ocorrências foram implícitas e 2 explícitas.

Os primeiros exemplos são de ‘atitude’-‘afeto’-‘positiva’-‘evocada’ por ser a combinação de termos com o maior número de ocorrências. Esta combinação ‘traduz’ um tipo de avaliação que está presente em todos os roteiros, com exceção do roteiro 13 (**Andor de São Sebastião**). Talvez não tenha esse tipo de avaliação neste roteiro por não ter sido descrito o santo e sim o andor. Em sendo apenas um objeto, o andor pode não ter suscitado avaliações ligadas a sentimentos de felicidade ou tristeza e/ou segurança ou insegurança e/ou satisfação ou insatisfação. Os exemplos a seguir são do roteiro 2 – São José –, e roteiro 6 – Nossa Senhora do Rosário:

- (17) ...escultura medindo 1m e 48cm de altura por 84cm de largura, esculpida em madeira e **policromada**... (roteiro 2 – **São José**)
- (18) ...escultura medindo 20cm de altura por 8cm de largura, esculpida em madeira e pintada em **diversas cores**... (roteiro 6 – **Nossa Senhora do Rosário**)

A palavra ‘policromada’ e o grupo nominal ‘diversas cores’ são recorrentes nos roteiros de AD, o que é uma das explicações para as 46 ocorrências da combinação ‘atitude’-‘afeto’-‘positiva’-‘evocada’. As várias cores de coisas multicoloridas podem evocar avaliação (implícita) do sentimento (‘atitude’) emotivo (‘afeto’) positivo de alegria.

Há situações que também podem evocar uma avaliação de sentimento (‘atitude’), mas não de emoção (‘afeto’) relativa às coisas do coração e sim relativa ao bem-estar, como os sentimentos de proteção, gratidão e de acolhimento. Os exemplos 19 e 20 comprovam a afirmativa:

- (19) **Ele segura na altura do peito, uma criança loira e desnuda, acomodada em um manto de pontas douradas. A criança está com os olhos abertos e as mãos cruzadas sobre o peito.**
(roteiro 7 – **São Benedito**)
- (20) ...**seus braços estão abertos**... (roteiro 15 – **Santa Luzia**)

O modo como o par de audiodescritores descreveu a relação entre a criança loira e desnuda e São Benedito pode ser resultado do sentimento, neles suscitado, emotivo (‘afeto’) positivo relativo à proteção/segurança deste para com aquela. O modo como foi construída esta descrição pode evocar no analista ter havido uma avaliação de ‘atitude’-‘afeto’-‘evocada’-‘positiva’. Para o exemplo 20, o modo como a descrição de Santa Luzia foi feita (com braços abertos) deve decorrer do fato de que a escultura pode ter suscitado no par de audiodescritores o sentimento (‘atitude’) emotivo (‘afeto’) positivo a ver com acolhimento maternal. Em mim, analista, a maneira como foi construída a descrição evocou o mesmo tipo de avaliação, caracterizado pela combinação ‘atitude’-‘afeto’-‘evocada’-‘positiva’.

Avaliações explícitas ou ‘inscríticas’ de sentimentos emotivos positivos não foram preponderantes no *corpus*. É provável que a baixa ocorrência desse tipo de avaliação também se deva a resquícios da tentativa de neutralidade no início da carreira dos audiodescritores: a não explicitação pode fazer pensar que a voz dos

audiodescritores não está nos roteiros. Entre as 53 ocorrências de ‘atitude’-‘afeto’-‘positiva’, 7 são avaliações explícitas, ilustradas nos exemplos 21 e 22.

(21) ...e um manto dourado, com detalhes em azul e vermelho, que simula um movimento **esvoaçante** para a direita... (roteiro 11 – **Nossa Senhora da Conceição**)

(22) ...ele tem olhos pretos, cujo olhar **sereno** está direcionado para baixo... (roteiro 14 – **Imagem de Roca de Senhor dos Passos**)

A palavra ‘esvoaçante’ no exemplo 21 realiza explicitamente o sentimento (‘atitude’) positivo de contentamento (‘afeto’) pela beleza e delicadeza do movimento suave do manto de **Nossa Senhora da Conceição**. A serenidade no olhar do Senhor dos Passos, o que muitas vezes é próprio da santidade, realiza explicitamente o sentimento (‘atitude’) positivo de bem-estar (‘afeto’) no exemplo 22.

A ilustração da combinação ‘atitude’-‘afeto’-‘evocada’ é concluída com os exemplos 23 e 24, em que a polaridade é ‘negativa’. Não foi encontrada no *corpus* nenhuma ocorrência de ‘afeto’ ‘ambíguo’.

(23) ...ele está usando uma **coroa de espinhos na cabeça**... (roteiro 14 – **Imagem de Roca de Senhor dos Passos**)

(24) ...**ele carrega uma cruz de madeira no ombro esquerdo**... (roteiro 14 – **Imagem de Roca de Senhor dos Passos**)

Os trechos nos exemplos 23 e 24 são os únicos que trazem avaliação atitudinal de tristeza e dor (‘afeto’) pelo sofrimento do Senhor ao usar uma coroa de espinhos colocada em sua cabeça por outras pessoas e ao carregar uma cruz pesada, cuja simbologia é de punição por seus atos. A maneira como o par de audiodescritores construiu a descrição, evoca no analista a avaliação ‘atitude’-‘afeto’-‘negativa’.

O Quadro 15 traz os dados quantitativos, como resumo, das ocorrências de ‘afeto’ no *corpus* por tipo de realização e, nesse âmbito, por polaridade.

Quadro 15 – Resumo das ocorrências de ‘afeto’ no corpus

| TIPOS DE ATITUDE | POLARIDADE | TIPOS DE REALIZAÇÃO DE ATITUDE | NÚMEROS ABSOLUTOS |
|------------------|------------|--------------------------------|-------------------|
| ‘afeto’ | ‘positiva’ | ‘inscrita’ | 7 |
| | | ‘evocada’ | 46 |
| | ‘negativa’ | ‘inscrita’ | 2 |
| | | ‘evocada’ | 7 |
| | ‘ambígua’ | ‘inscrita’ | 0 |
| | | ‘evocada’ | 0 |
| Total de ‘afeto’ | | | 62 |

Fonte: Elaborado pela autora.

Nas avaliações relacionadas a sentimentos, o ‘afeto’ está em segundo lugar com tristeza, alegria, segurança na descrição de características físicas e de adornos que compõem as esculturas sacras. Predominam as positivas e evocadas para a combinação ‘atitude’-‘afeto’, não havendo ‘afeto’ ‘ambíguo’.

Na próxima subseção, as avaliações relativas ao termo ‘julgamento’ do sistema TIPOS DE ATITUDE serão abordadas. É o último termo desse sistema a ser discutido e é o que apresenta quantitativamente o menor número de ocorrências no *corpus*.

4.2.3 ‘Julgamento’

O termo ‘julgamento’ do sistema TIPOS DE ATITUDE na subrede de ‘atitude’ diz respeito à área de significados que tem a ver com avaliações – positivas, ambíguas ou negativas –, sobre o comportamento das pessoas. São avaliações norteadas pela cultura em geral e crenças individuais construídas por alguma ideologia (MARTIN; WHITE, 2005). É o último termo do sistema TIPOS DE ATITUDE. Das 29 avaliações sobre comportamento humano, a maioria, 19, é ‘positiva’, seguidas de 9 na polaridade ‘negativa’ e 1 ‘ambígua’. A ordem de apresentação e discussão com ilustrações via exemplos retirados do *corpus* é do maior número de ocorrências para o menor quanto à polaridade: ‘positiva’, ‘negativa’ e ‘ambígua’. Cada polaridade, por sua vez, é exemplificada por tipo de realização: implícita – ‘evocada’ –, e explícita – ‘inscrita’.

Na verdade, o *corpus* não tem avaliações diretas de caráter comportamental. É o contexto que leva à identificação de avaliações de ‘juízo’, como acontece nos exemplos 25 e 26:

(25) ...seu tronco está levemente voltado para a direita seguindo **seu olhar atento...** (roteiro 2 – **São José**)

(26) ...está com a **mão direita estendida para frente...** (roteiro 5– **Santo Antônio**)

No exemplo 25, a AD descreve o olhar atento de quem está julgando positivamente o comportamento de alguém que pode estar fisicamente ou não ao seu lado. O modo como é descrito o olhar de **São José** é de caráter avaliativo subjetivo.

O exemplo 26 sai mais do campo da subjetividade. A mão estendida é algo mais objetivo, mais palpável de ser descrito. Se fosse uma escultura passível de ser tocada, a PcDV sentiria a mão de **Santo Antônio** estendida, o que não pode acontecer com o olhar.

Os dois exemplos trazem positividade em seus comportamentos. O primeiro, **São José**, com um comportamento positivo explícito – ‘inscrito’ – mesmo o seu olhar sendo uma avaliação mais subjetiva. E no segundo, **Santo Antônio**, sua mão estendida apresenta uma ação comportamental de acolhimento evocada, ou seja, implícita.

O exemplo 27 traz uma porção textual maior. Toda sua extensão exemplifica a combinação ‘atitude’-‘juízo’-‘positiva’-‘evocada’:

(27) Está usando um **capacete pontiagudo, uma armadura dourada, com um saiote azul, com ornamentos dourados na altura dos joelhos...** (roteiro 4 – **São Miguel Arcanjo**)

A AD descreve o santo representado na escultura como um guerreiro, pois usa armadura e capacete. A representação como guerreiro indica que o par de audiodescriptores avalia São Miguel Arcanjo como um homem que age com coragem na luta em busca de algo (comportamento) e, por ser santo, infere-se que seja uma luta em prol do próximo. O modo como o trecho³⁷ avaliativo foi construído evoca uma avaliação de sentimento ético ou ‘juízo’ positivo e implícito quanto ao comportamento deste santo, denominado de guerreiro por sua vestimenta. A vestimenta é uma marca social que pode representar a posição social do indivíduo.

³⁷ O trecho avaliativo, como em outros roteiros de AD do *corpus*, traz sobreposições avaliativas em sub-redes discutidas *a posteriori*.

Os roteiros de AD constituintes do *corpus* também contêm avaliação de comportamento construída a partir de elementos das vestimentas e de adornos que fazem parte do vestuário eclesiástico. O exemplo 28 retrata esse tipo de avaliação de sentimento ético ou ‘juízo’:

(28)...ele está usando uma **mitra dourada na cabeça, que possui uma cruz no centro, uma túnica branca** com ornamentos dourados na altura do peito, da cintura, dos punhos e dos tornozelos, um manto dourado com detalhes em vermelho sobre os ombros, que cobre inteiramente suas costas, e **uma faixa dourada com detalhes vermelhos, chamada de estola, pendurada no pescoço**. As pontas da faixa estão alinhadas na altura da cintura e têm **cruzes em alto relevo...** (roteiro 19 – **São Braz**)

Neste trecho da AD, há palavras pertencentes ao campo semântico da igreja católica: cruz, túnica, estola, mitra. Estes termos fazem parte do universo religioso, sendo alguns mais populares e outros mais restritos a esse universo. A mitra e a estola, especialmente estas que têm cruces, bem como a túnica são símbolos de poder religioso. Logo, a maneira como o par de audiodescritores arranhou todos estes elementos do vestuário eclesiástico na AD pode evocar na PcDV uma avaliação positiva implícita sobre São Braz como um eclesiástico que se comporta (‘juízo’) como um líder religioso.

O próximo exemplo ilustra avaliação por ‘juízo’ na polaridade negativa.

(29) ...São Benedito é o **único santo desta exposição que tem a pele negra...** (roteiro 7 – **São Benedito**)

É razoável dizer que o trecho em destaque realiza avaliação por ‘juízo’, da parte do par de audiodescritores, sobre um possível comportamento pautado no preconceito racial dos curadores. Essa possibilidade concentra-se no marcador discursivo ‘único’, que remete a uma ideia de contraexpectativa: se disseram que é o único pode resultar do fato de que esperavam outros, mas a expectativa foi quebrada. Portanto, é negativo implícito quanto a não existência de outros negros na exposição.

A importância do universo das cores, já referida na subseção 4.2.1, também é relevante em relação ao termo ‘juízo’ tal como se pode constatar nos exemplos 27, 28 e 29 com as cores dourado, azul, vermelho, branco e negro. Nestes casos, as cores parecem poder evocar avaliação de comportamento ético e social por

meio do simbolismo construído no escopo da tradição histórica (HELLER, 2013), podendo ser avaliação ‘positiva’ ou ‘negativa’.

A avaliação de sentimentos éticos – ‘atitude’-‘julgamento’ –, se manifestou em 29 ocorrências, o que equivale a 7,03% do total de avaliações no *corpus*. Essa baixa ocorrência era esperada na AD das esculturas sacras do MSSJR pelo não conhecimento de quem foram os escultores. Esses são os mais suscetíveis de serem avaliados por ‘atitude’-‘julgamento’.

O Quadro 16 sintetiza os resultados quantitativos para a combinação ‘atitude’-‘julgamento’.

Quadro 16 – Resumo das ocorrências de ‘julgamento’ no *corpus*

| TIPOS DE ATITUDE | POLARIDADE | TIPOS DE REALIZAÇÃO DE ATITUDE | NÚMEROS ABSOLUTOS |
|-----------------------|------------|--------------------------------|-------------------|
| ‘julgamento’ | ‘positiva’ | ‘inscrita’ | 5 |
| | | ‘evocada’ | 14 |
| | ‘negativa’ | ‘inscrita’ | 1 |
| | | ‘evocada’ | 8 |
| | ‘ambígua’ | ‘inscrita’ | 1 |
| | | ‘evocada’ | 0 |
| Total de ‘julgamento’ | | | 29 |

Fonte: Elaborado pela autora.

Como podemos observar a partir do Quadro 16, houve um predomínio de ocorrências avaliativas por ‘julgamento’ na polaridade ‘positiva’ e com realização ‘evocada’. Por um lado, predominância da polaridade ‘positiva’ pode, novamente, ter sido motivada por serem os audiodescritores católicos. Por outro lado, a predominância da realização implícita, as pessoas que mais seriam passíveis de terem seus comportamentos como artistas avaliados, os escultores, não são conhecidas e, portanto, não foram mencionadas nos roteiros.

Nas pesquisas de Farias Junior (2016) e de Arraes (2017) sobre roteiros de AD de filmes o termo ‘apreciação’ no sistema TIPOS DE ATITUDE apresentou também a maior ocorrência em combinação com o termo ‘ambígua’ no sistema POLARIDADE. Apesar de filmes e esculturas serem produtos culturais distintos,

ambos são obras de arte, o que pode explicar terem sido avaliados majoritariamente por ‘apreciação’. Embora em Abud (2017) a ocorrência de ‘apreciação’ não tenha sido a de maior ocorrência quanto aos tipos de ‘atitude’, a ocorrência da polaridade ‘ambígua’ foi também muito elevada. Abud explicou esse achado dizendo que a AD tende apenas a “descrever o que se vê esteticamente” (p. 71). Como o ‘descrever apenas o que se vê’ é o que subjaz a prescrição de neutralidade, a elevada ocorrência de ambiguidade é, ao fim e ao cabo, resquício dessa prescrição.

Concluída a análise das avaliações no ambiente da sub-rede ‘atitude’, parto para a análise das avaliações concernente à subrede de ‘gradação’.

4.3 DESCRIÇÃO DETALHADA DA ‘GRADAÇÃO’

A sub-rede de ‘gradação’ permite sobreposição com as sub-redes de ‘atitude’ e ‘engajamento’, pois os termos daquela se aplicam aos termos destas, amplificando ou reduzindo o grau das avaliações atitudinais e por ‘engajamento’. Até o segundo nível de delicadeza, a sub-rede de ‘gradação’ contém o sistema TIPOS DE GRADAÇÃO, que disponibiliza os termos ‘força’ e/ou ‘foco’, e o sistema DIREÇÃO DA GRADAÇÃO, cujos termos são: ‘aumentando’ ou ‘diminuindo’. Os significados dos termos do sistema TIPOS DE GRADAÇÃO são realizados lexicogramaticalmente por intensificadores, adjetivos, advérbios e processos verbais.

Do total de 82 ocorrências avaliativas no âmbito da sub-rede de ‘gradação’, há 66 ocorrências para ‘força’ (intensificação e quantificação) e 16 para ‘foco’ (prototipicidade). Das 66 ocorrências de ‘força’, 33 foram categorizadas como ‘aumentando’ e 33 como ‘diminuindo’, ou seja, houve quantidades iguais de reforço e mitigação de avaliações por ‘atitude’ e ‘engajamento’. As avaliações quanto ao grau de prototipicidade e de precisão ou por ‘só emergiram no *corpus* com a direção ‘diminuindo’.

4.3.1 ‘Força’

A combinação ‘gradação’-‘força’ ocorre em 20 dos roteiros de AD de esculturas do MSSJR, ou seja, em 90,90% do *corpus*. Isso significa que processos (verbos) e qualidades (adjetivos e advérbios) são avaliados por meio de medidas imprecisas de intensidade de quantificação, ‘aumentando’ ou ‘diminuindo’.

Nos exemplos a seguir, ilustro ‘força’-‘aumentando’. Uso também esses exemplos a fim de poder refletir sobre as escolhas feitas pelo par de audiodescritores quanto à sub-rede de ‘gradação’.

- (30) ...ele tem olhos pretos, cabelos e barba **longos**... (roteiro 2 – **São José**).
- (31) ...ele está usando **uma longa** túnica marrom... (roteiro 3 – **São José de Botas**).
- (32) ...seus olhos e cabelos **longos** são pretos... (roteiro 4 – **São Miguel Arcanjo**).
- (33) ...seus cabelos **longos**... (roteiro 6 – **Nossa Senhora do Rosário**).
- (34) Ela está usando um véu branco com ornamentos dourados sobre a cabeça, **uma longa** túnica branca ... (roteiro 6 – **Nossa Senhora do Rosário**).
- (35) Ele está usando uma **longa** túnica... (roteiro 10 – **São José de Botas com o Menino Jesus**).
- (36) Ela está usando um véu dourado sobre a cabeça, **uma longa** túnica dourada... (roteiro 11 – **Nossa Senhora da Conceição**).
- (37) ...a menina está de perfil, tem cabelos **longos**... (roteiro 12 – **Santana Mestra**).
- (38) ...sua barba **longa** e cheia... (roteiro 19 – **São Braz**).

Os exemplos ilustram que o adjetivo longo/longa, seja no singular ou no plural, ocorre em quase todos os roteiros. Por meio desta escolha, o par de audiodescritores avaliam por ‘gradação’-‘força’-‘aumentando’ a medida imprecisa do volume/presença das entidades que modificadas pelo adjetivo: barba, túnica e cabelos.

Os adornos usados nas figuras representadas nas esculturas sacras do MSSJR apresentam as mesmas características e são descritos nos roteiros com as mesmas escolhas lexicais avaliativas pelo par de audiodescritores, como ilustram os exemplos 30 a 38. Talvez essa repetição lexical decorra da expertise dos audiodescritores, advinda tanto da formação acadêmica quanto da prática, que pode leva-los ao não uso de sinônimos (alongado, comprido, grande) com o propósito de ajudar a PcDV na construção mental do objeto audiodescrito.

Os exemplos 39 e 40 mostram a importância da tonalidade das cores. Os adjetivos indicativos de tonalidade graduam imprecisamente a intensidade das cores, no caso dos exemplos, aumentando. Logo, são exemplos de ‘força’-‘aumentando’:

(39)...seus cabelos e barba longos são **castanho-escuros**... (roteiro 3 – **São José de Botas**).

(40) ...está usando uma túnica **azul escuro**... (roteiro 5 – **Santo Antônio**).

As avaliações de ‘gradação’-‘força’ por aumento de intensificação nos exemplos mencionados até aqui nesta subseção são realizadas por adjetivos. Há uma única ocorrência de realização por advérbio. Ela está apresentada no exemplo 41:

(41) ...suas sandálias azuis com detalhes dourados cobrem **inteiramente**...
(roteiro 4 – **São Miguel Arcanjo**).

No exemplo 41, o advérbio ‘inteiramente’ intensifica o processo (verbo) ‘cobrem’. Vê-se, neste exemplo e nos anteriores, que, mesmo sendo uma gradação imprecisa de intensificação, é um tipo de avaliação que ajudar a refinar o significado da intensidade de qualidades e processos para que a PcDV se aproxime o mais possível da representação das figuras sacras pelos escultores.

Para ‘gradação’-‘força’-‘diminuindo’, seguem dois exemplos em que a avaliação gradacional é realizada por adjetivos:

(42) ...seus olhos são **pequenos** e pretos... (roteiro 6 – **Nossa Senhora do Rosário**).

(43) ...duas **pequenas** estrelas... (roteiro 21 – **São Miguel Arcanjo**).

(44) O livro está sobre uma nuvem branca com detalhes dourados e dele **caem sete pequenas** tiras... (roteiro 1 – **Cordeiro branco**)

Os exemplos mostram que a gradação para menos das entidades olhos de **Nossa Senhora do Rosário**, estrelas na vestimenta de **São Miguel Arcanjo** e tiras pendentes do livro na escultura Cordeiro Branco detalham a descrição dos ‘olhos’, das ‘estrelas’ e das ‘tiras’, ajudando na construção da imagem mental. Isso acontece a despeito do fato de que são gradações imprecisas da quantificação do volume, no caso relativo ao tamanho, dos olhos, das estrelas e das tiras.

Na direção ‘diminuindo’, também há várias ocorrências de ‘gradação’-‘força’ por meio da intensificação imprecisa de qualidade. Os exemplos 45 a 50 demonstram a intensificação imprecisa de cores pelo adjetivo **claro**:

- (45) ...está usando uma túnica azul **claro**... (roteiro 2 –**São José**).
 (46) ...túnica marrom com detalhes dourados, um manto com faces azul **claro** e dourado... (roteiro 3 –**São José de Botas**).
 (47) ...túnica azul **claro**, com detalhes dourados... (roteiro 10 –**São José de Botas com o Menino Jesus**).
 (48) ...túnica dourada, com detalhes em azul **claro**... (roteiro 10 –**Nossa Senhora da Conceição**).
 (49) ...barba longa e cheia é castanho-**claro**... (roteiro 19 – **São Braz**).
 (50) ...uma suntuosa túnica vermelho-**claro**... (roteiro 12 – **Santana Mestra**).

Como já dito na subseção 4.2.1, as cores apresentam relevância quanto à imagem mental que a PcDV constrói ao ouvir a AD. O adjetivo **claro**, nos exemplos de 45 a 50 contribui para o detalhamento e refinamento do significado expresso por cada dentro da escala de matizes cromáticos (HELLER, 2013). Repito que o detalhamento e refinamento se dá mesmo tratando-se de uma intensificação imprecisa, nestes exemplos para baixo, do matiz de cada cor.

Ainda na direção ‘diminuindo’ de ‘gradação’-‘força’, há também o uso de advérbios para a realização de intensificação imprecisa de qualidade (adjetivos e advérbios).

- (51) ...sua boca pequena **levemente** rosada... (roteiro 6 – **Nossa Senhora do Rosário**).

No exemplo 52, o advérbio ‘levemente’ gradua imprecisamente para baixo a intensidade da qualidade ‘rosada’ da boca. A boca de **Nossa Senhora do Rosário** ser **levemente** rosada expressa saúde, não palidez.

Na próxima subseção, as avaliações relativas à combinação de termos ‘gradação’- ‘foco’ serão abordadas. É o último termo dos sistemas de segundo nível de delicadeza da sub-rede de ‘gradação’. É o que apresenta quantitativamente menor número de ocorrências no *corpus*.

4.3.2 'Foco'

As avaliações ligadas à 'gradação'-'foco' no *corpus* ficaram restritas à diminuição de prototipicidade ou desfocado. São 16 ocorrências para diminuindo e nenhuma para aumentando.

Há roteiros onde não consta nenhuma avaliação por 'foco'-'diminuindo'; porém, em outros roteiros, há uma concentração de três ocorrências. Talvez, o número baixo de ocorrências de avaliações relativas ao termo 'foco' no sistema TIPOS DE GRADAÇÃO possa ser consequência do fato de o par de audiodescritores ter escolhido não deslocar entidades e qualidades do centro da categoria respectiva, onde está o protótipo, para as margens, onde ficam desfocadas, portando, imprecisas. Como a imprecisão ou não objetividade não é bem vista pelo parâmetro da neutralidade, não é improvável que essa escolha, mesmo subconsciente, por parte dos audiodescritores também seja devido a resquícios da época em que se esforçavam para ser neutros.

Como já discutido em vários pontos nesta seção, as cores são de muita relevância avaliativa para um *corpus* de roteiros de AD de produto cultural artístico. Das 16 ocorrências, são cores que são desfocadas em seis delas:

- (52) ...sua boca entreaberta em **lábios rosados**... (roteiro 5 – Santo Antônio)
- (53) ...sua boca pequena levemente **rosada**... (roteiro 6 – Nossa Senhora do Rosário)
- (54) ...sua boca tem lábios **avermelhados**... (roteiro 7 – São Benedito)
- (55) ...sua boca de lábios **avermelhados**... (roteiro 17 – São Francisco Xavier)
- (56) ...os lábios levemente **avermelhados**... (roteiro 20 – São Francisco de Assis).

Algo que tem uma cor rosada ou avermelhada não é genuinamente rosa ou vermelha: as cores 'rosa' e 'vermelha' foram deslocadas de seus protótipos pela escolha, pelo par de audiodescritores, de acrescentar o sufixo lexical '-ada'. Esses tons desfocados de rosa e vermelho referem-se à boca e lábios dos santos. Os tons **rosado** e **avermelhado** para a boca significam um bom estado de saúde, mesmo não sendo o rosa e o vermelho genuínos. No exemplo 56, além de a cor vermelha estar desfocada, ainda é graduada também por 'força' por meio do advérbio **levemente**, que intensifica a qualidade expressa pelo desfocado avermelhado.

Agora, apresento, no Quadro 17, uma síntese dos resultados quantitativos relativos às avaliações por 'gradação':

Quadro 17 – Resumo das ocorrências de ‘gradação’ no *corpus*

| TIPOS DE ATITUDE | TIPOS DE GRADAÇÃO | DIREÇÃO | NÚMEROS ABSOLUTOS |
|---------------------|-------------------|--------------|-------------------|
| 'gradação' | 'força' | 'aumentando' | 33 |
| | | 'diminuindo' | 33 |
| | 'foco' | 'aumentando' | 0 |
| | | 'diminuindo' | 16 |
| Total de 'gradação' | | | 82 |

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme mostrado por meio dos exemplos, as avaliações no escopo da sub-rede de 'gradação' aumentaram ou diminuíram a imprecisão dos alvos dessas avaliações. A imprecisão é inerente à 'gradação'. Em relação aos quase 73% de 'atitude', 'gradação' ocorreu pouco com seu percentual de em torno de 20%. Esse percentual relativamente baixo de avaliação da imprecisão, repito, pode ter sido causado por resquício da necessidade de neutralidade: para que se seja neutro, tem-se que ser preciso e objetivo.

Dessa forma, concluímos a análise das avaliações conforme os termos dos sistemas relativos à subrede de 'gradação'. Na próxima subseção, analiso e descrevo exemplos de avaliações conforme os termos dos sistemas na subrede de 'engajamento' até o segundo nível de delicadeza.

4.4 DESCRIÇÃO DETALHADA DO 'ENGAJAMENTO'

Para a sub-rede 'engajamento', 29 ou 7,03% ocorrências avaliativas estão presentes no *corpus*. Todos os termos/escolhas foram de 'engajamento'- 'heteroglossia' e nenhum para 'monoglossia'. Adotei os critérios de Praxedes Filho e Magalhães 2015 já ditos na sub-seção 2.1.2 de que o texto é sempre dialógico, portanto heteroglóssico.

Para relembrar, a sub-rede 'engajamento' é área de significados através dos quais o falante avalia seus próprios posicionamentos assumidos no texto e os posicionamentos de outros no amplo universo da intertextualidade, construindo suas

identidades e projetando dada identidade para seu interlocutor e estabelecendo com ele, ou não, um elo de solidariedade (MARTIN; WHITE, 2005).

Na próxima sub-seção, dialogo com os exemplos emergidos da análise do *corpus*. Os termos/escolhas avaliativos são todos dialógicos, ‘heteroglossia’.

4.4.1 ‘Heteroglossia’

Lembro que o cerceamento de entrada de outras vozes avaliativas em diálogo com a voz autoral – a ver com o tipo de ‘engajamento’ ‘monoglossia’ –, não ocorreu em todo o *corpus*. Por outro lado, a entrada de outras vozes avaliativas em diálogo com a voz autoral – ‘heteroglossia’ –, ocorreu, mas não está presente em todos os roteiros de AD das esculturas sacras do MSSJR e há repetições de tipos de ‘engajamento’-‘heteroglossia’, realizados pelas mesmas palavras e estruturas, as quais, então, expressam os mesmos sentidos. Sendo assim, comento todas as ocorrências com exceção das que se repetiram com o mesmo propósito significativo:

(57) ...sua mão direita está estendida para frente, **mas não possui mais** os dedo... (roteiro 3 – **São José de Botas**).

No exemplo 57, a presença de ‘heteroglossia’ se faz tanto por contraexpectativa, realizada pela conjunção ‘**mas**’, quanto por negação, realizada pelo advérbio ‘**não**’. Por intermédio da contraexpectativa, que é uma assertiva pela voz autoral que contraria a expectativa por ela criada, o diálogo se dá somente com uma única voz não autoral, aquela para a qual a expectativa foi contrariada. Da mesma forma, a negação, por pressupor a afirmação, estabelece um diálogo entre a voz autoral e a voz não autoral que avalia afirmando. No exemplo em análise, as duas avaliações por ‘engajamento’ heteroglóssico estão presentes na mesma oração. Há uma quebra de expectativa quando se diz que a mão está estendida talvez para segurar algo, todavia isso é não possível devido à falta dos dedos. Uma mutilação na escultura é descrita no roteiro de AD para a PcDV construir a imagem mental da escultura no momento da exposição. Essa falta dos dedos deve ser pela falta de cuidado que ocorreu antes de a estátua compor o acervo do MSSJR. É uma escultura datada do século 18.

No acervo, há várias esculturas com a mesma falta de membros ou parte deles. Os exemplos a seguir, 58 a 61, são de ‘heteroglossia’ negação:

- (58) ...**não possui mais** os braços... (roteiro 4 – **São Miguel Arcanjo**).
 (59) ...**não possui mais** a mão direita... (roteiro 6 – **Nossa Senhora do Rosário**).
 (60) ...**não tem mais** os dedos... (roteiro 8 – **Nossa Senhora das Mercês**)
 (61) ...**não possui mais** a mão direita... (roteiro 10 – **São José de botas com o Menino Jesus**).

O mesmo tipo de avaliação por ‘engajamento’ heteroglóssico via negação ocorre também no roteiro 15 (**Santa Luzia**), roteiro 16 (**São Francisco de Paula**), no roteiro 17 (**São Francisco Xavier**) e no roteiro 21 (**São Miguel Arcanjo**). Essa repetição de certos tipos de avaliação realizados lexicogramaticalmente de modo igual ocorreu também nas duas outras sub-redes: ‘atitude’ e ‘gradação’. Essa repetição é favorável à construção mental das esculturas pela PcDV.

Apesar de a maior ocorrência de ‘engajamento’ heteroglóssico ser por meio de contraexpectativa e negação, há também ocorrências de ‘engajamento’ heteroglóssico em que a voz autoral avaliativa dialoga não apenas com uma só voz extratextual (redução dialógica), mas com muitas dessas vozes (expansão dialógica). A principal realização lexicogramatical da expansão dialógica é a modalização. Os exemplos a seguir tratam da expansão dialógica:

- (62) ...enquanto que a mão direita segura **uma espécie** de cajado... (roteiro 10 – **São José de botas com o Menino Jesus**).
 (63) ...um manto dourado, com detalhes em azul e vermelho, que **simula** um movimento esvoaçante... (roteiro 11 – **Nossa Senhora da Conceição**).
 (64) ...ele tem **aparência jovem**... (roteiro 13 – **Andor de São Sebastião**).
 (65) ...outra vestimenta por baixo, na cor azul com detalhes dourados, **que lembram** figuras geométricas ... (roteiro 17 – **São Francisco Xavier**).
 (66) ...possui cabelos castanho-escuros com entradas avançadas, **sugerindo um princípio de calvície**... (roteiro 22 – **São Luiz Gonzaga**).

As proposições nos exemplos 62 a 66 estão na zona de indeterminação / dúvida entre as polaridades positiva e negativa. Os significados indeterminados de dúvida são realizados pela lexicogramática de modalidade-modalização. Nesses exemplos, a modalização é realizada lexicalmente por ‘uma espécie’, ‘simula’, ‘ter aparência’, ‘lembram’ e ‘sugerindo’. Se os audiodescritores têm dúvida a respeito de aspectos das esculturas e a expressam, sendo totalmente subjetivos, ao fazê-lo, eles põem sua posição avaliativa à disposição de todas as vozes extraautorais que se posicionam de modo contrário. Para roteiros de AD, como o público-alvo são pessoas que não enxergam, a descrição do aspecto duvidoso é dificilmente contradita. Se as

esculturas fossem táteis, a PcDV as tocaria e, pelo tato, poderia fazer inferências que viabilizariam o contraditório em relação à posição descritiva do audiodescritor.

No roteiro exemplo 62, São José de Botas com o Menino Jesus está com um objeto na mão; porém, os audiodescritores não conseguiram identificar que tipo de objeto é exatamente e realizaram a dúvida por **espécie de**, que modaliza a ideia de **cajado**: não dizem nem que é um cajado nem dizem que não é um cajado. Os audiodescritores falam em cajado, mas, por meio de **espécie de**, admitem estar se posicionando subjetivamente e oferecem a liberdade de o interlocutor discordar, ou seja, a voz do autor indica um número de possíveis possibilidades, evocando alternativas dialógicas (MARTIN; WHITE, 2005) para se fazer compreender.

Para os exemplos 63 a 66, a indefinição interpretativa está presente, o que abre um leque de alternativas dialógicas. O manto de Nossa Senhora da Conceição **simula** o movimento de voar, mas pode ser outros tantos tipos de movimento a depender da perspectiva de cada interlocutor com a juventude aparente de São Sebastião, a alternativa de os desenhos na vestimenta de São Francisco de Assis serem figuras geométricas e a sugestão **de calvície** em São Luiz Gonzaga. A presença da ‘heteroglossia’ fica caracterizada pela voz do par de autores que indica um número de possibilidades interpretativas nos roteiros, o que evoca alternativas dialógicas.

Avaliações no âmbito da sub-rede de ‘engajamento’ são as que pontuaram mais baixo quanto ao número de ocorrências. Visto que o ‘engajamento’ heteroglóssico é intrinsecamente subjetivo, sua ocorrência muito baixa também pode se dever a possível resquício do parâmetro de neutralidade.

O Quadro 18 mostra a síntese dos resultados quantitativos relativos às avaliações por ‘engajamento’:

Quadro 18 – Resumo das ocorrências de ‘engajamento’ no corpus

| TIPOS DE ATITUDE | TIPOS DE ENGAJAMENTO | NÚMEROS ABSOLUTOS |
|------------------|----------------------|-------------------|
| ‘engajamento’ | ‘monoglossia’ | 0 |
| | ‘heteroglossia’ | 29 |
| TOTAL | | 29 |

Fonte: Elaborado pela autora.

Concluimos a análise das ocorrências avaliativas nas três sub-redes: ‘atitude’, ‘gradação’ e ‘engajamento’ seguindo a ordem da maior para a menor quantidade de ocorrências nos roteiros de AD das esculturas do MSSJR. Na próxima subseção, faço um diálogo entre os resultados discutidos até aqui e os resultados das pesquisas resenhadas na seção 2 – tanto aquelas que procuraram descrever diferentes tipos de texto que não roteiros de AD, quanto aquelas que procuraram descrever o tipo de texto ‘roteiro de AD –, para, em seguida, concluir esta seção de análise.

4.5 COMPARANDO E CRUZANDO OS RESULTADOS

As pesquisas resenhadas na subseção 2.2.1 sobre a descrição de diferentes tipos de texto não classificados como roteiro de AD tiveram o Sistema de Avaliatividade de Martin e White (2005) como aparato teórico-metodológico para a análise dos respectivos *corpora*. Algumas usaram uma das sub-redes e outras as três sub-redes como fiz na pesquisa que relato nesta tese. Todas as pesquisas tiveram o objetivo de descrever as características avaliativas de determinado tipo de texto. Visto que o objetivo geral da pesquisa aqui relatada também é descrever as características avaliativas – mas de roteiros de AD de esculturas –, acho importante comparar os resultados das pesquisas resenhadas com aqueles aos quais cheguei para cada sub-rede a fim de propiciar uma discussão mais refinada.

Carvalho (2010) descreveu características avaliativas de críticas de cinema do ponto de vista da sub-rede de ‘atitude’ considerando os três termos do sistema TIPOS DE ATITUDE: ‘afeto’, ‘apreciação’ e ‘juízo’. O tipo de avaliação predominante foi ‘atitude’-‘apreciação’, dado que descreve mais o “produto [filmes] do que o comportamento humano [roteirista, diretor, produtor, atores]” (CARVALHO, 2010, p. 125). Esse achado ajuda na compreensão da razão pela qual a característica predominante nos roteiros de AD das esculturas é também por avaliações de ‘atitude’-‘apreciação’. Filmes e esculturas são manifestações artísticas diferentes, mas ambos são arte! Não é de surpreender, então, que ambos os produtos tenham sido avaliados muito mais pelos sentimentos estéticos suscitados nos críticos e nos audiodescritores que pelos sentimentos éticos a respeito do comportamento das pessoas envolvidas na produção de um filme e dos escultores. Parece, então, que produtos culturais artísticos sejam resenhados ou audiodescritos com predominância de ‘atitude’-

‘apreciação, com ‘atitude’-‘julgamento’ ocorrendo em menor quantidade e ‘atitude’-‘afeto’ com ocorrência intermediária.

Balocco (2010) usou a sub-rede de ‘engajamento’ para a descrição de textos opinativos da mídia jornalística (editoriais, colunas de opinião e cartas do leitor) publicados durante 45 dias seguidos nos jornais A Folha de São Paulo e O Globo. A ‘monoglossia’ e a ‘heteroglossia’ emergiram nos editoriais e nas cartas do leitor, mas com predominância para o primeiro tipo de ‘engajamento’ por serem tipos de texto que diminuem a dialogia com o interlocutor: o editorialista e o leitor em suas cartas não expandem a dialogia porque o primeiro defende o posicionamento avaliativo do jornal e o segundo defende seu próprio posicionamento avaliativo sobre dada matéria. Já o articulista de colunas de opinião é a voz autoral menos comprometida em convencer os interlocutores a também defender os mesmos posicionamentos avaliativos, abrindo o diálogo com vozes avaliativas extratextuais num debate aberto.

Ao contrário, as avaliações por ‘engajamento’ foram as que menos ocorreram nos roteiros de AD das esculturas, tendo sido o percentual de ocorrência muito mais baixo em relação aos percentuais relativos às avaliações por ‘atitude’ e ‘gradação’. Há, então, um indício de que, enquanto textos opinativos se caracterizam por frequência elevada de dialogia, textos descritivos não tenham como marca característica a dialogia. Além disso, como já indiquei, no caso específico de texto descritivo do tipo AD, a ocorrência muito baixa de ‘engajamento’ pode também se explicar por resquícios do parâmetro de neutralidade

Vian Junior (2010) analisa trechos de romance brasileiro representativo da literatura marginal. Como o romance trata do mundo marginal, é repleto de avaliações por ‘atitude’-‘negativa’. O objetivo do autor foi descrever como as avaliações atitudinais foram reforçadas ou mitigadas por avaliações da perspectiva da ‘gradação’. Tanto ‘força’-‘aumentando’/-‘diminuindo’ quanto ‘foco’ ‘aumentando’-/-‘diminuindo’ emergiram da análise de Vian Junior (2010). O mesmo aconteceu nesta pesquisa, com uma única diferença: nos roteiros de AD, ‘foco’-‘diminuindo’ não ocorreu.

O texto literário é de elevado nível de subjetividade/imprecisão, o que pode justificar a ocorrência de todos os tipos de ‘gradação’ em frequência elevada, pois, como já indiquei, a imprecisão é inerente a esse tipo de avaliação. No caso dos roteiros de AD das esculturas, não ocorreu um dos tipos de ‘gradação’ e sua frequência geral foi a menor em relação aos outros dois tipos de avaliatividade. Esculturas são igualmente arte; seria de se esperar que textos que as descrevem

também tivessem presença elevada de subjetividade-imprecisão. Por conseguinte, é necessário que eu repita mais uma vez que a economia de avaliação por 'gradação' pode decorrer de resquícios do parâmetro de neutralidade, que exige objetividade-precisão.

Em Oliveira (2013), a pesquisa teve como objetivo “refletir sobre o discurso da responsabilidade social e a retórica da autopromoção da Igreja Universal através do papel dos atores sociais na construção de sua identidade, materializados no Jornal Folha Universal” (OLIVEIRA, 2013, p. 23). A pesquisadora usou duas sub-redes: 'atitude' e 'engajamento'. Avaliações relativas à segunda foram as de maior predominância por trazer tantas vozes exteriores. Desse ponto de vista, os achados de Oliveira se distanciam dos resultados que apresentei nas subseções anteriores desta seção. É possível que o Jornal Folha Universal, para convencer os leitores sobre a responsabilidade social e da promoção positiva da igreja, tenha feito uso de argumentos de autoridade, num diálogo com clérigos, e depoimentos de fieis como testemunho. Num roteiro de AD, não há a necessidade de construção de convencimento. Quanto à subrede de 'atitude', a 'apreciação' foi a avaliação mais predominante como nos roteiros de AD do MSSJR. Enquanto o Jornal Folha Universal, na tentativa de convencimento, deve ter avaliado sentimentos estéticos sobre o valor social da igreja (importante, relevante, indispensável etc.), os audiodescritores avaliaram sentimentos estéticos associados a objetos de arte.

A última pesquisa que descreveu outro tipo de texto que não roteiro de AD é de Guedes (2017), que usou as três subredes em seus seis níveis de delicadeza e teve como objetivo descrever as diferenças de estilo avaliativo de textos que instanciam o gênero 'artigo científico', distribuídos em quatro áreas disciplinares: Química, Engenharia Civil, Antropologia e Linguística. Cada área disciplinar apresentou características peculiares de padrão avaliativo; porém, houve características semelhantes.

Comparando os resultados para os roteiros de AD das esculturas do MSSJR com os resultados para os artigos científicos apenas quanto ao primeiro nível de delicadeza, os roteiros se caracterizam por 'atitude' > 'gradação' > 'engajamento' e os artigos, por 'engajamento' > 'gradação' > 'atitude'. Portanto, os tipos de texto 'artigo científico' e 'roteiro de AD' apresentam características avaliativas diferentes no primeiro nível de delicadeza por terem propósitos distintos em suas situações de comunicação.

Finalizada a comparação de resultados entre as pesquisas resenhadas sobre outros tipos texto, que não o tipo 'roteiro de AD' e a pesquisa relatada nesta tese, inicio a discussão com base na comparação de resultados entre as pesquisas resenhadas que foram conduzidas em torno da interface SA-AD para a descrição de 'roteiros de AD' de diferentes produtos culturais e esta pesquisa.

A pesquisa pioneira na interface SA-AD foi a de Praxedes Filho e Magalhães (2013; 2015), cujo objetivo foi verificar se roteiros de AD em inglês e em português de pinturas eram neutros. Os pesquisadores, como nesta tese, categorizaram os dados até o segundo nível de delicadeza do SA. A neutralidade foi refutada. Quanto ao ranqueamento dos tipos de avaliatividade encontrados, é o que segue: 'gradação'-'força' > 'atitude'-'apreciação' > 'engajamento'-'heteroglossia'. Mesmo 'atitude'-'apreciação' ter ocorrido mais que 'gradação'-'força' para os roteiros de AD das esculturas sacras, essas duas combinações avaliativas, para ambos os *corpora*, ocorreram com frequência razoavelmente superior em comparação com a frequência de ocorrência de 'engajamento'-'heteroglossia'. Isso parece corroborar o que venho defendendo: que os roteiros de AD de produtos artísticos se caracterizam por avaliações de sentimentos estéticos reforçados ou mitigados em intensidade e quantificação.

O passo seguinte na agenda de pesquisa do LEAD/LATAV na interface SA-AD foi investigar a assinatura avaliativa de audiodescritores e/ou o estilo avaliativo de roteiros de AD: filmes (OLIVEIRA JUNIOR, 2016; FARIAS JUNIOR, 2016), de monumentos históricos (LIMA, 2016), e de peça teatral (PRAXEDES FILHO, SANTOS, FARIAS JUNIOR, 2017). Os resultados não se demonstraram produtivos quanto à teorização sobre AD, mas propiciaram o avanço da agenda de pesquisa do LEAD/LATAV para a etapa seguinte, na qual esta tese se insere: descrição das características avaliativas/interpretativas de roteiros de AD sem o viés do estilo interpretativo. Os dois estudos já concluídos são Arraes (2017) e Abud (2018).

Arraes (2017) analisou o roteiro de AD do filme 'Vermelho como céu' e encontrou o seguinte padrão avaliativo: 47,4% de 'atitude' ('apreciação'-30% / 'afeto'-16,7% / 'julgamento'-0,7%), 37,3% de 'gradação' ('força'-34% / 'foco'-3,3%) e 15,3% de 'engajamento' ('monoglossia'-15,3% / 'heteroglossia'-0%). Abud (2018) categorizou também até o segundo nível de delicadeza do SA o roteiro de AD da peça infantil 'Miralu e a luneta encantada'. Foi encontrada ocorrência de 82,65% de 'atitude' ('apreciação'-30,63% / 'afeto'-32,94% / 'julgamento'-19,07%), 13,2% de 'gradação'

(‘força’-13,29% / ‘foco’-0%) e 4,04% de ‘engajamento’ (‘heteroglossia’-4,04% / ‘monoglossia’-0%). Esses resultados coincidem com meus achados, com exceção do fato de que no *corpus* fílmico de Arraes (2017) o que predominou quanto aos tipos de ‘engajamento’ foi ‘monoglossia’. Contudo, o que parece ser mais relevante é que, nos três estudos, houve destaque para ‘atitude’-‘apreciação’ e ‘gradação’-‘força’, o que pode ser mais uma corroboração de que produtos culturais artísticos quando audiodescritos são avaliados quanto a sua aparência e seu valor social e essa avaliação é graduada para mais ou para menos.

Outro ponto em comum é que, nos três *corpora*, foram encontradas repetições lexicais relacionadas com avaliatividade. Em Arraes (2017), os significados relacionados às combinações ‘atitude’-‘afeto’ e ‘atitude’-‘apreciação’ foram realizados em grande parte pela “...repetição de vocábulos dentro do campo lexical [sorrir] – principalmente na cena final de Vermelho como o céu” e...uso recorrente de vocábulos de radical [fix-] (“fixos”, “fixamente”) para qualificar o modo de olhar dos personagens” (ARRAES, 2017, p. 87 / 89). O pesquisador constata a repetição nesses dois casos, mas não discute nem fornece exemplos.

Em Abud (2018), a repetição de palavras que realizam o mesmo significado avaliativo no roteiro de AD da peça infantil foi mais recorrente que no roteiro de AD de ‘Vermelho como céu’ (ABUD, 2018). A pesquisadora constata que a repetição da cor da iluminação do cenário constrói um crescendo de realização lexicogramatical da avaliação por ‘atitude’-‘apreciação’. Um exemplo é: “Ela caminha para o quintal. **Luzes brancas** iluminam a plateia” (ABUD, 2018, p. 91). A palavra ‘brancas’, que realiza avaliação de sentimento estético ambíguo em relação às luzes, se repete no ‘roteiro: “[o] trecho avaliativo inicia a repetição do simbolismo da luz branca como sendo carregada de sentido positivo, embora a AD não se posicione.” (ABUD, 2018, p. 91).

Além da repetição avaliativa de **luz branca**, **luz vermelha** também é recorrente no roteiro da peça infantil: “**Luzes vermelhas**. Tia Carola monta na vassoura” (ABUD, 2018, p. 93). A palavra ‘vermelhas’ também realiza avaliação de sentimento estético, marcando também a transformação de um dos personagens do bem para o mal.

Nas três pesquisas investigamos características avaliativas via SA em roteiros de AD de objetos culturais diferentes. No roteiro de AD do filme (ARRAES, 2017), a repetição de campos lexicais que constroem se concentra na sub-rede de ‘atitude’ nos tipos ‘afeto’ e ‘apreciação’, o que também ocorreu no roteiro de AD da

peça teatral. Porém, em Abud (2018) a preponderância foi na repetição lexical como nesta pesquisa.

A repetição lexical nos roteiros de AD das esculturas do MSSJR ocorreu para construir avaliação nas três sub-redes: 'atitude', 'gradação' e 'engajamento'. Pode-se inferir, a partir da análise dos dados, que usar esse recurso ajuda na construção mental da imagem pela PcDV quando se trata de obra de arte, pois gera um fio condutor para quem ouve a AD. Mesmo tendo havido sobreposição desseachado nas pesquisas de Arraes (2017) e Abud (2018), há a necessidade de retorno aos dados das pesquisas da primeira e segunda etapas da interface AD/SA pelo LEAD/LATAV a fim de verificar se há repetição e ver se é um traço que poderá ajudar na caracterização de roteiros de AD de objetos culturais iguais e diferentes.

Concluída a a apresentação dos resultados da análise e sua discussão, finalizo a tese com as considerações finais na próxima seção.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesquisa relatada nesta tese, adotei a abordagem descritiva à caracterização avaliativa de roteiros de AD de esculturas sacras produzidos para o Museu Sacro São José de Ribamar, localizado em Aquiraz-Ceará, à luz do Sistema de Avaliatividade (SA) no âmbito da Linguística Sistemico-Funcional (LSF). Portanto, fundamentei-me nas categorias do SA até o segundo nível de delicadeza com relação aos termos dos sistemas das sub-redes da rede de sistemas de avaliatividade: 'atitude', 'engajamento' e 'gradação'. A ferramenta *Concord* do *software WordSmith Tools 6.0* foi utilizada para fornecer os dados quantitativos que embasaram a análise para responder às questões de pesquisa.

Levando-se em conta as três subredes, os dados quantitativos evidenciaram que há um total de 412 (100%) ocorrências avaliativas no *corpus* como um todo. A sequência de predominância de ocorrência foi a seguinte: 'atitude' > 'gradação' > 'engajamento'. Logo, prevaleceram as avaliações de sentimentos (301 ocorrências ou 73,05% do total), seguidas pelas avaliações relativas ao reforço ou mitigação dos outros tipos de avaliação (82 ou 19,90% do total). Por fim, com o nível de ocorrência mais baixo, estão as avaliações relacionadas com a permissão, ou não, da entrada de vozes avaliativas extratextuais para diálogo com a voz avaliativa autoral (29 ocorrências ou 7,03% do total).

Quanto à subrede de 'atitude', no âmbito do sistema TIPOS DE ATITUDE, os sentimentos cujas avaliações predominaram foram os estéticos ('atitude'- 'apreciação'), com 208 ocorrências (50,48%), seguidos dos emotivos ('atitude'- 'afeto'), com 62 ocorrências (15,04%), e, por último, os sentimentos éticos ('atitude'- 'julgamento'), com 29 ocorrências (7,03%). Na combinação dos tipos de atitude com os termos dos sistemas POLARIDADE e TIPOS DE REALIZAÇÃO, tem-se: entre as 208 avaliações por 'apreciação', 92 são 'positivas' e 'inscritas' / 1 é 'negativa' e 'inscrita' / 115 são 'ambíguas' e 'inscritas'; entre as 62 avaliações por 'afeto', 53 são 'positivas', sendo 46 'inscritas' e 7 'evocadas' / 9 'negativas', sendo 2 'inscritas' e 7 'evocadas' / nenhuma 'ambígua; entre as 29 avaliações por 'julgamento', 19 são 'positivas', sendo 5 'inscritas' e 14 'evocadas' / 9 são 'negativas', sendo 1 'inscrita' e 8 'evocadas' / 1 'ambígua' e 'inscrita'.

Esses dados constituem-se na resposta da primeira questão de pesquisa: Como se caracterizam avaliativamente/interpretativamente roteiros de audiodescrição

de esculturas produzidos para o MSSJR do ponto de vista das avaliações de 'atitude' ('afeto', 'julgamento' e/ou 'apreciação' / 'positiva', 'ambígua' ou 'negativa' / 'inscrita' ou 'evocada')?

Inicialmente, constatou-se a presença de 'atitude'- 'apreciação' em todos os 22 roteiros de AD. É o tipo de avaliação esperado da parte dos audiodescritores por serem as esculturas objetos de arte. O tipo de polaridade mais recorrente foi 'ambígua', não tendo havido posicionamentos sobre se as esculturas são boas ou ruins, feias ou bonitas. No entanto, houve um equilíbrio quanto à quantidade de ocorrências da polaridade 'positiva' em relação à polaridade 'ambígua'.

A recorrência de avaliações por 'apreciação'- 'ambígua' e 'apreciação'- 'positiva' pode ser consequência das seguintes possibilidades, respectivamente: 1) seja resquício da época em que o par de audiodescritores ainda se pautava pelo parâmetro da neutralidade, que, por sua vez, remete ao princípio de fidelidade em tradução ou apagamento da voz do tradutor; 2) tenha alguma ligação com o fato de os audiodescritores serem católicos. Todas as ocorrências de 'apreciação' foram explícitas, ou seja, 'inscritas'. Esse tipo de avaliação pode decorrer de escolha, mesmo subconsciente, do par de audiodescritores para que pudessem facilitar uma construção mental das esculturas o mais próximo do que é acessado pelos videntes.

As avaliações de sentimentos emotivos ou 'afeto' estão em segundo lugar. Predominam as 'positivas' e 'evocadas' para a combinação 'atitude'- 'afeto', não tendo havido 'afeto' 'ambíguo'. Esse resultado se deu talvez pelo fato de as esculturas sacras apresentarem suscitem sentimentos felicidade, segurança e satisfação, que são totalmente claros. Essa clareza de sentimentos possivelmente suscitados pode ser uma característica de esculturas sacras por serem todas figurativas.

Por sua vez, as avaliações de sentimentos éticos a ver com o comportamento das pessoas ou 'julgamento' são as que menos ocorreram entre os termos do sistema TIPOS DE ATITUDE. Esse baixo nível de ocorrência já era esperado pelo fato de que as pessoas mais passíveis de terem tido seu comportamento avaliado são os escultores, os quais não eram do par de audiodescritores. Quanto ao tipo de polaridade para 'afeto'- 'julgamento', a incidência elevada de 'positiva' pode também ter sido motivada por serem os audiodescritores católicos, tal como hipotetizei para 'afeto'- 'apreciação'. A ocorrência baixa da implicitude na realização também pode ter sua motivação no desconhecimento de quem são os escultores.

A segunda pergunta de pesquisa – Como se caracterizam avaliativamente/interpretativamente roteiros de audiodescrição de esculturas produzidos para o MSSJR do ponto de vista das avaliações de ‘engajamento’ (‘monoglossia’ ou ‘heteroglossia’)? –, foi respondida com o achado de que ‘engajamento’ foi o tipo de avaliação que menos ocorreu, tendo chegado a apenas 7,03% do total, e não foi encontrada em todos os roteiros. Todas as ocorrências foram de ‘engajamento’ por ‘heteroglossia’ por meio de realização lexicogramatical via repetições de palavras e estruturas, conforme mostrado na seção 4. A ocorrência muito baixa também pode se dever a possível resquício do parâmetro de neutralidade.

Por fim, a última pergunta de pesquisa a ser respondida foi: Como se caracterizam avaliativamente/interpretativamente roteiros de audiodescrição de esculturas produzidos para o MSSJR do ponto de vista das avaliações de ‘gradação’ (‘força’ e/ou ‘foco’ / ‘aumentando’ ou ‘diminuindo’)? Foi a sub-rede que propiciou 66 são ‘força’ (intensificação e quantificação) e 16 são ‘foco’ (prototipicidade)-‘diminuindo’. Das 66 ocorrências de ‘força’, 33 foram categorizadas como ‘aumentando’ e 33 como ‘diminuindo’, ou seja, houve quantidades iguais de reforço e mitigação de avaliações por ‘atitude’ e ‘engajamento’.

As avaliações por ‘gradação’ aumentaram ou diminuíram a imprecisão dos alvos dessas avaliações. A imprecisão é inerente à ‘gradação’. Em relação aos quase 73% de ‘atitude’, ‘gradação’ ocorreu pouco com seu percentual em torno de 20%. Esse percentual relativamente baixo de avaliação imprecisa pode ter sido causado por resquício da necessidade de neutralidade: para que se seja neutro, tem-se que ser preciso e objetivo.

O que se pode concluir é que ainda há indícios do parâmetro da neutralidade nos roteiros de AD das esculturas sacras do MSSJR, tal como comprovado na análise descritiva à luz do SA/LSF nesta tese. Os roteiros foram produzidos pelo par de audiodescritores em um tempo em que não havia ainda sido demonstrada não neutralidade a partir dos resultados da pesquisa de Praxedes Filho e Magalhães (2013; 2015). Da perspectiva do possível resquício do parâmetro da neutralidade, uma sugestão de pesquisa é caracterizar roteiros de AD produzidos pelo mesmo par de audiodescritores a partir de 2016, ano em que a evidência da impossibilidade de neutralidade foi incorporada pelos membros do LEAD/LATAV. O par de audiodescritores faz parte deste grupo de pesquisa.

Pode-se concluir que os roteiros de AD das esculturas sacras do MSSJR apresentaram repetição lexical e isso contribuiu para a construção de avaliação nas três sub-redes: 'atitude', 'gradação' e 'engajamento'. Pode-se inferir, a partir da análise dos dados, que usar esse recurso provavelmente ajude na construção da imagem mental do produto audiodescrito pela PcDV quando se trata de obra de arte, pois gera um fio condutor para quem ouve a AD.

Também houve avaliação por repetição lexical nos roteiros de AD nas pesquisas de Arraes (2017) e Abud (2018), que fazem parte da terceira etapa da agenda de pesquisa do LEAD/LATAV envolvendo a interface AD/SA. Então, seria interessante um retorno aos dados das pesquisas que foram desenvolvidas nas primeira e segunda etapas a fim de verificar se há avaliação por repetição e se este é um traço que poderá ajudar na caracterização de roteiros de AD de produtos culturais de diferentes, o que poderá ser também uma contribuição relevante para a formação de audiodescritores e locutores de AD.

O que apresentei nesta tese foi a tentativa de dar contribuição aos audiodescritores de esculturas sacras, a partir da análise descritiva da caracterização avaliativa dos roteiros de AD das esculturas do MSSJR, tendo em vista fazerem escolhas adequadas na produção dos roteiros e, assim, a construção mental pela PcDV da imagem de obras de arte. Sem o recurso da AD, a acessibilidade à arte pela PcDV seria muito mais restrita ou talvez impossível.

REFERÊNCIAS

- ABUD, Janaína V. T. **Análise do roteiro de audiodescrição da peça Miralu e a luneta encantada**: um estudo descritivo via sistema de avaliabilidade. 2018. 177 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.
- ADERALDO, Marisa F. **Proposta de parâmetros descritivos para audiodescrição à luz da interface revisitada entre Tradução Audiovisual Acessível e semiótica social – multimodalidade**. 2014. 206 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- ALMEIDA, Fabíola S. D. P. **Os recursos léxico-gramaticais de Atitude no discurso de dois professores universitários**. 2008. 360 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.
- _____. **A avaliação na linguagem**: os elementos de atitude no discurso do professor. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- ALMEIDA, João Marcus Beserra. **O roteiro de audiodescrição do filme de curta-metragem ‘Águas de romanza’ é neutro?** Uma pergunta para o Sistema da Avaliabilidade. 2015. 28 f. Monografia (Trabalho de conclusão de curso) – Bacharelado em Letras, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.
- ARAÚJO, Vera S.; OLIVEIRA JUNIOR, Juarez N. A pintura de Aldemir Martins para cegos: audiodescrevendo cangaceiros. In: ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago; ADERALDO, Marisa Ferreira. (Org.). **Os Novos Rumos da Pesquisa em Audiodescrição no Brasil**. Curitiba: CRV, 2013. p. 89-100.
- ARRAES, Daniel de Albuquerque. **A (falta de) reconstrução de programas de efeitos em roteiros de audiodescrição de filme via posicionamentos avaliativos do audiodescritor**: um estudo de caso. 2017. 140 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.
- AUDIO DESCRIPTION COALITION. **Standards for audio description and code of professional conduct for describers**. 2008. Disponível em: <<https://www.nps.gov/hfc/acquisition/pdf/audio-description/shared/attach-a.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2016.
- BALOCCO, Anna Elizabeth. O sistema do engajamento aplicado a espaços opinativos na mídia escrita. In: VIAN JUNIOR, Orlando.; SOUZA, Anderson A.; ALMEIDA, Fabíola S.D.P. **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**: estudos sistêmicos-funcionais com base no Sistema da Avaliabilidade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 41-56.

BENECKE, Bernd. Audio Description. **Meta**, Montreal, v. 49, n. 1, p. 78-80, 2004. Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/meta/2004/v49/n1/009022ar.pdf>> Acesso em: 30 abr. 2016.

BRAGA, Klístenes B. **Cinema acessível para pessoas com deficiência visual: a audiodescrição de O Grão de Petrus Cariry**. 2011. 153 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

CARVALHO, Gisele. A prosódia atitudinal: apreciação e julgamento em críticas de cinema. In: VIAN JUNIOR, Orlando.; SOUZA, Anderson. A.; ALMEIDA, Fabiola S.D.P. **A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmicos-funcionais com base no Sistema da Avaliatividade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 113 –130.

CARVALHO, Wilson J. de A.; MAGALHÃES, Célia M.; ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago. Locução em filmes audiodescritos para pessoas cegas ou com baixa visão: uma contribuição à formação de audiodescritores. In: ARAÚJO, Vera Lúcia S.; ADERALDO, Marisa Ferreira. (Org.). **Os novos rumos da pesquisa em audiodescrição no Brasil**. 1ed. Curitiba: CRV, 2013. p. 151 -168.

CARVALHO, Wilson J. de A.; LEO, Bruna A.; PALMEIRA, Charleston Teixeira. Locução e audiodescrição nos estudos de tradução audiovisual. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 56, 2017, p. 359-378.

DE COSTER, K.; MÜHLEIS, V. Intersensorial Translation: Visual Art Made Up by Words. In: DÍAZ CINTAS, Jorge; ORERO, Pilar; REMAEL, Aline. (Ed.). **Media for All: Subtitling for the Deaf, Audio Description, and Sign Language**. Amsterdam: Rodopi, 2007. p. 189-199.

DÍAZ CINTAS, Jorge. Audio Visual Translation Today: Question of Accessibility for All. **Translating Today**, v. 4, 2005.

FARIAS JÚNIOR, Lindolfo R. **O roteiro de AD em português do filme 'Ensaio sobre a cegueira'**: Um estudo descritivo sobre o estilo avaliativo do texto. 2016. 238 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

FRANCO, Eliana P. C.; SILVA, Manoela Cristina C. C. da. Audiodescrição: breve passeio histórico. In: MOTTA, Livia V. DE M.; FILHO, Paulo Romeu (Org.). **Audiodescrição: transformando imagens em palavras**. São Paulo: Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010. p. 19-36.

FRANCO, Eliana; ARAÚJO, Vera Lucia S. Questões terminológico-conceituais no campo da tradução audiovisual. **Tradução em Revista**, n. 11, p. 1-23, 2011. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/trad_em_revista.php?strSecao=input0>. Acesso em: 19 maio 2016.

GAMBIER, Yves. Screen Transadaption: Perception and Reception. **The Translator**, Manchester, v. 9, n. 2, p. 171-189, 2003. Disponível em: <<http://www.stjerome.co.uk/periodicals/journal.php?j=72&v=135&i=139>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

GUEDES, Sônia Margarida Ribeiro. **O estilo avaliativo de textos instanciadores do gênero artigo científico nas áreas de química, engenharia civil, antropologia e linguística**. 2017. 375 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian Matthias Ingemar Martin. **An introduction to Functional Grammar**. 3. ed. New York: Arnold, 2004.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores**: como as cores afetam a emoção e a razão. Tradução de Maria Lúcia Lopes da Silva. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

HOLLAND, Andrew. Audio description in the theatre and the visual arts: images into words. In: ANDERMAN, Gunilla; DÍAZ CINTAS, Jorge. (Ed.). **Audiovisual translation: language transfer on screen**. New York: Palgrave MacMillan, 2009. p. 170-185.

HOLMES, James S. The Name and Nature of Translation Studies. In: VENUTI, Lawrence. (Ed.). **The Translation Studies Reader**. New York: Routledge, 2000. p. 172-185.

INGHILLERI, Moira. Audiovisual translation. In: BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriela (Org.). **Routledge encyclopedia of Translation Studies**. 2. ed. London: Routledge, 2009. p. 13-20.

JAKOBSON, Roman. On Linguistic Aspects of Translation. In: VENUTI, Lawrence (Ed.). **The Translation Studies Reader**. London: Routledge, 2000. p. 113-118.

JANES, Dominic. **God and Gold in late antiquity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

JIMENEZ-HURTADO, Catalina J. Una gramática local del guión audiodescrito. Desde la semántica a la pragmática de nuevo tipo de traducción. In: HURTADO, Catalina J. **Traducción y accesibilidad. Subtitulación para sordos y audiodescripción para ciegos**: nuevas modalidades de traducción audiovisual. Amsterdã: Peter Lang, 2007. p. 55 -80

LIMA, Zilda Maria M.; HOLANDA, Cristina R. (Org.). **Museu Sacro São José de Ribamar**: Associação de Amigos do Museu do Ceará. Fortaleza: SECULT, 2012.

LIMA, Anna Kesya F. **A audiodescrição de monumentos de Fortaleza**: um estudo sobre o estilo interpretativo da perspectiva da assinatura avaliativa da audiodescriitora. 2016. 52 f. Monografia (Trabalho de conclusão de curso) – Bacharelado em Letras, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

MAGALHÃES, Célia; ARAÚJO, Vera Lúcia S. Metodologia para elaboração de audiodescrições para museus baseada na semiótica social e multimodalidade. **Revista de la Asociación Latinoamericana de Estudios del Discurso**, v. 11, n. 1, p. 31-55, 2012.

MAGALHÃES, Célia. Um *corpus* para o estudo do estilo da tradução. **Caderno de Tradução**, Florianópolis, n. 34, p. 248-271, jul./dez. 2014.

MARTIN, Jim R.; WHITE, Peter R.R. **The language of evaluation**: appraisal in English. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MUNDAY, Jeremy **Introducing Translation Studies**: Theories and applications. London: Routledge, 2001.

_____. **Style and ideology in translation**: Latin American writing in English. London: Routledge, 2008.

NAVES, Sylvia B.; MAUCH, Carla; ALVES, Soraia F.; ARAÚJO, Vera Lúcia S. (Org.). **Guia Para Produções Audiovisuais Acessíveis**. Brasília: Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura, 2016.

NUNES, Maria da Salete. **Uma proposta de audiodescrição de pinturas de Bruegel sob a perspectiva dos estudos da tradução e da semiótica social multimodal**. 2016. 306 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

OLIVEIRA, Derli Machado de. **Entre a fé, a obra social e a publicidade**: uma análise crítica do discurso da responsabilidade social da Igreja Universal do Reino de Deus. 2013. 175 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Ciência e Artes, Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013. Disponível em: <http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/16374/1/DerliMO_TESE.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2016.

OLIVEIRA JÚNIOR, Juarez N. **Ouvindo imagens**: a audiodescrição de obras de Aldemir Martins. 2011. 98 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

_____. **Desmistificando a neutralidade em AD via Sistema de Avaliatividade**: um estudo exploratório-descritivo sobre a Assinatura Avaliativa do audiodescritor de curtas de temática LGBTTI. 2016. 201 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

OLIVEIRA JÚNIOR, Juarez N.; PRAXEDES FILHO, Pedro Henrique Lima. A (não)neutralidade em roteiros de audiodescrição-AD de filmes de curta-metragem

via sistema de avaliabilidade. In: CARPES, Daiana S. **Pesquisas em audiodescrição**. Santa Cruz do Sul-RS: Catarse, 2016. p. 22 -36.

O'TOOLE, Michael A. Systemic Functions of Art. In: PETER, Hagoort F.; GREGORY, Michael. **Discourse in Society: Systemic Function Perspectives: Meaning and Choice in Language: Studies for Michael Halliday**. Westport: Ablex Publ, 1995. p. 159-180.

_____. **The Language of Displayed Art**. 2. ed. New York: Routledge, 2011.

PALMEIRA, Charleston Teixeira ; ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago ; CARVALHO, Wilson J. de A. . Locução para audiodescritores: contribuições da Fonoaudiologia. In: ADERALDO, Marisa Ferreira; MASCARENHAS, Renata de Oliveira; ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago; DANTAS, João Francisco de Lima. (Org.). **Pesquisas teóricas e aplicadas em audiodescrição**. Natal-RN: EDUFRN, 2016. v. 1. p. 235 -255.

PRAXEDES FILHO, Pedro Henrique Lima. **A corpora-based study of the development of EFL Brazilian learners' interlanguage from simplification to complexification in the light of Systemic Functional Grammar**. 2007. 1307 f. Tese (Doutorado em Letras/Inglês e Linguística Aplicada) – Centro Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

PRAXEDES FILHO, Pedro Henrique Lima. Sobre a abrangência da Linguística Sistêmico Funcional. In: ARAÚJO, Júlio Cesar.; BIASE-RODRIGUES, Bernadete.; DIEB, Messias (Org.). **Seminários Linguísticos: discurso, análise linguística, ensino e pesquisa**. Mossoró, UERN, 2010. p. 305-325.

_____. **Linguística Sistêmico Funcional: Linguística Teórica ou Aplicada?** Linguagem em Foco, v. 6, n. 1, p. 11-25, 2014.

PRAXEDES FILHO, Pedro Henrique Lima; MAGALHÃES, Célia Maria. A neutralidade em audiodescrições de pinturas: resultados preliminares de uma descrição via teoria da avaliabilidade. In: ARAÚJO, Vera Lúcia S.; ADERALDO, Marisa F. (Org.). **Os novos rumos da pesquisa em audiodescrição no Brasil**. Curitiba: CRV, 2013. p. 73-87.

_____. Audiodescrições de pinturas são neutras? Descrição de um pequeno corpus em português via sistema de avaliabilidade. In: PONTES, Valdeci de O.; CUNHA, Roseli B.; CARVALHO, Ednusia P. de; TAVARES, Maria da Glória G. **A tradução e suas interfaces: múltiplas perspectivas**. Curitiba: CRV, 2015. p. 99-130.

PRAXEDES FILHO, Pedro Henrique Lima; SANTOS, Sâmia Araújo; FARIAS JÚNIOR, Lindolfo R. Roteiros de audiodescrição de peças teatrais são neutros? Um estudo de caso via teoria da avaliabilidade. In: SEMANA DO TRADUTOR, 34. SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE TRADUÇÃO, 1., 2014, São José do Rio Preto, SP. **Anais ...** São José do Rio Preto, SP: UNESP, 2014. p. 132.

_____. Tendência de assinatura avaliativa: um estudo de caso exploratório em roteiro de audiodescrição de peça de teatro. **Entrepalavras**, v. 7, n. 2, 2017.

PRAXEDES FILHO, Pedro Henrique Lima; ARRAES, Daniel de Albuquerque e. Avaliar ou não avaliar, eis a questão: o estado da arte nas pesquisas sobre avaliatividade em audiodescrição. **Trabalho Linguística Aplicada**, Campinas, v. 56, n. 2, maio/ago. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/010318138649528280001>>. Acesso em: 23 out. 2017.

PRAXEDES FILHO, Pedro Henrique L.; MAGALHÃES, Célia M. Neutrality in audio descriptions of paintings: An Appraisal System-based study of corpora in English and Portuguese. **Revista da Anpoll** (online), v. 1, p. 279-298, 2018.

RAI, Sonali; GREENING, Joan; PETRÉ, Leen. **A comparative study of audio description guidelines prevalent in different countries**. London: Media and Culture Department, Royal National Institute of Blind People, 2010.

SALDANHA, Gabriela. Translator style, methodological consideration. **The Translator**, v. 17, n. 1, p. 25-50, 2011

SASSAKI, Romeu Kasumi. Panorama Geral da Inclusão Social. In: SEMINÁRIO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE LIMEIRA SOBRE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA, 1, 2003. São Paulo, 2003. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Unicamp, 2003. Disponível em: <<http://www.ceset.unicamp.br/~joaquiml/ST%20019/Panorama%20Geral%20da%20Inclus%20Social.doc>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

SILVA, Manoela Cristina C.C. **Com os olhos do coração**: estudo acerca da audiodescrição de desenhos animados para o público infantil. 2009. 214 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação e Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SILVA, Cristiene F.; PRAXEDES FILHO, Pedro Henrique Lima. A (in)existência de neutralidade: um estudo de caso baseado em corpus com roteiros de audiodescrições francesas de filmes via Teoria da Avaliatividade. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 30, n. 2, p. 367-400, jul./dez. 2014.

SNYDER, Joel. Audio description: the visual made verbal. In: DÍAZ CINTAS, Jorge (Ed.). **The didactics of audiovisual translation**. Amsterdam: John Benjamins, 2008. p. 191-198.

SOUZA, Anderson A. **"Do it right, be firm, be fair"**: a systemic functional investigation of national anthems written in English. 2008. 185 f. Tese (Doutorado em Letras/Inglês e Literatura Correspondente) – Programa de Pós-Graduação em em Letras/ Inglês e Literatura Correspondente, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

VIAN JÚNIOR, Orlando. O Sistema da Avaliatividade e os recursos para gradação em Língua Portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. **Delta**, São Paulo, v. 25, n1, p. 99-129, 2009.

VIAN JÚNIOR, Orlando; SOUZA, Anderson A. de; ALMEIDA, Fabiola S. D. P. (Org.). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**: estudos sistêmicos-funcionais com base no sistema de avaliatividade. São Carlos, SP: Pedro & João, 2010.

ANEXOS

ANEXO A – Roteiro de AD da exposição permanente ‘A História do Ceará na Arte Sacra

AD DA EXPOSIÇÃO DO MUSEU SACRO SÃO JOSÉ DE RIBAMAR - ESCULTURAS

FAIXA 1 – SAUDAÇÕES

AUDIODESCRITOR 2: SAUDAÇÕES.

ESTE EQUIPAMENTO CONTÉM A AUDIODESCRIÇÃO DA EXPOSIÇÃO “HISTÓRIA DO CEARÁ NA ARTE SACRA”, DO MUSEU SACRO SÃO JOSÉ DE RIBAMAR, INAUGURADO PELO GOVERNADOR DO CEARÁ, PLÁCIDO ADERALDO CASTELO, EM 27 DE SETEMBRO DE 1967.

SEU ACERVO É CONSIDERADO UM DOS MAIS IMPORTANTES DO NORDESTE.

FORMADO POR IMAGENS, OBJETOS DE PROCISSÃO, PARAMENTOS LITÚRGICOS, ORATÓRIOS, ALFAIAS E MISSAIS, ORIUNDOS DE DIFERENTES ÉPOCAS E RECANTOS DO CEARÁ, ESTE MUSEU ESTÁ INSTALADO NO PRÉDIO DA ANTIGA CASA DE CÂMARA E CADEIA DO MUNICÍPIO DE AQUIRAZ, CONSIDERADA A PRIMEIRA VILA DA CAPITANIA DO CEARÁ.

NESTE PERCURSO ALGUMAS OBRAS SÃO AUDIODESCRITAS, ENQUANTO OUTRAS POSSUEM RÉPLICAS QUE PODERÃO SER TOCADAS, ALÉM DE MAQUETES TÁTEIS E DE INFORMAÇÕES EM BRAILLE.

AUDIODESCRITOR 1: **MUSEU SACRO SÃO JOSÉ DE RIBAMAR**

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ: **CID FERREIRA GOMES**

SECRETARIA DA CULTURA DO CEARÁ: **PAULO DE TARSO MAMEDE**

COORDENAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL: **OTÁVIO MENEZES**

DIREÇÃO DO MUSEU SACRO SÃO JOSÉ DE RIBAMAR: **CARLA MANUELA VIEIRA**

PRESIDÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DO MUSEU SACRO: **TEREZINHA HOLANDA COSTA FREITAS**

EXPOSIÇÃO HISTÓRIA DO CEARÁ NA ARTE SACRA

CONCEPÇÃO MUSEOGRÁFICA E CENOGRAFIA: **ANDRÉ SCARLAZZARI**

FUNDAMENTAÇÃO HISTÓRICA: **ANTÔNIO LUIZ MACÊDO E SILVA FILHO, BERENICE ABREU DE CASTRO NEVES E FRANCISCO RÉGIS LOPES**

ASSESSORIA DE ARTE SACRA E DOCUMENTAÇÃO: **OSVALDO GOUVEIA RIBEIRO**

ASSESSORIA DE HISTÓRIA DA IGREJA E HISTÓRIA ORAL: **EDILBERTO CAVALCANTE REIS E KÊNIA SOUZA RIOS**

ASSESSORIA DE MUSEOLOGIA: **MANUELINA DUARTE CÂNDIDO**

ASSESSORIA DE TEORIA DA HISTÓRIA: **DENISE BERNUZZI DE SANT'ANNA**

COORDENAÇÃO DE EXECUÇÃO: **RONES MOTA DUARTE, MARIA ELIENE MAGALHÃES SANTOS E FRANCISCA PAULA MACHADO**

CONSULTORIA EM ACESSIBILIDADE: **LEÃO & BRAGA AUDIODESCRITORES ASSOCIADOS**

LOCUÇÃO DA AUDIODESCRIÇÃO: **BRUNA LEÃO E KLÍSTENES BRAGA**

PATROCÍNIO: **PROGRAMA CAIXA DE APOIO AO PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO**

AUDIODESCRITOR 2: **FAIXA 2 – HALL**

AUDIODESCRITOR 2: NO HALL DO MUSEU, FICAM O BALCÃO DA RECEPÇÃO, OS BANHEIROS FEMININO E MASCULINO, A PLATAFORMA ELEVATÓRIA ADAPTADA PARA ACESSO AO PISO SUPERIOR, A MAQUETE TÁTIL DESTE ANDAR E UM SINO.

AUDIODESCRITOR 1: A PORTA DA ENTRADA PRINCIPAL DO MUSEU, QUE DÁ ACESSO A PRAÇA DA MATRIZ, É UMA GRANDE PORTA DE MADEIRA, PINTADA NA COR VERDE, SEGUIDA POR UMA GRADE DE FERRO, DO PRÉDIO ORIGINAL. A FACHADA DO MUSEU É PINTADA DE AMARELO COM CONTORNOS BRANCOS, POSSUI 2 JANELAS EM BAIXO E 5 EM CIMA, TODAS PINTADAS DE VERDE COM CONTORNOS BRANCOS, E TEM O LETREIRO DE METAL “MUSEU S. JOSÉ DE RIBAMAR” FIXADO DO LADO DIREITO, ACIMA DA PORTA.

AUDIODESCRITOR 2: EM FRENTE À RECEPÇÃO, HÁ UM SINO DE BRONZE SOBRE UMA BASE DE MADEIRA. NA PARTE FRONTAL DO SINO, HÁ ALGUMAS GRAVAÇÕES: UMA CRUZ E O NOME “SÃO JOSÉ”, NA PARTE SUPERIOR, E AS LETRAS F. C. E O ANO 1804, NA PARTE INFERIOR.

AUDIODESCRITOR 1: ACIMA DO SINO, PENDURADA NA PAREDE A 1M E 60CM DO CHÃO, HÁ UMA ESCULTURA DE 86CM DE ALTURA POR 1M E 02CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA ENTALHADA E DOURADA, DATADA DO SÉCULO 08. É UM CORDEIRO BRANCO DEITADO SOBRE UM LIVRO, QUE TEM ATRÁS UMA REPRESENTAÇÃO DO RESPLENDOR, NA FORMA DE RAIOS DOURADOS. O LIVRO ESTÁ SOBRE UMA NUVEM BRANCA COM DETALHES DOURADOS E DELE CAEM SETE PEQUENAS TIRAS COM ESFERAS NA PONTA. NA BASE DA OBRA, ORNAMENTOS DOURADOS.

AUDIODESCRITOR 1: DOIS PORTAIS LATERAIS COM GRADES, DO PRÉDIO ORIGINAL, DÃO ACESSO A SALA 1 – O MUSEU E A SALA 2 – IGREJA E COLONIZAÇÃO, LOCALIZADAS NESTE ANDAR. O TETO DO HALL, BEM COMO DAS DUAS SALAS, É CONSTITUÍDO DE TÁBUAS DE MADEIRA, SUSTENTADAS POR GRANDES TRONCOS DE CARNAÚBA. JÁ O PISO DO HALL E DAS SALAS É CONSTITUÍDO DE TIJOLOS DE BARRO, DO PRÉDIO ORIGINAL. COMEÇAREMOS PELA SALA 1 – O MUSEU.

AUDIODESCRITOR 1: FAIXA 3 – SALA 1 – O MUSEU

NESTA SALA ENCONTRAM-SE 1 MÓVEL DE MADEIRA, ARTEFATOS DE FERRO, FOTOGRAFIAS, ESCULTURAS, 1 DOCUMENTO E PLACAS DE BRONZE, DISPOSTAS EM VITRINES E PAINÉIS. SÃO PAINÉIS RETANGULARES, VERTICAIS E HORIZONTAIS, VERMELHOS E EM TOM PASTEL.

AUDIODESCRITOR 2: FAIXA 4 – MESA

MESA DE MADEIRA MEDINDO 1M E 60CM DE ALTURA POR 1M E 12CM DE LARGURA, ENTALHADA E TORNEADA EM MADEIRA DE JACARANDÁ, DATADA DO SÉCULO 18. PERTENCEU À CÂMARA MUNICIPAL DA VILA DE SÃO JOSÉ DE RIBAMAR DO CEARÁ GRANDE.

AUDIODESCRITOR 2: FAIXA 5 – CHAVES

VITRINE EM PAINEL VERMELHO CONTENDO 03 EXEMPLARES DAS CHAVES DAS CELAS DA CADEIA, MEDINDO 20CM CADA, APROXIMADAMENTE, SEM REFERÊNCIA DE DATA.

AUDIODESCRITOR 2: FAIXA 6 – FOTOGRAFIAS

VITRINES EM PAINEL VERMELHO CONTENDO TRÊS FOTOGRAFIAS EM PRETO E BRANCO. À ESQUERDA, ACIMA, FACHADA DO PRÉDIO DA ANTIGA DELEGACIA DE POLÍCIA; ABAIXO, INTERIOR DAS CELAS DA ANTIGA CADEIA PÚBLICA. À DIREITA, ABAIXO, DESCERRAMENTO DA PLACA DE INAUGURAÇÃO DO MUSEU SÃO JOSÉ DE RIBAMAR, NO PRÉDIO QUE TINHA FUNÇÕES DE PREFEITURA E DE CADEIA PÚBLICA ATÉ 1967.

AUDIODESCRITOR 1: FAIXA 7 – SÃO JOSÉ

ESCULTURA MEDINDO 1M E 48CM DE ALTURA POR 84CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA E POLICROMADA, DATADA DO SÉCULO 19. ELE TEM OLHOS PRETOS, CABELOS E BARBA LONGOS E CASTANHOS E A BOCA CERRADA COM LÁBIOS SUAVEMENTE MARRONS. SEU TRONCO ESTÁ LEVEMENTE VOLTADO PARA A DIREITA SEGUINDO SEU OLHAR ATENTO. ESTÁ USANDO UMA TÚNICA AZUL CLARO COM ORNAMENTOS DOURADOS NA GOLA, PUNHOS E BARRA, E DESENHOS FLORAIS MARRONS E DOURADOS AO LONGO DA VESTIMENTA, E UM MANTO MARROM SOBRE O OMBRO ESQUERDO. ESTÁ COM O BRAÇO DIREITO ESTENDIDO PARA FRENTE, ENQUANTO SEGURA PARTE DO MANTO ENROLADO NA MÃO ESQUERDA, JUNTO AO CORPO.

AUDIODESCRITOR 2: FAIXA 8 – SÃO JOSÉ

VITRINE VAZIA. NA LEGENDA, LÊ-SE: “SÃO JOSÉ. MADEIRA ESCULPIDA, DOURADA E PINTADA EM DIVERSAS CORES. SÉCULO 18.” ESTA VITRINE RETRATA A TRADIÇÃO REGIONAL DO ROUBO DA IMAGEM DE SÃO JOSÉ PARA FAZER NOVENA. NO ÚLTIMO DIA DA NOVENA, A IMAGEM ERA DEVOLVIDA EM PROCISSÃO PARA A CASA DE SEU PROPRIETÁRIO.

AUDIODESCRITOR 1: FAIXA 9 – SÃO JOSÉ DE BOTAS

ESCULTURA MEDINDO 21CM DE ALTURA POR 20CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA E POLICROMADA, DATADA DO SÉCULO 18. SEUS OLHOS SÃO PEQUENOS E PRETOS, SEU NARIZ E BOCA TAMBÉM SÃO PEQUENOS E SEUS CABELOS E BARBA LONGOS SÃO CASTANHO-ESCUROS. ELE ESTÁ USANDO UMA LONGA TÚNICA MARROM COM DETALHES DOURADOS, UM MANTO COM FACES AZUL-CLARO E DOURADO, COM DETALHES EM AZUL-CLARO, E BOTAS COM DETALHES DOURADOS. SEU OLHAR SERENO FITA O NOSSO OLHAR. SUA MÃO DIREITA ESTÁ ESTENDIDA PARA FRENTE, MAS NÃO POSSUI MAIS O DEDOS, ENQUANTO QUE A MÃO ESQUERDA SEGURA UM MANTO BRANCO COM ESTAMPAS FLORAIS.

AUDIODESCRITOR 2: FAIXA 10 – DOCUMENTO

VITRINE CONTENDO A INTERPRETAÇÃO CARTOGRÁFICA ARTÍSTICA DE AQUIRAZ, FEITA EM PAPEL. NO MAPA, ESTÃO LOCALIZADOS ATRAVÉS DE NÚMEROS: A CÂMARA E CADEIA PÚBLICA, O MERCADO PÚBLICO, A IGREJA MATRIZ, A CASA DO CAPITÃO MOR, AS RUÍNAS JESUÍTICAS E O CEMITÉRIO.

AUDIODESCRITOR 2: FAIXA 11 – PLACAS DE BRONZE

PAINEL COM TRÊS PLACAS DE BRONZE. DUAS DE MESMO TAMANHO ESTÃO ALINHADAS NA PARTE SUPERIOR E A OUTRA, UM POUCO MAIOR, ESTÁ LOGO ABAIXO. NA PARTE SUPERIOR, À ESQUERDA, PLACA DE HOMENAGEM AO PADRE JOSÉ HÉLIO PAIVA, FUNDADOR E PRIMEIRO DIRETOR DO MUSEU, DATADA DE 21 DE JUNHO DE 1973; À DIREITA, PLACA DE INAUGURAÇÃO DO MUSEU, DATADA DE 27 DE SETEMBRO DE 1967; NA PARTE INFERIOR, PLACA DE ENTREGA DO RESTAURO DO MUSEU, NO GOVERNO VIRGÍLIO TÁVORA, DATADA DE 27 DE SETEMBRO DE 1980.

AGORA, SEGUIREMOS PARA A SALA 2 – IGREJA E COLONIZAÇÃO.

AUDIODESCRITOR2 : FAIXA 12 – SALA 2 – IGREJA E COLONIZAÇÃO

NESTA SALA ENCONTRAM-SE ESCULTURAS, ARTEFATOS DE FERRO, IMPRESSOS, 1 SINO, MANUSCRITOS, 1 QUADRO E PIAS, DISPOSTAS EM VITRINES E PAINELIS OU FIXADAS DIRETAMENTE NA PAREDE. OS PAINELIS SÃO RETANGULARES VERMELHOS E EM TOM PASTEL.

AUDIODESCRITOR1: FAIXA 13 – SÃO MIGUEL ARCANJO

ESCULTURA MEDINDO 96CM DE ALTURA POR 52CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA E POLICROMADA, SEM REFERÊNCIA DE DATA. SEUS OLHOS E CABELOS LONGOS SÃO PRETOS, A BOCA POSSUI LÁBIOS AVERMELHADOS E O QUEIXO É PEQUENO. ESTÁ USANDO UM CAPACETE PONTIAGUDO, UMA ARMADURA DOURADA COM UM SAIOTE AZUL, COM ORNAMENTOS DOURADOS NA ALTURA DOS JOELHOS, E UM MANTO NO OMBRO ESQUERDO, COM FACES VERMELHA E AZUL E ESTAMPAS DOURADAS. SUAS SANDÁLIAS AZUIS COM DETALHES DOURADOS COBREM INTEIRAMENTE SEUS TORNOZELOS, MAS APENAS PARTE DOS SEUS PÉS, DEIXANDO OS DEDOS À MOSTRA. NÃO POSSUI MAIS OS BRAÇOS.

AUDIODESCRITOR 2: FAIXA 14 – SINO

SINO MEDINDO 50CM DE ALTURA POR 44CM DE LARGURA, FEITO DE BRONZE FUNDIDO, DATADO DO SÉCULO 18. O SINO ESTÁ SOBRE UM EXPOSITOR DE MADEIRA E PERTENCEU À IGREJA DE NOSSA SENHORA DO Ó, LOCALIZADA EM CASCAVEL, NO ANO DE 1739. POSSUI NA PARTE FRONTAL A GRAVAÇÃO DA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO Ó, A ESCRITURA N. S. DO Ó, NO CASCAVEL, CIARA GRAFADO COM “I” E PEQUENAS ORNAMENTAÇÕES.

AUDIODESCRITOR 1: FAIXA 15 – MANUSCRITO

VITRINE BAIXA, CONTENDO A RÉPLICA DO BATISTÉRIO DE BERNARDA, ASSINADO PELO VIGÁRIO DA VILA DE ARRONCHES, AGOSTINHO DE SOUZA PACHECO.

AUDIODESCRITOR 2: FAIXA 16 – SANTO ANTÔNIO

ESCULTURA MEDINDO 60CM DE ALTURA POR 30CM DE LARGURA, APROXIMADAMENTE, ESCULPIDA EM MADEIRA E POLICROMADA, DATADA DO SÉCULO 18. SUA CABEÇA PEQUENA ESTÁ SUAVEMENTE INCLINADA PARA CIMA. SEUS OLHOS ARREDONDADOS E CABELOS NA FORMA DE UMA AURÉOLA SÃO CATANHO-ESCUROS E SUA BOCA ENTREABERTA TEM LÁBIOS ROSADOS. ESTÁ USANDO UMA TÚNICA AZUL ESCURO COM ORNAMENTOS DOURADOS NA GOLA, PUNHOS, CINTURA E BARRA, ASSIM COMO ESPALHADOS AO LONGO DA VESTIMENTA. ESTÁ USANDO OUTRA PEÇA DE ROUPA POR BAIXO DA TÚNICA, QUE PODE SER VISTA NA ALTURA DOS JOELHOS. É UMA ESPÉCIE DE TÚNICA INTERNA DOURADA, QUE COBRE PARTE DOS SEUS PÉS CALÇADOS EM SANDÁLIAS DE COURO. ESTÁ COM A MÃO DIREITA ESTENDIDA PARA FRENTE, FALTANDO-LHE OS DEDOS, E SEGURA UM LIVRO NA ALTURA DO PEITO COM A OUTRA MÃO.

AUDIODESCRITOR 1: FAIXA 17 – PEQUENAS ESCULTURAS

VITRINES CONTENDO TRÊS PEQUENAS ESCULTURAS. DE CIMA PARA BAIXO: ESCULTURA DE SANTO ANTÔNIO MEDINDO 8CM DE ALTURA POR 3CM DE LARGURA; ESCULTURA DE SANTO ONOFRE MEDINDO 6CM; E, POR FIM, OUTRA ESCULTURA DE SANTO ONOFRE MEDINDO 8CM DE ALTURA POR 3CM DE LARGURA. TODAS AS ESCULTURAS SÃO ESCULPIDAS EM MADEIRA E PINTADAS EM DIVERSAS CORES.

AUDIODESCRITOR 2: FAIXA 18 – NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

ESCULTURA MEDINDO 20CM DE ALTURA POR 8CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA E PINTADA EM DIVERSAS CORES, SEM REFERÊNCIA DE DATA. SEUS OLHOS SÃO PEQUENOS E PRETOS, SEUS CABELOS LONGOS E CASTANHOS E SUA BOCA PEQUENA LEVEMENTE ROSADA. ELA ESTÁ USANDO UM VÉU BRANCO COM ORNAMENTOS DOURADOS SOBRE A CABEÇA, UMA LONGA TÚNICA BRANCA COM ORNAMENTOS DOURADOS E UM MANTO AZUL CELESTE SOBRE O OMBRO ESQUERDO, O QUAL SEGURA PARTE DELE ENROLADO COM A MÃO ESQUERDA NA ALTURA DA CINTURA. NÃO POSSUI MAIS A MÃO DIREITA. NA BASE DA PEÇA, HÁ DUAS CABEÇAS DE ANJOS QUERUBINS, UMA NO CENTRO E OUTRA À DIREITA, AMBAS COM CABELOS CASTANHOS E OLHANDO PARA BAIXO. À ESQUERDA, VEMOS O LUGAR ONDE HAVIA OUTRA CABEÇA DE ANJO.

AUDIODESCRITOR 1: FAIXA 19 – SÃO BENEDITO

ESCULTURA MEDINDO 72CM DE ALTURA POR 32CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA E POLICROMADA, DATADA DO SÉCULO 19. SÃO BENEDITO É O ÚNICO SANTO DESTA EXPOSIÇÃO QUE TEM A PELE NEGRA. SEUS OLHOS GRANDES E OS CABELOS NA FORMA DE UMA AURÉOLA SÃO PRETOS E SUA BOCA TEM LÁBIOS AVERMELHADOS. ESTÁ USANDO UMA Suntuosa TÚNICA PRETA COM ORNAMENTOS DOURADOS NA GOLA, PUNHOS, CINTURA E BARRA, QUE COBRE PARTE DOS SEUS PÉS DESCALÇOS. ELE SEGURA NA ALTURA DO PEITO, UMA CRIANÇA LOIRA E DESNUDA, ACOMODADA EM UM MANTO BRANCO DE PONTAS DOURADAS. A CRIANÇA ESTÁ COM OS OLHOS ABERTOS E AS MÃOS CRUZADAS SOBRE O PEITO.

AUDIODESCRITOR 2: FAIXA 20 – NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO E NOSSA SENHORA DAS MERCÊS

VITRINE COM DUAS ESCULTURAS: UMA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO E OUTRA DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS. ABAIXO DA VITRINE, HÁ DOIS INTERRUPTORES QUE LIGAM LUZES SOBRE ELAS.

AUDIODESCRITOR 1: À ESQUERDA, ESCULTURA DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS MEDINDO 30CM DE ALTURA POR 18CM DE LARGURA, APROXIMADAMENTE, ESCULPIDA EM MADEIRA, DOURADA E PINTADA EM DIVERSAS CORES, DATADA DO SÉCULO 18. ELA TEM OLHOS PRETOS E CABELOS CASTANHOS E ESTÁ USANDO VÉU, TÚNICA E MANTO DOURADOS. A MÃO DIREITA NÃO TEM MAIS OS DEDOS E A MÃO ESQUERDA ESTÁ SEGURANDO O MANTO. NA BASE DA PEÇA, HÁ 5 CABEÇAS DE ANJOS, SENDO TRÊS REUNIDAS NO CENTRO E UMA EM CADA EXTREMIDADE. PERTENCEU AO PALÁCIO ARQUIEPISCOPAL DE FORTALEZA.

AUDIODESCRITOR 2: À DIREITA, ESCULTURA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO MEDINDO 30CM DE ALTURA POR 18CM DE LARGURA, APROXIMADAMENTE, ESCULPIDA EM MADEIRA E PINTADA EM DIVERSAS

CORES, SEM REFERÊNCIA DE DATA. ELA TEM OLHOS PRETOS, SUAS MÃOS ESTÃO POSTAS E ESTÁ USANDO VÉU, TÚNICA BRANCA E MANTO AZUL E VERMELHO, ORNAMENTADO COM CRUZES DOURADAS. NA BASE DA PEÇA, HÁ DUAS CABEÇAS DE ANJOS.

AUDIODESCRITOR 1: FAIXA 21 – SÃO JOSÉ DE BOTAS COM O MENINO JESUS

ESCULTURA MEDINDO 1M DE ALTURA POR 50CM DE LARGURA, APROXIMADAMENTE, ESCULPIDA EM MADEIRA, DOURADA E PINTADA EM DIVERSAS CORES, DATADA DO SÉCULO 19. SEUS OLHOS, CABELOS E BARBA COMPRIDOS SÃO CASTANHO-ESCUROS. ELE ESTÁ USANDO UMA LONGA TÚNICA AZUL CLARO, COM DETALHES DOURADOS, UM MANTO DOURADO E BOTAS PRETAS, COM DETALHES DOURADOS. SEUS BRAÇOS ESTÃO ABERTOS E ELE SEGURA NO BRAÇO ESQUERDO, ACOMODADO SOBRE O MANTO, UM MENINO LOIRO DE OLHOS AZUIS, ENQUANTO QUE A MÃO DIREITA SEGURA UMA ESPÉCIE DE CAJADO. O MENINO ESTÁ SENTADO, SEM ROUPAS, COM OS BRAÇOS ABERTOS E NÃO POSSUI MAIS A MÃO DIREITA, NEM OS DEDOS DA MÃO ESQUERDA.

AUDIODESCRITOR 2: FAIXA 22 – IMPRESSOS

VITRINE CONTENDO AS REPRODUÇÕES DOS JORNAIS: PEDRO II, DE 1867, SEMANÁRIO CONSTITUCIONAL, DE 1832, CORREIO DA ASSEMBLÉIA PROVINCIAL, DE 1839; E O CEARENSE, DE 1865.

AUDIODESCRITOR 1: FAIXA 23 – NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

ESCULTURA MEDINDO 1M E 28CM DE ALTURA POR 66CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA, POLICROMADA E DOURADA, DATADA DO SÉCULO 18. SEUS OLHOS SÃO ARREDONDADOS E CASTANHOS, SEU NARIZ E BOCA PEQUENOS E SEUS CABELOS LONGOS E CASTANHOS. ELA ESTÁ USANDO UM VÉU DOURADO SOBRE A CABEÇA, UMA LONGA TÚNICA DOURADA, COM DETALHES EM AZUL CLARO, E UM MANTO DOURADO, COM DETALHES EM AZUL E VERMELHO, QUE SIMULA UM MOVIMENTO ESVOAÇANTE PARA A DIREITA. SUAS MÃOS ESTÃO POSTAS E SEU OLHAR SERENO FITA O NOSSO OLHAR. NA BASE DA IMAGEM HÁ CINCO CABEÇAS DE ANJOS QUERUBINS, TODOS COM CABELOS CASTANHOS. DA ESQUERDA PARA A DIREITA: UM ANJO OLHA NA ALTURA DO HORIZONTE, OUTRO OLHA PARA BAIXO, O TERCEIRO ESTÁ COM A CABEÇA LEVEMENTE INCLINADA PARA A ESQUERDA, O PRÓXIMO TAMBÉM OLHA PARA BAIXO E O ÚLTIMO ESTÁ COM O OLHAR VOLTADO PARA CIMA.

AUDIODESCRITOR 2: FAIXA 24 – PIA BATISMAL

PIA ESCULPIDA EM PEDRA MEDINDO 97CM DE ALTURA POR 86CM DE LARGURA. POSSUI UMA BASE ORNAMENTADA E SE ASSEMELHA A UMA TAÇA

COM DOIS ORIFÍCIOS NA PARTE SUPERIOR. PERTENCEU À IGREJA MATRIZ DE CASCAVEL.

AUDIODESCRITOR 1: FAIXA 25 – CONCHA DE BATISMO

VITRINE CONTENDO UMA CONCHA DE BATISMO MEDINDO 20CM, APROXIMADAMENTE, FEITA DE METAL FUNDIDO.

AUDIODESCRITOR 2: FAIXA 26 – QUADRO

REPRODUÇÃO DO QUADRO “PRIMEIRA MISSA NO BRASIL” MEDINDO 2M E 12CM DE ALTURA POR 1M E 43CM DE LARGURA. O ORIGINAL É UM ÓLEO SOBRE TELA DE VICTOR MEIRELES E ESTÁ NO MUSEU DE BELAS ARTES DO RIO DE JANEIRO, DATADO DE 1860.

AUDIODESCRITOR 1: A PRIMEIRA MISSA NO BRASIL FOI CELEBRADA POR DOM FREI HENRIQUE DE COIMBRA, NO DIA 26 DE ABRIL DE 1500, UM DOMINGO, NA PRAIA DA COROA VERMELHA, EM PORTO SEGURO, NO LITORAL SUL DA BAHIA.

AUDIODESCRITOR 2: NO CENTRO DA OBRA, VEMOS ALGUNS OBJETOS DOS VIAJANTES RECÉM-CHEGADOS ESPALHADOS NA AREIA: BAÚS COM ROUPAS, UMA CRUZ E ARTEFATOS DE OURO. O CELEBRANTE E ALGUNS CLÉRIGOS, COM SUAS VESTES TÍPICAS, FAZEM REVERÊNCIA AOS PÉS DE UMA ENORME CRUZ DE MADEIRA, FIRMADA NA AREIA JUNTO AO PEQUENO ALTAR DA CELEBRAÇÃO. NA METADE SUPERIOR, À DIREITA, ESTÃO OS PORTUGUESES, AO LADO DO MAR. NA METADE INFERIOR, À ESQUERDA, ESTÃO OS NATIVOS, ASSISTINDO A CELEBRAÇÃO NUMA POSTURA DE CURIOSIDADE E ACEITAÇÃO, SIMBOLIZANDO O DESENCONTRO DE DOIS MUNDOS CULTURAIS COMPLETAMENTE ANTAGÔNICOS.

O QUADRO POSSUI IMAGENS SOBREPOSTAS, CRIANDO A ILUSÃO DE ÓTICA DA TRIDIMENSIONALIDADE EM FUNÇÃO DO ÂNGULO EM QUE SE OLHA.

AUDIODESCRITOR 1: FAIXA 27 – MANUSCRITO

VITRINE BAIXA, CONTENDO A RÉPLICA DO BATISTÉRIO DE PETRONILLA, ASSINADO PELO VIGÁRIO BERNARDINO D’OLIVEIRA. SOBRE A RÉPLICA, HÁ UM COCAR COM PENAS COLORIDAS.

AUDIODESCRITOR 2: FAIXA 28 – SANTANA MESTRA

ESCULTURA MEDINDO 1M E 20CM DE ALTURA POR 60CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA POLICROMADA E DOURADA, DATADA DO SÉCULO 18. ELA ESTÁ SENTADA EM UM TRONO DE ESTRUTURA DOURADA. SEUS OLHOS SÃO PRETOS E ESTÃO MIRANDO O LIVRO QUE SEGURA NO COLO. ESTÁ USANDO UM VÉU, UMA SUNTUOSA TÚNICA VERMELHO-CLARO, COM ORNAMENTOS DOURADOS, E UM MANTO DOURADO, COM DETALHES EM VERDE. JUNTO DELA ESTÁ UMA MENINA QUE APONTA COM O INDICADOR DA MÃO DIREITA PARA UMA PÁGINA DO LIVRO. A MENINA ESTÁ DE PERFIL, TEM CABELOS LONGOS E CASTANHOS E ESTÁ USANDO UMA TÚNICA AZUL CLARO,

COM ORNAMENTOS DOURADOS E VERDES, E UM MANTO AZUL E VERMELHO, COM ESTAMPAS DOURADAS.

AUDIODESCRITOR 1: FAIXA 29 – PIAS DE ÁGUA BENTA

TRÊS PIAS FIXADAS NA PAREDE LADO A LADO, ESCULPIDAS EM PEDRA. DA ESQUERDA PARA A DIREITA: A PRIMEIRA MEDE 15CM DE ALTURA POR 24CM DE LARGURA; A SEGUNDA MEDE 13CM DE ALTURA POR 32CM DE LARGURA; E A TERCEIRA MEDE 13CM DE ALTURA POR 22CM DE LARGURA.

AUDIODESCRITOR 2: FAIXA 30 – SÍMBOLO

VITRINE CONTENDO O SÍMBOLO DA ORDEM DOS JESUÍTAS, UMA ESPÉCIE DE GRANDE MOEDA VERMELHA, MEDINDO 14CM DE DIÂMETRO, COM AS LETRAS “JHS” GRAVADAS NO CENTRO DA PEÇA. SOBRE A LETRA “H” HÁ UMA CRUZ. SEGUIREMOS AGORA PARA AS SALAS DE EXPOSIÇÃO DO PISO SUPERIOR.

AUDIODESCRITOR 1: FAIXA 31 – PISO SUPERIOR

NESTE PISO, SEGUIREMOS PELA DIREITA E VISITAREMOS A SALA 3 – CULTO PÚBLICO, ONDE ESTÃO EXPOSTOS PEÇAS DAS COLEÇÕES “OURIVERSARIA”, “IMPRESSOS E MANUSCRITOS”, “PARAMENTOS” E “IMAGINÁRIA”, E A SALA 4 – CULTO DOMÉSTICO, ONDE ESTÃO EXPOSTOS PEÇAS DAS COLEÇÕES “TALHA”, “IMPRESSOS E MANUSCRITOS” E “IMAGINÁRIA”. ALÉM DA AUDIODESCRIÇÃO, ESTÃO DISPONÍVEIS INFORMAÇÕES EM BRAILLE E A MAQUETE TÁTIL DESTES ANDAR.

AUDIODESCRITOR 2: FAIXA 32 – SALA 3 – CULTO PÚBLICO

OS EXPOSITORES DESTA SALA SÃO VERMELHOS E BRANCOS E ALGUNS TÊM ESPELHOS.

AUDIODESCRITOR 1: À DIREITA, EXPOSITOR COM VITRINES CONTENDO VÁRIAS PEÇAS DA COLEÇÃO “OURIVERSARIA”, DENTRE ELAS UM LAMPADÁRIO E UMA NAVETA.

AUDIODESCRITOR 2: LAMPADÁRIO: PEÇA DE PRATA FUNDIDA, REPUXADA E CINZELADA, MEDINDO 1M, APROXIMADAMENTE, DATADA DO SÉCULO 18. É UMA ESPÉCIE DE LUSTRE NO FORMATO CÔNICO, COM TRÊS ALÇAS DE SUSTENTAÇÃO VERTICAL, PRÓPRIO PARA ILUMINAR O SACRÁRIO, INDICANDO A PRESENÇA DE DEUS NA HÓSTIA CONSAGRADA.

NAVETA: PEÇA DE PRATA FUNDIDA, CINZELADA E GRAVADA MEDINDO 12CM DE ALTURA POR 5CM DE LARGURA, DATADA ENTRE OS SÉCULOS 17 E 18. RECIPIENTE NO FORMATO DE UMA PEQUENA NAVE OU EMBARCAÇÃO COM UMA PORTINHOLA NA PONTA, QUE SE ABRE COM UMA DOBRADIÇA, DESTINADA A CARREGAR INCENSO NAS CERIMÔNICAS RELIGIOSAS.

AUDIODESCRITOR 1: À ESQUERDA, EXPOSITOR COM VITRINES CONTENDO MISSAIS E UM OSTENSÓRIO.

AUDIODESCRITOR 2: OSTENSÓRIO: PEÇA DE METAL DOURADO FUNDIDO MEDINDO 60CM DE ALTURA POR 25CM DE LARGURA, APROXIMADAMENTE, DATADA DO SÉCULO 19. USADO EM CERIMÔNIAS RELIGIOSAS PARA EXPOR SOLENEMENTE A HÓSTIA CONSAGRADA SOBRE O ALTAR OU TRANSPORTÁ-LA SOLENEMENTE EM PROCISSÃO. POSSUI UMA CRUZ NO TOPO E UM CENTRO TRANSPARENTE NO CORPO PRINCIPAL, ONDE É EXPOSTA A HÓSTIA CONSAGRADA. POSSUI UMA BASE ARREDONDADA, QUE SE ASSEMELHA A BASE DE UM CÁLICE.

AUDIODESCRITOR 1: NOVAMENTE À ESQUERDA, OUTRO EXPOSITOR CONTENDO 2 CASTIÇAIS.

AUDIODESCRITOR 2: CASTIÇAL: PEÇA DE PRATA REPUXADA E CINZELADA MEDINDO 66CM, DATADA DO SÉCULO 18. POSSUI COPO ORNAMENTADO COM LONGAS FOLHAS MARCADAS POR NERVURAS, ASSIM COMO AS QUE SE ENCONTRAM NA BASE ARREDONDADA, COLUNA EM FORMA DE PERA, GOMO OU NÓ COM A CABEÇA DE ANJO ALADO E FRISOS. O ENCAIXE É PARA APENAS UMA VELA.

AUDIODESCRITOR 1: FAIXA 33 – CASULA, MITRA E CÁLIGAS

À ESQUERDA, EXPOSITOR COM VITRINES CONTENDO PEÇAS DA COLEÇÃO “PARAMENTOS”.

CASULA: VESTE LITÚRGICA MEDINDO 1M E 17CM DE ALTURA POR 67CM DE LARGURA, SEM REFERÊNCIA DE DATA, CONFECCIONADO DE TECIDO COM BORDADO E PINTURA, EM TONS DOURADOS E ORNAMENTADO COM MOTIVOS FLORAIS. ASSEMELHA-SE A UM COLETE E SUAS CORES E MOTIVOS VARIAM DE ACORDO COM O TEMPO LITÚRGICO.

AUDIODESCRITOR 2: MITRA: COBERTURA DE CABEÇA FENDIDA DE TECIDO COM FIOS BORDADOS, DATADA DO SÉCULO 20. CONSISTE EM DUAS PEÇAS RÍGIDAS, DE FORMATO APROXIMADAMENTE PENTAGONAL, TERMINADA EM PONTA, COM DUAS FAIXAS FRANJADAS NA PARTE POSTERIOR, CHAMADAS DE ÍNFULAS. É UTILIZADA PELAS AUTORIDADES DA IGREJA, TAIS COMO ABADES, BISPOS, ARCEBISPOS, CARDEAIS OU MESMO O PAPA. ESTA PEÇA É BRANCA COM UMA CRUZ DOURADA NO CENTRO E ORNAMENTADA COM PEDRARIA AVERMELHADA.

AUDIODESCRITOR 1: CÁLIGAS: CALÇADOS DE COURO E TECIDO BORDADO, SEMELHANTES ÀS SAPATILHAS CONTEMPORÂNEAS, ORNAMENTADOS NAS PONTAS COM MOTIVOS FLORAIS PRATEADOS, USADAS PELOS CELEBRANTES NOS ATOS LITÚRGICOS PONTIFICAIS.

AUDIODESCRITOR 2: FAIXA 34 – ALVA, CASULA E ESTOLA

RÉPLICA DE ALVA: VESTE LITÚRGICA MEDINDO 1M E 10CM DE ALTURA POR 90CM DE LARGURA, APROXIMADAMENTE, DE TECIDO INDUSTRIAL COM RENDA. ORIGINOU-SE DA TÚNICA ROMANA E DAS VESTES USADAS POR

CRISTO E SEUS APÓSTOLOS. ESTA PEÇA É BRANCA E É USADA POR TODAS AS AUTORIDADES ECLESIÁSTICAS.

AUDIODESCRITOR 1: CASULA: VESTE LITÚRGICA MEDINDO 1M E 10CM DE ALTURA POR 95CM DE LARGURA, APROXIMADAMENTE, DE TECIDO BORDADO, DATADA DO SÉCULO 20. ESTA PEÇA DE COR LILÁS COM ORNAMENTOS FLORAIS DOURADOS ASSEMELHA-SE A UM COLETE E SUAS CORES E MOTIVOS VARIAM DE ACORDO COM O TEMPO LITÚRGICO. ORIGINOU-SE DA TOGA ROMANA E RECEBEU ESTA DENOMINAÇÃO NO SÉCULO 7. É USADA POR BISPOS E SACERDOTES, PENDURADA NO PESCOÇO, SE ESTENDENDO ATÉ OS JOELHOS.

AUDIODESCRITOR 2: ESTOLA: VESTE LITÚRGICA MEDINDO 1M E 60CM DE COMPRIMENTO POR 30CM DE LARGURA, APROXIMADAMENTE, DE TECIDO BORDADO, DATADA DO SÉCULO 20. ASSEMELHA-SE A UMA FAIXA E É USADA POR TODAS AS AUTORIDADES ECLESIÁSTICAS, PENDURADA NO PESCOÇO, SE ESTENDENDO ATÉ OS JOELHOS.

À DIREITA, EXPOSITOR COM VITRINES CONTENDO OUTRAS PEÇAS DA COLEÇÃO “PARAMENTOS”.

AUDIODESCRITOR 1: FAIXA 35 – DALMÁTICA

TRAJE LITÚRGICO DE TECIDO ACHAMALOTADO, OU SEJA, FURTA-COR, IMITANDO A MALHA DOURADA DOS TECIDOS NOBRES DOS SÉCULOS DE OURO DA ARTE TÊXTIL EUROPEIA, MEDINDO 1M E 20CM DE ALTURA POR 70CM DE LARGURA, APROXIMADAMENTE. ESTA PEÇA NA COR PRETA COM ORNAMENTOS CINZA E BRANCO DE MOTIVOS FLORAIS, SEMELHANTE A UMA TÚNICA, É PRÓPRIA DO DIÁCONO NA IGREJA CATÓLICA E UTILIZADA NAS MISSAS SOLENES PARA OS CLÉRIGOS ENCARREGADOS DE LER A EPÍSTOLA E O EVANGELHO.

SEGUINDO PELA ESQUERDA, EXPOSITORES COM VITRINES CONTENDO PEÇAS DAS COLEÇÕES “OURIVERSARIA” E “IMAGINÁRIA”.

AUDIODESCRITOR 2: FAIXA 36 – CRUZ PROCESSIONAL 1

CRUZ DE PRATA FUNDIDA E REPUXADA MEDINDO 2M E 27CM, DATADA DO SÉCULO 18, COM RESPLENDOR NA PARTE POSTERIOR DA CRUZ E ORNAMENTOS EM ALTO RELEVO EM TODA A SUA EXTENSÃO. NO CENTRO DA CRUZ, HÁ UMA PEÇA CIRCULAR, COMPOSTA POR OITO CABEÇAS DE ANJOS. SEU NÚCLEO É PREENCHIDO PELA IMAGEM DE UM ANJO EM PÉ SEGURANDO UM RESPLENDOR COM UMA CRUZ, LADEADO POR DUAS CABEÇAS DE ANJOS NO ALTO E DOIS ANJOS AJOELHADOS E DE MÃOS POSTAS EMBAIXO. A PEÇA É CONDUZIDA NAS PROCISSÕES POR UM COROINHA DENOMINADO CRUCIFERÁRIO.

AUDIODESCRITOR 1: FAIXA 37 – CRUZ PROCESSIONAL 2

CRUZ DE PRATA FUNDIDA E REPUXADA MEDINDO 2M E 20CM, APROXIMADAMENTE, DATADA DO SÉCULO 19, COM JESUS CRUCIFICADO, REPLENDOR NA PARTE POSTERIOR DA CRUZ E UM ANJO NO ALTO. AS PONTAS DA CRUZ ASSEMELHAM-SE A PEQUENAS CONCHAS. AOS PÉS DA HASTE DE SUSTENTAÇÃO, FLORES BRANCAS ORNAMENTAM O EXPOSITOR.

AUDIODESCRITOR 2: FAIXA 38 – ANDOR DE SÃO SEBASTIÃO

SÃO SEBASTIÃO ESTÁ AMARRADO A UM TRONCO VERDE. ELE TEM APARÊNCIA JOVEM, OLHOS PRETOS, CABELOS CASTANHOS E ESTÁ USANDO APENAS UMA VESTE VERMELHA COM ORNAMENTOS DOURADOS, NA ALTURA DA CINTURA. TEM PERFURAÇÕES COM SANGUE DERRAMADO NO BRAÇO, NO PEITO, NO ABDÔMEN E NA PERNA. ELE ESTÁ SOBRE UM ANDOR. ARTEFATO DE MADEIRA UTILIZADO PARA TRANSPORTAR AO OMBRO, A IMAGEM DE SANTOS NAS PROCISSÕES. TEM O FORMATO DE UMA CAIXA, COM DUAS HASTES NA FRENTE E DUAS ATRÁS. ESTÁ ORNAMENTADO COM FLORES BRANCAS E VERMELHAS.

AUDIODESCRITOR 1: FAIXA 39 – IMAGEM DE ROCA DE SENHOR DOS PASSOS

ESCULTURA DE ROCA MEDINDO 1M E 03CM DE ALTURA POR 50CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA E POLICROMADA, DATADA DO SÉCULO 18. ELE ESTÁ USANDO UMA COROA DE ESPINHOS NA CABEÇA. SEUS CABELOS LONGOS E CASTANHOS SÃO HUMANOS. SUA BARBA É LONGA E CASTANHA. ELE TEM OLHOS PRETOS, CUJO OLHAR SERENO ESTÁ DIRECIONADO PARA BAIXO, E SEU ROSTO ESTÁ BANHADO DE SANGUE. ESTÁ USANDO UMA LONGA TÚNICA DE TECIDO LILÁS COM ACABAMENTOS DOURADOS NA GOLA, PUNHOS E BARRA, E UM CORDÃO BRANCO AMARRADO NA CINTURA. A VESTIMENTA EM TECIDO CARACTERIZA UMA ESCULTURA DE ROCA, TAMBÉM CONHECIDA COMO IMAGEM DE VESTIR OU IMAGEM DE PROCISSÃO. SEUS BRAÇOS POSSUEM ARTICULAÇÃO E ESTÃO ESTENDIDOS JUNTO AO CORPO. ELE CARREGA UMA CRUZ DE MADEIRA NO OMBRO ESQUERDO.

CRUZAREMOS AGORA A PORTA QUE DÁ ACESSO AO OUTRO AMBIENTE DESTA SALA, SEGUNINDO PELA ESQUERDA.

AUDIODESCRITOR 2: FAIXA 40 – SANTA LUZIA

ESCULTURA MEDINDO 50CM DE ALTURA POR 30CM DE LARGURA, APROXIMADAMENTE, ESCULPIDA EM MADEIRA E POLICROMADA, DATADA DO SÉCULO 18. ELA TEM OLHOS E CABELOS PRETOS. TEM UM OLHAR SERENO E ESTÁ USANDO UMA TÚNICA AMARELA, COM DETALHES DOURADOS, E UM MANTO AMARELO, COM DETALHES AVERMELHADOS, PENDURADO NO OMBRO ESQUERDO. SEUS BRAÇOS ESTÃO ABERTOS, NÃO POSSUI MAIS A MÃO DIREITA, COM A MÃO ESQUERDA, SEGURA UM PRATO COM UM PAR DE OLHOS, E ESTÁ DE SAPATOS PRETOS.

AUDIODESCRITOR 1: FAIXA 41 – SÃO FRANCISCO DE PAULA

ESCULTURA MEDINDO 57CM DE ALTURA POR 32CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA E POLICROMADA, DATADA DO SÉCULO 18. ELE TEM CABELOS E BARBA LONGOS E CASTANHOS E OLHOS AZUIS. SEU TRONCO ESTÁ SUAVEMENTE INCLINADO PARA A ESQUERDA E SEU OLHAR DIRECIONADO PARA BAIXO. ESTÁ USANDO UMA LONGA TÚNICA MARROM COM CAPUZ SOBRE A CABEÇA E TEM UM TERÇO PENDURADO NA ALTURA DA CINTURA. NA PARTE INFERIOR DA TÚNICA, QUE COBRE PARTE DE SEUS PÉS DESCALÇOS, HÁ ESTAMPAS DOURADAS. SEUS BRAÇOS ESTÃO ABERTOS E NÃO POSSUI MAIS A MÃO ESQUERDA.

AUDIODESCRITOR 2: FAIXA 42 – EXPOSITOR COM VÁRIAS VITRINES CONTENDO EX-VOTOS

UM EX-VOTO PODE SER UM QUADRO, UMA PINTURA OU UM OBJETO A QUE SE CONFERIU UMA INTENÇÃO VOTIVA, OU SEJA, RELIGIOSA. PODEM SER AINDA PLACAS COM INSCRIÇÕES, FIGURAS ESCULPIDAS EM MADEIRA OU CERA, MUITAS VEZES REPRESENTANDO PARTES DO CORPO QUE ESTAVAM ADOECIDAS E FORAM CURADAS.

AUDIODESCRITOR 1: FAIXA 43 – SÃO FRANCISCO XAVIER

ESCULTURA MEDINDO 96CM DE ALTURA POR 37CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA POLICROMADA E DOURADA, DATADA DO SÉCULO 18. SUA CABEÇA ESTÁ VOLTADA PARA A ESQUERDA. SEUS OLHOS, CABELOS E BARBA SÃO PRETOS, MAS NÃO TEM BIGODE, E SUA BOCA DE LÁBIOS AVERMELHADOS ESTÁ ENTREABERTA. ESTÁ USANDO UMA TÚNICA DOURADA COM DETALHES EM VERMELHO, QUE SE ESTENDE ATÉ A ALTURA DAS COXAS, E OUTRA VESTIMENTA POR BAIXO NA COR AZUL COM DETALHES DOURADOS, QUE LEMBRAM FIGURAS GEOMÉTRICAS, TAIS COMO CÍRCULOS E QUADRADOS. SEUS PÉS ESTÃO À MOSTRA E OS SAPATOS SEGUEM A MESMA ESTAMPA DA VESTE DE BAIXO. NÃO POSSUI MAIS OS BRAÇOS.

AUDIODESCRITOR 2: FAIXA 44 – NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

ESCULTURA MEDINDO 51CM DE ALTURA POR 23CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA E POLICROMADA, SEM REFERÊNCIA DE DATA. ELA TEM OLHOS E CABELOS PRETOS E ESTÁ USANDO UMA TÚNICA BRANCA, QUE COBRE INTEIRAMENTE SEUS PÉS, UM MANTO DE FACES VERDE E VERMELHA COM DETALHES FLORAIS, QUE COBRE SEU OMBRO ESQUERDO E CINTURA E UM VÉU SOBRE A CABEÇA. NA BASE DA IMAGEM, HÁ SETE CABEÇAS DE ANJOS QUERUBINS, TODOS COM CABELOS PRETOS. DA ESQUERDA PARA A DIREITA: QUATRO DESSES ANJOS ESTÃO ALINHADOS NO MESMO NÍVEL HORIZONTAL, SENDO QUE O DA ESQUERDA OLHA PARA A ESQUERDA, OS DOIS NO CENTRO OLHAM NA NOSSA DIREÇÃO E O DA DIREITA OLHA PARA DIREITA. LOGO EMBAIXO, OS OUTROS TRÊS ANJOS OLHAM PARA BAIXO.

AUDIODESCRITOR 1: FAIXA 45 – RELICÁRIO DE SÃO SEBASTIÃO

VITRINE CONTENDO UMA PEÇA DE METAL FUNDIDO MEDINDO 51CM, DATADA DO SÉCULO 19, USADO PARA GUARDAR RELÍQUIAS DE UM SANTO. POSSUI UMA CRUZ NO TOPO E UM CENTRO TRANSPARENTE NO CORPO PRINCIPAL,

ONDE É EXPOSTA A RELÍQUIA. POSSUI UMA BASE ARREDONDADA, QUE SE ASSEMELHA A BASE DE UM CÁLICE E É ORNAMENTADA COM PEDRAS AZUIS, VERMELHAS E BRANCAS.

AUDIODESCRITOR 2: FAIXA 46 – SÃO BRAZ

ESCULTURA MEDINDO 55CM DE ALTURA POR 28CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA E POLICROMADA, DATADA DO SÉCULO 19. SEUS OLHOS COMPRIDOS SÃO PRETOS E SUA BARBA LONGA E CHEIA É CASTANHO-CLARO. ELE ESTÁ USANDO UMA MITRA DOURADA NA CABEÇA, QUE POSSUI UMA CRUZ NO CENTRO, UMA TÚNICA BRANCA COM ORNAMENTOS DOURADOS NA ALTURA DO PEITO, DA CINTURA, DOS PUNHOS E DOS TORNOZELOS, UM MANTO DOURADO COM DETALHES EM VERMELHO SOBRE OS OMBROS, QUE COBRE INTEIRAMENTE SUAS COSTAS, E UMA FAIXA DOURADA COM DETALHES VERMELHOS, CHAMADA DE ESTOLA, PENDURADA NO PESCOÇO. AS PONTAS DA FAIXA ESTÃO ALINHADAS NA ALTURA DA CINTURA E TÊM CRUZES EM ALTO RELEVO. SEUS BRAÇOS ESTÃO ABERTOS E FALTAM-LHE OS DEDOS NA MÃO DIREITA. ESTÁ CALÇADO COM SAPATOS VERMELHOS COM DETALHES DOURADOS NO DORSO DO PÉ.

AUDIODESCRITOR 1: FAIXA 47 – SÃO FRANCISCO DE ASSIS

ESCULTURA MEDINDO 77CM DE ALTURA POR 51CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA E POLICROMADA, DATADA DO SÉCULO 19. SEUS OLHOS CABELOS E BARBA SÃO CASTANHOS E SUA BOCA É PEQUENA COM OS LÁBIOS LEVEMENTE AVERMELHADOS. ELE ESTÁ USANDO UMA TÚNICA NEGRA COM ORNAMENTOS DOURADOS NA GOLA, MANGAS, CINTURA E BARRA, ALÉM DE ESTAMPAS EM FORMA DE FOLHAS. SEUS BRAÇOS ESTÃO ABERTOS. HÁ UMA CHAGA NA PALMA DA MÃO DIREITA, ENQUANTO A OUTRA ESTÁ FECHADA. FALTAM-LHE ALGUNS DEDOS NAS MÃOS. ESTÁ DESCALÇO E POSSUI CHAGAS NO DORSO DE CADA UM DOS PÉS.

AUDIODESCRITOR 2: FAIXA 48 – SÃO MIGUEL ARCANJO

ESCULTURA MEDINDO 79CM DE ALTURA POR 46CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA E POLICROMADA, DATADA DO SÉCULO 19. SEUS OLHOS ARREDONDADOS SÃO PRETOS E SEUS CABELOS CACHEADOS NA ALTURA DOS OMBROS SÃO LOIROS. ESTÁ USANDO UM CAPACETE E UMA ARMADURA COM SAIOTE CINZA COM ORNAMENTOS FLORAIS DOURADOS. NO PEITO, A VESTIMENTA POSSUI UMA CRUZ NO CENTRO, LADEDADO POR DUAS PEQUENAS ESTRELAS E UMA ENORME FLOR LOGO ABAIXO, COBRINDO TODO O ABDOMEN. ESTÁ DE BOTAS PRETAS, COM DETALHES DOURADOS, POSSUI ASAS E UMA CAPA COM DETALHES FLORAIS DOURADOS. SEU BRAÇO DIREITO ESTÁ ERGUIDO PARA O ALTO E O ESQUERDO PARA O LADO DIREITO. NÃO POSSUI MAIS OS DEDOS DE AMBAS AS MÃOS

AUDIODESCRITOR 1: FAIXA 49 – SÃO LUIZ GONZAGA

ESCULTURA MEDINDO 65CM DE ALTURA POR 24CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA E POLICROMADA, DATADA DO SÉCULO 19. ELE ESTÁ COM A

CABEÇA LEVEMENTE INCLINADA PARA A DIREITA E SEUS OLHOS PRETOS E COMPRIDOS LANÇAM UM OLHAR COMPADECIDO PARA BAIXO. POSSUI CABELOS CASTANHO-ESCUROS COM ENTRADAS AVANÇADAS, SUGERINDO UM PRINCÍPIO DE CALVÍCIE. ESTÁ USANDO UMA TÚNICA BRANCA COM ORNAMENTOS NA COR VERDE NA GOLA, PUNHOS E BARRA, QUE SE ESTENDE ATÉ A ALTURA DAS COXAS. EMBAIXO DA TÚNICA ESTÁ USANDO UMA CALÇA PRETA COM UMA FAIXA QUE SE ESTENDE ATÉ OS SEUS SAPATOS PRETOS. ELE SEGURA UMA CRUZ PRETA E COMPRIDA NA MÃO DIREITA E UM RAMO VERDE NA MÃO ESQUERDA.

ATRAVESSAREMOS MAIS PORTA PARA TER ACESSO A ÚLTIMA SALA DESTA EXPOSIÇÃO.

AUDIODESCRITOR 2: FAIXA 50 – SALA 4 – CULTO DOMÉSTICO

EM FORMA DE CAPELAS COM CÚPULAS, FRONTÕES, CRUCIFIXOS E COLUNAS, ESTAS PEQUENAS IGREJAS CHAMADAS “ORATÓRIOS” MARCAM O LUGAR DOMÉSTICO DA RELAÇÃO MAIS ÍNTIMA COM O DIVINO. OS EXPOSITORES DESTA SALA SÃO AZUIS E BRANCOS.

KLÍSTENES: ORATÓRIO 1: ESCULPIDO EM MADEIRA ENVERNIZADA E VIDRO. DENTRO, VEMOS AS ESCULTURAS DE SÃO JOSÉ, SÃO SEBASTIÃO E JESUS CRUCIFICADO.

BRUNA: ORATÓRIO 2: ESCULPIDO EM MADEIRA ENVERNIZADA E VIDRO ORNAMENTADO. DENTRO, VEMOS AS ESCULTURAS DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, SANTA MARIA MADALENA, SÃO JOSÉ, SANT’ANA E JESUS CRUCIFICADO.

SEGUIREMOS AGORA PELA ESQUERDA.

AUDIODESCRITOR 1: FAIXA 51 – SANTOS DIVERSOS

VITRINE COM 45 ESCULTURAS DE SANTOS DIVERSOS. A PRODUÇÃO DE IMAGENS RELIGIOSAS TEM SUA MATRIZ NA EUROPA. SANTOS SÃO CONFECCIONADOS EM VÁRIOS MATERIAIS – TERRACOTA, MADEIRAS, MARFIM, PORCELANA, GESSO – DE ACORDO COM A DISPONIBILIDADE DE CADA ÉPOCA OU LUGAR.

AUDIODESCRITOR 2: FAIXA 52 – ORATÓRIO 3

VITRINE CONTENDO ORATÓRIO ESCULPIDO EM MADEIRA ENVERNIZADA E VIDRO. DENTRO, VEMOS AS ESCULTURAS DE SÃO JOSÉ, NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, SÃO SEBASTIÃO E JESUS CRUCIFICADO.

AUDIODESCRITOR 1: FAIXA 53 – DIVERSOS

VITRINE CONTENDO LIVROS DE NOVENA E TERÇOS.

AUDIODESCRITOR 2: FAIXA 54 – CULTO A SANTO ANTÔNIO

VITRINE COM 7 ESCULTURAS DE SANTO ANTÔNIO, DE TAMANHOS E FORMAS DIFERENTES. NO INTERIOR DO EXPOSITOR HÁ OS DIZERES: “MEU SANTO ANTÔNIO QUERIDO / MEU SANTO DE CARNE E OSSO / SE TU NÃO ME DÁ MARIDO / NÃO TIRO VOCÊ DO POÇO.

AUDIODESCRITOR 1: FAIXA 55 – SANTO ANTÔNIO COM O MENINO

EXPOSITOR COM 2 VITRINES. À DIREITA, SANTO ANTÔNIO ESCULPIDO EM MADEIRA E PINTADO EM DIVERSAS CORES, DATADO DO SÉCULO 18. ELE ESTÁ COM O MENINO NO BRAÇO. À ESQUERDA, SANTO ANTÔNIO DENTRO DE UM COPO DE VIDRO.

FIM DO PERCURSO COM AUDIODESCRIÇÃO. AGRADECEMOS PELA VISITA E DESEJAMOS QUE VOLTE OUTRAS VEZES.

ANEXO B – AD de esculturas do Museu Sacro São José de Ribamar

- **AD 1 – CORDEIRO BRANCO**



ACIMA DO SINO, PENDURADA NA PAREDE A 1M E 60CM DO CHÃO, HÁ UMA ESCULTURA DE 86CM DE ALTURA POR 1M E 02CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA ENTALHADA E DOURADA, DATADA DO SÉCULO 08. É UM CORDEIRO BRANCO DEITADO SOBRE UM LIVRO, QUE TEM ATRÁS UMA REPRESENTAÇÃO DO RESPLENDOR, NA FORMA DE RAIOS DOURADOS. O LIVRO ESTÁ SOBRE UMA NUVEM BRANCA COM DETALHES DOURADOS E DELE CAEM SETE PEQUENAS TIRAS COM ESFERAS NA PONTA. NA BASE DA OBRA, ORNAMENTOS DOURADOS.

- **AD 2 – SÃO JOSÉ**



ESCULTURA MEDINDO 1M E 48CM DE ALTURA POR 84CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA E POLICROMADA, DATADA DO SÉCULO 19. ELE TEM

OLHOS PRETOS, CABELOS E BARBA LONGOS E CASTANHOS E A BOCA CERRADA COM LÁBIOS SUAVEMENTE MARRONS. SEU TRONCO ESTÁ LEVEMENTE VOLTADO PARA A DIREITA SEGUINDO SEU OLHAR ATENTO. ESTÁ USANDO UMA TÚNICA AZUL CLARO COM ORNAMENTOS DOURADOS NA GOLA, PUNHOS E BARRA, E DESENHOS FLORAIS MARRONS E DOURADOS AO LONGO DA VESTIMENTA, E UM MANTO MARROM SOBRE O OMBRO ESQUERDO. ESTÁ COM O BRAÇO DIREITO ESTENDIDO PARA FRENTE, ENQUANTO SEGURA PARTE DO MANTO ENROLADO NA MÃO ESQUERDA, JUNTO AO CORPO.

- **AD 3 – SÃO JOSÉ DE BOTAS**



ESCULTURA MEDINDO 21CM DE ALTURA POR 20CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA E POLICROMADA, DATADA DO SÉCULO 18. SEUS OLHOS SÃO PEQUENOS E PRETOS, SEU NARIZ E BOCA TAMBÉM SÃO PEQUENOS E SEUS CABELOS E BARBA LONGOS SÃO CASTANHO-ESCUROS. ELE ESTÁ USANDO UMA LONGA TÚNICA MARROM COM DETALHES DOURADOS, UM MANTO COM FACES AZUL-CLARO E DOURADO, COM DETALHES EM AZUL-CLARO, E BOTAS COM DETALHES DOURADOS. SEU OLHAR SERENO FITA O NOSSO OLHAR. SUA MÃO DIREITA ESTÁ ESTENDIDA PARA FRENTE, MAS NÃO POSSUI MAIS O DEDOS, ENQUANTO QUE A MÃO ESQUERDA SEGURA UM MANTO BRANCO COM ESTAMPAS FLORAIS.

- **AD 4 - SÃO MIGUEL ARCANJO**



ESCULTURA MEDINDO 96CM DE ALTURA POR 52CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA E POLICROMADA, SEM REFERÊNCIA DE DATA. SEUS OLHOS E CABELOS LONGOS SÃO PRETOS, A BOCA POSSUI LÁBIOS AVERMELHADOS E O QUEIXO É PEQUENO. ESTÁ USANDO UM CAPACETE PONTIAGUDO, UMA ARMADURA DOURADA COM UM SAIOTE AZUL, COM ORNAMENTOS DOURADOS NA ALTURA DOS JOELHOS, E UM MANTO NO OMBRO ESQUERDO, COM FACES VERMELHA E AZUL E ESTAMPAS DOURADAS. SUAS SANDÁLIAS AZUIS COM DETALHES DOURADOS COBREM INTEIRAMENTE SEUS TORNOZELOS, MAS APENAS PARTE DOS SEUS PÉS, DEIXANDO OS DEDOS À MOSTRA. NÃO POSSUI MAIS OS BRAÇOS.

- ❖ **AD 5 – SANTO ANTÔNIO**



ESCULTURA MEDINDO 60CM DE ALTURA POR 30CM DE LARGURA, APROXIMADAMENTE, ESCULPIDA EM MADEIRA E POLICROMADA, DATADA DO SÉCULO 18. SUA CABEÇA PEQUENA ESTÁ SUAVEMENTE INCLINADA PARA CIMA. SEUS OLHOS ARREDONDADOS E CABELOS NA FORMA DE UMA

AURÉOLA SÃO CATANHO-ESCUROS E SUA BOCA ENTREABERTA TEM LÁBIOS ROSADOS. ESTÁ USANDO UMA TÚNICA AZUL ESCURO COM ORNAMENTOS DOURADOS NA GOLA, PUNHOS, CINTURA E BARRA, ASSIM COMO ESPALHADOS AO LONGO DA VESTIMENTA. ESTÁ USANDO OUTRA PEÇA DE ROUPA POR BAIXO DA TÚNICA, QUE PODE SER VISTA NA ALTURA DOS JOELHOS. É UMA ESPÉCIE DE TÚNICA INTERNA DOURADA, QUE COBRE PARTE DOS SEUS PÉS CALÇADOS EM SANDÁLIAS DE COURO. ESTÁ COM A MÃO DIREITA ESTENDIDA PARA FRENTE, FALTANDO-LHE OS DEDOS, E SEGURA UM LIVRO NA ALTURA DO PEITO COM A OUTRA MÃO.

❖ **AD 6 – NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO**



ESCULTURA MEDINDO 20CM DE ALTURA POR 8CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA E PINTADA EM DIVERSAS CORES, SEM REFERÊNCIA DE DATA. SEUS OLHOS SÃO PEQUENOS E PRETOS, SEUS CABELOS LONGOS E CASTANHOS E SUA BOCA PEQUENA LEVEMENTE ROSADA. ELA ESTÁ USANDO UM VÉU BRANCO COM ORNAMENTOS DOURADOS SOBRE A CABEÇA, UMA LONGA TÚNICA BRANCA COM ORNAMENTOS DOURADOS E UM MANTO AZUL CELESTE SOBRE O OMBRO ESQUERDO, O QUAL SEGURA PARTE DELE ENROLADO COM A MÃO ESQUERDA NA ALTURA DA CINTURA. NÃO POSSUI MAIS A MÃO DIREITA. NA BASE DA PEÇA, HÁ DUAS CABEÇAS DE ANJOS QUERUBINS, UMA NO CENTRO E OUTRA À DIREITA, AMBAS COM CABELOS CASTANHOS E OLHANDO PARA BAIXO. À ESQUERDA, VEMOS O LUGAR ONDE HAVIA OUTRA CABEÇA DE ANJO.

- **AD 7 – SÃO BENEDITO**



ESCULTURA MEDINDO 72CM DE ALTURA POR 32CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA E POLICROMADA, DATADA DO SÉCULO 19. SÃO BENEDITO É O ÚNICO SANTO DESTA EXPOSIÇÃO QUE TEM A PELE NEGRA. SEUS OLHOS GRANDES E OS CABELOS NA FORMA DE UMA AURÉOLA SÃO PRETOS E SUA BOCA TEM LÁBIOS AVERMELHADOS. ESTÁ USANDO UMA Suntuosa TÚNICA PRETA COM ORNAMENTOS DOURADOS NA GOLA, PUNHOS, CINTURA E BARRA, QUE COBRE PARTE DOS SEUS PÉS DESCALÇOS. ELE SEGURA NA ALTURA DO PEITO, UMA CRIANÇA LOIRA E DESNUDA, ACOMODADA EM UM MANTO BRANCO DE PONTAS DOURADAS. A CRIANÇA ESTÁ COM OS OLHOS ABERTOS E AS MÃOS CRUZADAS SOBRE O PEITO.

- ❖ **AD 8 – NOSSA SENHORA DAS MERCÊS**



À ESQUERDA, ESCULTURA DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS MEDINDO 30CM DE ALTURA POR 18CM DE LARGURA, APROXIMADAMENTE, ESCULPIDA EM MADEIRA, DOURADA E PINTADA EM DIVERSAS CORES, DATADA DO SÉCULO 18. ELA TEM OLHOS PRETOS E CABELOS CASTANHOS E ESTÁ USANDO VÉU, TÚNICA E MANTO DOURADOS. A MÃO DIREITA NÃO TEM MAIS OS DEDOS E A MÃO ESQUERDA ESTÁ SEGURANDO O MANTO. NA BASE DA PEÇA, HÁ 5 CABEÇAS DE ANJOS, SENDO TRÊS REUNIDAS NO CENTRO E UMA EM CADA EXTREMIDADE. PERTENCEU AO PALÁCIO ARQUIEPISCOPAL DE FORTALEZA.

❖ **AD 9 – NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO**



À DIREITA, ESCULTURA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO MEDINDO 30CM DE ALTURA POR 18CM DE LARGURA, APROXIMADAMENTE, ESCULPIDA EM MADEIRA E PINTADA EM DIVERSAS CORES, SEM REFERÊNCIA DE DATA. ELA TEM OLHOS PRETOS, SUAS MÃOS ESTÃO POSTAS E ESTÁ USANDO VÉU, TÚNICA BRANCA E MANTO AZUL E VERMELHO, ORNAMENTADO COM CRUZES DOURADAS. NA BASE DA PEÇA, HÁ DUAS CABEÇAS DE ANJOS.

❖ **AD 10 – SÃO JOSÉ DE BOTAS COM O MENINO JESUS**



ESCULTURA MEDINDO 1M DE ALTURA POR 50CM DE LARGURA, APROXIMADAMENTE, ESCULPIDA EM MADEIRA, DOURADA E PINTADA EM DIVERSAS CORES, DATADA DO SÉCULO 19. SEUS OLHOS, CABELOS E BARBA COMPRIDOS SÃO CASTANHO-ESCUROS. ELE ESTÁ USANDO UMA LONGA TÚNICA AZUL CLARO, COM DETALHES DOURADOS, UM MANTO DOURADO E BOTAS PRETAS, COM DETALHES DOURADOS. SEUS BRAÇOS ESTÃO ABERTOS E ELE SEGURA NO BRAÇO ESQUERDO, ACOMODADO SOBRE O MANTO, UM MENINO LOIRO DE OLHOS AZUIS, ENQUANTO QUE A MÃO DIREITA SEGURA UMA ESPÉCIE DE CAJADO. O MENINO ESTÁ SENTADO, SEM ROUPAS, COM OS BRAÇOS ABERTOS E NÃO POSSUI MAIS A MÃO DIREITA, NEM OS DEDOS DA MÃO ESQUERDA.

- **AD 11 – NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO**



ESCULTURA MEDINDO 1M E 28CM DE ALTURA POR 66CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA, POLICROMADA E DOURADA, DATADA DO SÉCULO 18. SEUS OLHOS SÃO ARREDONDADOS E CASTANHOS, SEU NARIZ E BOCA PEQUENOS E SEUS CABELOS LONGOS E CASTANHOS. ELA ESTÁ USANDO UM VÉU DOURADO SOBRE A CABEÇA, UMA LONGA TÚNICA DOURADA, COM DETALHES EM AZUL CLARO, E UM MANTO DOURADO, COM DETALHES EM AZUL E VERMELHO, QUE SIMULA UM MOVIMENTO ESVOAÇANTE PARA A DIREITA. SUAS MÃOS ESTÃO POSTAS E SEU OLHAR SERENO FITA O NOSSO OLHAR. NA BASE DA IMAGEM HÁ CINCO CABEÇAS DE ANJOS QUERUBINS, TODOS COM CABELOS CASTANHOS. DA ESQUERDA PARA A DIREITA: UM ANJO OLHA NA ALTURA DO HORIZONTE, OUTRO OLHA PARA BAIXO, O TERCEIRO ESTÁ COM A CABEÇA LEVEMENTE INCLINADA PARA A ESQUERDA, O PRÓXIMO TAMBÉM OLHA PARA BAIXO E O ÚLTIMO ESTÁ COM O OLHAR VOLTADO PARA CIMA.

- **AD 12 – SANTANA MESTRA**



ESCULTURA MEDINDO 1M E 20CM DE ALTURA POR 60CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA POLICROMADA E DOURADA, DATADA DO SÉCULO 18. ELA ESTÁ SENTADA EM UM TRONO DE ESTRUTURA DOURADA. SEUS OLHOS SÃO PRETOS E ESTÃO MIRANDO O LIVRO QUE SEGURA NO COLO. ESTÁ USANDO UM VÉU, UMA Suntuosa TÚNICA VERMELHO-CLARO, COM ORNAMENTOS DOURADOS, E UM MANTO DOURADO, COM DETALHES EM VERDE. JUNTO DELA ESTÁ UMA MENINA QUE APONTA COM O INDICADOR DA MÃO DIREITA PARA UMA PÁGINA DO LIVRO. A MENINA ESTÁ DE PERFIL, TEM CABELOS LONGOS E CASTANHOS E ESTÁ USANDO UMA TÚNICA AZUL CLARO, COM ORNAMENTOS DOURADOS E VERDES, E UM MANTO AZUL E VERMELHO, COM ESTAMPAS DOURADAS.

❖ AD 13 – ANDOR DE SÃO SEBASTIÃO



SÃO SEBASTIÃO ESTÁ AMARRADO A UM TRONCO VERDE. ELE TEM APARÊNCIA JOVEM, OLHOS PRETOS, CABELOS CASTANHOS E ESTÁ USANDO APENAS UMA VESTE VERMELHA COM ORNAMENTOS DOURADOS, NA ALTURA DA CINTURA. TEM PERFURAÇÕES COM SANGUE DERRAMADO NO BRAÇO, NO PEITO, NO ABDÔMEN E NA PERNA. ELE ESTÁ SOBRE UM ANDOR. ARTEFATO DE MADEIRA UTILIZADO PARA TRANSPORTAR AO OMBRO, A IMAGEM DE SANTOS NAS PROCISSÕES. TEM O FORMATO DE UMA CAIXA, COM DUAS HASTES NA FRENTE E DUAS ATRÁS. ESTÁ ORNAMENTADO COM FLORES BRANCAS E VERMELHAS.

• AD 14 – IMAGEM DE ROCA DE SENHOR DOS PASSOS



ESCULTURA DE ROCA MEDINDO 1M E 03CM DE ALTURA POR 50CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA E POLICROMADA, DATADA DO SÉCULO 18. ELE ESTÁ USANDO UMA COROA DE ESPINHOS NA CABEÇA. SEUS CABELOS LONGOS E CASTANHOS SÃO HUMANOS. SUA BARBA É LONGA E CASTANHA. ELE TEM OLHOS PRETOS, CUJO OLHAR SERENO ESTÁ DIRECIONADO PARA BAIXO, E SEU ROSTO ESTÁ BANHADO DE SANGUE. ESTÁ USANDO UMA LONGA TÚNICA DE TECIDO LILÁS COM ACABAMENTOS DOURADOS NA GOLA, PUNHOS E BARRA, E UM CORDÃO BRANCO AMARRADO NA CINTURA. A VESTIMENTA EM TECIDO CARACTERIZA UMA ESCULTURA DE ROCA, TAMBÉM CONHECIDA COMO IMAGEM DE VESTIR OU IMAGEM DE PROCISSÃO. SEUS BRAÇOS POSSUEM ARTICULAÇÃO E ESTÃO ESTENDIDOS JUNTO AO CORPO. ELE CARREGA UMA CRUZ DE MADEIRA NO OMBRO ESQUERDO.

❖ **AD 15 - SANTA LUZIA**



ESCULTURA MEDINDO 50CM DE ALTURA POR 30CM DE LARGURA, APROXIMADAMENTE, ESCULPIDA EM MADEIRA E POLICROMADA, DATADA DO SÉCULO 18. ELA TEM OLHOS E CABELOS PRETOS. TEM UM OLHAR SERENO E ESTÁ USANDO UMA TÚNICA AMARELA, COM DETALHES DOURADOS, E UM MANTO AMARELO, COM DETALHES AVERMELHADOS, PENDURADO NO OMBRO ESQUERDO. SEUS BRAÇOS ESTÃO ABERTOS, NÃO POSSUI MAIS A MÃO DIREITA, COM A MÃO ESQUERDA, SEGURA UM PRATO COM UM PAR DE OLHOS, E ESTÁ DE SAPATOS PRETOS.

- **AD 16 – SÃO FRANCISCO DE PAULA**



ESCULTURA MEDINDO 57CM DE ALTURA POR 32CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA E POLICROMADA, DATADA DO SÉCULO 18. ELE TEM CABELOS E BARBA LONGOS E CASTANHOS E OLHOS AZUIS. SEU TRONCO ESTÁ SUAVEMENTE INCLINADO PARA A ESQUERDA E SEU OLHAR DIRECIONADO PARA BAIXO. ESTÁ USANDO UMA LONGA TÚNICA MARROM COM CAPUZ SOBRE A CABEÇA E TEM UM TERÇO PENDURADO NA ALTURA DA CINTURA. NA PARTE INFERIOR DA TÚNICA, QUE COBRE PARTE DE SEUS PÉS DESCALÇOS, HÁ ESTAMPAS DOURADAS. SEUS BRAÇOS ESTÃO ABERTOS E NÃO POSSUI MAIS A MÃO ESQUERDA.

- AD 17 - SÃO FRANCISCO XAVIER



ESCULTURA MEDINDO 96CM DE ALTURA POR 37CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA POLICROMADA E DOURADA, DATADA DO SÉCULO 18. SUA CABEÇA ESTÁ VOLTADA PARA A ESQUERDA. SEUS OLHOS, CABELOS E BARBÁ SÃO PRETOS, MAS NÃO TEM BIGODE, E SUA BOCA DE LÁBIOS AVERMELHADOS ESTÁ ENTREABERTA. ESTÁ USANDO UMA TÚNICA DOURADA COM DETALHES EM VERMELHO, QUE SE ESTENDE ATÉ A ALTURA DAS COXAS, E OUTRA VESTIMENTA POR BAIXO NA COR AZUL COM DETALHES DOURADOS, QUE LEMBRAM FIGURAS GEOMÉTRICAS, TAIS COMO CÍRCULOS E QUADRADOS. SEUS PÉS ESTÃO À MOSTRA E OS SAPATOS SEGUEM A MESMA ESTAMPA DA VESTE DE BAIXO. NÃO POSSUI MAIS OS BRAÇOS.

- **AD 18 - NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO**



ESCULTURA MEDINDO 51CM DE ALTURA POR 23CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA E POLICROMADA, SEM REFERÊNCIA DE DATA. ELA TEM OLHOS E CABELOS PRETOS E ESTÁ USANDO UMA TÚNICA BRANCA, QUE COBRE INTEIRAMENTE SEUS PÉS, UM MANTO DE FACES VERDE E VERMELHA COM DETALHES FLORAIS, QUE COBRE SEU OMBRO ESQUERDO E CINTURA E UM VÉU SOBRE A CABEÇA. NA BASE DA IMAGEM, HÁ SETE CABEÇAS DE ANJOS QUERUBINS, TODOS COM CABELOS PRETOS. DA ESQUERDA PARA A DIREITA: QUATRO DESSES ANJOS ESTÃO ALINHADOS NO MESMO NÍVEL HORIZONTAL, SENDO QUE O DA ESQUERDA OLHA PARA A ESQUERDA, OS DOIS NO CENTRO OLHAM NA NOSSA DIREÇÃO E O DA DIREITA OLHA PARA DIREITA. LOGO EMBAIXO, OS OUTROS TRÊS ANJOS OLHAM PARA BAIXO.

- AD 19 – SÃO BRAZ



ESCULTURA MEDINDO 55CM DE ALTURA POR 28CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA E POLICROMADA, DATADA DO SÉCULO 19. SEUS OLHOS COMPRIDOS SÃO PRETOS E SUA BARBA LONGA E CHEIA É CASTANHO-CLARO. ELE ESTÁ USANDO UMA MITRA DOURADA NA CABEÇA, QUE POSSUI UMA CRUZ NO CENTRO, UMA TÚNICA BRANCA COM ORNAMENTOS DOURADOS NA ALTURA DO PEITO, DA CINTURA, DOS PUNHOS E DOS TORNOZELOS, UM MANTO DOURADO COM DETALHES EM VERMELHO SOBRE OS OMBROS, QUE COBRE INTEIRAMENTE SUAS COSTAS, E UMA FAIXA DOURADA COM DETALHES VERMELHOS, CHAMADA DE ESTOLA, PENDURADA NO PESCOÇO. AS PONTAS DA FAIXA ESTÃO ALINHADAS NA ALTURA DA CINTURA E TÊM CRUZES EM ALTO RELEVO. SEUS BRAÇOS ESTÃO ABERTOS E FALTAM-LHE OS DEDOS NA MÃO DIREITA. ESTÁ CALÇADO COM SAPATOS VERMELHOS COM DETALHES DOURADOS NO DORSO DO PÉ.

- **AD 20 – SÃO FRANCISCO DE ASSIS**



ESCULTURA MEDINDO 77CM DE ALTURA POR 51CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA E POLICROMADA, DATADA DO SÉCULO 19. SEUS OLHOS CABELOS E BARBA SÃO CASTANHOS E SUA BOCA É PEQUENA COM OS LÁBIOS LEVEMENTE AVERMELHADOS. ELE ESTÁ USANDO UMA TÚNICA NEGRA COM ORNAMENTOS DOURADOS NA GOLA, MANGAS, CINTURA E BARRA, ALÉM DE ESTAMPAS EM FORMA DE FOLHAS. SEUS BRAÇOS ESTÃO ABERTOS. HÁ UMA CHAGA NA PALMA DA MÃO DIREITA, ENQUANTO A OUTRA ESTÁ FECHADA. FALTAM-LHE ALGUNS DEDOS NAS MÃOS. ESTÁ DESCALÇO E POSSUI CHAGAS NO DORSO DE CADA UM DOS PÉS.

- **AD 21 - SÃO MIGUEL ARCANJO**



ESCULTURA MEDINDO 79CM DE ALTURA POR 46CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA E POLICROMADA, DATADA DO SÉCULO 19. SEUS OLHOS ARREDONDADOS SÃO PRETOS E SEUS CABELOS CACHEADOS NA ALTURA DOS OMBROS SÃO LOIROS. ESTÁ USANDO UM CAPACETE E UMA ARMADURA COM SAIOTE CINZA COM ORNAMENTOS FLORAIS DOURADOS. NO PEITO, A VESTIMENTA POSSUI UMA CRUZ NO CENTRO, LADEDADO POR DUAS PEQUENAS ESTRELAS E UMA ENORME FLOR LOGO ABAIXO, COBRINDO TODO O ABDOMEN. ESTÁ DE BOTAS PRETAS, COM DETALHES DOURADOS, POSSUI ASAS E UMA CAPA COM DETALHES FLORAIS DOURADOS. SEU BRAÇO DIREITO ESTÁ ERGUIDO PARA O ALTO E O ESQUERDO PARA O LADO DIREITO. NÃO POSSUI MAIS OS DEDOS DE AMBAS AS MÃOS

- **AD 22 – SÃO LUIZ GONZAGA**



ESCULTURA MEDINDO 65CM DE ALTURA POR 24CM DE LARGURA, ESCULPIDA EM MADEIRA E POLICROMADA, DATADA DO SÉCULO 19. ELE ESTÁ COM A CABEÇA LEVEMENTE INCLINADA PARA A DIREITA E SEUS OLHOS PRETOS E COMPRIDOS LANÇAM UM OLHAR COMPADECIDO PARA BAIXO. POSSUI CABELOS CASTANHO-ESCUROS COM ENTRADAS AVANÇADAS, SUGERINDO UM PRINCÍPIO DE CALVÍCIE. ESTÁ USANDO UMA TÚNICA BRANCA COM ORNAMENTOS NA COR VERDE NA GOLA, PUNHOS E BARRA, QUE SE ESTENDE ATÉ A ALTURA DAS COXAS. EMBAIXO DA TÚNICA ESTÁ USANDO UMA CALÇA PRETA COM UMA FAIXA QUE SE ESTENDE ATÉ OS SEUS SAPATOS PRETOS. ELE SEGURA UMA CRUZ PRETA E COMPRIDA NA MÃO DIREITA E UM RAMO VERDE NA MÃO ESQUERDA.

❖ **Fotografias dos audiodescritores**

- **Fotografias do catálogo (LIMA; HOLANDA, 2012)**

APÉNDICE

APÊNDICE A – Questionário perfil dos audiodescritores

QUESTIONÁRIO PERFIL DOS AUDIODESCRITORES

1. Informações sobre os audiodescritores.

Sexo / idade: feminino, 30, masculino 42.

Formação acadêmica:

Audiodescritor 1: Graduada em Letras Português Licenciatura Plena/Mestrado em Linguística Aplicada/Doutoranda em Linguística Aplicada.

Audiodescritor 2: Graduado em Administração com habilitação em Marketing/Especialização em Gestão Pública Municipal/Mestrado em Linguística Aplicada/Doutorando em Educação.

Religião: Católica, ambos.

2. Consideram-se audiodescritores profissionais?

Sim.

3. Se sim como se deu o processo de profissionalização? Quando começaram a fazer AD como profissionais?

Bruna: Iniciei minha profissionalização na graduação, a partir de uma disciplina de projeto especial que fiz com a Vera, algum tempo depois a Vera montou o LEAD e eu fui a primeira bolsista em AD. Após a graduação, veio o mestrado e, paralelo a tudo isso, o fomento ao mercado de AD na cidade, iniciativas que começaram a partir da pesquisa, mas que serviram para mostrar para a sociedade que a tradução funcionava e era necessária. A partir das leis que foram implementadas, do Plano Viver Sem Limites, as iniciativas nesse campo foram aumentando e, juntamente com o Klístenes, fomos atendendo as demandas que já havia na cidade e chegamos a atender demandas inclusive de outros estados, como foi o caso do Programa Sentidos de uma ONG em São Paulo, chamada AVAPE. Na medida em que íamos realizando as ADs, íamos colocando em prática o que víamos na universidade e nos profissionalizando.

Klístenes: Minha profissionalização se iniciou a partir de um Seminário sobre Audiodescrição na UECE, organizado pelo Grupo LEAD e conduzido pela Prof^a Vera Lúcia Santiago. Após esse primeiro encantamento, levei o aprendizado para discutir no Curso de Princípios Básicos de Teatro, iniciativa das Secretarias de Educação e Cultura do Ceará, onde estava concluindo minha primeira formação em artes cênicas. O resultado foi que a montagem do nosso espetáculo de conclusão do curso foi o primeiro no estado a ser apresentado para o público com deficiência visual com o apoio da AD. Depois disso, ingressei no curso de mestrado em linguística aplicada do PoLA/UECE pesquisando a AD no cinema. Durante o mestrado, juntamente com o grupo LEAD, participei de várias iniciativas de acessibilidade cultural com o uso da AD em Fortaleza, além de iniciar formações no assunto em eventos acadêmicos, ensinando e aprendendo ao compartilhar os conhecimentos adquiridos durante a pós-graduação. Concluído o mestrado, comecei a prestar o serviço profissionalmente em parceria com a Prof^a Bruna, junto aos equipamentos culturais da cidade, ou seja, com remuneração pelo serviço prestado. Foram vários projetos de AD para o audiovisual, as artes cênicas e as artes visuais. Com o avanço da legislação e divulgação do nosso trabalho, eventos de cunho acadêmico, científico ou institucionais também começaram a solicitar o serviço. Essa atuação nos possibilitou adquirir expertise na área, com aplicação da AD em vários contextos. E essa expertise nos credenciou a

realizar formações no Ceará, bem como em outros estados, com foi o caso do projeto de formação realizado na UFRN desde 2002, que resultou no meu projeto no curso de Doutorado do PPGE/UECE em andamento atualmente. Durante todo esse percurso participei de vários eventos acadêmicos, produzindo e apresentando trabalhos científicos que complementaram minha profissionalização.

4. Vocês já começaram trabalhando juntos na elaboração de roteiros de AD? Ou não?

Trabalhos profissionais, sim, contudo já realizamos trabalhos com outros colegas de LEAD também, como o filme Pequenos Espiões 3D, Bezerra de Menezes, entre outros. Acredito que a nossa proximidade por sermos um casal, fez com que trabalhássemos mais juntos. Ressalto ainda que, geralmente, o trabalho da AD é feito em equipe, com pelo menos uma pessoa elaborando o roteiro e outra revisando, sem falar no consultor PcDV, não acreditamos que esse trabalho colaborativo aconteça somente conosco. Na legendagem, por exemplo, trabalhamos muito com a Alexandra, geralmente, em trio.

5. Qual é a sistemática de trabalho em termos logísticos? Ambos elaboram e revisam?

Quando um elabora o outro revisa, geralmente fazemos dessa maneira. E a locução fica a critério do tipo de produção, qual das vozes se adequa melhor ao produto. Nos trabalhos de AD com locução ao vivo, tipo congressos, seminários, colóquios, nos revezamos durante a transmissão.

6. Um elabora e o outro revisa?

Sim.

7. O que elabora e o que revisa é sempre o mesmo? Ou se alternam?

Não, geralmente nos alternamos.

8. Quem assina cada AD?

Os dois, pois se trata de um processo colaborativo. Esse tipo de iniciativa geralmente acontece com a AD, trabalha-se em equipe, dois audiodescritores e um consultor com deficiência visual.

9. Quando começaram a fazer AD como profissionais, vocês se pautavam pelo parâmetro da neutralidade do texto do roteiro?

Bem no início sim, mas como as pesquisas avançaram rápido, logo mudamos o nosso posicionamento. Ressaltamos também que com a prática e com o retorno das pessoas com deficiência visual sobre o nosso trabalho, fomos percebendo indícios de que não a neutralidade não se aplicava.

10. No trabalho atual de vocês, ainda levam em consideração o parâmetro da neutralidade? Se não, sabem dizer, mesmo que só aproximadamente, quando decidiram abandonar o parâmetro da neutralidade? Por que a decisão de abandonar?

Concluimos rapidamente que é impossível ser neutro, tudo o que fazemos na vida sofre influência das nossas experiências e vivências, ainda que elas não sejam muitas. Abandonamos a orientação da neutralidade quando percebemos que isso não fazia sentido e que, na verdade, até atrapalhava um pouco o nosso trabalho, é muito complicado você tentar passar uma experiência para uma pessoa com deficiência visual sem estabelecer nenhum tipo de inferência, relação com outras coisas, adjetivar. A convivência com o público com deficiência visual também nos ajudou a quebrar com esse paradigma, eles nos ensinaram muito sobre o mundo deles e é necessário, inclusive, se envolver com a causa da acessibilidade para que você

consiga realizar um trabalho satisfatório nesse campo, pois mesmo que pesquisas sejam realizadas, mesmo que busquemos nos aprofundar no assunto na teoria e na prática, nós sempre teremos o ponto de vista de um vidente, sendo assim é extremamente necessário esse contato com o público com deficiência visual. Acreditamos que o conjunto de fatores listados acima e as pesquisas com a Teoria da Avaliatividade no fizeram abandonar a questão da neutralidade.

11. Para quais objetos culturais vocês já fizeram roteiros de AD?

Teatro, cinema, exposições de arte visual bidimensional e tridimensional, espetáculos de dança, visita guiada ao teatro, eventos de moda, eventos esportivos (futebol).

12. Como se dá o trabalho para a elaboração dos roteiros de AD produzidos por vocês em termos teóricos e metodológicos?

Utilizamos, principalmente, os parâmetros de AD para filmes e teatro, pois são os principais produtos culturais com os quais trabalhamos. Assistimos o filme ou a peça de teatro (geralmente, por meio de vídeo gravado de alguma apresentação), analisamos as imagens, dividimos o trabalho “ao meio”, em termos de duração da produção, depois um revisa a parte do outro, ajustamos o roteiro final para uma estrutura linguística única e testamos com um consultor com deficiência visual. Em alguns trabalhos de AD de artes visuais, visitamos a exposição e fotografamos as obras ou solicitamos fotografias das obras à produção, elaboramos as descrições e convencionamos a duração de cada descrição entre 1 e 2 minutos de áudio gravado, revisamos as descrições e, quando possível, visitamos a exposição montada para revisar o roteiro. Depois testamos com um consultor e partimos para a gravação, organizando os áudios por faixa contendo as descrições uma a uma.

13. Por favor, façam um resumo da carreira de audiodescritores em termos do que já realizaram do início até hoje.

- Gestão de Projetos Culturais com Acessibilidade:
 - Consultoria à Mostra de Acessibilidade do 27º Festival Ibero-americano de Cinema Cine Ceará. Fortaleza-CE (2017);
 - Consultoria do Projeto ‘Cine Às Escuras: Mostra Erótica de Cinema Acessível’, RecifePE(2017);
 - Consultoria à Plataforma de Acessibilidade da V Bienal Internacional de Dança doCeará De Par em Par. Fortaleza-CE (2016);
 - Coordenação do Projeto de Acessibilidade do 66º Salão de Abril | Mostra Nacional2015 da Prefeitura de Fortaleza | Secretaria Municipal de Cultura. Fortaleza-CE(2015);
 - Coordenação do Projeto ‘Miralu’ junto ao Centro Cultural Banco do Nordeste. Fortaleza-CE (2012 / 2013);
 - Coordenação do Projeto ‘SuperAção’ do Centro Cultural Banco do Nordeste. FortalezaCE(2012);
 - Coordenação do Projeto ‘Multiacesso’ do Instituto CUCA. Fortaleza-CE (2011 / 2012);
- Artes Cênicas
 - Produção da audiodescrição do espetáculo ‘Miralu e a Luneta Encantada’, no Teatro SESC Emiliano Queriroz, em Fortaleza (CE) (2017);

- Produção da audiodescrição do espetáculo 'Medeia Vozes', em Crato (CE) (2016);
- Produção da audiodescrição dos espetáculos 'Nada como quando começou' e 'A Mão do Meio – Sinfonia Lúdica', na V Bienal Internacional de Dança do Ceará De Par em Par, em Fortaleza (CE) (2016);
- Produção da audiodescrição do espetáculo 'Quatro Patas', em Fortaleza (CE) (2016);
- Produção, audiodescrição e legendagem para surdos e ensurdecidos do espetáculo 'AVaca Lelé', no Teatro Dragão do Mar, em Fortaleza-CE (2016);
- Produção, encenação e tradução em LIBRAS do espetáculo 'E pensar que tudo isto éoco!', no CCBNB, em Fortaleza (CE) (2016);
- Produção da audiodescrição, da legendagem pra surdos e ensurdecidos e da tradução em LIBRAS do espetáculo 'Elefante', em Fortaleza (CE) (2016);
- Produção da audiodescrição do espetáculo 'BR Trans', em Sobral-CE e João Pessoa(PB) (2015);
- Produção da audiodescrição do espetáculo 'João Botão', no Theatro José de Alencar(2015);
- Produção da audiodescrição do espetáculo 'Em Busca do Ingrediente Secreto', no Theatro José de Alencar (2015);
- Produção da audiodescrição do espetáculo 'Os Cavaleiros', no Teatro do Dragão do Mar (2015);
- Produção e encenação do espetáculo 'Miralu e a Luneta Encantada', na 9ª Mostra de Cinema e Direitos Humanos do Hemisfério Sul | Teatro do CUCA Mondubim (2015);
- Produção e encenação do espetáculo 'Miralu e a Luneta Encantada', na XI Bienal Internacional do Livro do Ceará (2014);
- Produção e legendagem para surdos do espetáculo 'Anônimos', no Cineteatro do CUCA Barra (2014);
- Produção, encenação e audiodescrição dos espetáculos 'Miralu e a Luneta Encantada' e 'E pensar que tudo isto é oco!', no Cineteatro do CUCA Barra (2014);
- Produção da audiodescrição do espetáculo 'Lix - o Super Lixeiro - em chama minhamãe aí!', no Teatro do Dragão do Mar (2014);
- Produção, encenação e audiodescrição do espetáculo 'Miralu e a Luneta Encantada', no Cineteatro do CUCA Barra e no Teatro SESC Emiliano Queiroz (2013);
- Produção da audiodescrição do espetáculo 'A Menina dos Cabelos de Capim', no Teatro do Dragão do Mar (2013);
- Produção da audiodescrição do espetáculo 'O Mergulho', no Teatro do Dragão do Mar(2013);
- Produção da audiodescrição do espetáculo internacional '100% Burbujas', no Teatro do Dragão do Mar (2013);
- Produção da audiodescrição do espetáculo 'Quintal do Manguê', no Teatro Celina Queiroz (2013);

- Produção da audiodescrição do espetáculo 'A Estrela Cadente' e 'Pequenas Partes de um Instante', no Cineteatro do Centro Cultural Banco do Nordeste (2012);
- Produção da audiodescrição do espetáculo 'Memórias de Natal', no Cineteatro do CUCA Barra (2012);
- Produção e legendagem para surdos do espetáculo infantil 'A Vaca Lelé', no Cineteatro do CUCA Barra (2012);
- Produção e audiodescrição do espetáculo infantil 'A Vaca Lelé', no Cineteatro do Centro Cultural Banco do Nordeste (2010);
- Produção da audiodescrição do espetáculo 'Magno-Pirol: um corpo na loucura', no Teatro do Dragão do Mar (2009);
- Produção, encenação e audiodescrição do espetáculo 'Astigmatismo', no Theatro José de Alencar (2008/2009).

- Audiovisual

- Produção da audiodescrição do documentário 'Pe. Cícero', uma realização do Grupo O Povo de Comunicação (2017);
- Produção da audiodescrição dos documentários da série "Clássicos Cearenses", uma realização do Grupo O Povo de Comunicação (2017);
- Produção da audiodescrição do filme 'Ricky', na Universidade de Fortaleza – UNIFOR (2014);
- Produção da audiodescrição do filme 'Intocáveis', na Universidade de Fortaleza – UNIFOR (2013);
- Produção da audiodescrição dos filmes 'Ricky' e 'Peixe Grande e suas histórias maravilhosas', na Vila das Artes em parceria com o Centro Cultural do Banco do Nordeste (2012);
- Produção da audiodescrição do vídeo 'Fortaleza em Sol Maior' do Núcleo de Produção Digital da Vila das Artes (2012);
- Produção da audiodescrição dos vídeos 'Acessibilidade' e 'Fortaleza e a Copa no Brasil', ambos da Prefeitura de Fortaleza (2011);
- Produção da audiodescrição do programa de TV 'Sentidos', da AVAPE (2011);
- Produção da audiodescrição do vídeo 'Fortaleza em todos os sentidos' do Núcleo de Produção Digital da Vila das Artes (2011);
- Produção e audiodescrição dos filmes do Projeto 'DVD Acessível' (2010).

- Artes Visuais

- Produção da audiodescrição das obras do 66º Salão de Abril | Mostra Nacional 2015 da Prefeitura de Fortaleza | Secretaria Municipal de Cultura. Fortaleza-CE (2015);
- Produção da audiodescrição do 'Museu Sacro São José de Ribamar', em Aquiraz-CE (2014);
- Produção da audiodescrição da exposição do 'Acervo de Paurillo Barroso', no Museu da Imagem e do Som do Ceará (2013);
- Produção da audiodescrição da exposição 'Olhar do Coração', no CUCA Barra (2013);
- Produção da audiodescrição da exposição 'Vaqueiros', no Memorial da Cultura

Cearense do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (2013);
 - Produção da audiodescrição da exposição 'O Legado da Coruja', no Centro Cultural Banco do Nordeste (2012);
 - Produção da audiodescrição da exposição 'O Imaginário do Rei – Visões do Universode Luiz Gonzaga', no Memorial da Cultura Cearense do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (2012).

- Moda

- Produção da audiodescrição do 'II Concurso Ceará Moda Acessível', realizado no Maraponga Mart Moda, Fortaleza-CE (2015).
 - Produção da audiodescrição do 'I Concurso Ceará Moda Acessível', realizado no Maraponga Mart Moda, Fortaleza-CE (2014).

- Esporte

- Produção da audiodescrição do jogo de futebol entre 'Fortaleza x Uniclinc' pelo Campeonato Cearense, realizado na Arena Castelão, Fortaleza-CE (2017).
 - Produção da audiodescrição do jogo de futebol entre 'Ceará x Portuguesa' pelo Campeonato Brasileiro, realizado na Arena Castelão, Fortaleza-CE (2014).

- Festivais

- Audiodescrição do '7º Festival de Teatro Infantil do Ceará', Fortaleza-CE (2017);
 - Audiodescrição do '5ª Bienal Internacional de Dança do Ceará', Fortaleza-CE (2016);
 - Audiodescrição do '6º Festival de Teatro Infantil do Ceará', Fortaleza-CE (2016);
 - Audiodescrição do '5º Festival de Teatro Infantil do Ceará', Fortaleza-CE (2015);
 - Audiodescrição do '4º Festival de Teatro Infantil do Ceará', Fortaleza-CE (2014);
 - Audiodescrição do '3º Festival de Teatro Infantil do Ceará', Fortaleza-CE (2013);
 - Audiodescrição da 'I Mostra BNB de Dança', Fortaleza-CE (2012);
 - Audiodescrição da '19º Cine Ceará - Festival Ibero-americano de Cinema', Fortaleza-CE (2009);
 - Audiodescrição do 'Festival Palco Giratório Brasil', Fortaleza-CE (2009).

- Eventos

- Audiodescrição do 'Colóquio Internacional sobre Inclusão e Diversidade na Educação', realizado pelo SESC, Caucaia-CE (2018);
 - Audiodescrição do 'Lançamento do Passe Livre para Pessoas com Deficiência e Hemofilia no Transporte Rodoviário Intermunicipal do Ceará', realizado no Palácio da Abolição, Fortaleza-CE (2017);
 - Audiodescrição do 'Seminário Compartilhando Saberes com o Terceiro Setor', realizado no Centro de Eventos do Ceará, Fortaleza-CE (2017);
 - Audiodescrição do 'Seminário Moda Inclusiva Fortaleza', realizado no CEPID, Fortaleza-CE (2017);
 - Audiodescrição do 'VI Encontro sobre Inclusão Social e Acessibilidade da UNIFOR', Fortaleza-CE (2016);
 - Audiodescrição do 'Conferência Estadual dos Direitos das Pessoas com Deficiência do Ceará', Fortaleza-CE (2016);

- Audiodescrição da 'II Conferência Municipal dos Direitos das Pessoas com Deficiência de Fortaleza', Fortaleza-CE (2015);
- Audiodescrição do 'I Congresso Nacional de Inclusão da Educação Superior e Educação Profissional Tecnológica', realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN (2014);
- Audiodescrição do 'II Encontro Nacional de Acessibilidade Cultural e IV Seminário Nacional de Acessibilidade em Ambientes Culturais', realizados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN (2014);
- Audiodescrição do 'IV Encontro sobre Inclusão Social e Acessibilidade da UNIFOR', Fortaleza-CE (2012);
- Audiodescrição da 'I Conferência Municipal dos Direitos das Pessoas com Deficiência de Fortaleza', Fortaleza-CE (2012);
- Audiodescrição da 'Sessão Solene em Homenagem ao Dia Estadual do Sistema Braille', Fortaleza-CE (2012);
- Audiodescrição do 'Seminário de Educação Inclusiva', realizado pelo Governo do Estado do Ceará por meio da Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social, da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas Para os Idosos e as Pessoas com Deficiência, do Gabinete da Primeira Dama, da Secretaria de Educação e do Conselho Estadual de Educação, Fortaleza-CE (2012);
- Audiodescrição do 'Seminário de abertura para a construção do Plano de Educação em Direitos Humanos de Fortaleza: Educar para ter direitos', Fortaleza-CE (2012);
- Audiodescrição do 'Encontro Nacional de Conselhos Estaduais dos Direitos das Pessoas com Deficiência', Fortaleza-CE (2011);
- Audiodescrição da apresentação do 'Programa Ceará Acessível' e dos Projetos do Estado relativos às pessoas com deficiência ao Secretário Nacional de Promoção dos Direitos das Pessoas com Deficiência, Sr. Antônio José Ferreira, Fortaleza-CE (2011).

14. Vocês usam algum parâmetro para AD de esculturas? Qual? Ou é intuitivo?

Começamos fazendo uma adaptação dos parâmetros utilizados em outros trabalhos, como cinema e teatro, mas com o avanço das pesquisas, sobretudo com Oliveira Junior (2011) e Aderaldo (2014), passamos a utilizar os parâmetros sugeridos por eles em suas respectivas pesquisas.

15. Quanto tempo de experiência vocês têm em AD de esculturas?

Temos poucas experiências e poucos trabalhos na área. Mas vale ressaltar que realizamos o projeto de audiodescrição do Museu Sacro São José de Ribamar, equipamento gerido pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. localizado no município de Aquiraz. O museu reconhecido por ter um dos maiores acervos de arte sacra do Brasil, na sua imensa maioria, as obras são esculturas.

16. E como foi o trabalho no Museu Sacro São José de Ribamar em Aquiraz?

(Quanto tempo? Como se deu a elaboração dos roteiros das ADs das esculturas? Houve reuniões com o curador? Como? E mais outros detalhes que foram importantes para a produção do trabalho.)

O trabalho teve início com uma visita técnica ao espaço e acervo, seguida de uma reunião com a curadoria e gestão do museu. Fizemos fotos, recebemos um catálogo do museu e realizamos pesquisas a partir desse material e informações coletadas durante as reuniões. Como sempre fazemos, dividimos o trabalho, neste caso, de acordo com a quantidade de obras e espaços a serem descritos. Em seguida, elaboramos as descrições e convencionamos a duração de cada descrição entre 1 e 2 minutos de áudio gravado, revisamos o texto e gravamos os áudios. A produção do projeto de organização e acessibilização do acervo contava com a consultoria de uma pessoa com deficiência visual, mas que não integrou o nosso trabalho durante a construção do roteiro, mas que depois apreciou o arquivo de áudio e não nos deu algum retorno negativo. Nesse trabalho, ter acesso livre ao espaço durante o trabalho foi um ponto extremamente positivo. O trabalho foi realizado num espaço de dois meses, aproximadamente.

17. No trabalho do Museu, o parâmetro da neutralidade foi usado? Por quê?

Não. Como poderíamos ser neutros ao descrevermos aquelas obras, como não fazer nenhuma referência, comparação ou adjetivação ao descrever as obras? Fizemos pesquisas sobre os santos retratados nas obras e utilizamos informações relacionadas aos seus adornos, bem como aos utensílios que compõem o ritual religioso da igreja católica, por exemplo.

18. Para finalizar, em que ano vocês realizaram o trabalho do Museu?

2014. Segue uma matéria publicada no blog da ATAV.

Exposição de Arte Sacra com Acessibilidade em Aquiraz

Por assessoria de imprensa

A exposição “A História do Ceará na Arte Sacra”, do Museu Sacro São José de Ribamar, localizado no município de Aquiraz, foi aberta ontem (26) para visitação. A exposição é produto do Programa de Acessibilidade e Segurança do Museu Sacro, patrocinado pelo programa CAIXA de Apoio ao Patrimônio Cultural Brasileiro.

Inaugurado pelo Governador Plácido Aderaldo Castelo, em 27 de setembro de 1967, o Museu Sacro São José de Ribamar possui um acervo considerado um dos mais importantes do nordeste, formado por imagens, objetos de procissão, paramentos litúrgicos, oratórios, alfaias e missais, oriundos de diferentes épocas e recantos do Ceará.



Breve descrição da imagem por Klístenes Braga e Bruna Leão: fotografia da escultura de Santa Luzia, que mede 50cm de altura por 30cm de largura, aproximadamente, esculpida em madeira e policromada, datada do século 18. Ela tem olhos e cabelos pretos. Tem um olhar sereno e está usando uma túnica amarela, com detalhes dourados, e um manto amarelo, como detalhes avermelhados, pendurado no ombro esquerdo. Seus braços estão abertos e não possui mais a mão direita. Com a mão esquerda, ela segura um prato com um par de olhos. Seus sapatos são pretos.

O museu possui plataforma elevatória adaptada e rampas de acesso facilitado para pessoas com deficiência e idosos, e a exposição oferece audiodescrição, além de outros recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência visual, tais como réplicas que poderão ser tocadas, maquetes táteis e informações em Braille. A exposição ficará aberta ao público por tempo indeterminado e atenderá escolas e demais grupos com agendamento prévio.

Ficha Técnica

Governo do Estado do Ceará: Cid Ferreira Gomes

Secretaria da Cultura do Ceará: Paulo de Tarso Mamede

Coordenação do Patrimônio Histórico e Cultural: Otávio Menezes

Direção do Museu Sacro São José de Ribamar: Carla Manuela Vieira

Presidência da Associação de Amigos do Museu Sacro: Terezinha Holanda Costa Freitas

Concepção Museográfica e Cenografia: André Scarlazzari

Fundamentação Histórica: Antônio Luiz Macêdo e Silva Filho, Berenice Abreu de Castro Neves e Francisco Régis Lopes

Assessoria de Arte Sacra e Documentação: Osvaldo Gouveia Ribeiro

Assessoria de História da Igreja e História Oral: Edilberto Cavalcante Reis e Kênia Souza Rios

Assessoria de Museologia: Manuelina Duarte Cândido

Assessoria de Teoria da História: Denise Bernuzzi de Sant'anna

Coordenação de Execução: Rones Mota Duarte, Maria Eliene Magalhães Santos e Francisca Paula Machado

Consultoria em Acessibilidade: Leão & Braga Audiodescritores Associados

Roteiro e Locução da Audiodescrição: Bruna Leão e Klístenes Braga

Patrocínio: Programa Caixa de Apoio ao Patrimônio Cultural Brasileiro

::SERVIÇO

Exposição: A História do Ceará na Arte Sacra

Local: Museu Sacro São José de Ribamar

Endereço: Rua Cônego Araripe, nº 22, Centro, Aquiraz, Ceará

Agendamento de grupos: (85) 3101.2818 / 3361. 2535

Visitação: de terça a sábado, das 09 às 17h

Acesso gratuito

http://atavbrasil.blogspot.com.br/2014/02/exposicao-de-arte-sacra-com_27.html#